U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança
Tomo I

Rui Jorge Furtado Matias

M

2023

U.PORTO

Rui Jorge Furtado Matias. Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Rui Jorge Furtado Matias

M.FAUP **2023**

FACULDADE DE ARQUITETURA

Delfim Amorim
e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Delfim Amorim
e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Tomo I

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Rui Jorge Furtado Matias

orientação

Professora Doutora Maria da Graça Correia Ragazzi

co-orientação

Professora Doutora Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

2023

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

para a minha bisavó Elisa
que não sabendo o que faz um arquiteto
me pergunta sempre se “a casinha do Porto já está
terminada”

A presente dissertação teve a sua prova pública de defesa no **dia 16 de novembro de 2023**.

O juri, formado pela **Professora Doutora Raquel Alexandra Geada e Paulino** (presidência), pelo **Professor Doutor Pedro Duarte Santos de Alarcão e Silva** (arguência) e pela **Doutora Maria Graça Ribeiro Correia Ragazzi** (orientação), atribui-lhe por unanimidade a classificação de **20/20 valores**.

Agradecimentos

Um sincero agradecimento à professora Graça por toda a orientação, confiança, rigor e disponibilidade demonstrados ao longo dos meses em que desenvolvi este trabalho.

À professora Kaki, que do outro lado do Atlântico, logo se entusiasmou por esta pesquisa, enriquecendo-a com a sua experiência.

Ao arquiteto José Ribeiro, sem o qual não seria possível a realização desta dissertação, pela generosidade com que me confiou os seus arquivos.

Ao Luiz Amorim, à Margarida Alves dos Santos, à Alexandra Finisterra, ao Jorge Freitas e ao Alberto Eiras – familiares e amigos do arquiteto Delfim Amorim – pela simpatia e pela partilha de informação.

Aos responsáveis por todos os arquivos públicos consultados, pelo auxílio e pela ajuda, em especial à Doutora Lurdes Adriano, diretora da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto.

Aos proprietários e às proprietárias das obras de Amorim, por me abrirem as portas e pelas histórias que me contaram.

Agradeço também, com especial carinho:

À Bárbara e à Raquel, pelos tempos passados juntos e pela grande amizade que se solidificou.

À Beatriz, amiga incansável de todas as horas.

À Ana, ao Gonçalo, ao Luís e ao Pedro, pela amizade que tornou mais fácil as horas mais difíceis.

Ao Francisco, pela cumplicidade e pela paciência.

À minha irmã, pelo exemplo inalcansável de preserverança e de determinação.

E aos meus pais, Dalila e Jorge, pelo tanto que me é impossível descrever aqui.

Obrigado.

Abstract

Delfim Amorim and the CODA's binomial as a manifest of change

Delfim Fernandes Amorim was a Portuguese architect that in just 25 years of profissional activity designed important landmarks of high quality in the Brazilian landscape of the city of Recife. He is a reference in the architecture panorama not only for the buildings that he designed, but also for his active and militant position in defending the Modern Movement's values as a teacher.

His first years, still in Portugal, correspond to his period of studies at EBAP and the beggining of his professional activity until 1951, when he emigrated to Brazil. This time period continues to lack study and attention, as his produced works remain unpublished, anonymous, poorly documented, and facing degradation, abandonment and demolitions.

Due to this situation, this research intends to fulfill a double purpose.

On the one hand, to contextualize Delfim Amorim as an active member of the Portuguese panorama of the 1940s, aligning him with his pears in the production of thought and research that characterized and marked this historical period. If Delfim is, in Brazil, a resounding name in architecture and teaching, we pretend to understand his path as a student and as a young architect through the study and analysis of his 1947 CODA's project, a work that will perhaps be, although not built, the most relevant in the way in which it clearly expresses his architectural understanding and his maturity, absolutly aligned with the spirit of his time, materializing fundamental issues of his generation.

On the other hand, there is the responsability of organizing and synthesizing the set of works produced by Amorim (together with Luís de Oliveira Martins) in Portuguese territory, hoping to contribute in some way to its future study, recognition and possible protection of the few buildings that remain from the almost 50 projects collected with his signature.

Key-words

Delfim Amorim – modernism – project analysis CODA – architectonic heritage

Resumo

Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Delfim Fernandes Amorim foi um arquiteto português que, em apenas 25 anos de carreira, produziu obras de referência que caracterizam a paisagem da cidade do Recife, no Brasil. É uma referência no panorama arquitetónico do nordeste brasileiro tanto pela qualidade dos edifícios que projetou, como pela sua posição ativa e militante na defesa dos valores do Movimento Moderno, enquanto professor.

Os seus primeiros anos de ação ainda em Portugal, correspondentes ao seu período de estudos na Escola de Belas Artes do Porto e ao seu início de carreira profissional, até que emigra para o Brasil em 1951, continuam a carecer de estudo e de atenção. A sua obra produzida encontra-se mal documentada, não publicada na sua maioria, anónima e vítima da degradação, do abandono e de demolições.

Face a esta situação, este trabalho pretende cumprir um duplo propósito.

Por um lado, contextualizar Delfim Amorim enquanto membro ativo no panorama nacional da década de 1940, alinhando-o com os seus pares na produção de pensamento e nas pesquisas que caracterizam e marcam esse período histórico. Se Delfim é, no Brasil, uma personalidade notável na arquitetura e no ensino, pretende-se entender o seu percurso enquanto estudante e jovem arquiteto através do estudo e da análise do seu projeto para o CODA, de 1947 – obra que será, talvez, ainda que não construída, a mais relevante no modo como expressa claramente o seu entendimento da disciplina e a sua maturidade, completamente alinhada com o espírito do seu tempo, materializando questões disciplinares fundamentais daquela geração.

Por outro lado, existe a responsabilidade de sintetizar e organizar o conjunto de obras licenciadas por Delfim Amorim (e, em certa altura, também por Luís de Oliveira Martins) em território nacional, na esperança de fixar a produção deste autor e contribuir de certa forma para o seu estudo futuro, para o seu reconhecimento e para a proteção dos já poucos exemplos que subsistem dos cerca de 50 projetos recolhidos com a sua assinatura.

Palavras-chave

Delfim Amorim – movimento moderno – análise de projeto CODA – património arquitetónico

Nota prévia

A presente dissertação está redigida ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.
As citações em português foram transcritas no novo acordo por motivos de coerência.
As fotografias, desenhos ou outros documentos apresentados foram dimensionados, cortados e tratados segundo o que se considerou necessário.

Sumário

Tomo I

	Agradecimentos	09
	Abstract	10
	Resumo	11
	Sumário	**13**
	Abreviaturas	14
01	**INTRODUÇÃO**	**15**
01.1	**Motivação**	**17**
01.2	**Objeto**	**18**
01.3	**Objetivo**	**20**
01.4	**Metodologia**	**21**
01.5	**Estado da arte**	**23**
02	**DELFIM AMORIM Notas Biográficas**	**27**
03	**A MINHA CASA**	**45**
03.1	***A minha casa* no panorama do CODA, 1947**	**55**
03.2	**A solução dupla**	**61**
03.3	**Solução A – o vernacular ao serviço da modernidade**	**64**
	03.3.1. O volume e a distribuição programática	66
	03.3.2. O método construtivo e a materialidade	70
	03.3.3. Relação com a obra construída	75
03.4	**Solução B – a alternativa impossível**	**80**
	03.4.1. O volume puro e o programa da casa moderna	84
	03.4.2. A pré-fabricação	89
	03.4.3. Relação com a obra construída	94
04	**A CONSTRUÇÃO DE UMA MODERNIDADE**	**105**
	UM OLHAR PARA O MOVIMENTO MODERNO EM PORTUGAL Considerações finais	**115**
	Bibliografia geral	120
	Lista e créditos das imagens e documentos	124

Tomo II – Apêndice Documental

Abreviaturas

A-ESEQ	Arquivo da Escola Secundária Eça de Queirós
A-FBAUP	Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
AG-CMP	Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto
A-JR	Arquivo de José Ribeiro
AMAP	Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
AMPVZ	Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim
BMRP	Biblioteca Municipal Rocha Peixoto
CD-FAUP	Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
CIAM	Congrès Internationaux d'Architecture Moderne
CODA	Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto
DFA	Delfim Fernandes Amorim
EBAP	Escola de Belas Artes do Porto
FAUP	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
FLC	Fondation Le Corbusier
LOM	Luís de Oliveira Martins
ODAM	Organização dos Arquitetos Modernos
SNA	Sindicato Nacional dos Arquitetos

ca.	cerca de
cf.	confrontar com
esc.	escala
op. cit.	na obra citada
p./pp.	página / páginas
s/	sem
VAD	Ver Anexo Documental

na página seguinte
Delfim Fernandes Amorim
s/data
© BMRP

01





01. Casa Dimas (1950) publicada na *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* (VAD-p.188)
Ano XXV, 2ª série, nº 47
junho 1953
© FAUP

01.1 Motivação

A figura de Delfim Fernandes Amorim enquanto arquiteto e membro da primeira geração de arquitetos modernos formada pela Escola do Porto, é, pelo menos ao nível português, ainda pouco presente. O seu percurso no Brasil, pela sua importância e proximidade, num primeiro momento, com a Escola de Belas Artes do Recife, e mais tarde, com a recém-formada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ocupou desde cedo um lugar de relevo na academia, sendo Amorim apontado como uma das personalidades cruciais na renovação e consolidação de uma *escola pernambucana*[1].

A sua ida prematura para o Brasil é talvez a responsável pelo seu "apagamento" na historiografia portuguesa.



02. Placas Toponímicas
Póvoa de Varzim
© Fotografia do Autor

O primeiro contacto que tive com a obra de Amorim aconteceu por mero acaso, quando, ao folhear o número 47 da revista *Arquitectura*, de 1953, encontrei um artigo intitulado "Pequena Habitação em A-ver-o-Mar, P. Varzim" **(01)**. Motivado por uma proximidade geográfica, visto que sou natural da Póvoa de Varzim, quis descobrir onde se localizava aquela casa, interessante pelas suas formas assumidamente modernas. Foi junto da minha família que percebi que havia sido demolida na década de 1990, e que, tal como aconteceu comigo, também captava a atenção e a curiosidade de todos os que viviam naquela zona de Aver-o-Mar, junto da praia.

Com o tempo, acabei por perceber a verdadeira dimensão de Amorim no contexto brasileiro, e por descobrir que tinha sido autor de alguns edifícios pelos quais sempre me cruzei na Póvoa de Varzim. Apesar do mau estado em que se encontram grande parte dos seus edifícios, o seu nome é relembrado no cadastro da cidade, através de uma rua com o seu nome, onde se localiza a sua casa de infância, em Amorim, e de uma pequena praceta, localizada entre edifícios no centro da cidade da Póvoa.

O facto de sentir uma certa proximidade ao percurso inicial de vida deste autor, por sermos originários da mesma freguesia, da mesma cidade, termos estudado no mesmo liceu e iniciarmos o nosso percurso em arquitetura no Porto, levou-me a querer estudar a obra de Amorim em Portugal, contextualizando-o no seu período pré-Brasil.

1. BRUAND, Yves – 2. O Nordeste. In Arquitetura Contemporânea no Brasil. 3ª edição. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1997. P. 146.

01.2 Objeto

A produção arquitetónica desenvolvida por Amorim em Portugal encontra-se dispersa, não publicada na sua maioria e anónima. Os edifícios construídos têm sido, ao longo das últimas décadas, vítimas de demolições e alterações profundas que desrespeitam o carácter da obra.

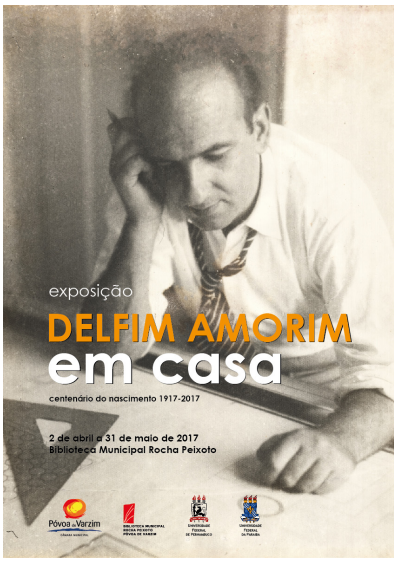
O seu projeto mais paradigmático e mais divulgado deste período é, sem lugar para dúvidas, o que apresentou por ocasião do CODA. A sua proposta distingue-se por ser dupla, focada nos problemas da construção e da expressão plástica da solução arquitetónica. *A minha casa* ocupa nesta dissertação, por essa razão e por surgir exatamente a meio do hiato temporal considerado – correspondente ao período enquanto arquiteto em Portugal (1943 – término dos estudos; 1947 – apresentação do CODA; 1951 – ida para o Brasil) –, o lugar central na análise do período iniciático de Amorim após a conclusão dos seus estudos académicos.

Tratando-se de um projeto duplo não construído, recorreu-se às fontes primárias disponibilizadas pelo Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, correspondentes às peças escritas e às peças desenhadas apresentadas e avaliadas em 1947.

De modo a entender e a contextualizar a produção de Amorim em Portugal como um todo, contamos também com os materiais recolhidos e expostos por ocasião de duas exposições realizadas em 2017 e em 2018, na celebração do centenário de nascimento do arquiteto.

A primeira exposição, que teve lugar na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim, intitulada “Delfim Amorim em Casa” **(03)**, foi comissariada pelos arquitetos José Ribeiro e Luiz Amorim. Nela foi apresentado um conjunto de 13 obras realizadas pelo arquiteto entre 1944 e 1951 em Portugal. A identificação das obras, assim como a recolha da documentação relativa a cada uma junto dos arquivos municipais das várias autarquias ficou a cargo do arquiteto José Ribeiro, que com isso localizou cerca de 50 obras. Foram também exibidas fotografias de época de alguns edifícios, do arquiteto e da sua família e maquetas desenvolvidas no Brasil por estudantes de arquitetura do professor e arquiteto Luiz Amorim, filho de Delfim Amorim, que tem vindo a divulgar e investigar a obra do seu pai.

Um ano mais tarde, em Coimbra, realizou-se no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a exposição “Delfim Amorim:



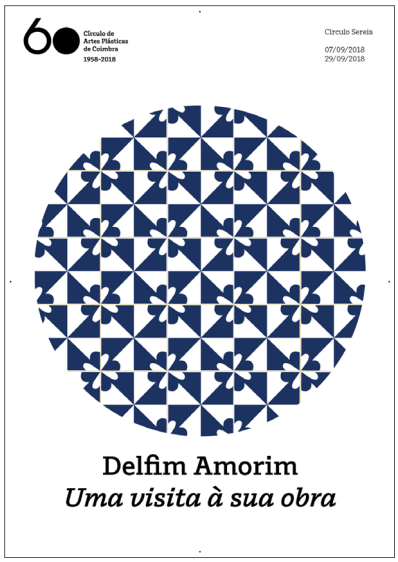
03. Delfim Amorim em casa
Póvoa de Varzim, 2017
Cartaz

uma visita à sua obra" **(04)**, que teve como curadores Luiz Amorim, José António Bandeirinha, Carolina Coelho, Bruno Gil e Luís Miguel Correia. Esta contou com os elementos expositivos da Póvoa de Varzim aos quais foram acrescentados elementos relativos ao mobiliário e à azulejaria desenvolvidos pelo arquiteto.

Destas duas exposições não resultou nenhum estudo monográfico ou publicação das suas obras em Portugal, por muito que houvesse essa intenção inicial por parte da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

O arquivo recolhido pelo arquiteto José Ribeiro, correspondente aos desenhos de licenciamento das obras identificadas de Amorim na Póvoa de Varzim, no Porto, em Guimarães e em Vila do Conde, foi gentilmente cedido para servir de base à formulação deste trabalho. Através dele é possível estabelecer uma linha narrativa cronológica da produção de Amorim a partir do momento em que termina os estudos na EBAP, em 1943, até ao momento em que emigra para o Recife, em 1951.

Além das obras de arquitetura projetadas por DFA em Portugal, construídas ou não, recorreu-se também aos seus textos escritos, resultantes de palestras, em que explora e expõe a sua visão sobre múltiplos assuntos, de entre os quais, *a modernidade*. Correspondem a elementos importantes na relação do autor com a sua obra, uma vez que nos permitem entender e correlacionar a postura de Amorim com a sua forma de fazer arquitetura.



04. Delfim Amorim: Uma visita à sua obra
Coimbra, 2018
Cartaz

01.3 Objetivo

Entende-se o período compreendido entre 1943 e 1951, correspondente ao tempo de Delfim Amorim em Portugal antes de emigrar para o Brasil, como um período embrionário do que foi o seu percurso profissional, materializado nos inúmeros edifícios que construiu e projetou, modelando a cidade do Recife e contribuindo para a afirmação do Movimento Moderno no nordeste brasileiro. Estes cerca de oito anos em que se estabiliza enquanto arquiteto são importantes pois revelam um espírito de procura e de questionamento, fruto não só do ímpeto de um jovem arquiteto, mas também de todo um contexto sociocultural em que estava inserido. O seu contributo, a par com o de muitos outros arquitetos seus contemporâneos, foi importante na medida em que, não sendo disruptivo ou completamente inovador, é mais uma ação que ajudou na formulação de um pensamento arquitetónico e na definição de um sentido de *Escola*.

O projeto intitulado *A minha casa*, ponto focal desta Dissertação, é alvo de análise e de estudo nas suas vertentes formais, plásticas e construtivas. Através da leitura e da interpretação dos seus elementos desenhados e escritos, pretende-se contextualizar esta obra no percurso profissional do autor, cruzando-a sempre que necessário com a produção real de Amorim. Para tal, recorreu-se ao conjunto de obras edificadas e projetadas pelo arquiteto até emigrar para o Recife, de forma a confirmar opções tomadas por Amorim, assim como a recorrer a elementos construídos para entender melhor o mundo formal do arquiteto.

Pretende-se, desta forma, enfatizar a importância de estudar e de divulgar obras de arquitetos como Delfim Fernandes Amorim, pertencentes a uma geração de arquitetos que iniciou as pesquisas pela modernidade em Portugal, *abrindo portas* para as gerações que lhes sucederam.

Ao mesmo tempo, ao divulgar o conjunto de obras recolhido por ocasião da exposição comemorativa do centenário do arquiteto, pretende-se tornar público o conhecimento e a informação relativa a cada obra, com esperanças de fomentar não só o seu estudo, mas também a sua proteção. Há a vontade de fixar no tempo e no espaço o estado físico das obras que resistiram à passagem do tempo, contribuindo para a imortalização destes exemplares, que têm vindo a sofrer danos irreversíveis quer em Portugal, quer no Brasil.

01.4 Metodologia

Tomo I

A construção da narrativa desta Dissertação, circunscrita a um período fechado correspondente aos anos de Amorim em Portugal, levou à necessidade de entender o percurso completo de vida deste autor, com especial atenção para o seu conjunto de obras mais divulgado e estudado, desenvolvido na cidade do Recife. Para esta visão mais alargada, do conjunto, contou-se com a literatura disponível sobre o tema, de modo a que fosse possível, num período inicial, adquirir a verdadeira dimensão e relevância da obra de Delfim Amorim, que, devido à distância geográfica, não nos era possível entender de outra forma.

O percurso de Amorim na Escola de Belas Artes do Porto foi consultado nos Arquivos da Faculdade de Belas Artes do Porto, o que, juntamente com dados biográficos recolhidos na bibliografia disponível e através de conversas com familiares e amigos de Delfim Amorim que ainda residem na Póvoa de Varzim, tornou possível entender e contextualizar os primeiros anos de trabalho do arquiteto.

O projeto para o CODA, *A minha casa*, revela-se na sua forma concisa e clara como nos é apresentado como a premissa para a contextualização da obra e da ação deste autor em Portugal no período referido. Contou-se com as fontes primárias disponíveis no Centro de Documentação da FAUP. As peças desenhadas foram devidamente editadas e os desenhos foram tratados de modo a serem melhor exibidos no formato da Dissertação, tendo-se evitado o redesenho em todos os casos, por se considerar a qualidade dos desenhos efetuados por Delfim Fernandes Amorim em 1947 como mais que suficiente para a verdadeira apreensão do projeto.

A análise do objeto arquitetónico, mesmo que não construído, seguiu um conjunto de pressupostos que orientaram a leitura da obra, baseados no artigo "Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial"[2], de Alcília Afonso Melo.

Desta forma, analisou-se os dois projetos desenvolvidos para o CODA, assim como também os restantes projetos de Amorim, usados como termo de comparação, segundo as suas dimensões: **normativa**, através dos documentos que justifiquem o projeto, como o programa; **histórica**, interpretando o contexto social e cultural, assim como a existência (ou não) de clientes; **espacial, tectónica e formal**, tendo em consideração fatores caracterizadores do projeto, quer sejam o lugar, a topografia,

2. AFONSO, Alcilia – Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*. V. 4, nº 3 (dezembro 2019) , p. 54-70.

a implantação, a organização espacial interna e externa, quer sejam questões relativas à construção e às soluções estruturais usadas, assim como a materialidade, texturas e cores.

Tomo II

O segundo volume desta Dissertação é entendido não só como um anexo de apoio à primeira parte, mas também como um documento que pretende dar a conhecer o trabalho desenvolvido por Amorim em Portugal. Para a sua conceção foi imprescindível o trabalho realizado pelos curadores da exposição evocativa de Amorim realizada em 2017 na cidade da Póvoa, os arquitetos José Ribeiro e Luiz Amorim. A recolha e identificação das obras foi confirmada através de idas físicas aos arquivos municipais, que nos permitiram confirmar a localização e existência das peças escritas e desenhadas relativas a cada projeto apresentado.

Os desenhos foram devidamente digitalizados e tratados, tornando possível a sua reprodução.

Além dos desenhos, tentou-se sempre que possível incluir fotografias de arquivo relativas a cada obra de arquitetura.

Os poucos edifícios que ainda existem foram visitados e fotografados de modo a registar no tempo e no espaço o seu estado de conservação. Através da fotografia é possível um novo nível de leitura do trabalho do arquiteto, permitindo conhecer *in loco* a sua espacialidade.

Resulta desta forma um documento com informações relativas a cada obra, como a sua localização, estado de conservação e onde podem ser consultados os documentos exibidos. Não se pretende entender este documento como terminado, mas antes como um mote para o estudo e para a conservação do legado de Amorim, tanto em Portugal como no Brasil.

01.5 Estado da arte

O conjunto da obra desenvolvida por Delfim Amorim no Brasil tem sido alvo de estudo e de reflexão há vários anos. A sua importância e relevância no contexto do nordeste brasileiro são reconhecidas pela crítica de arquitetura, levando a que várias investigações ali sejam feitas, até aos dias de hoje.

Assim sendo, para a elaboração desta Dissertação, foram consultados maioritariamente trabalhos desenvolvidos sobre o seu percurso brasileiro, de modo a permitir um entendimento global da sua obra, que nos permitisse enquadrar, em retrospetiva, o seu período em Portugal.

O primeiro a reconhecer a importância de Amorim no contexto brasileiro foi Yves Bruand, autor francês, que no seu livro publicado em 1981 *Arquitetura Contemporânea no Brasil*[3] reflete sobre a produção do arquiteto enquanto agente de renovação da arquitetura de Pernambuco, destacando a sua relação com a tradição construtiva luso-brasileira.

O livro intitulado *Delfim Amorim – Arquiteto*[4], publicado pela primeira vez em 1981 e com uma segunda edição em 1991, é a monografia mais completa sobre a obra de Amorim. Foi desenvolvido por uma equipa de investigadores, formada por arquitetos e estudantes, membros do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco. A pesquisa orientada por Luiz Amorim, filho de Delfim Fernandes Amorim, expõe as suas obras desenvolvidas no Brasil e faz referência às obras mais significativas produzidas em Portugal. Compila, além disso, um conjunto de textos bastante significativo, relativos a artigos publicados e a palestras proferidas, e documentos relacionados com a ação de Amorim enquanto pedagogo.

Luiz Amorim tem sido, de facto, o maior agente de divulgação e de reflexão sobre a obra do seu pai. A quantidade de artigos que tem publicado, assim como as investigações que tem acompanhado, contribuem para a valorização da obra do arquiteto, assim como o seu estudo e entendimento. Destacamos o artigo publicado em 1989, na revista *AU*, "Delfim Amorim. Construtor de uma linguagem síntese"[5], no qual L. Amorim percorre os pontos que considera mais importantes no trabalho do seu pai, sublinhando a sua ação como intelectual, professor e arquiteto.

Ainda no panorama brasileiro, outras duas autoras destacam-se no estudo da obra e do património de Delfim Amorim: Guilah Naslavsky[6] e Alcília Afonso Melo[7].

3. BRUAND, Yves – 2. O Nordeste. In *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1997. Pp. 145-149.

4. AMORIM, Luiz [et al.] *Delfim Amorim Arquiteto*. 2ª edição. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Pernambuco, 1991.

5. AMORIM, Luiz – Delfim Amorim. Construtor de uma linguagem síntese". *Revista Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo. Nº 24 (junho/julho 1989), pp. 94-97.

6. NASLAVSKY, Guilah – Arquitetura Moderna em Pernambuco entre 1945-1970: uma produção regional? *Seminário Docomomo Brasil Arquitetura e urbanismo modernos*. São Carlos. 2003, pp. 1-15.

7. AFONSO, Alcilia – 4.3 Delfim Amorim. In La consolidación de la arquitectura moderna en Recife de los años 50. Barcelona: ETSAB/ UPC, 2006. Pp. 267-309. Tese doutoral.

Em Portugal, o nome de Amorim, quando é referido, é, na maioria das vezes, focado na obra que desenvolveu após emigrar.

Edite Rosa, no seu Doutoramento "ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva"[8], de 2005, dá sinal da importância da proposta para o CODA de Amorim, por materializar de forma paradigmática a questão relativa à modernidade que os arquitetos portugueses enfrentavam.

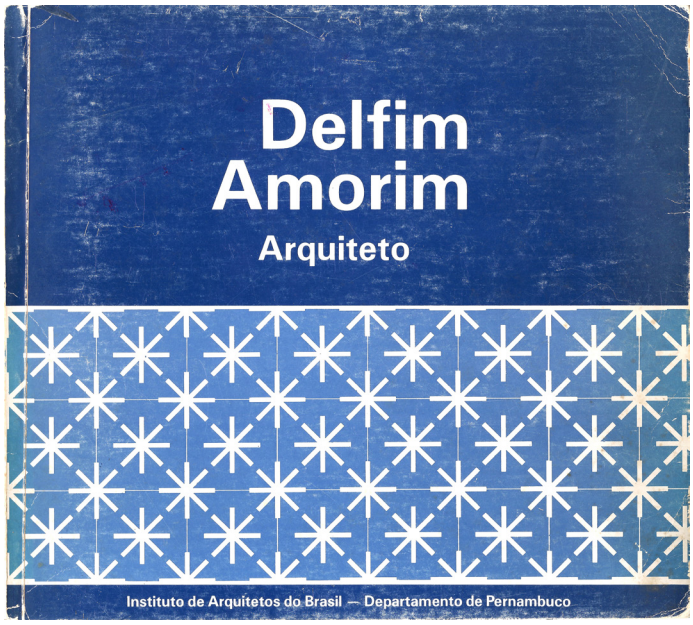
A arquiteta Inês Lima Rodrigues, na sua investigação de Doutoramento intitulada "Quando a vivenda coletiva era moderna. Desde Portugal a outros países de expressão portuguesa. 1948-1974"[9], estuda e analisa as arquiteturas desenvolvidas por arquitetos portugueses no estrangeiro, em particular, em territórios de língua portuguesa, como o Brasil, Angola, Moçambique ou Macau. Foca-se principalmente nos edifícios de habitação plurifamiliar, abordando por isso os edifícios projetados por Amorim na cidade do Recife. A autora realça as figuras de Delfim Amorim, Vasco Vieira da Costa, Francisco Castro Rodrigues e Pancho Guedes como elementos responsáveis por *fazer Escola*, equiparando-os a Mies, Gropius, Artigas e Lúcio Costa[10].

Pontualmente, a obra portuguesa de Amorim é alvo de análise. No artigo de Pedro Bandeira "Moradia Dr. António Rocha: a 'casa avião' ou 'casa verde'"[11], o autor revisita a casa projetada por Delfim Amorim na cidade de Guimarães. Também a arquiteta Susana Lobo[12] analisou uma obra do arquiteto na Póvoa, num artigo que engloba o catálogo da exposição "Delfim Amorim: uma visita à sua obra", de 2018, focando-se na produção do mobiliário para essa casa.

8. ROSA, Edite – ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, 2005. Tese doutoral.
9. RODRIGUES, Inês Lima – Cuando la vivienda colectiva era moderna. Desde Portugal a otros países de expresión portuguesa. 1948-1978. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2014. Tese doutoral.
10. Ibidem. P. 35.
11. BANDEIRA, Pedro Moradia – Dr. António Rocha: a "casa avião" ou "casa verde". In *Arquitetura com Autor. Guimarães 1937 a 1970*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães – Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 2013. P. 109-110.
12. LOBO, Susana – Função, Estrutura e Forma: a propósito do mobiliário da Casa Manuel Fernandes dos Santos. In *Delfim Amorim: uma visita à sua obra*. Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 2018. Pp. 17-23.



05. ***Arquitetura contemporânea no Brasil***
Yves Bruand
Perspetiva
janeiro de 1997

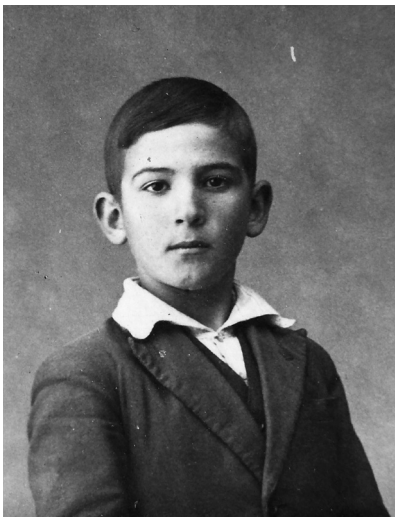
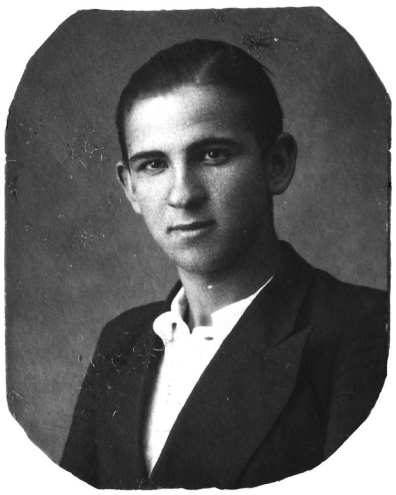


06. ***Delfim Amorim – Arquiteto***
Luiz Amorim [et all]
IAB – Departamento de Pernambuco
2ª edição, 1991

Praia de Banhos, Póvoa de Varzim
Óleo sobre tela
João Marques de Oliveira, 1884
© Museu de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa

02



01. Retratos de Delfim Amorim aos 10, 12 e 18 anos
Fotografias pertencentes às fichas de matrícula no Liceu
© A-ESEQ

02 Delfim Fernandes Amorim

Notas Biográficas

Delfim Fernandes Amorim nasceu às 23 horas do dia dois de abril de 1917 na freguesia de Amorim, cidade[1] da Póvoa de Varzim.

Os seus pais, Joaquina Gomes Bouça Nova e António Fernandes Amorim, eram um casal de proprietários rurais endinheirados, que possibilitaram o acesso à educação tanto a Delfim como ao seu irmão Serafim, mais novo três anos. Sobre a infância e a adolescência de Delfim pouco se sabe.

Em 1927 inicia os estudos no Liceu Nacional de Eça de Queiroz, na Póvoa, onde não revelou ser um aluno extraordinário, tendo inclusive reprovado no segundo ano do liceu por deficiência de médias em inglês, geografia e matemática[2].

É durante este período que conhece Fernando Barbosa [1917-1962][3], natural da Póvoa de Varzim, com quem cultivou o interesse pela leitura e pelo conhecimento. No acervo de Barbosa, doado à BMRP, há um conjunto de cartas enviadas pelo jovem Amorim de 18 anos, em que este lhe pede mais livros para ler, para se entreter nas férias, pois já tinha acabado o "Inéditos e Esparsos" de Júlio Dinis. Convida também Fernando Barbosa a visitá-lo, para irem juntos explorar as ruínas das cividades de Terroso e de Bagunte.

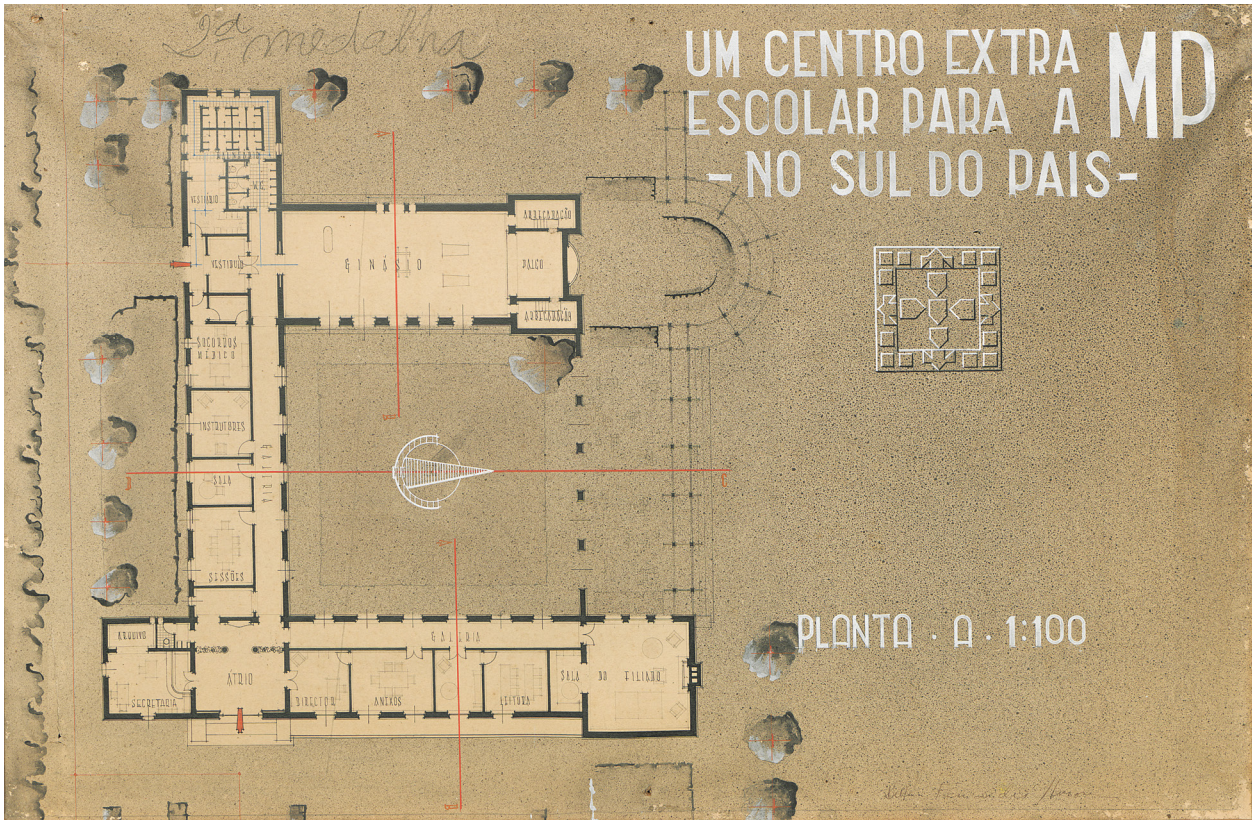
Ingressa com 20 anos no Curso Especial de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto, em 1937, sendo aluno de Carlos Ramos. A EBAP vivia à época um momento de viragem que se iria confirmar anos mais tarde, de maior abertura à modernidade e às vanguardas modernas, em muito influenciada pela ação pedagógica de Carlos Ramos, conjugada com um ainda certo conservadorismo instituído pela ação censória do Estado Novo.

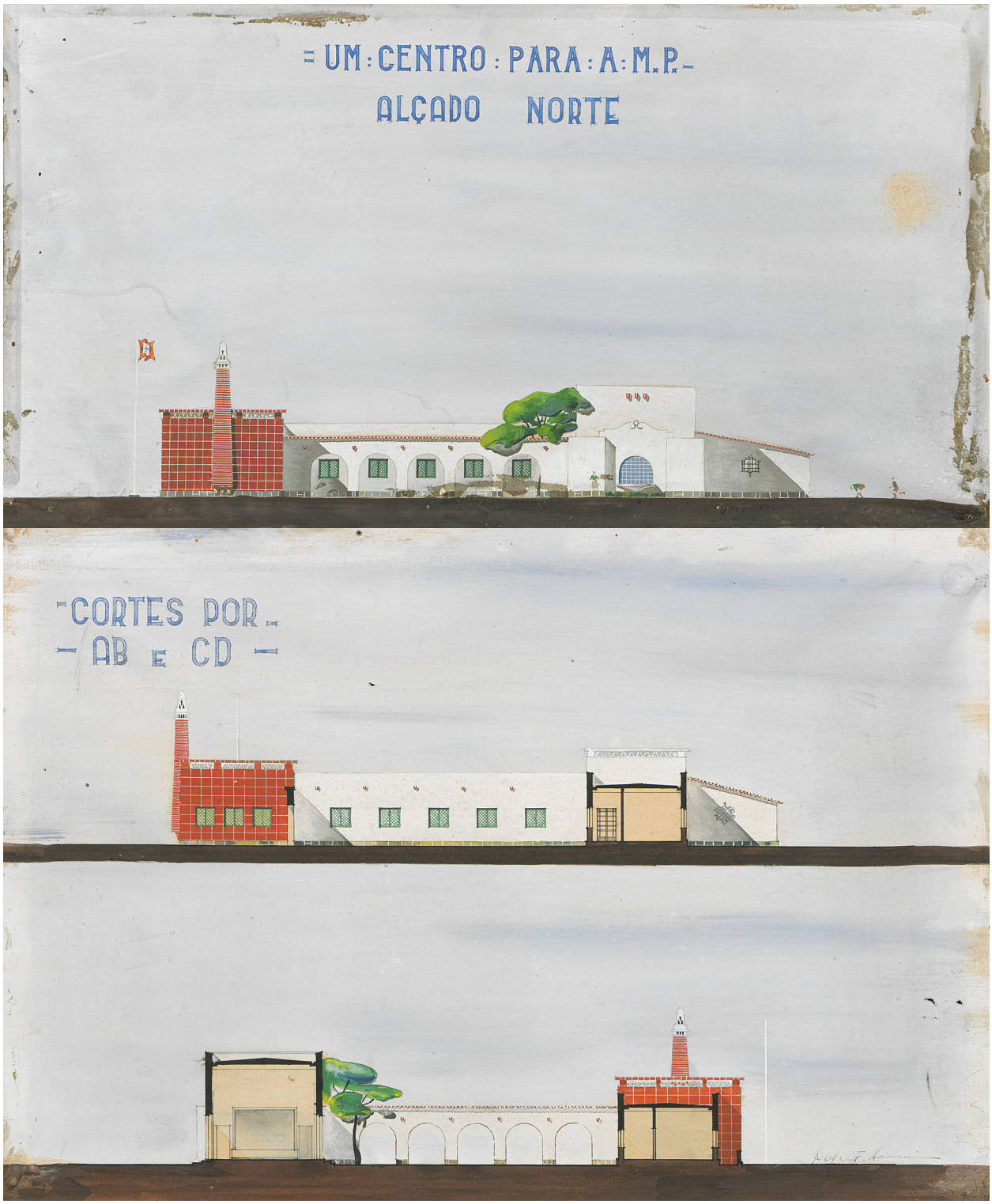
Dos trabalhos desenvolvidos por Amorim entre 1937 e 1943 na Escola, chegam-nos três[4], arquivados no CD-FAUP por terem sido medalhados em competições internas à instituição.

O projeto mais completo apresenta uma proposta para um "Centro Extraescolar para a Mocidade Portuguesa no sul do país" **(02 e 03)**, desenvolvido para a disciplina "Projeto de Grande Composição". Trata-se de um edifício de planta em U, criando um pátio protegido por uma arcada, que reúne um programa administrativo, pedagógico e desportivo. Formalmente explora temas típicos da arquitetura vernacular, resultando uma composição conservadora e refém da imagem

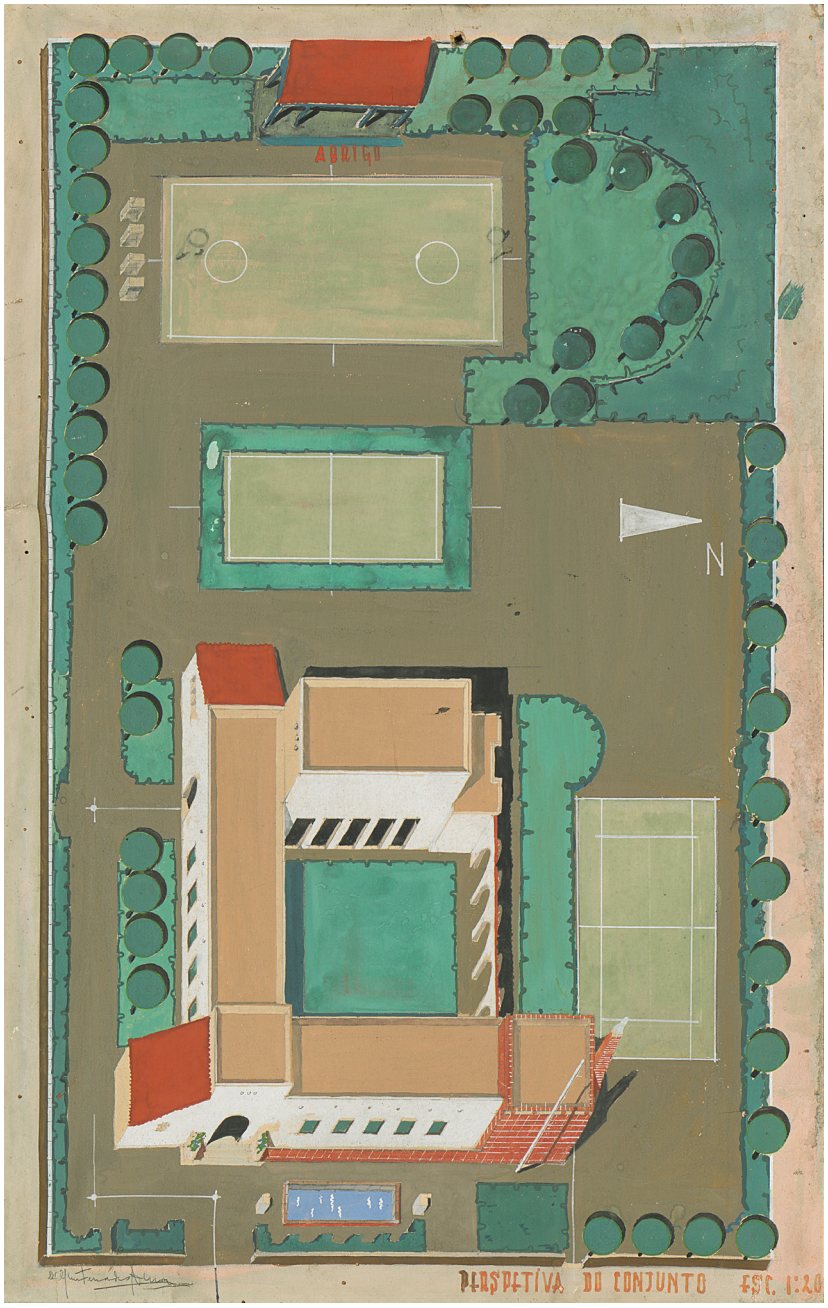
1. À época ainda vila.
2. Informação recolhida nos arquivos da Escola Secundária Eça de Queiroz – Póvoa de Varzim.
3. "Fernando Barbosa foi vereador efetivo da Edilidade Poveira, Presidente da Comissão Municipal de Turismo, Diretor do Museu, tendo sucedido nesse cargo ao seu fundador, […] Santos Graça. […] Fundou e dirigiu o Boletim Cultural Póvoa de Varzim" e "publicou alguns artigos didáticos e ´Pontos de Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas´. Além da divulgação de trabalhos seus no Boletim Cultural, escreveu inúmeros artigos na imprensa local, todos os referentes à história, folclore e etnografia do concelho." In http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/index.php?op=h_personalidades&id=26.
4. Todos relativos ao ano letivo 1941-1942.


UM CENTRO EXTRA-
-ESCOLAR PARA A M.P.
-ALÇADO PRINCIPAL-


2ª medalha
UM CENTRO EXTRA
ESCOLAR PARA A MP
-NO SUL DO PAIS-
PLANTA · A · 1:100



02. Um centro extra-escolar para a Mocidade Portuguesa, no sul do país
Planta, alçados e cortes, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, Projeto de Grande Composição - 1942
2ª medalha
© CD-FAUP



03. Um centro extra-escolar para a Mocidade Portuguesa, no sul do país
Perspetiva militar do conjunto, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, Projeto de Grande Composição - 1942
2ª medalha
© CD-FAUP



04. Cruz processional
Desenho, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, Projeto de Composição Decorativa - 1942
2ª medalha
© CD-FAUP



05. Uma casa de chá
Alçados, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, Projeto de Construção Geral - 1942
2ª medalha
© CD-FAUP

"à portuguesa". Foi-lhe atribuída a segunda medalha.

O segundo projeto, para a disciplina "Projeto de Construção Geral", do qual apenas sobrevive uma folha com alçados, retrata "uma casa de chá" **(05)**, localizada num terreno com alguma pendente, em que mais uma vez as referências à arquitetura vernacular e até a uma certa ideia de medievalidade estão presentes.

O terceiro trabalho é relativo a um desenho de grandes dimensões de uma cruz processional **(04)**, realizado a grafite sobre papel no contexto da disciplina "Projeto de Composição Decorativa". Foi-lhe atribuída a segunda medalha.

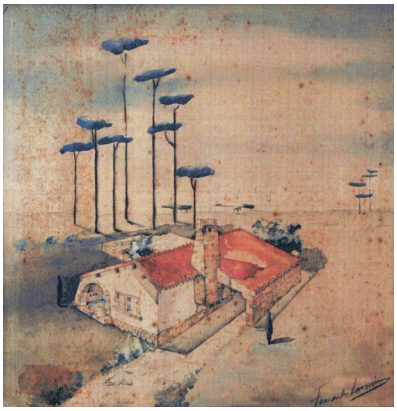
Todos estes trabalhos são reveladores do conservadorismo e do alinhamento com a estética oficial do Estado Novo que ainda vinha a ser promovido pelo ensino. A abertura às questões da modernidade e à aproximação ao modernismo europeu vão ser adquiridas por Amorim nos anos seguintes à Escola, em muito influenciado pela vivência no mundo laboral.

Após concluir o ciclo de estudos na EBAP desenvolve uma série de projetos na sua terra natal associado ao engenheiro Armando Ferreira Areias, formando em 1944 a empresa *Areias & Amorim*.

A partir de 1945 e durante um período de dois anos faz um tirocínio no escritório *ARS Arquitetos*, sob tutela do arquiteto António Fortunato de Matos Cabral [1903-1978], onde desenvolve as suas competências enquanto profissional até estar elegível para apresentar uma proposta para o CODA. Foi possivelmente neste estágio que Amorim ampliou a sua visão sobre a modernidade e sobre as vanguardas europeias, como se verifica pela evolução dos projetos que desenvolve na Póvoa de Varzim durante esse período que mostram um amadurecimento plástico e formal, que culmina no projeto que desenvolve no final do seu período com o arquiteto Matos Cabral, já em 1947, relativo ao CODA, onde sintetiza o seu entendimento, já bastante amadurecido, sobre as questões relativas à modernidade, tanto no contexto nacional, como no internacional.

Em 1946 inicia a sua colaboração com o arquiteto Luís Oliveira Martins[5], um ano mais novo que ele, que era à época também estagiário no escritório de Fortunato Matos Cabral. A dupla formada por Amorim e por Oliveira Martins vai assinar projetos em conjunto com o engenheiro Ferreira Areias durante todo o período em que Delfim esteve em Portugal.

Em 1947 Amorim é já uma figura respeitada no panorama intelectual poveiro. Em novembro desse ano é convidado para palestrar **(08)**, abordando a problemática da arquitetura moderna, num ciclo de conferências organizado pela Sociedade



06. Pintura de Delfim Amorim
s/ data
© A-JR



07. Mercado do Bom Sucesso
Porto
ARS Arquitetos, 1952
Fotografia de Mário Novais
© Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian

5. Luís Oliveira Martins [Lisboa,1918-Porto, 1997] foi colega de Delfim Amorim na EBAP. Estagiou com o arquiteto Fortunado Matos Cabral entre 1943 e 1946. Apresenta o seu projeto para o CODA em 1949, intitulado "Habitação para uma família de classe média", no qual obteve 19 valores. O projeto apresentado corresponde ao projeto desenvolvido com Amorim para a Casa Dr. António Rocha, em Guimarães.

A FILANTROPICA

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

RUA DA LAPA, 1

PÓVOA DE VARZIM, 4 de Novembro de 1947.

Ill.mo Snr.
Arquitecto Delfim Fernandes Amorim
PORTO

A Direcção da Sociedade Cooperativa "A Filantrópica" vem por este meio manifestar os seus mais expressivos agradecimentos pela anuência de V. Ex.ª ao nosso desejo em realizar uma conferência na nossa sede, a qual conforme foi combinado entre V. Ex.ª e o nosso Ex.mo amigo Snr. Arlindo Castro, terá lugar no próximo dia 15 do corrente, pelas 21,30 horas, salvo caso de força maior.
Hontem, seguiu para a Câmara Municipal desta Vila o pedido de autorisação, que julgamos seja deferido, apesar dos obstáculos que sempre são levantados à efectivação destes actos de pura expressão do pensamento.
É pois V. Ex.ª o iniciador de uma série de conferências que esta Sociedade pretende levar a efeito, e temos a certeza de que a "première" resultará plena de brilhantismo, o que não é favor, pois V. Ex.ª já tem mostrado, mesmo adentro dos muros da Póvoa de Varzim, conhecer de sobra todos os segredos da arquitectura de nossos dias, ramo vastíssimo para devaneios espirito-culturais.
Renovando os nossos protestos de gratidão, somos

com a mais elevada estima

Pela Direcção de A Filantrópica

Presidente

08. Carta endereçada a Delfim Amorim
Novembro de 1947
© A Filantrópica

Cooperativa “A Filantrópica”, que refere que Delfim Amorim “já tem mostrado, mesmo dentro dos muros da Póvoa de Varzim, conhecer de sobra todos os segredos da arquitetura de nossos dias, ramo vastíssimo para devaneios espirito-culturais”.

A Póvoa de Varzim era, na década de 1940, uma vila maioritariamente pobre, com atividades económicas relacionadas com a pesca e com a agricultura. Não obstante, era também palco de uma burguesia intelectual endinheirada, que procurava a vila principalmente nos meses de verão pelas suas praias. A sua cena cultural reunia figuras relevantes da cultura nacional, como Agustina Bessa-Luis [1922-2019], Manoel de Oliveira [1908-2015], José Régio [1901-1969] e Flávio Gonçalves [1929-1987], que se juntavam no Diana-Bar, criando um ambiente propício à troca de ideias e ao desenvolvimento de um espírito crítico e reativo. Era neste meio culto que Delfim Amorim transitava, não havendo porém certezas se de facto convivia com estas figuras.

Em 1947 Amorim é membro fundador da ODAM **(10)** e participa em congressos e exposições nos anos seguintes, de entre as quais: o I Congresso de Arquitetura Nacional, promovido pelo SNA e o Congresso Luso-Espanhol de Arquitetura, ambos em 1948. Nesse mesmo ano, algumas das suas obras são visitadas por arquitetos de Lisboa aquando de uma visita ao Porto, relatada no artigo “Intercâmbio Profissional”, publicado na revista *Arquitectura* de janeiro de 1948[6].

A sua posição de vanguarda e de defesa da arquitetura moderna em território nacional leva-o, em outubro de 1949 e juntamente com outros arquitetos do Porto, a assinar uma carta endereçada ao Presidente da Câmara Municipal da cidade, mostrando o desagrado da classe dos arquitetos face à vontade de instituir a obrigação de um “estilo nacional e portuense” a todas as novas edificações a serem realizadas na cidade. De uma forma corajosa, expõem com clareza que tal decisão resultaria num atraso cultural, utilizando as conclusões do I Congresso de Arquitetura como argumentos a favor da causa: “Que se considere que, nem os arquitetos prestam bom serviço à Nação quando, ao construírem edifícios novos, com processos e materiais novos, dão às suas conceções uma expressão plástica que não traduz os ideais artísticos e as possibilidades técnicas dos nossos dias, nem a nação aproveita inteiramente a colaboração que os arquitetos podem dar ao progresso do País se lhes for cerceada a capacidade criadora”[7].

No ano letivo 1950/1951, Carlos Ramos convida quatro jovem arquitetos para ingressar no corpo docente da EBAP, com intenções de garantir uma maior aproximação com o trabalho dos alunos. O convite é direcionado a: Mário Bonito, para o 2º ano, José Carlos Loureiro, para o 3º ano, Fernando Távora, para



09. Delfim Amorim com a sua família
ca. 1947
© BMRP

6. Aa. Vv. – Intercâmbio profissional. Arquitectura. Revista de arte e construção. Ano XX, 2ª série, nº 19 (janeiro 1948). Pp. 5-6.
7. Aa. Vv. – Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da Câmara Municipal acerca da imposição dum estilo às novas edificações. In *Arquitectura*. Ano XXII, 2ª série, nº 32 (agosto/setembro 1949). Pp. 2-3.



1. Adalberto Dias, 2. Rui Pimentel, 3. João Andresen, 4. Mário Bonito, 5. Fernando Lanhas, 6. Viana de Lima, 7. José Carlos Loureiro, 8. Luis Amaral, **9. Delfim Amorim**, 10. Carlos Lameiro, 11. João Tinoco, 12. Luis Oliveira Martins, 13. Guilherme Corte-Real, 14. Cassiano Barbosa, 15. António Corte-Real, 16. Arménio Losa, 17. Diretor do Ateneu Comercial do Porto, 18. António Veloso, 19. Eugénio Alves de Sousa



10. ODAM: Organização dos Arquitetos Modernos – Fotografia de grupo na inauguração da exposição no Ateneu Comercial do Porto, em 1951.
Delfim Amorim identificado a vermelho.
© Cassiano Barbosa. Intervencionado pelo Autor.



11. Delfim Amorim (no canto inferior esquerdo) numa viagem com amigos – Fernando Barbosa (autor da fotografia), Alberto Eiras e Manuel Santos
Serra do Gerês, julho de 1950
© Espólio de Fernando Barbosa – BMRP

o 4º ano, e Delfim Amorim, para o Curso Superior,ficando como professor-assistente da disciplina de Grandes Composições de Arquitetura[8].

No ano de 1951, participa na exposição organizada pela ODAM no Ateneu Comercial do Porto, onde além de proferir a conferência *A Arquitetura de Hoje*, expõe também os projetos relativos à casa do Dr. António Rocha (1948), em Guimarães, à casa para o Prof. Dimas (1950), em Aver-o-Mar, Póvoa de Varzim, e um projeto não-construído para uma piscina na mesma cidade, cujos desenhos não nos foi possível localizar[9].

No verão, faz uma viagem para acampar na Serra do Gerês **(11)** com Fernando Barbosa, Manuel Alves dos Santos e Alberto Eiras[10] – amigos da Póvoa de Varzim. Alberto Eiras relata momentos dessa viagem, em que falam abertamente de política, de religião e do futuro. Amorim é reconhecido como um elemento aglutinador de todo o grupo, e que, apesar do seu posicionamento político ideologicamente de esquerda e reativo contra o Regime, consegue conviver pacificamente com Fernando Barbosa, assumidamente mais conservador. Eiras recorda o momento em que, no meio da serra, Amorim desenha com a ponta de uma navalha uma foice e um martelo na casca de uma árvore.

Amorim teve uma personalidade ativa, reacionária e de vanguarda. A luta pela defesa da arquitetura moderna no Portugal salazarista é uma constante nos seus projetos e na sua forma de fazer e de pensar a arquitetura. Os seus textos desse período iniciático mostram já uma grande maturidade e uma vontade de construção de um caminho, em nada compatível com a censura e com as implicações de um estilo nacionalista.

Em 1951 a carreira de Delfim Amorim parecia promissora: desde o fim do curso, em 1943, já tinha licenciado cerca de 50 projetos, e a partir de 1946 as encomendas começaram a vir de fora da Póvoa de Varzim, com especial número para clientes do Porto. Além disso, fazia parte do corpo docente da EBAP, o que sublinhava o seu prestígio não só enquanto profissional, mas também enquanto docente. A sua participação ativa no grupo da ODAM, juntamente com Cassiano Barbosa (com quem manteve uma longa relação de amizade), Arménio Losa, Adalberto Gonçalves Dias, Fernando Távora, Mário Bonito ou José Carlos Loureiro, torna possível imaginar que Amorim se tornaria, tal como eles, um nome incontornável no que diz respeito ao Movimento Moderno Português.

Delfim Amorim não era, no entanto, um bom gestor financeiro. Segundo fontes familiares, o arquiteto, que há época era casado e tinha três filhos, nem sempre conseguia obter rendimentos que lhe permitisse proporcionar uma vida confortável à sua família.

8. Após a ida de Amorim para o Brasil, Agostinho Ricca ingressa a equipa, assumindo o 2º ano, e passando M. Bonito para o Curso Superior. RIBEIRO, Hélder Casal – A experimentação do Moderno na obra de Mário Bonito. Um processo de Desenho dos anos 40 a 60. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012. P. 58.

9. BARBOSA, Cassiano – *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos. Porto 1947-1952.* 1ª edição. Porto: Edições Asa, 1972. P. 125.

10. Relatos dados pelo Sr. Alberto Eiras [19??] em entrevista no dia 16 de janeiro de 2023.

Face a todos estes impasses, por um lado económicos, por outro ideológicos, que não lhe permitiam desenvolver o seu trabalho como queria, decide emigrar para o Brasil com a sua mulher, Maria da Graça do Eirado Morim[11], e com os seus três filhos, Dora, Sérgio e Jorge. Escolhe a cidade do Recife, capital do estado do Pernambuco, onde teria não apenas o seu irmão Serafim, mas também uma forte colónia de emigrantes portugueses, do norte do país, que viriam a acolhê-lo e a ajudá-lo nos primeiros momentos da mudança. No Brasil vai ter mais dois filhos, Ceci e Luiz.

Chega de avião ao Recife no dia 24 de dezembro de 1951, aos 34 anos de idade.

Delfim Amorim encontra um país em que a arquitetura moderna já estava consolidada. Do Brasil haviam-lhe chegado informações sobre as experiências modernas, publicadas em artigos da revista *Arquitectura*. A obra de arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer ou Afonso Reidy era largamente difundida e apreciada pela crítica internacional[12], tendo Amorim chegado ao Brasil num momento em que o país se preparava (mesmo sem o saber) para a construção de Brasília, iniciada em 1957, e que veio comprovar o alinhamento do país na crença de que a Arquitetura Moderna era o espelho da contemporaneidade.

A cidade do Recife, no estado do Pernambuco, era também palco de uma produção arquitetónica de relevo, ainda que não tão divulgada como as escolas do Rio de Janeiro ou de São Paulo. A figura de Luiz Nunes[13] [1909-1937] **(13)**, arquiteto com obra construída maioritariamente nos anos 1930, foi crucial na introdução da modernidade naquele território, papel que será, anos mais tarde, encabeçado não só por Delfim Amorim, mas também por um conjunto de arquitetos que chegam à cidade por volta da mesma altura, como Mário Russo, arquiteto racionalista italiano, e Acácio Gil Borsoi, arquiteto carioca, com quem Amorim irá trabalhar.

Talvez pela sua (ainda que curta) experiência pedagógica no Porto, Delfim é convidado por Borsoi para integrar a Escola de Belas Artes do Recife, como seu assistente na disciplina de "Pequenas Composições", até 1955, ano em que assume a regência da disciplina[14].

É em território brasileiro que Amorim desenvolve e aperfeiçoa a sua produção arquitetónica, tendo começado, logo em 1952, a projetar com maior liberdade formal, assimilando as formas da arquitetura moderna brasileira, sintetizando a linguagem europeia que trazia consigo dos anos de formação no Porto, e adaptando-se às especificidades do território, em especial, ao clima.

Em 1956 naturaliza-se brasileiro e em 1957 viaja pela



12. Delfim Amorim no Brasil
s/ data
© BMRP



13. Caixa de água
Olinda
Luis Nunes, 1934
Fotografia de G. E. Kidder Smith
© *Brazil Builds*

11. Com quem havia casado a 25 de agosto de 1939.
12. ex. *Brazil Builds*, publicado em 1943 pelo MOMA, tendo tido grande impacto na Europa e no mundo.
13. BRUAND, Yves – 4. Luis Nunes e o movimento do Recife. In *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1997. P. 77.
14. AMORIM, Luiz [et al.] – *Delfim Amorim Arquiteto*. 2ª edição. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Pernambuco, 1991. P. 16.



MODELO S. C. 139

57 41835 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 210932

FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Maritima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso DELFIM FERNANDES AMORIM

Admitido em território nacional em caráter Temporário (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 7º letra A do decreto-lei n.º 7967, de 1945

Lugar e data de nascimento P.de Varzim,2 / Abril / 1917

Nacionalidade Portuguêsa Estado civil casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Antônio Fernandes Amorim e Joaquina Gomes Bouça Nova Profissão Arquitecto

Residência no país de origem Póvoa de Varzim

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS			

Passaporte n. 7274/51 expedido pelas autoridades de Govêrno Civil do Porto na data 27 de Novembro 1951

visado sob n. 14375

ASSINATURA DO PORTADOR:

Delfim Fernandes Amorim

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida á máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

210932

SÊLO CONSU

Consulado Geral do Brasil no Porto,

de 19 DEZ 1951 de 195

O CÔNSUL:

14. Ficha consular de qualificação de Delfim Amorim
09 de dezembro de 1951
© A-JR

única vez a Portugal[15], vindo acompanhar uma turma de alunos numa viagem pela Europa. Tanto quanto se sabe, volta à Póvoa de Varzim, onde se encontra com Alberto Eiras[16].

Amorim era reconhecido pelo seu conhecimento técnico e pela atenção que depositava na pormenorização e no detalhe. É descrito, pelos seus ex-alunos, como uma figura tímida e fechada, ao mesmo tempo que culta e exigente. A máxima "a plástica é o resultado da técnica e da função" estava sempre presente nas suas aulas[17]. O seu conhecimento não estava limitado à arquitetura contemporânea, mas também à História da Arquitetura, tendo contribuído variadas vezes com pareceres para o Serviço Federal de Proteção aos Monumentos Nacionais[18].

A sua produção brasileira é extensíssima e bastante importante na caracterização da cidade do Recife, sendo responsável, juntamente com Borsoi, pela renovação urbana e arquitetónica da cidade, além do importante papel que ambos tiveram enquanto pedagogos, formando toda uma geração de jovens arquitetos pernambucanos nas décadas de 1950 e de 1960[19].

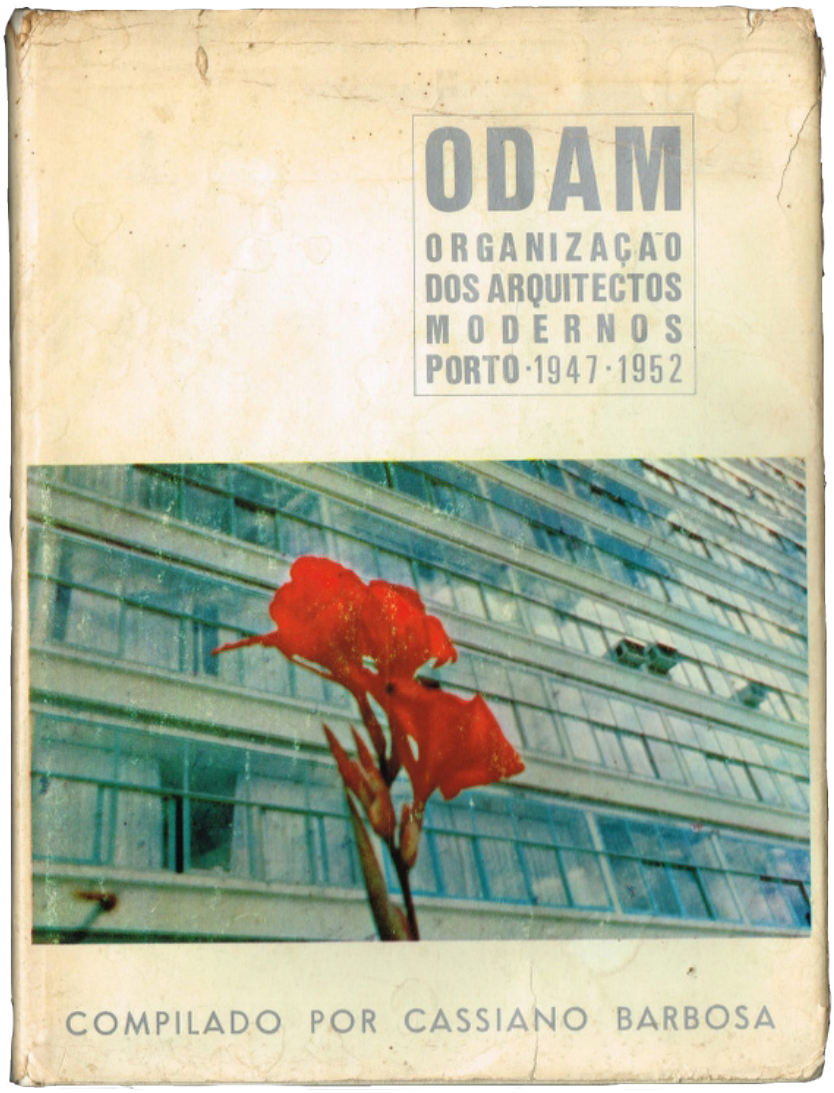
Em Portugal, a obra que Amorim desenvolve do outro lado do Atlântico é observada, tanto quanto possível, pelos seus contemporâneos. De facto, Delfim não foi o único que, em algum momento da sua carreira abandonou Portugal para procurar noutras latitudes, na maioria dos casos mais abertas ao pensamento moderno, um lugar onde pudesse desenvolver uma pesquisa formal e teórica que não seria possível em território português. Em 1971, Cassiano Barbosa organizava o volume dedicado à ação da ODAM. Barbosa chega até a pedir, por carta, a Amorim uma cópia da sua conferência *A Arquitetura de Hoje*, para que ela também ficasse reunida juntamente com as restantes palestras proferidas por outros membros da organização[20]. O livro foi publicado já após a morte de Amorim, a quem é dedicado **(14)**.

Delfim Amorim sofria de paramiloidose, doença que lhe vai retirar grande parte da locomoção nos últimos anos de vida. A dedicação que colocava no seu trabalho levou a que a própria direção da Faculdade de Arquitetura, onde era professor desde a formação desta instituição, reservasse um escritório onde Amorim pudesse realizar a sua prática profissional, ao mesmo tempo que continuava a dar acompanhamento aos seus alunos.

Amorim viveu quase toda a sua vida sob a égide de regimes ditatoriais e autocráticos, mantendo-se sempre fiel aos seus valores de liberdade e de inovação, que defendeu não apenas na sua produção profissional, mas também na sua ação pública enquanto intelectual e pensador.

Morre no dia dez de abril de 1972, aos 55 anos.

15. AMORIM, Luiz [et al.] – op. cit.
16. Relatos dados pelo Sr. Alberto Eiras [19??] em entrevista no dia 16 de janeiro de 2023.
17. AFONSO, Alcilia – 4.3 Delfim Amorim. In La consolidación de la arquitectura moderna en Recife de los años 50. Barcelona: ETSAB/ UPC, 2006. Pp. 267-309. Tese doutoral. P.281.
18. AMORIM, Luiz [et al.] – op. cit.
19. RODRIGUES, Inês Lima – Cuando la vivienda colectiva era moderna. Desde Portugal a otros países de expresión portuguesa. 1948-1978. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2014. Tese doutoral. P. 272.
20. Carta de Cassiano Barbosa a Delfim Amorim, de 13 de dezembro de 1971, presente no Arquivo da BMRP. Na versão final do livro, a conferência proferida por Amorim não está presente.



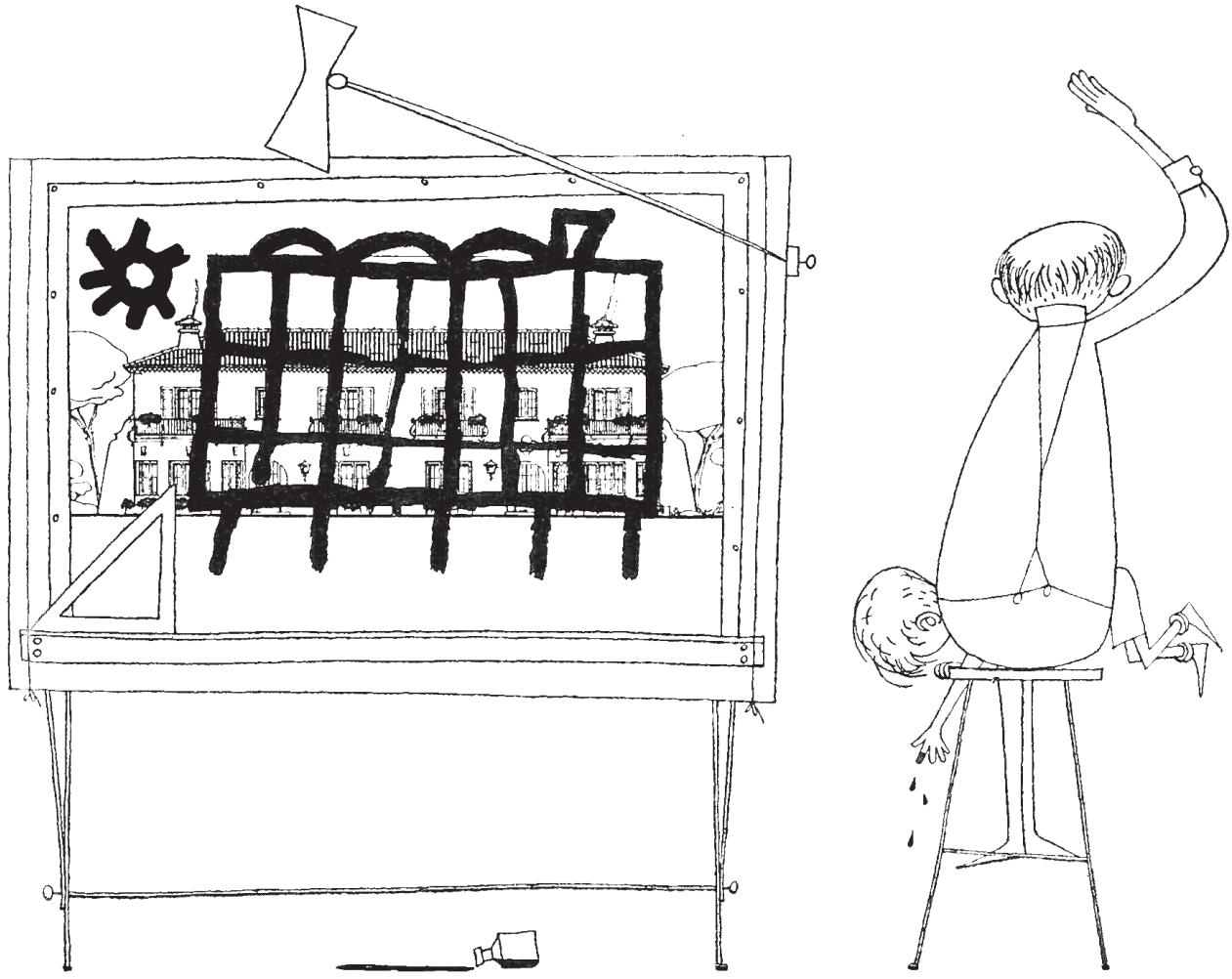
14. ***ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos. Porto. 1947-1952***
Capa com fotografia do Edifício Acaiaca, no Recife, da autoria de Delfim Amorim (1957)

A arquitetura moderna é qualquer coisa que pressupõe a ideia de negação, não do passado, mas das impossibilidades que esse passado enfrentava para satisfazer as necessidades do homem.

A Arquitetura de Hoje
Delfim Fernandes Amorim, 1951

Castigar a modernidade
Ilustração de João Abel Manta
Arquitectura, nº 43 (agosto 1952)

03





Registado com o N.º 231
L.º 1 - Pág. 53

REPÚBLICA PORTUGUÊSA

ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO

DIPLOMA DE ARQUITECTO

Joaquim Francisco Lopes, Sub-Director da Escola de Belas Artes do Porto, faz saber que DELFIM FERNANDES DE AMORIM, filho de António Fernandes Amorim, natural da freguesia de Amorim, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto, tendo satisfeito as provas do concurso para a obtenção do "Diploma de Arquitecto", nos termos do Decreto N.º 26.347, de 11 de Fevereiro de 1936, foi pelo respectivo júri aprovado com a classificação de DEZOITO VALORES (DISTINTO).

Pelo que, em conformidade com o artigo 46.º do Decreto N.º 19.760, de 20 de Maio de 1931, lhe é conferido o DIPLOMA DE ARQUITECTO.

ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO, 10 de Julho de 1947.

O Sub-Director,
a/ Joaquim Francisco Lopes

O Professor interino da 4.ª Cadeira-Arquitectura,
a/ Júlio José de Brito

Pelo O Secretário,
a/ José Ivaristo Lima

01. Diploma de Arquiteto
Delfim Fernandes Amorim, EBAP
1947
© A-FBAUP

03 A minha casa

Em maio de 1947 Delfim Fernandes Amorim apresenta o seu projeto para o CODA intitulado *A minha casa*, no qual obtém a classificação de 18 valores[1] **(01)**. Este projeto, necessário para a conclusão do curso de arquitetura, acontece após três anos de prática profissional liberal, sob a orientação do arquiteto António Fortunado de Matos Cabral, do escritório *ARS Arquitectos*. Durante esse período, Amorim projeta maioritariamente para a sua cidade natal, associado desde o início ao engenheiro Armando Ferreira Areias, natural de Famalicão.

No seu projeto para o CODA Delfim Amorim propõe-se desenvolver "duas conceções técnicas para resolução do mesmo tema"[2], ou seja, projetar duas soluções alternativas para um terreno, comprometendo-se a cumprir em ambas as mesmas premissas programáticas, focando-se na "posição do Arquiteto perante os materiais de construção e sua bagagem técnica"[3], alterando deste modo o método construtivo nas duas soluções, sem com isso deixar de visar "o objetivo de colher dos dois trabalhos duas obras de arquitetura moderna"[4].

Para o efeito, escolhe um lote com caraterísticas aparentemente suburbanas, localizado no Pinhal de Moreira da Maia, ao longo da Estrada Nacional Porto-Póvoa de Varzim[5]. Mais sobre o local exato não é descrito, não nos sendo possível identificar com exatidão onde se localizaria o projeto. A própria topografia do terreno parece ser secundarizada na caracterização de cada uma das soluções, à exceção de um afloramento rochoso que adquire um papel relevante numa delas.

Tendo como preocupação principal a exploração da técnica e do método construtivo e em como esta se manifesta na solução arquitetónica, Amorim escolhe um programa simples, relacionável e pertinente: um "problema quotidiano – a casa de habitação"[6]. Esta escolha é justificada por se tratar de um problema que não se sobrepõe à principal intenção do arquiteto, fundada na noção de que o projeto deveria refletir a posição do profissional face ao material de construção que escolhe empregar, fazendo corresponder a cada material um conhecimento técnico específico. Para Delfim, é bem claro que a *plástica* da solução é infuenciada pelos materiais e pela técnica. Na Memória Descritiva explica que a "expressão de arte" de uma obra não existe desassociada de uma "interpretação e satisfação concreta do problema social do seu tempo"[7].

1. Aa.Vv. – E.S.B.A.P.: Um património de arquitectura. 1940-1967, da instituição, da arquitectura. *Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto. Número 0 (outubro 1987). P. 11.
2. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.
3. Ibidem.
4. Ibidem.
5. Delfim Amorim – Programa. *A minha casa*. 1947.
6. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.
7. Ibidem.

Assim, o programa é o resultado da resposta a um problema simples – *o habitar* – e a ausência de um cliente concreto revela a vontade de trabalhar sobre um tema e sobre necessidades de tal forma genéricas que libertem as preocupações do arquiteto no ato de projetar para a questão formal e construtiva da casa, e não para o tratamento de um programa extraordinário. As soluções deveriam ter, desta forma, "sala de estar, sala de jantar, zona de trabalho, cozinha e serviços, quarto de criada e uma zona coberta. Em primeiro andar dois quartos e banho."[8]

Há uma identificação direta entre o autor e o projeto desenvolvido, não só pela apropriação revelada no título (*minha casa*), mas pelo programa de ambas ser um espelho das necessidades de Delfim Amorim à época – ele desenha dois modelos de casa para si,e para a sua família, aproveitando para desenhar também uma sala de trabalho de arquitetura, como é possível identificar pelo mobiliário desenhado em planta para esse espaço.

Há, parece-nos, não só nas parcas palavras que Delfim Amorim usa para justificar o seu projeto, mas em toda a conceção do conjunto, uma crítica ao modo de fazer arquitetura promovida pelo Estado Novo, refém da imagética de arquiteturas do passado e da ideia da *Casa à Antiga Portuguesa*[9], descrita por Fernando Távora também em 1947[10] como a principal responsável pelo atraso do desenvolvimento da arquitetura nacional quando comparada com as experiências já desenvolvidas no restante mundo ocidental.

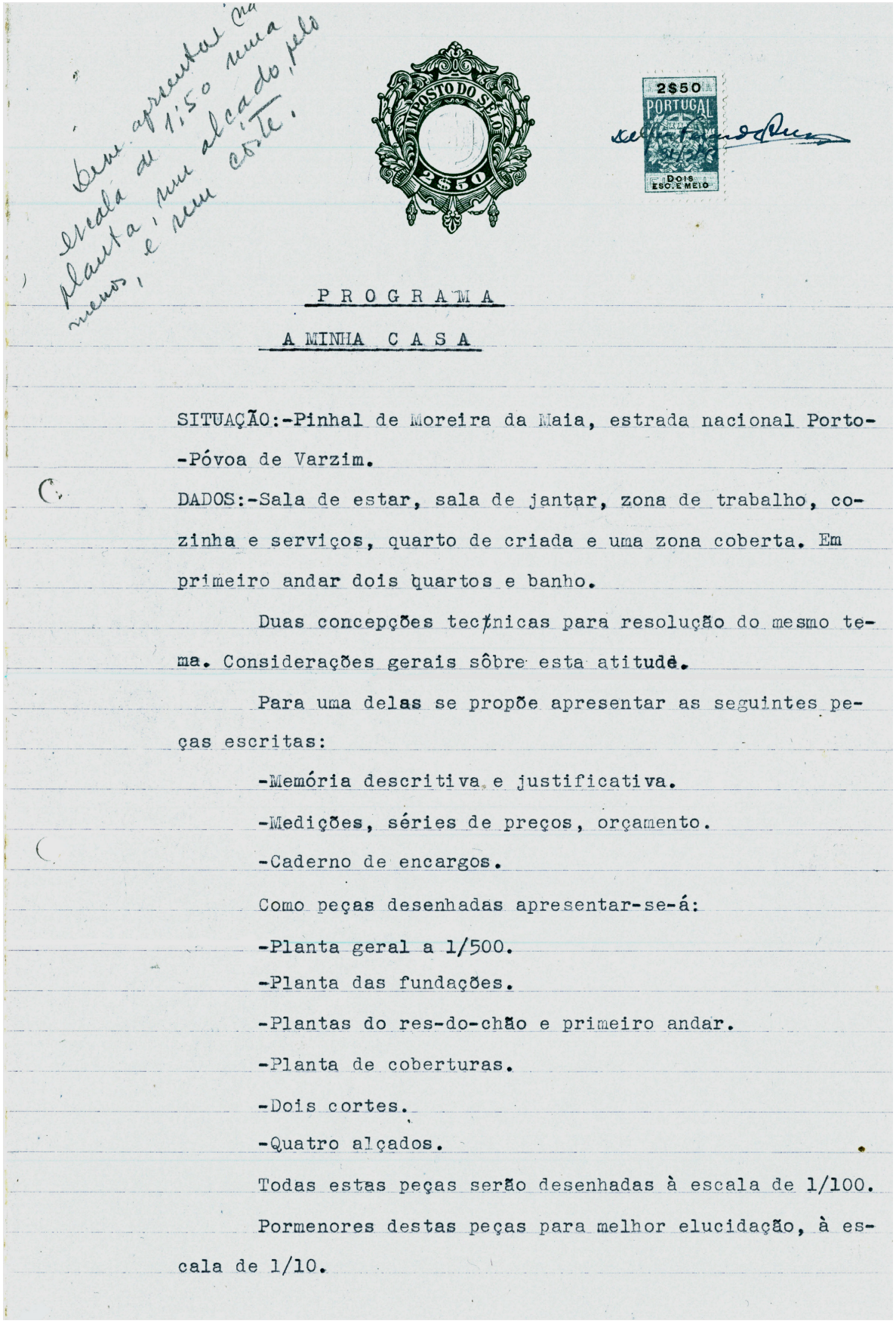
O próprio título escolhido para o CODA, *A minha casa*, não é certamente inocente. Há uma relação direta com o título de Raul Lino *A Nossa Casa*[11] **(02)**, publicado pela primeira vez em 1918. Este livro, largamente conhecido e cujo conteúdo agradava ao Regime, aborda a problemática do projeto da casa moderna, através de uma narrativa centrada no "percurso do projeto de uma casa – expondo um método moderno de projeto –, e um manual de preceitos edificatórios, desde a implantação à materialização construtiva da obra."[12]

A vontade de Amorim com a elaboração do CODA é, em certo sentido, a mesma: apresentar de forma direta e sem pruridos duas formas de resolver o mesmo problema, sem descurar a modernidade e o seu alinhamento com a contemporaneidade; ainda que de forma muito direta repudie totalmente os estilismos e maneirismos que as obras de Raul Lino materializam. Delfim Amorim lança logo no início da Memória Descritiva a frase que resume e dá mote ao seu projeto e método de pensamento: "A aplicação de conhecimentos técnicos adquiridos por uma constante contribuição do espírito científico, no domínio da construção, conduz-nos a resultados novos, que poderão



02. *A Nossa Casa*
Raul Lino, 1918
Capa

8. Delfim Amorim – Programa. *A minha casa*. 1947. **(03)**
9. "(…) um tipo de casa, com certas características próprias, certo amaneiramento e doçura de formas, grande quantidade de pormenores inúteis de que resulta um excessivo pitoresco, um completa ausência de dignidade e nenhuma noção das realidades do nosso mundo." Fernando Távora – *O problema da casa portuguesa*. Cadernos de Arquitectura, nº 1. Lisboa, 1947.
10. "O problema da casa portuguesa" foi originalmente escrito por Fernando Távora em 1945 para o Semanário ALÈO, sendo posteriormente aumentado e republicado em 1947 na publicação dos Cadernos de Arquitectura.
11. Título completo: *A Nossa Casa: Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*.
12. OLIVEIRA, Carla Garrido – *De 'A Nossa Casa' a 'Casas Portuguesas': Raul Lino entre livros, entre modos, entre modernos europeus*. Celebrando a Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino. Antologia de Ensaios. 2018. P. 154.



bem apresentada
escala de 1:50 uma
planta, um alçado, pelo
menos, e bem cotada.

IMPOSTO DO SELO 2$50

2$50 PORTUGAL DOIS ESC. E MEIO

PROGRAMA

A MINHA CASA

SITUAÇÃO:-Pinhal de Moreira da Maia, estrada nacional Porto--Póvoa de Varzim.

DADOS:-Sala de estar, sala de jantar, zona de trabalho, cozinha e serviços, quarto de criada e uma zona coberta. Em primeiro andar dois quartos e banho.

Duas concepções tecnicas para resolução do mesmo tema. Considerações gerais sôbre esta atitude.

Para uma delas se propõe apresentar as seguintes peças escritas:

-Memória descritiva e justificativa.

-Medições, séries de preços, orçamento.

-Caderno de encargos.

Como peças desenhadas apresentar-se-á:

-Planta geral a 1/500.

-Planta das fundações.

-Plantas do res-do-chão e primeiro andar.

-Planta de coberturas.

-Dois cortes.

-Quatro alçados.

Todas estas peças serão desenhadas à escala de 1/100.

Pormenores destas peças para melhor elucidação, à escala de 1/10.

03. Programa. *A minha casa*
Delfim Fernandes Amorim, 1947
Processo individual de aluno
© A-FBAUP

constituir para o Arquiteto, verdadeira matéria plástica”[13].

Segundo Amorim, as duas soluções desenvolvidas surgem de um mesmo “espírito de vontade” , na medida em que o resultado esperado seriam sempre duas obras de arquitetura moderna, independentemente da forma e do método construtivo aplicado em cada uma. Resultam, no final, duas soluções bastante diferentes, quiçá talvez antagónicas, mas ambas fruto do mesmo ímpeto e das mesmas condições sociais e temporais, tentando resolver as mesmas “necessidades intelectuais, espirituais e físicas”[14].

O arquiteto utiliza a Memória Descritiva **(05)** para de forma muito sucinta dar notícia das propostas que desenvolveu, limitando-se a referir vagamente o método construtivo aplicado a cada uma, considerando os desenhos que entrega “bastante elucidativos”[15].

A primeira, a solução A, é-nos descrita como “mais próxima da construção vulgarizada entre nós”[16], por recorrer a técnicas construtivas vernaculares, como as paredes de alvenaria de pedra, a cobertura inclinada em madeira do telhado e as caixilharias também em madeira. Delfim Amorim afasta-se de posições mais tradicionalistas, salvaguardando que estudou a solução de modo “a tirar partido dos seus elementos componentes, por um critério sensato e não por mera especulação romântica ou tradicional dos materiais empregados”[17], o que, por outras palavras, quer afirmar que a sua vontade de *ser moderno* e de fazer arquitetura moderna não é castrada por utilizar técnicas mais vernaculares e tradicionais, associadas a um tipo de construção e a um *gosto*.

A solução B é desenvolvida explorando sistemas construtivos de vanguarda à época. O betão armado é visto por Amorim como reflexo da contemporaneidade, conseguindo “satisfazer melhor as necessidades e anseios do homem de hoje”[18].

O projeto segue noções de estandardização, de construção a seco e de aplicação de estruturas independentes, sendo, segundo Delfim, que “nunca no nosso país foi edificada”[19] tal construção. Esta afirmação do arquiteto é um tanto exagerada, na medida em que, pelo menos a nível plástico e compositivo, já o arquiteto Viana de Lima tinha projetado, por exemplo em 1940, a Casa Cortez **(04)**, no Porto, entretanto demolida. A casa, assumidamente *Lecorbusiana*, rompe propositadamente com o conservadorismo nacional e, surpreendentemente, passa à censura. Amorim teria com certeza conhecimento desta obra. Ainda assim, a sua proposta para o CODA inova pela introdução de questões como a estandardização aplicadas ao desenho das caixilharias, quer interiores quer exteriores – soluções mais vanguardistas que a própria indústria portuguesa da década



04. Casa Cortez
Porto
A. Viana de Lima, 1940
Fotografia de Mário Novais
© Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian

13. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.
14. Ibidem.
15. Ibidem.
16. Ibidem.
17. Ibidem.
18. Ibidem.
19. Ibidem.

CONCURSO PARA OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE ARQUITECTO

A MINHA CASA

MEMÓRIA DESCRITIVA

A aplicação de conhecimentos técnicos adquiridos por uma constante contribuição do espírito cientifico, no domínio da construção, conduz-nos a resultados novos, que podem constituir para o Arquitecto, verdadeira matéria plástica. A expressão de arte não surgirá todavia sem uma interpretação e satisfação concreta do problema social do seu tempo, o que equivale a dizer, das necessidades intelectuais, espirituais e físicas do homem presente.

No trabalho que submeto à apreciação do Exmo. Júri, pretendo apenas, num sentido menos lato, insistir na posição do Arquitecto perante os materiais de construção e sua bagagem técnica, na realização dum problema quotidiano - a casa de habitação. Limitando-me apenas a essa posição, me propuz apresentar, duas interpretações do mesmo problema, visando o objectivo de colher dos dois trabalhos duas obras de arquitectura moderna.

Ao contrário do que é opinião corrente, qualquer que seja o material à disposição do Arquitecto, êle pode realizar uma obra de arquitectura de hôje, o que para tanto bastará ter presente os principios atraz esboçados.

Os dois projectos em questão são nascidos do mesmo espírito de vontade, muito embora se vislumbre que o aparecimento dum material como o cimento armado, venha abrir imensas possibilidades no campo da construção.

A solução "A" mais próxima da construção vulgarizada entre nós, foi contudo estudada de forma a tirar partido estético dos seus elementos componentes, por um critério sensato e não por méra especulação romantica ou tradicional dos materiais empregados.

A solução "B" que, creio, nunca no nosso país foi edificada, corresponde já ao domínio do cimento armado, francamente capaz de satisfazer melhor as necessidades e anceios do homem de hôje. Aqui, foram tomadas em consideração os principios correctos duma construção dessa natureza tais como estandardização de elementos construtivos, estructuras independentes, plantas livres, construção a sêco, etc.

Considerando os projectos bastante elucidativos, acho desnecessário descrever o meu trabalho, tendo apenas reservado êste lugar àquelas considerações gerais já enunciadas.

Pôrto, 31 de Maio de 1947

O Candidato

Delfim Fernandes Amorim

05. Memória Descritiva. ***A minha casa***
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP

de 1940, que não estaria tão desenvolvida para conseguir dar resposta às soluções ensaiadas pelo arquiteto.

A Memória Descritiva, curta e sucinta, introduz-nos à realidade do CODA. São lançadas as premissas que guiaram o arquiteto não só na construção deste projeto mas também na criação de uma linha de pensamento que Delfim Amorim vem a construir desde o início do seu percurso profissional.

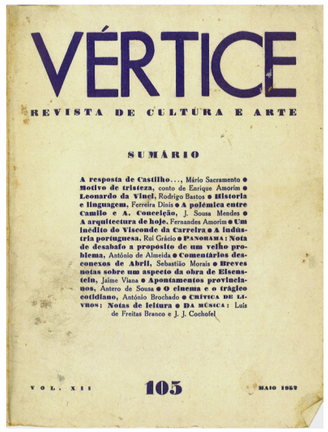
Em 1951, já enquanto membro da ODAM, profere a conferência intitulada *A Arquitetura de Hoje*[20] (VAD-p.214), por ocasião da Exposição de Arquitetura organizada pela Organização no Ateneu Comercial do Porto, e mais tarde publicada integralmente na revista *Vértice*[21] **(06)**, de Coimbra.

Delfim preferia, genericamente, a expressão "arquitetura de hoje" à expressão "arquitetura moderna", pois, segundo o autor, "toda a arquitetura foi moderna"[22]. Já na memória descritiva de *A minha casa*, Amorim fala sobre a vontade de "realizar uma obra de arquitetura de hoje"[23] que servisse as "necessidades e anseios do homem de hoje"[24]. O arquiteto posiciona-se na frente da atualidade, mostrando que é através da atualização dos "conhecimentos técnicos" e do "domínio da construção"[25] que será possível produzir obras de arquitetura relevantes.

Referindo-se à arquitetura realizada entre 1920 e 1950, o arquiteto reconhece que esta é movida por um "espírito irreprimível"[26], aliada aos avanços científicos, tecnológicos, artísticos e sociais iniciados desde o final do século XIX, e que os avanços e a mudança são inevitáveis. Para ele, o ser-se *moderno* está sempre relacionado com "um sentido de aquisição e contribuição, de ultrapassagem"[27]. O conhecimento da técnica e das mais recentes inovações no campo tecnológico são vistas por Delfim como pontos fulcrais na caracterização de uma obra de arquitetura, estando "ligadas intimamente à formação de um estilo"[28].

Neste texto, Amorim tem bem presente o que é para si a arquitetura, senão "uma ciência e […] uma arte"[29]. A expressão arquitetónica define o momento em que é idealizada, aspirando ser a síntese das "conquistas do homem".

É possível reconhecer o alinhamento de Amorim tanto com a tradição clássica, fruto da sua formação académica na EBAP, fazendo referência à tríade vitruviana ("a obra de arquitetura surge sempre com uma finalidade – a função; materializa-se num sistema rígido – a estrutura, a que o temperamento do artista, sob a influência do meio dá a forma: Função, Estrutura e Forma"[30]), como a sua proximidade às pesquisas realizadas por autores estrangeiros, quer seja Le Corbusier (figura cujo trabalho influenciou em muito a produção de *A minha casa*, como iremos analisar), quer seja Marcel Lods, arquiteto francês, membro dos CIAM, pioneiro na defesa da pré-


VÉRTICE
REVISTA DE CULTURA E ARTE
SUMÁRIO
A resposta de Castilho..., Mário Sacramento • Motivo de tristeza, conto de Enrique Amorim • Leonardo da Vinci, Rodrigo Bastos • Historia e linguagem, Ferreira Dinis • A polémica entre Camilo e A. Conceição, J. Sousa Mendes • A arquitectura de hoje, Fernandes Amorim • Um inédito do Visconde da Carreira • A Indústria portuguesa, Rui Grácio • PANORAMA: Nota de desabafo a propósito de um velho problema, António de Almeida • Comentários desconexos de Abril, Sebastião Morais • Breves notas sobre um aspecto da obra de Eisenstein, Jaime Viana • Apontamentos provincianos, Antero de Sousa • O cinema e o trágico cotidiano, António Bronchado • CRÍTICA DE LIVROS: Notas de leitura • DA MÚSICA: Luís de Freitas Branco e J. J. Cochofel
VOL. XII 105 MAIO 1952

06. Revista *Vértice* nº 105, maio 1952
Capa
© A-JR

20. Delfim Amorim – *A Arquitetura de Hoje* (1951) in AMORIM, Luiz [et al.] *Delfim Amorim Arquiteto*. 2ª edição. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Pernambuco, 1991. Página 21.
21. Texto publicado na revista *Vértice – Revista de Cultura e Arte*, volume XII, nº 105, de maio de 1952.
22. Delfim Amorim – *A Arquitetura de Hoje* (1951) in AMORIM, Luiz [et al.] op.cit.
23. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.
24. Ibidem.
25. Ibidem.
26. Delfim Amorim – *A Arquitetura de Hoje* (1951) in AMORIM, Luiz [et al.] op.cit.
27. Ibidem.
28. Ibidem.
29. Ibidem.
30. Ibidem.

fabricação aplicada à arquitetura.

A proximidade de Amorim com Le Corbusier está patente de forma direta na citação que lhe faz: “E Le Corbusier […] afirma que o volume e a superfície são elementos pelos quais se manifesta a arquitetura – jogo sábio, correto e magnífico dos volumes sob a luz”[31]. Além disso, enumera os mesmos princípios explanados nos *cinco pontos nova arquitetura* quando se refere às novas possibilidades técnicas construtivas:

Fenêtre en longueur e alçado livre: “poderemos […] abrir uma janela sem obstáculos intermédios, com 5, 10 ou 15 metros, onde toda a paisagem e todo o mar participam na nossa vida.”[32]

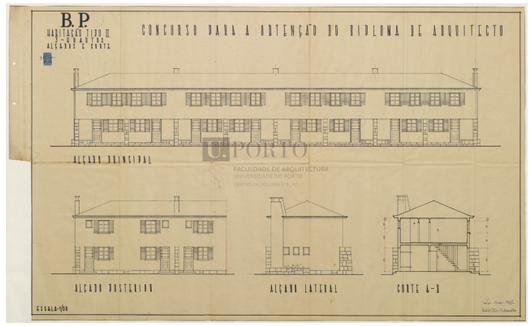
Terraço jardim, pilotis e planta livre: “poderemos ocupar os terraços de jardins suspensos, solários, recuperando o terreno da implantação, poderemos levantar a casa […] numa estrutura rígida de apoios”.[33]

É possível cruzar ainda as palavras de Amorim com o texto de Marcel Breuer "Arquitetura e Material", publicado na revista *Arquitectura,* nº25 de julho de 1948[34], apontado por Edite Rosa por ir "ao encontro do entendimento alargado do Grupo [ODAM] de que as bases da arquitetura moderna não residem nos novos materiais, nem nas novas formas, mas sim na nova mentalidade."[35] Tal como Breuer, Amorim reconhece que o progresso trouxe não só novos materiais, como também permitiu alterar industrialmente os materiais que já existiam. Estão também em sintonia na noção que a modernidade não existe completamente dependente nos novos materiais: "a arquitetura moderna teria existido mesmo sem o cimento armado, o contraplacado ou o linóleo. Teria existido igualmente em pedra, madeira ou tijolo"[36] – tese que Amorim defende na conceção da solução A de *A minha casa*.

Amorim mostra, não só nesta palestra, mas também no seu projeto para o CODA e na sua produção arquitetónica, a sua vontade de contribuir para o movimento moderno de uma forma adaptada ao local, atenta às necessidades do contexto em que se insere, consciente, por um lado, das alterações profundas que a revolução industrial e o progresso tiveram na sociedade (“a máquina […] alterou profundamente os nossos hábitos e as relações humanas”[37]), e por outro lado, da importância da revisão de termos como *regionalismo* e *tradição*. Afirma: “regionalismo deve ser tomado no sentido de integração no conjunto económico e mesológico de um determinado espaço em que as afinidades do clima, distribuição de valores, etc, estabelecem a unidade, a tradição, como interpretação à escala dos nossos dias”[38].

Há nas palavras de Delfim Amorim, em 1951, uma crença no futuro, no progresso e na pertinência da arquitetura moderna como expressão da arte do seu tempo.

31. “Architecture is the masterly, correct and magnificent play of masses brought together in light.” LE CORBUSIER – *Towards a new architecture*. EUA: Dover Publications. P. 29.
32. Delfim Amorim – *A Arquitetura de Hoje* (1951) in AMORIM, Luiz [et al.] op.cit.
33. Ibidem.
34. BREUER, Marcel – Arquitectura e material. *Arquitectura*. Ano XX, 2ª série, n.º 25 (julho 1948). Pp. 9-10.
35. ROSA, Edite – ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, 2005. P. 203.
36. BREUER, Marcel. op. cit.
37. Delfim Amorim – *A Arquitetura de Hoje* (1951) in AMORIM, Luiz [et al.] op.cit.
38. Ibidem.



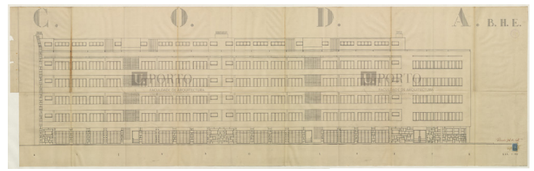
07. Projeto dum bairro para pescadores
Alçados e Corte. s/esc.
Raul Chorão Ramalho
© CD-FAUP



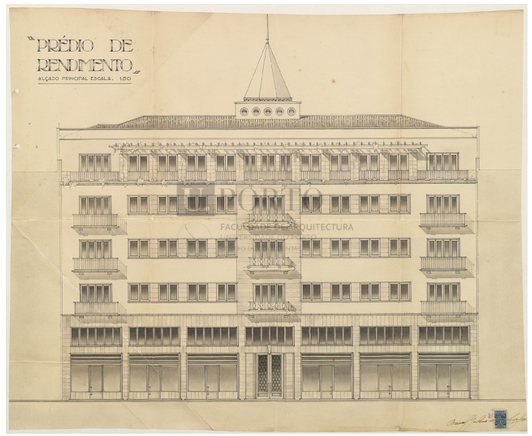
08. Um prédio de rendimento
Alçado Poente. s/esc.
Fernando Barbosa
© CD-FAUP



09. Grupo de 50 casas para pobres
Perspetiva
Manuel Maria Cristóvão Laginha
© CD-FAUP



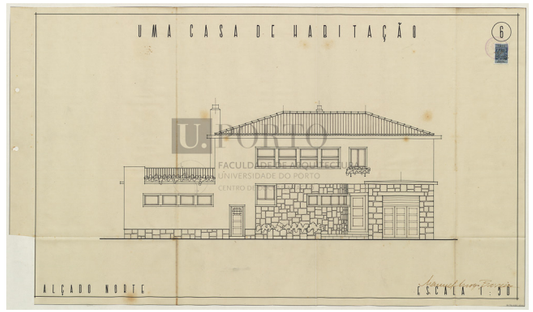
10. Bloco de habitações
Alçado Leste. s/esc.
Ricardo Lemos Gil da Costa
© CD-FAUP



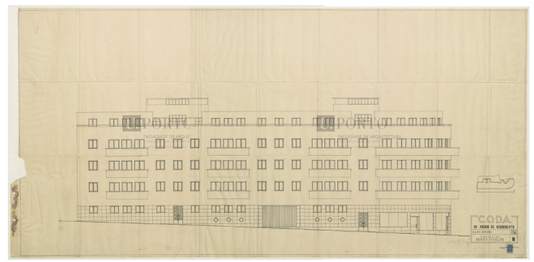
11. Prédio de rendimento
Alçado Principal. s/esc.
Manuel da Silva Rodrigues
© CD-FAUP



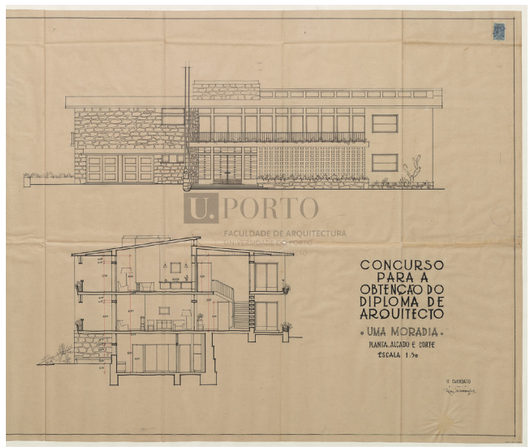
12. Um bloco de habitações para os Açores
Alçado Principal. s/esc.
Francisco Quintanilha
© CD-FAUP



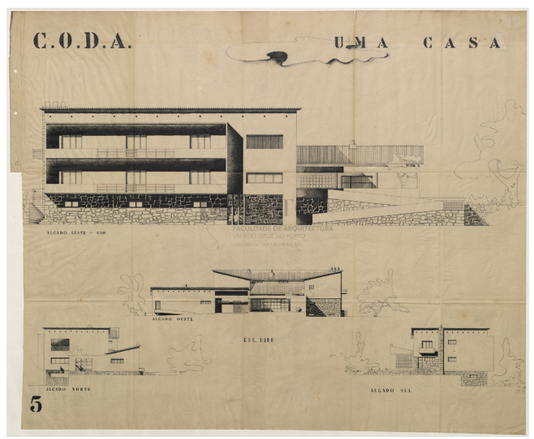
13. Uma casa de habitação
Alçado Norte. s/esc.
Manuel Arroyo Barreira
© CD-FAUP



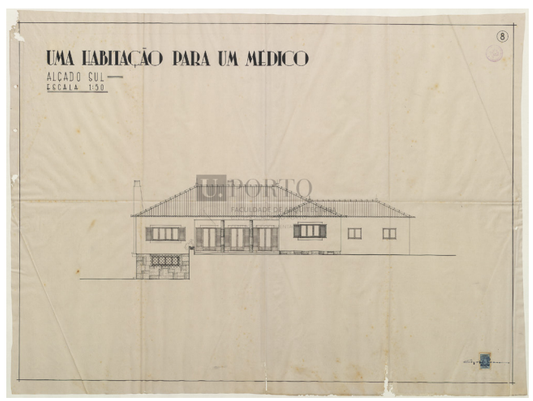
14. Um prédio de rendimento
Alçado Principal. s/esc.
Amândio Pinto Marcelino
© CD-FAUP



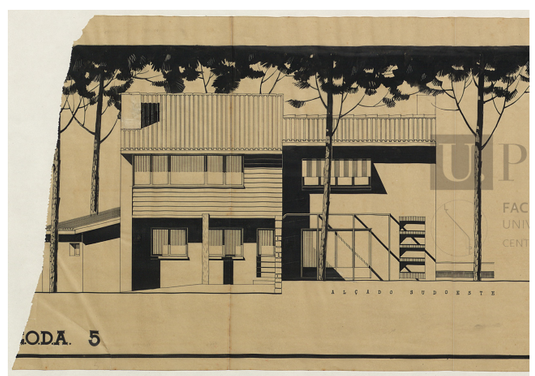
15. Uma moradia
Alçado e Corte. s/esc.
Ruy Jervis d'Athouguia
© CD-FAUP



16. Uma casa de habitação unifamiliar
Alçados. s/esc.
João Henrique de Mello Breyner Andresen
© CD-FAUP



17. Uma habitação para um médico
Alçado Sul. s/esc.
António de Azeredo Leone
© CD-FAUP



18. Uma moradia em Cascais
Alçado Sudoeste. s/esc.
Victor Palla e Carmo
© CD-FAUP

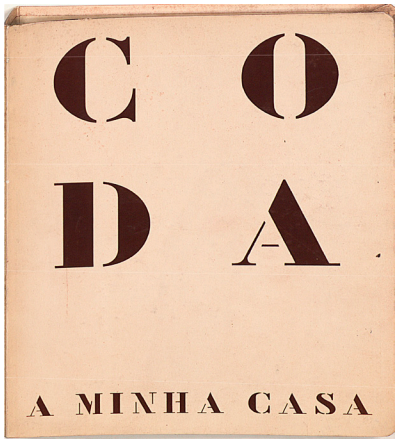
03.1 *A minha casa* no panorama do CODA, 1947

Os projetos desenvolvidos por aspirantes a arquitetos da EBAP no momento de viragem correspondente ao fim da vida académica e ao início da vida profissional, a propósito do Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto, são ao mesmo tempo um espelho e um barómetro da evolução da discussão arquitetónica nacional, tanto ao nível do *gosto*, como da interferência que a influência, ora do regime, ora das vanguardas estrangeiras, tinham em Portugal.

Realizado ininterruptamente entre 1911 e 1973, o CODA era um procedimento académico que concluía a primeira fase de formação na EBAP, após um período de dois anos de estudo técnico, acompanhados por um tutor correspondente a um arquiteto formado. Nele, os estudantes deveriam apresentar um trabalho que consistia, na maioria dos casos, num projeto de arquitetura.

O documento avaliado pelo júri continha, habitualmente, peças escritas – compostas por memória descritiva e justificativa do projeto, mapa de acabamentos, caderno de encargos, caraterização e orçamentação dos materiais e serviços – e peças desenhadas – desde a implantação até aos pormenores em escalas variáveis.

Esta componente formativa deu origem a um reservado conjunto de projetos construídos e a um grande número de projetos não-construídos que são um importante contributo para o estudo dos problemas disciplinares com os quais os arquitetos se debateram ao longo dos 62 anos em que o CODA fez parte do programa avaliativo académico do Porto.



19. A minha casa
Capa
Delfim Fernandes Amorim
© CD-FAUP

A década de 1940 é marcada por um processo transitório, de avanços e recuos, de maior abertura estilística e plástica do Estado Novo, que já vinha a ser notada desde a década de 1930, motivada por uma atualização da "política de espírito", necessária, segundo António Ferro, para garantir o progresso da nação e o desenvolvimento científico e económico. A influência que outros regimes autoritários, como o italiano e o alemão, tiveram na criação de uma linguagem nacionalista e monumental, levou à consolidação de uma arquitetura do regime, resultado da conjugação de um *gosto* beaux-arts estilizado com um modernismo tímido, com referências ao passado histórico e à imagética do regime – como foi ensaiado e materializado na Exposição do Mundo Português **(20)**, realizada em 1940.

Os projetos apresentados em contexto do CODA ao

longo dos anos 40 do século XX demonstram, segundo Eduardo Fernandes[39], uma evolução, predominando projetos de índole "nacionalista para propostas híbridas (que procuram conciliar uma tímida aproximação às linguagens vanguardistas com utilização de materiais tradicionais)"[40].

O professor e arquiteto Carlos Ramos foi uma figura central na abertura da escola a novas linguagens e na promoção da discussão entre os vários modos de entender a tradição vernacular e a modernidade – questão que seria desenvolvida e aprofundada ao longo das décadas seguintes, muito impulsionada também pela realização e publicação do *Inquérito à Arquitetura Popular*, já na década de 1950.

No ano de 1947, pelo que nos é possível apurar junto do Centro de Documentação da FAUP, foram entregues 23 processos para o CODA.

Na sua maioria (13 processos), foram explorados temas relativos à habitação, tanto unifamiliar como plurifamiliar **(07-19)**, enquanto que os restantes (dez) desenvolveram temas relacionados com serviços, como a igreja de António Júnior **(21)**, o cinema de Carlos da Silva Neves **(22)** e o mercado de Jorge Ribeiro de Oliveira **(24)**.

Há uma predominância de soluções que desenvolvem linguagens próximas ao imaginário da *Casa Portuguesa*, recorrendo a elementos típicos da arquitetura vernacular mas elevando-os ao exagero e à "caricatura"[41], combinando-os, em alguns casos, com uma gramática sintetizada de um modernismo europeu, por vezes filtrada através da lente do regime e das grandes obras realizadas nos anos antecedentes quer em Lisboa, quer no Porto.

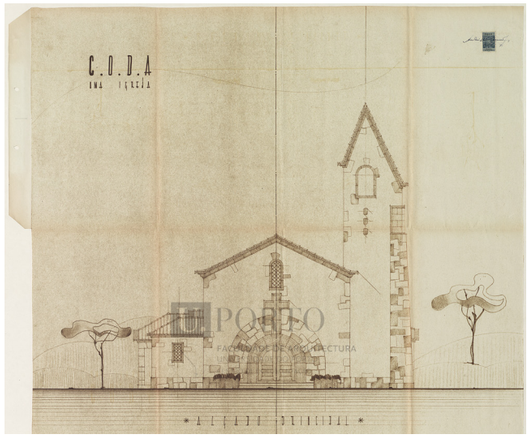
A proposta de Delfim Amorim é, no meio das dos seus colegas, paradigmática no modo como resume e exemplifica a problemática que se colocava aos estudantes e aos arquitetos durante aquela década. A forma decidida e radical com que decide desenvolver um duplo projeto, com soluções alternativas mas equivalentes na resolução de um mesmo programa, focando-se unicamente na técnica construtiva e nos materiais de construção que iria empregar, consciente que tal decisão influenciaria o resultado estético de cada solução, distancia o seu trabalho dos desenvolvidos pelos seus pares. Em ambas as soluções é manifesta a maturidade compositiva e a capacidade de síntese com que aplica conhecimentos técnicos no campo da construção, sintetizando a tradição vernacular com o desenho moderno, mantendo-se afastado da "mera especulação romântica ou tradicional"[42], e aplicando de forma clara as matrizes desenvolvidas por Le Corbusier.

Amorim insiste desta forma na posição central do arquiteto enquanto decisor e responsável pelo domínio das

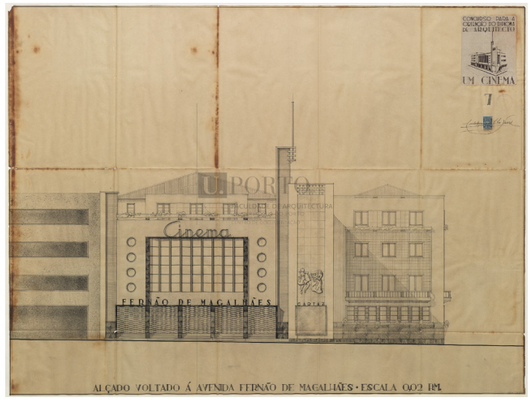


20. Pavilhão de Honra e de Lisboa
Exposição do Mundo Português
1940
Luís Cristino da Silva
Fotografia de Mário Novais
© Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian

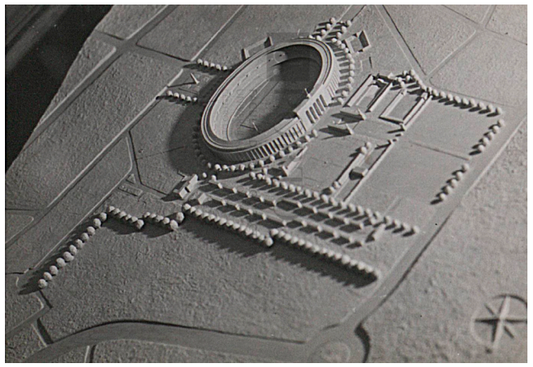
39. FERNANDES, Eduardo – Os CODA da EBAP nos anos 40: das linguagens do Estado Novo à emergência de uma consciência moderna. In *A Conquista Social do Território - Arquitetura e Corportativismo no Estado Novo Português*. 2016. Páginas 39-56.
40. Ibidem.
41. Ibidem.
42. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.



21. Uma igreja matriz
Alçado Principal. s/esc.
António Carneiro Júnior
© CD-FAUP



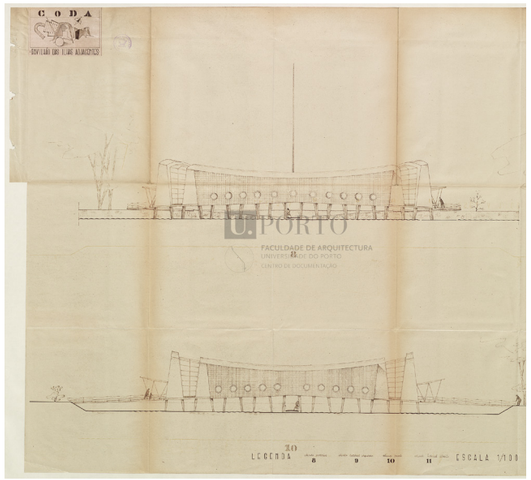
22. Um cinema
Alçado voltado à Av. Fernão de Magalhães. s/esc.
Carlos Henrique da Silva Neves
© CD-FAUP



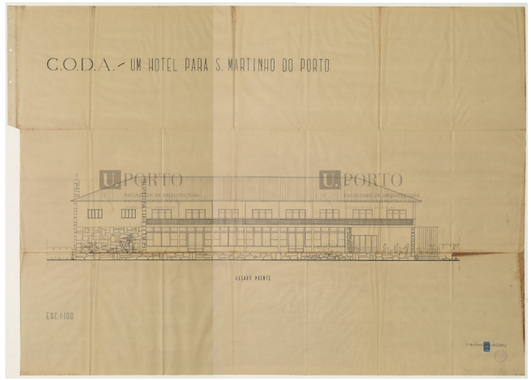
23. Parque desportivo
Fotografia do conjunto
Oldemiro Carneiro
© CD-FAUP



24. Projeto de um mercado municipal
Alçado Principal. s/esc.
Jorge Alberto Ribeiro de Oliveira
© CD-FAUP



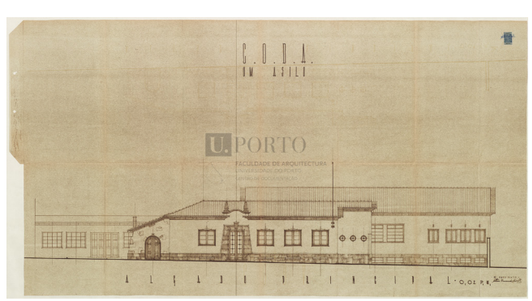
25. Pavilhão das Ilhas Adjacentes
Alçados. s/esc.
Mário Ferreira Bonito
© CD-FAUP



26. Um hotel para S. Martinho do Porto
Alçado Poente. s/esc.
Rogério Burilant de Castro Martins
© CD-FAUP



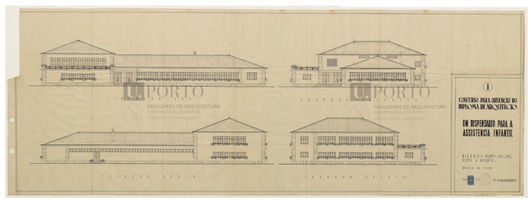
27. Uma escola pré e post-primária
Alçado Principal. s/esc.
Amândio Vaz Pinto do Amaral
© CD-FAUP



28. Asilo e posto anti-sifilítico numa vila transmontana
Alçado Principal. s/esc.
Altino Fernandes de Mora e Silva
© CD-FAUP



29. Agência Caixa Geral de Depósitos
Alçados. s/esc.
Artur Pires Martins
© CD-FAUP



30. Um dispensário para assistência infantil
Alçados. s/esc.
António José de Oliveira Trigo
© CD-FAUP

questões plásticas e compositivas de uma obra, condicionado de forma consciente pelos materiais de construção e pelo método construtivo que decide utilizar.

É também único, entre os restantes 22 colegas, em atribuir ao projeto do CODA um cunho tão pessoal e identitário, intitulando-o, numa forma poética, *A minha casa*: alheia de especificações por parte de clientes reais, além dele próprio, e até ignorando questões topográficas do lote onde decide implantar a habitação, como iremos analisar mais à frente.

Nas propostas submetidas pelos colegas de Amorim, podemos destacar as de Chorão Ramalho **(07)**, Ruy d'Athouguia **(15)**, João Andresen **(16)** e Vitor Palla **(18)** – personalidades que vieram posteriormente a conquistar os seus lugares na História da Arquitetura Portuguesa, e que desenvolveram, cada um à sua medida, importantes obras que ajudaram na consolidação e na divulgação da arquitetura moderna no Portugal salazarista. As suas propostas para o CODA são, no entanto, reféns da arquitetura promovida pelo Estado Novo (especial ênfase para Chorão Ramalho), notando-se o uso generalizado de coberturas inclinadas revestidas a telha e a utilização de alvenaria de pedra à vista conjugada com superfícies rebocadas.



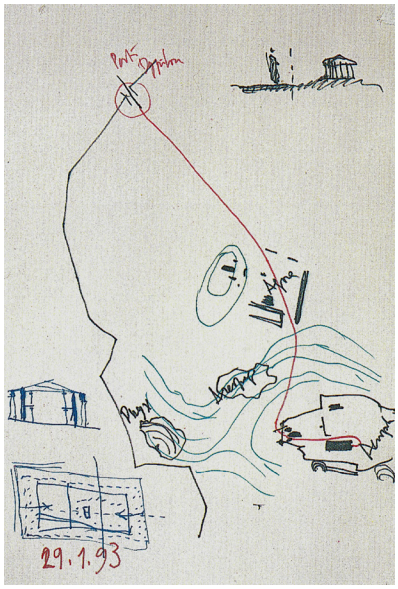
● Solução A ● Solução B

31. Sobreposição das implantações de ambas as soluções

s/ esc.

© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

03.2 A solução dupla



32. Acrópole de Atenas
Fernando Távora, 1993
Desenho de aula do curso de Teoria Geral da Organização do Espaço

O terreno escolhido pelo arquiteto, por ele pouco descrito e detalhado, tem limites um tanto abstratos. Ao analisar as plantas de implantação de ambas as propostas, é possível notar um limite claro a sul, enquanto que a norte o desenho sugere que a propriedade continuaria. As duas soluções implantam-se em posições muito próximas, afastando-se da rua e protegendo-se desta através de um conjunto arbóreo significativo, sugerido pelo desenho. Esta escolha poderá justificar-se devido ao facto da rua, na verdade uma Estrada Nacional, ter uma quantidade de trânsito considerável, escolhendo por isso o arquiteto proporcionar um ambiente mais privado e protegido às duas habitações.

O acesso ao terreno faz-se em ambas as propostas numa zona de inflexão da rua, quase no mesmo ponto para as duas soluções **(31)**. Na versão A, um caminho em linha reta conduz-nos à casa. Na versão B, um percurso mais sinuoso leva-nos ao que aparenta ser uma espécie de plataforma, de limites definidos, que rodeia dois dos lados da habitação. Em nenhuma das propostas a aproximação à casa faz-se de forma perpendicular a um dos alçados, mas antes em ângulo, o que permitiria antever sempre duas das fachadas do edifício, percecionando-o de forma completa e dinâmica. Esta lição remete-nos de imediato para o Partenon e para a sua implantação na Acrópole de Atenas **(32)**, lição clássica valorizada no ensino da arquitetura moderna na EBAP, que vai ser confirmada anos mais tarde por Távora, não só nos registos de viagens que fez[43], mas também nas aulas da disciplina de TGOE **(32)**, que lecionou.

Por ser neste trabalho o tema principal da pesquisa efetuada por Amorim, a *casa* adquire um papel quase objetual e abstrato em relação ao terreno. A topografia, que nos desenhos das plantas de implantação parece sugerir um ligeiro declive (pela marcação de curvas de nível), é tratado como irrelevante no desenvolvimento das duas propostas, que se implantam a uma cota base neutral, que não considera alterações de altimetria.

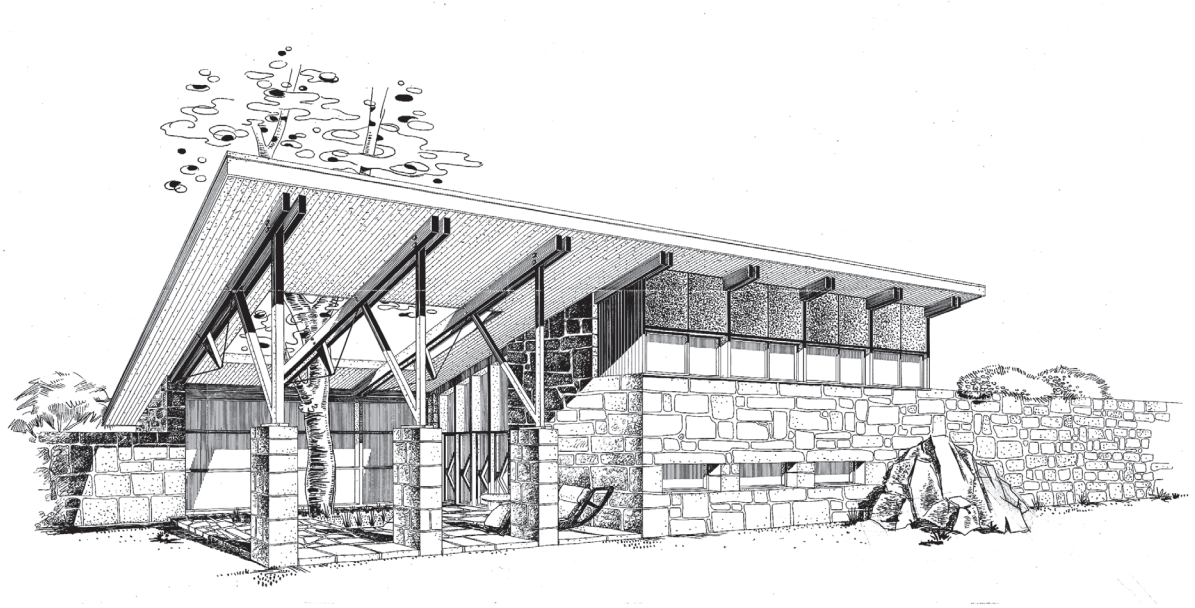
Na solução A um acidente geológico, um penedo, emerge do terreno e serve de ponto de ancoragem da proposta. Ao mesmo tempo, a solução B implanta-se parcialmente sobre o lugar onde a rocha existiria **(33)**, sendo eliminada e ignorada na segunda versão da casa. Esta atitude de Amorim faz-nos questionar quanto da situação envolvente não é uma invenção

43. FANFONI, Andrea – La persistenza del fenomeno dell'Architettura nella "Città delle Costanti": L'attualità della lezione di Fernando Távora per la definizione di Temi e Strumenti utili al progetto degli spazi pubblici e dei luoghi urbani verso le linee guida di Smart City in Emilia-Romagna. Parma: Università di Parma, 2022. Tese doutoral. P. 195.

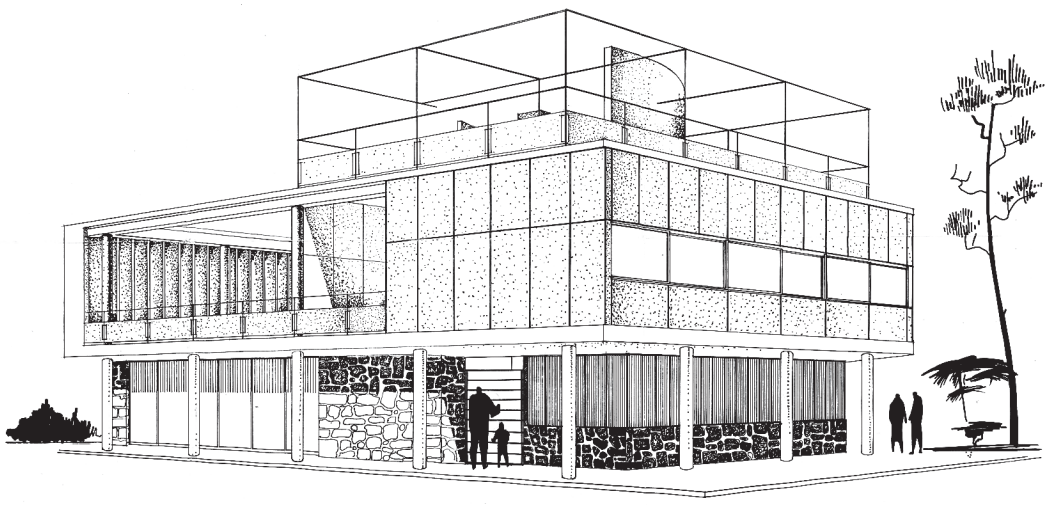
de Amorim, que moldou e criou o terreno ao mesmo tempo que projetou as casas, criando situações que beneficiariam cada uma das soluções.



33. Parténon, Atenas
Vista a partir da entrada na Acrópole, c. 1895 - c. 1915
© Rijksmuseum



34. Solução A
Perspetiva exterior
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor



35. Solução B
Perspetiva exterior
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

03.3 Solução A – o vernacular ao serviço do moderno

A primeira versão da casa a ser apresentada é a solução A, a mais "vulgarizada"[44] no Portugal de 1947. É a solução onde aparentemente Delfim se deteve mais, e que desenvolveu de forma mais completa, como provam as 13 folhas desenhadas, mostrando desenhos de implantação; planta de coberturas, de fundações e de todos os pisos (com versões cotadas); cortes e alçados gerais à escala 1:50; dois cortes, um transversal e um longitudinal, à escala 1:20; desenhos de pormenor da relação da cobertura com as fachadas e das paredes interiores, à escala 1:10; desenhos de detalhe das caixilharias, à escala 1:1; desenhos do fogão de sala e da rampa de acesso ao segundo piso; e ainda duas perspetivas exteriores e duas vistas interiores (VAD-p.54). Além disso, toda a parte técnica das peças escritas, referentes ao caderno de encargos, mapa de medições e orçamentação, refere-se apenas à solução A.

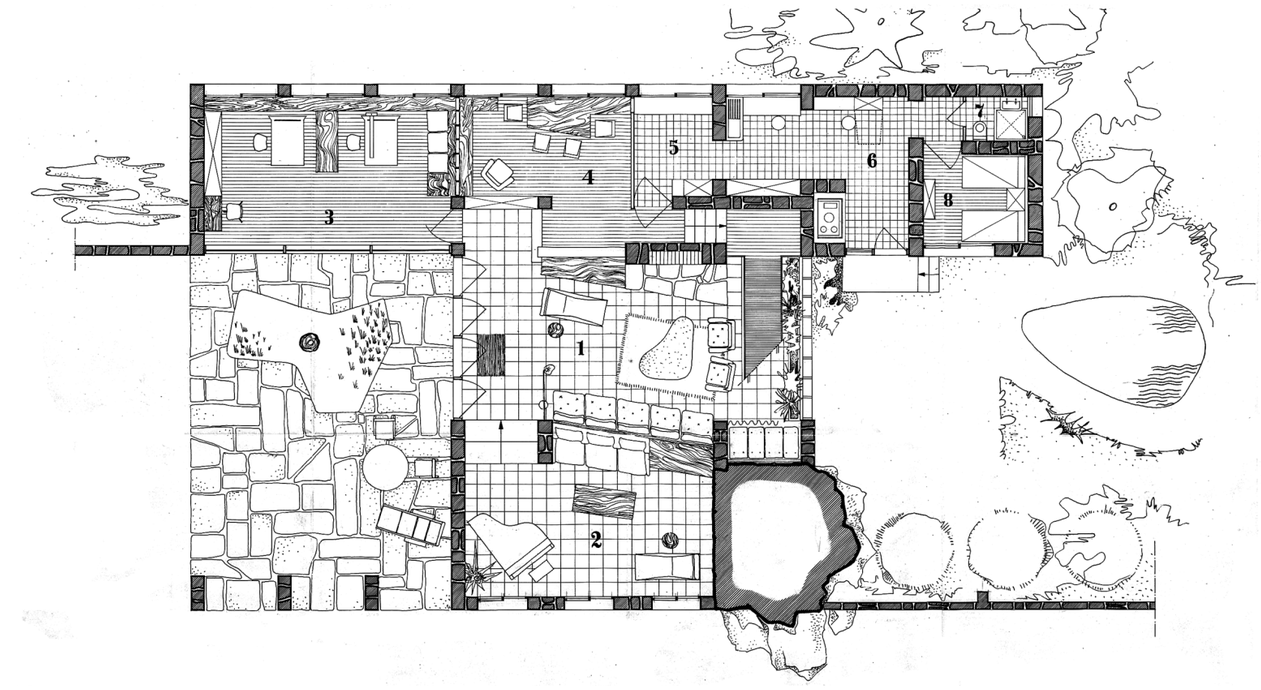
Pode ter havido em Amorim a vontade de provar, através da caraterização exaustiva desta solução, que é possível construir arquitetura *ideologicamente* moderna, sem para isso recorrer a métodos construtivos alternativos, difíceis e pouco comuns no contexto português. Ao mesmo tempo, é de estranhar esta discrepância de elementos relativos a uma solução e a outra (verifique-se que à solução B são apenas reservadas cinco folhas).

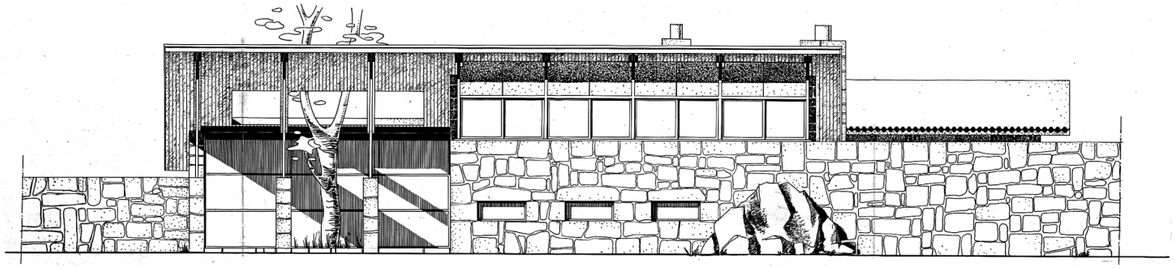
Pode ter havido também uma razão meramente burocrática, de dar resposta aos requisitos do CODA: já no documento entregue na EBAP uns meses antes de maio de 1947, em que o candidato dá notícia do que irá apresentar em prova final, Amorim informa que só irá detalhar uma das soluções[45], sem especificar qual.

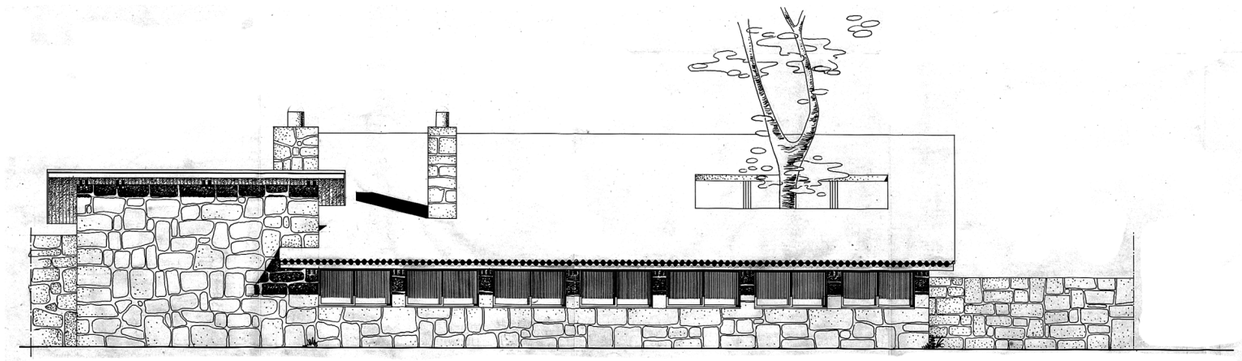
De qualquer das formas, como comprova a obra produzida por Amorim, quer em Portugal, quer no Brasil, a solução A é aquela com que o arquiteto se relacionaria mais, desenvolvendo-a e aperfeiçoando-a ao longo da sua carreira; enquanto que a solução B, mais radical, é testada por ele em alguns projetos, mas sem constituir grande *escola*.

44. Delfim Amorim – Memória descritiva. *A minha casa*. 1947

45. "Para uma delas se propõe apresentar as seguintes peças (...)". Delfim Amorim – Programa. *A minha casa*. 1947.



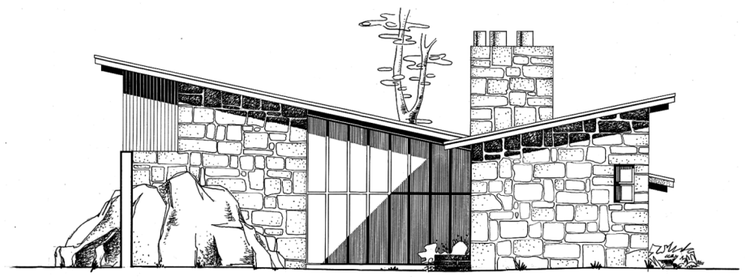




36. Solução A
Planta de rés-do-chão e alçados
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

0 1 2 m

1 sala de estar
2 recanto de música
3 sala de trabalho
4 sala de jantar
5 copa
6 cozinha
7 wc e banho - empregadas
8 quarto empregadas



03.3.1 O volume e a distribuição programática

A volumetria da solução A resulta da conjugação de dois volumes, cada um coberto por uma cobertura inclinada de uma só água. Ao volume maior correspondem as funções principais da casa, enquanto que ao volume menor estão reservados os espaços dedicados aos serviços.

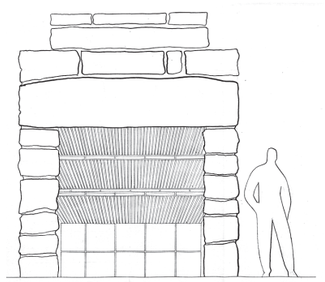
A casa encontra-se associada a um afloramento rochoso que se destaca no terreno, assumindo um papel de âncora do projeto uma vez que participa tanto da caracterização exterior da casa, como também tem presença no interior. Desta forma Delfim Amorim apropria-se de elementos naturais que valorizam e justificam as suas escolhas, salientando nesta solução um cuidado e uma atenção sensíveis à sincronia entre arquitetura e natureza, entre *artificial* e *natural*. Desenha também dois muros paralelos entre si, orientados de norte para sul, que resultam do prolongamento de duas fachadas, sugerindo um desenho e um tratamento de uma nova topografia para o lote, *amarrando* a solução ao terreno.

A entrada da casa faz-se a partir de um alpendre, empedrado e coberto pelo telhado, que se abre tanto para sul como para nascente. Uma árvore rompe a cobertura e assinala de certa forma este espaço, mais uma vez notando-se a utilização de elementos naturais na caracterização de momentos arquitetónicos.

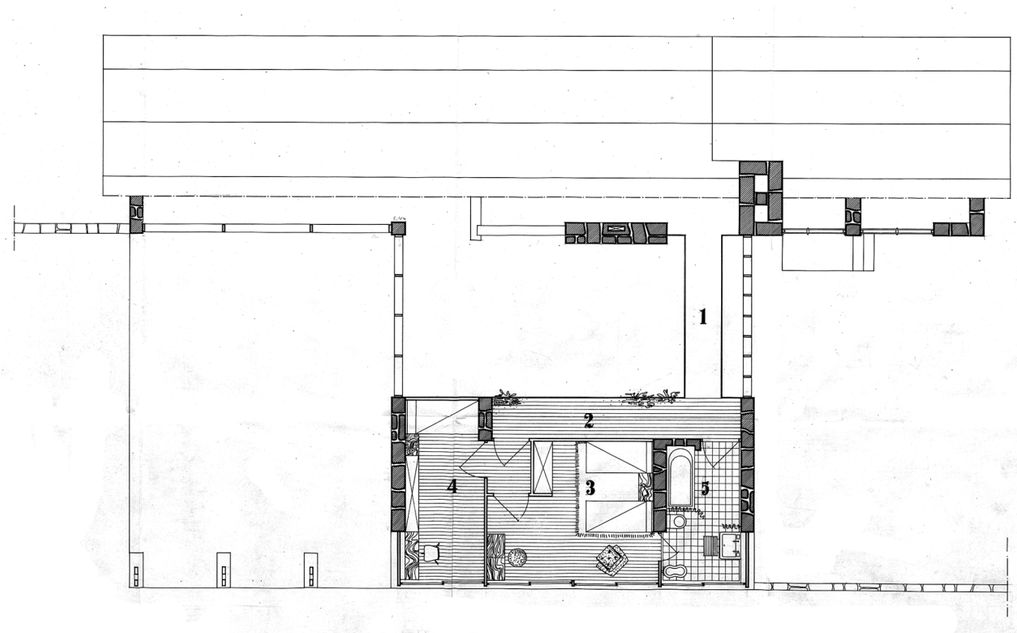
Um grande vão completamente envidraçado permite o acesso ao interior, diretamente para a sala de estar, que beneficia da sua dupla altura ao relacionar-se com o mezanino e com a rampa que lhe dá acesso.

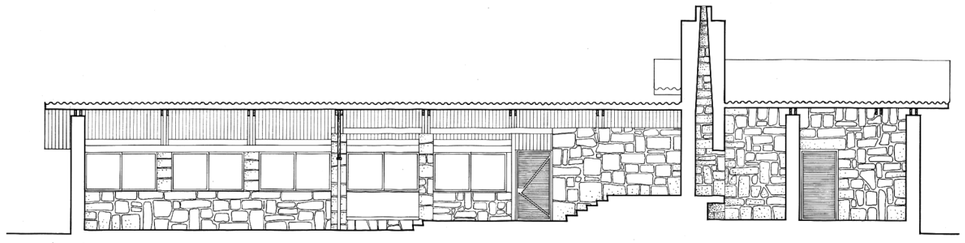
Neste espaço destacam-se a grande lareira **(37)**, elemento central da casa, e o vão envidraçado, simétrico ao da entrada, que permite ver a continuação do jardim que se estende para norte, ao mesmo tempo que dá a este espaço uma grande transparência e permeabilidade, atenuando as fronteiras entre o espaço interior e o espaço exterior **(40)**.

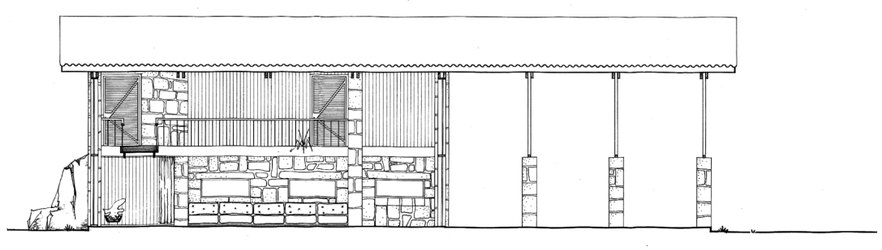
Toda a zona poente da habitação é reservada na sua maioria a espaços de trabalho ou de serviço: relacionado com o alpendre, a sala de trabalho; a uma cota superior, separando-se da sala por um conjunto de mobiliário fixo, a sala de jantar, com uma mesa voltada para o exterior e com relação com a cozinha a partir de um passa-pratos; a copa e a cozinha, com acesso direto ao exterior; e finalmente uma instalação sanitária (a única no piso térreo) e um quarto, dedicados, à luz da época,

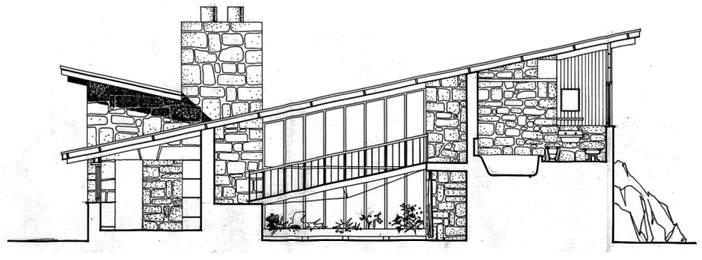


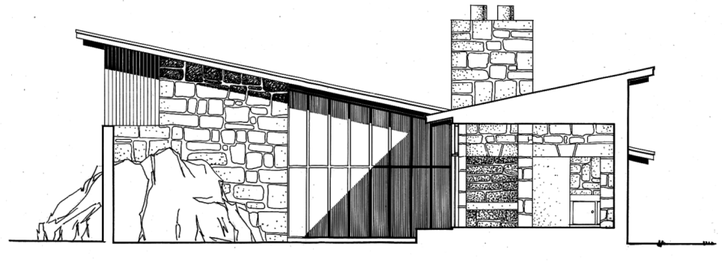
37. Lareira da sala de estar
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor











38. Solução A
Planta de 1º piso e cortes
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

0 1 2 m

1 rampa
2 galeria
3 quarto casal
4 quarto
5 wc e banho

às “empregadas”.

A nascente, a uma cota mais baixa que a da entrada, e sob o segundo piso, Amorim cria um espaço a que chama “recanto de música”. Trata-se na verdade de uma segunda sala, mais íntima, aberta pontualmente para o exterior. O afloramento rochoso é talhado para ser uma das paredes deste espaço.

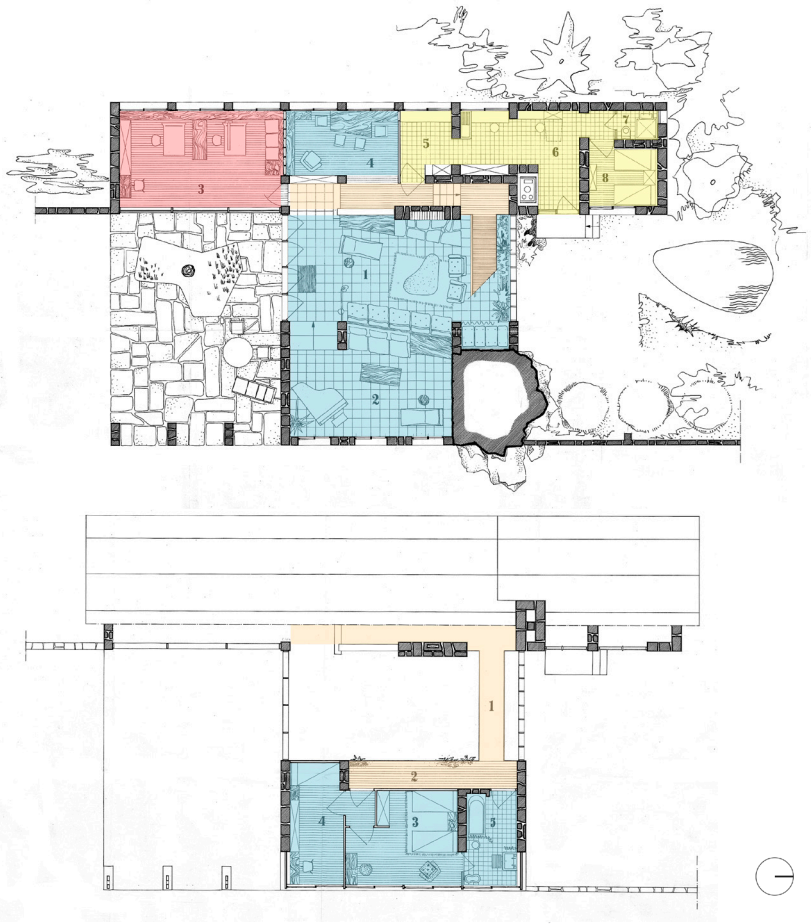
O segundo piso da habitação, localizado onde o telhado atinge a sua maior altura e sobre a sala da música, corresponde à galeria de distribuição (que comunica verticalmente para o espaço da sala) para os dois quartos e para um quarto de banho. Estes três últimos espaços abrem-se para nascente através de um vão horizontal único, dividido em janelas de folhas de correr.

O programa da casa **(39)** divide-se pelos volumes com grande liberdade e permeabilidade, sugerindo um *modos vivendi* íntimo e relaxado. A maior área do volume principal é ocupada pelos programas habitáveis, como as salas, os percursos de acesso e os quartos, que, ao abrirem para o mezzanino, comunicam de forma franca com o espaço da sala, oferecendo ao espaço uma fluidez que rompe as barreiras tradicionais de *espaço de dia vs. espaço de noite*. O espaço do escritório participa da ação da casa, não só por ser acessível desde o seu interior, mas também por comunicar diretamente com o alpendre da entrada. Os grandes vãos tanto do escritório como da sala permitem a visualização de ambos os espaços em simultâneo.

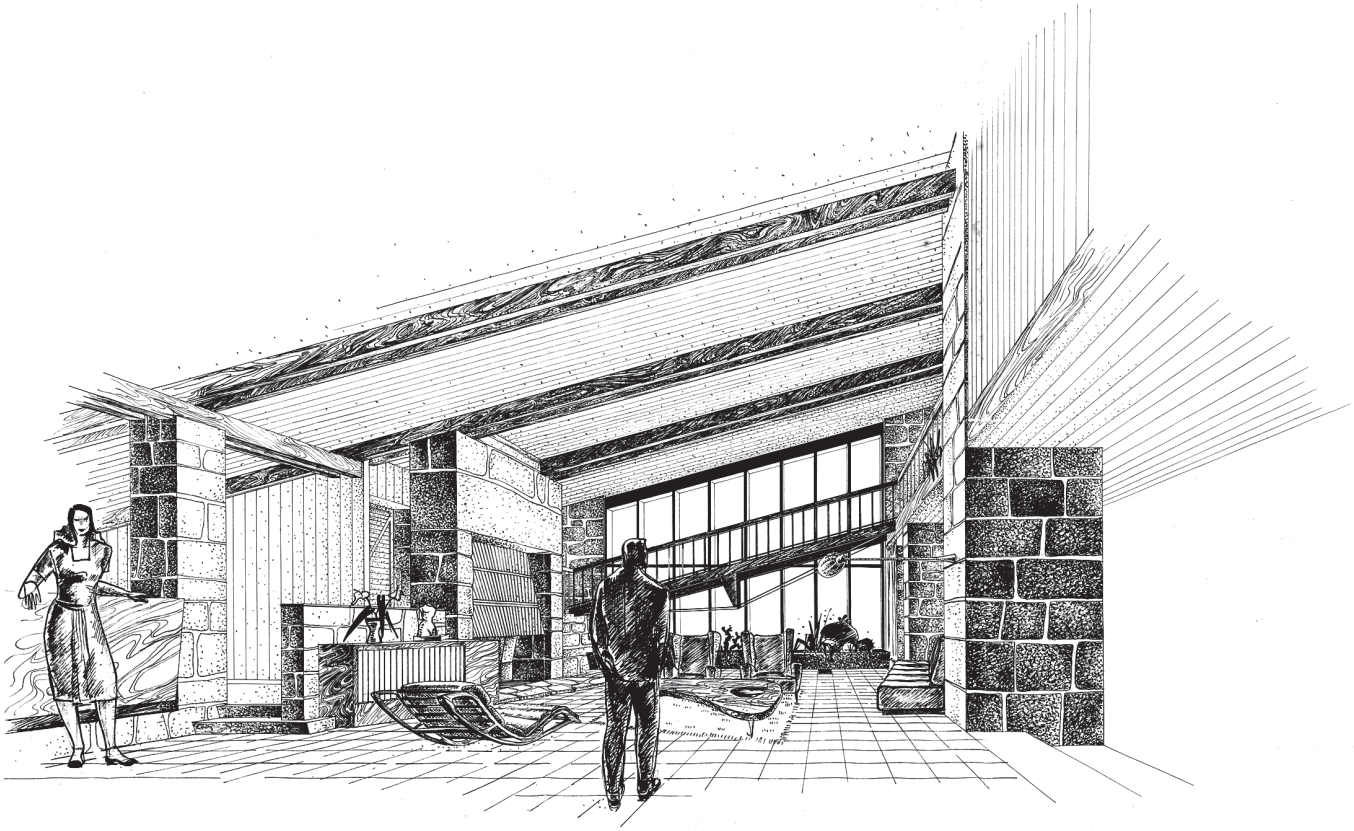
Os únicos espaços que se encerram do resto da casa, criando o seu próprio ambiente, são os de serviço, que são entendidos como espaços reservados aos trabalhadores domésticos, como era hábito à época.

Os espaços de circulação são tratados por Delfim Amorim com especial atenção. São resolvidos de uma forma mínima, num único gesto em forma de "U", começando junto da porta de entrada, ganhando cota por uma zona neutra por detrás da lareira até atingir a rampa, que por sua vez termina na galeria aberta de distribuição dos quartos. Com este movimento, Amorim por um lado confere ao percurso a àrea mínima necessária, por outro lado, fá-lo ser agente do espaço, criando situações quase lúdicas: a rampa que se assume como ponto focal do espaço da sala **(40)**, que desenboca por detrás da lareira, fazendo com que, aquele que circulasse pelo espaço, aparecesse e desaparecesse à medida que ia circulando.

habitar
trabalho
serviço
circulação



39. Distribuição programática
Rés-do-chão e 1º piso, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor



40. Solução A
Perspetiva interior – sala comum
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

03.3.2 O método construtivo e a materialidade vernacular

Como enunciado na Memória Descritiva, Amorim recorre unicamente a métodos construtivos vulgares para a elaboração desta solução[46].

O volume, de planta em "T", é organizado segundo um conjunto de eixos transversais, paralelos entre si, que distam 2,50 metros uns dos outros **(41)**. Estes eixos estruturais indicam o posicionamento do vigamento de madeira do telhado e a posição das paredes portantes. A métrica, rígida e clara, acaba por modelar o espaço interior, definindo as larguras dos compartimentos, ao mesmo tempo que cria um ritmo, através das vigas de madeira aparentes **(40)**, que ordena e caracteriza os espaços.

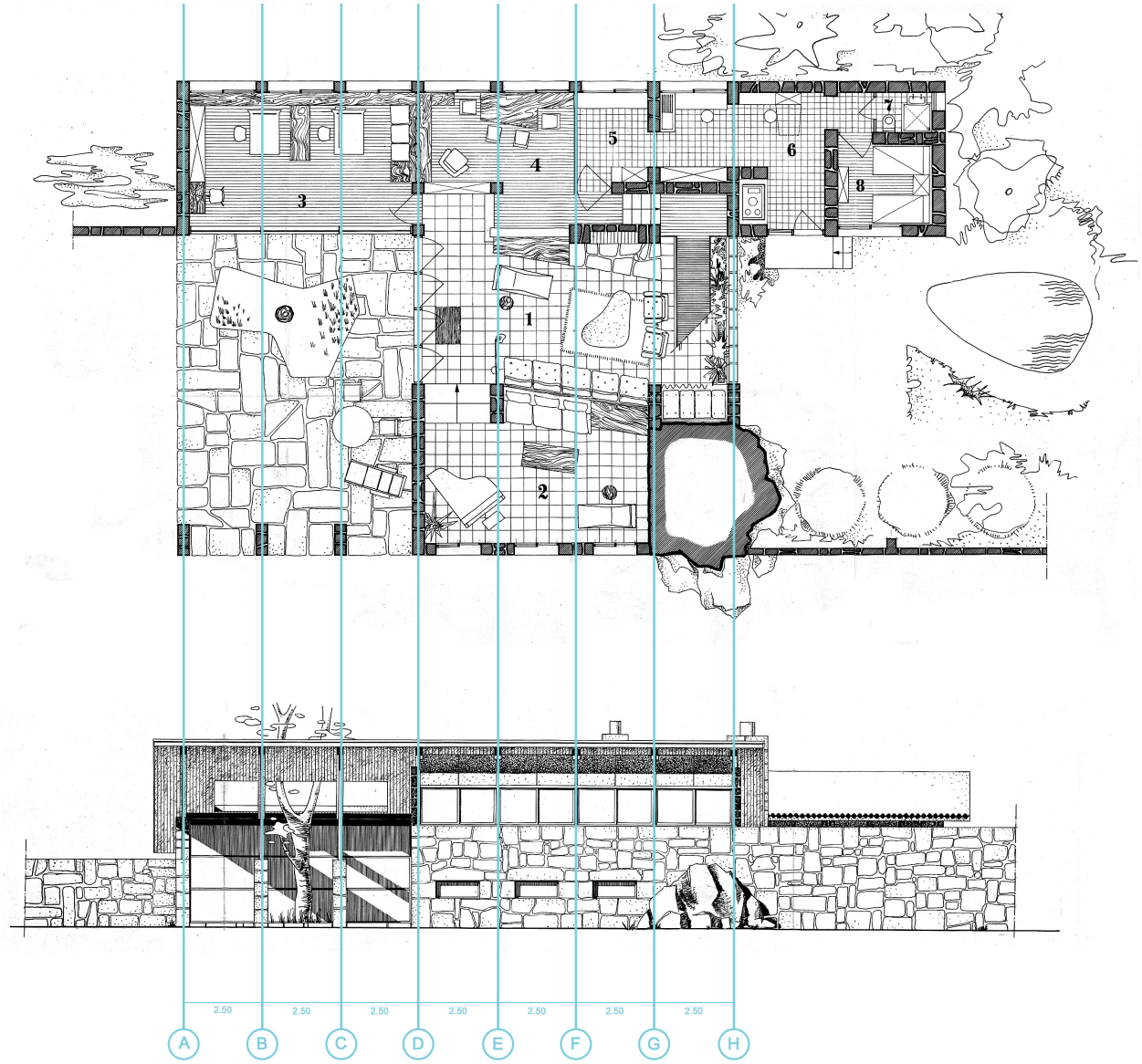
Em alçado é possível também identificar a métrica reguladora da composição. No alçado nascente, organizado segundo sete intervalos, Amorim cria uma composição assimétrica, repetindo três módulos – correspondentes ao vazio do alpendre – seguidos de quatro módulos que correspondem a espaços interiores (os quatro são iguais, com diferença no último, pela presença do rochedo e consequente ausência de um vão).

As paredes são na sua maioria de aparelho de pedra, com 40 centímetros de espessura, conjugadas pontualmente com paredes divisórias em madeira, preenchidas com aglomerado de cortiça **(42)**. O telhado é formado por vigas de madeira de castanho[47] unidirecionais, e forrado, pelo lado interior, por tabuado de madeira, e pelo lado exterior, por placas onduladas de fibrocimento.

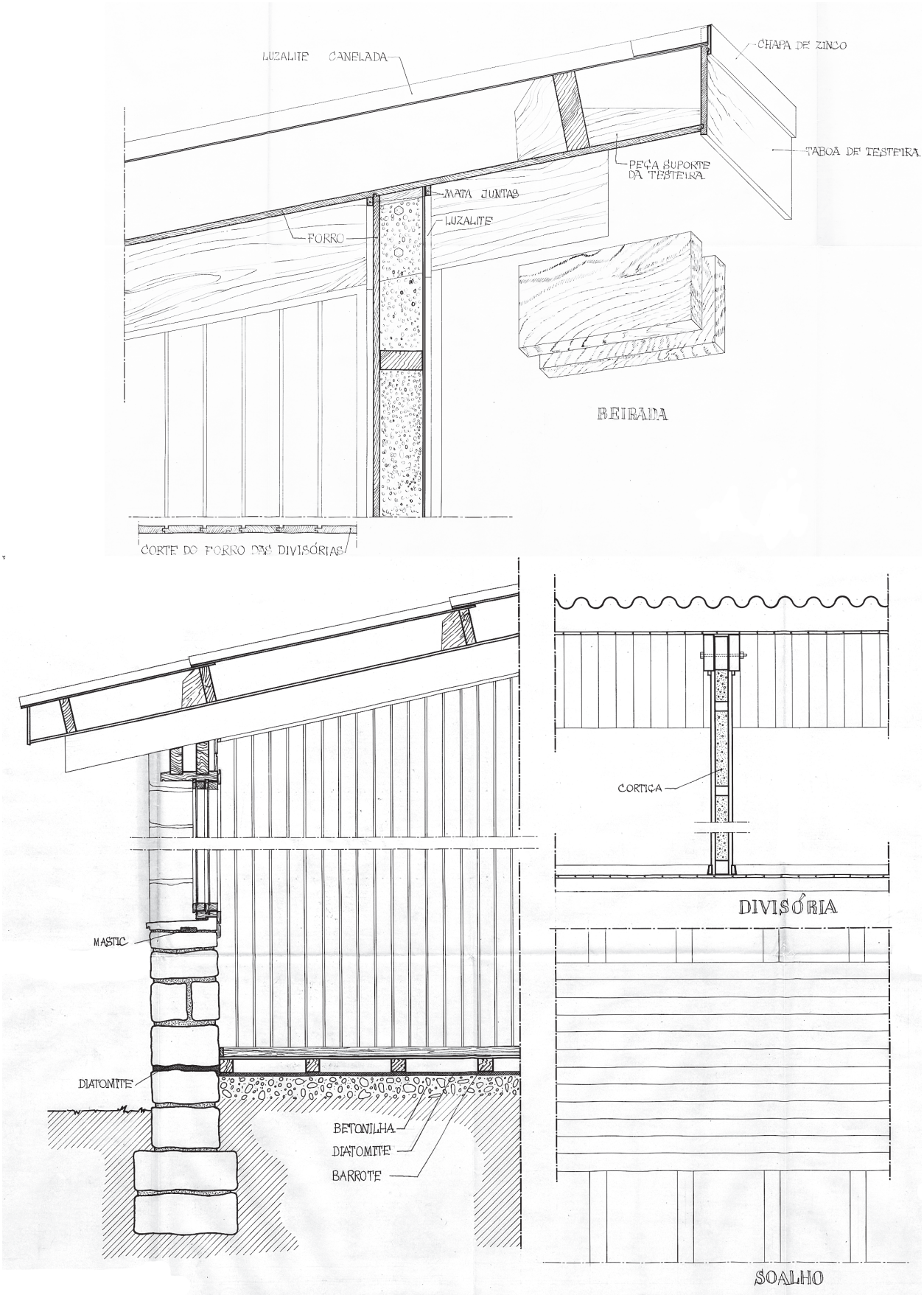
Pelo exterior, os panos de alvenaria de pedra contrastam com os envidraçados das salas, destacando-se ainda o revestimento exterior do segundo piso, construído por esquadrias de madeira e por placas de fibrocimento *Lusalite*. A conjugação destes materiais no alçado principal acentua uma ideia de horizontalidade, prolongada pelos muros de pedra que continuam pelo terreno, contrastando com a verticalidade dos pilares que sustentam o alpendre.

Ao nível dos pavimentos, verificamos: pelo exterior, o lajeado de pedra; pelo interior, a tijoleira que reveste os espaços das salas, e o soalho que é utilizado nos restantes espaços, à exceção dos de serviço e instalações sanitárias, que segundo o Mapa de Medições[48], deveriam ser revestidos por mosaico cerâmico.

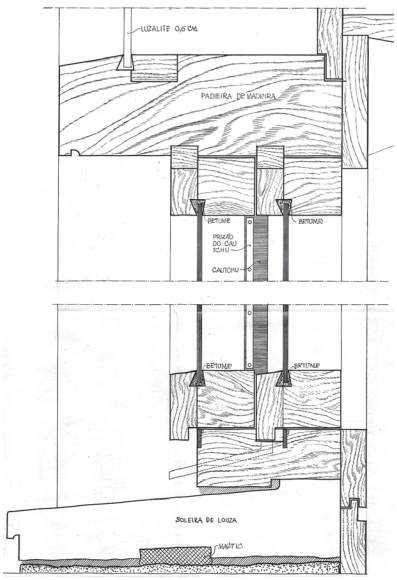
46. "(…) mais próxima da vulgarizada entre nós (…)", Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.
47. Ver Capítulo IV, Artigo 22º do Mapa de Medições.
48. Ver Capítulo III, Artigo 13º do Mapa de Medições.



41. Eixos estruturais da Solução A
Planta de rés-do-chão e alçado principal, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor



42. Pormenorização
Cobertura, corte de fachada e paredes interiores, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor



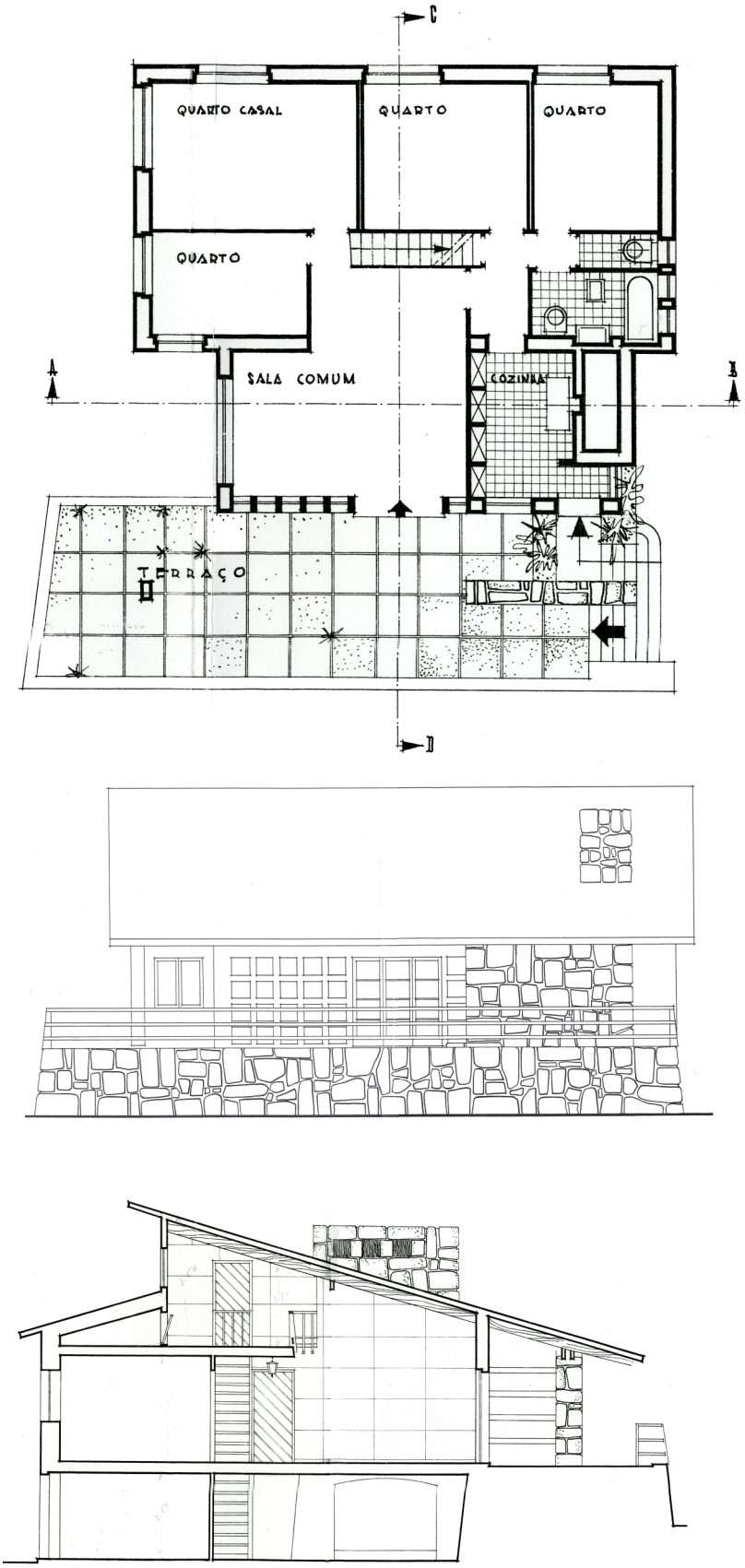
43. Detalhe de caixilharia de correr
Corte, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

As opções tomadas revelam em toda a casa a sua verdade construtiva, contando com as texturas, os cheiros e a presença de diferentes materiais, na sua maioria orgânicos, para a caracterização dos espaços. Através dos muitos desenhos de pormenorização desenvolvidos pelo arquiteto, conseguimos entender a sua capacidade construtiva e de resolução de problemas recorrendo a pormenores ao mesmo tempo simples e caracterizadores da solução arquitetónica. Há um certo despojamento no desenho dos mais variados elementos, numa procura constante pela abstração e pela simplicidade que era o ideal para Delfim Amorim ao utilizar métodos construtivos desta ordem, de forma a evitar a "mera especulação romântica ou tradicional"[49] já mencionada. Assim, consciente que esta solução que apresenta depende da pormenorização e do detalhe para a sua conclusão, Delfim é exaustivo nos desenhos, na medida em que detalha todas as situações da casa que necessitam de tratamento (pormenorização da fachada, remates de cobertura, caixilharias interiores e exteriores, paredes interiores e exteriores, elementos de exceção, etc.), recorrendo a pormenores-tipo para cada uma.

Nesta solução, Amorim comprometeu-se a utilizar materiais locais e a experiência construtiva vernacular (ou uma síntese do que considera ser popular), articulando-os com a espacialidade moderna e com as recentes experiências internacionais. Fá-lo de forma a comprovar a sua premissa da possibilidade de, mesmo assim, resultar uma obra de arquitetura moderna. Mostra, através deste exemplo, que o Movimento Moderno não é refém dos novos materiais e dos métodos construtivos de vanguarda, posicionando-se do lado daqueles que repensam a modernidade, adaptando-a às idiossincrasias do local. Resume, em 1947, da seguinte forma:

Reivindicar a arquitetura moderna não é reivindicar o betão, o ferro e o vidro contra a cantaria e a telha, é reivindicar a liberdade de criação contra os cânones da burocracia, apreendendo um movimento arquitetónico internacional coerente e resultado de novas técnicas, de transformações sociais e culturais contra as limitações provinciais do "estilo português".[50]

49. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.
50. Delfim Amorim numa conferência dada n'A Filantrópica, Póvoa de Varzim, em 1947. ROSA, Edite – ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, 2005. Tese doutoral. P. 94.



44. Casa Manuel Alves dos Santos (VAD-p.42)
Planta de rés-do-chão, alçado principal e corte CD
Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1946
© AMPVZ. Intervencionado pelo Autor

03.3.3 Relação com a obra construída



45. Casa Manuel Alves dos Santos
Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1946
© Manuel Alves dos Santos

Enquanto desenvolvia os projetos do CODA, Amorim ia produzindo projetos de arquitetura, já desde 1943, juntamente com o engenheiro Armando Ferreira Areias, e a partir de certo momento, com o seu colega (também à data ainda estudante de arquitetura) Luís Oliveira Martins. Realizam projetos na sua maioria de habitação unifamiliar e multifamiliar, de diferentes escalas e com necessidades diversas.

É natural que a obra construída e projetada espelhe a experiência do CODA, e vice-versa, na medida em que as duas frentes de trabalho serviam como lugar de teste e de consolidação de ideias e de vontades.

Em 1946 é entregue na Câmara Municipal da Póvoa de Varzim o pedido de licenciamento da Casa Santos **(45)**, assinado conjuntamente por Amorim e Oliveira Martins.

O cliente, Manuel Fernandes dos Santos, pai de um amigo dos tempos do liceu de Amorim, foi um importante cliente na fase inicial de trabalho deste, tendo-lhe encomendado vários projetos.

A casa, situada à margem da Estrada Nacional Póvoa de Varzim-Barcelos, integra-se num terreno agrícola de grandes dimensões e organiza-se em três pisos – cave com funções de apoio à lavoura, piso de entrada com funções sociais e quartos e segundo piso com dois quartos e espaço de arrumos, aproveitando o desvão do telhado. De forma compacta e ocupando uma posição central no lote, afastando-se consideravelmente da via de trânsito, a casa remete-nos para temas explorados por Delfim na solução A do CODA.

A memória descritiva refere-se à obra como uma "moderna vivenda de campo"[51], não obstante os métodos construtivos *vulgares* com que é construída. As paredes exteriores, de aparelho de pedra, variam entre paredes rebocadas e pintadas de branco e panos de parede com alvenaria à vista, com as juntas pintadas também de branco, marcando elementos arquitetónicos relevantes, como o embasamento, a chaminé e uma série de pilares no alçado principal.

A entrada faz-se através de um alpendre, descrito como "terraço", correspondente à zona mais baixa da inclinação do telhado, sobrelevado em relação ao terreno por meio de uma plataforma que funciona como um embasamento à casa, também em aparelho de pedra rústico. Há a introdução de

51. Armando Ferreira Areias – Memória descritiva e justificativa. 1946. AMPVZ.

uma viga de betão armado, apoiada nos dois pilares desiguais de pedra, para sustentar o telhado que, pelos desenhos de licenciamento, seria construído por uma estrutura de asnas de madeira unidirecionais, solução semelhante à desenvolvida no projeto para o CODA.

Do alpendre entra-se diretamente para o espaço da sala de estar, que, em certa medida, recria elementos da espacialidade da solução A. Também nesta casa se entra para um espaço de pé-direito duplo, aberto em relação ao alpendre e à paisagem, e onde se comunica verticalmente com o segundo piso através de um mezanino **(46)** e do dispositivo que lhe dá acesso – neste caso, umas escadas.

A sala serve simultaneamente de sala de estar, com relação com o terraço, e de sala de jantar, próxima da cozinha. Conta ainda com a presença de um fogão de sala, em aparelho de pedra aparente. Este elemento, que não estava considerado aquando do licenciamento, mas foi possivelmente introduzido no desenvolvimento natural do projeto, definindo a zona de estar, junto do vão voltado a sul e da parede formada por uma grelha de vidro voltada para o coberto do terraço **(47)**. Pelo que é possível aferir, é o único elemento que retoma a materialidade da pedra rusticada existente no exterior, no interior da habitação.

Amorim desenhou ainda para esta casa uma série de mobiliário que transparece por sua vez a procura de modernidade ensaiada. O desenho é caracterizado pelo despojamento ornamental aliado ao saber-fazer local, o que é, segundo Susana Lobo, "um compromisso que testemunha, por um lado, o relativo atraso tecnológico da indústria nacional e, por outro, o desejo de atualização de linguagens que caracteriza a produção disciplinar portuguesa no período do pós-guerra"[52].

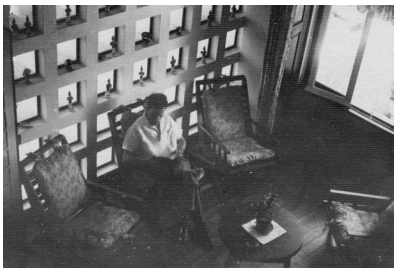
Uns meses antes de entregar e de apresentar o projeto para o CODA, dá entrada em janeiro de 1947 na Câmara Municipal da Póvoa de Varzim um pedido de licenciamento para uma pequena habitação localizada em Beiriz. O projeto é descrito como uma "habitação rural"[53] de pequenas dimensões para Patrício Gomes Casanova e é assinado conjuntamente por Amorim e pelo engenheiro Ferreira Areias **(48)**.

A casa segue, se bem que com o devido afastamento programático e de escala, os mesmos pressupostos ensaiados na solução A.

Pelos desenhos de licenciamento, percebe-se que a construção seria muito simples, utilizando cobertura em *borboleta* apoiada em asnas de madeira "de pinho e pinheiro"[54] e paredes estruturais de "alvenaria rústica"[55]. O volume, compacto e de pequenas dimensões, é formado por

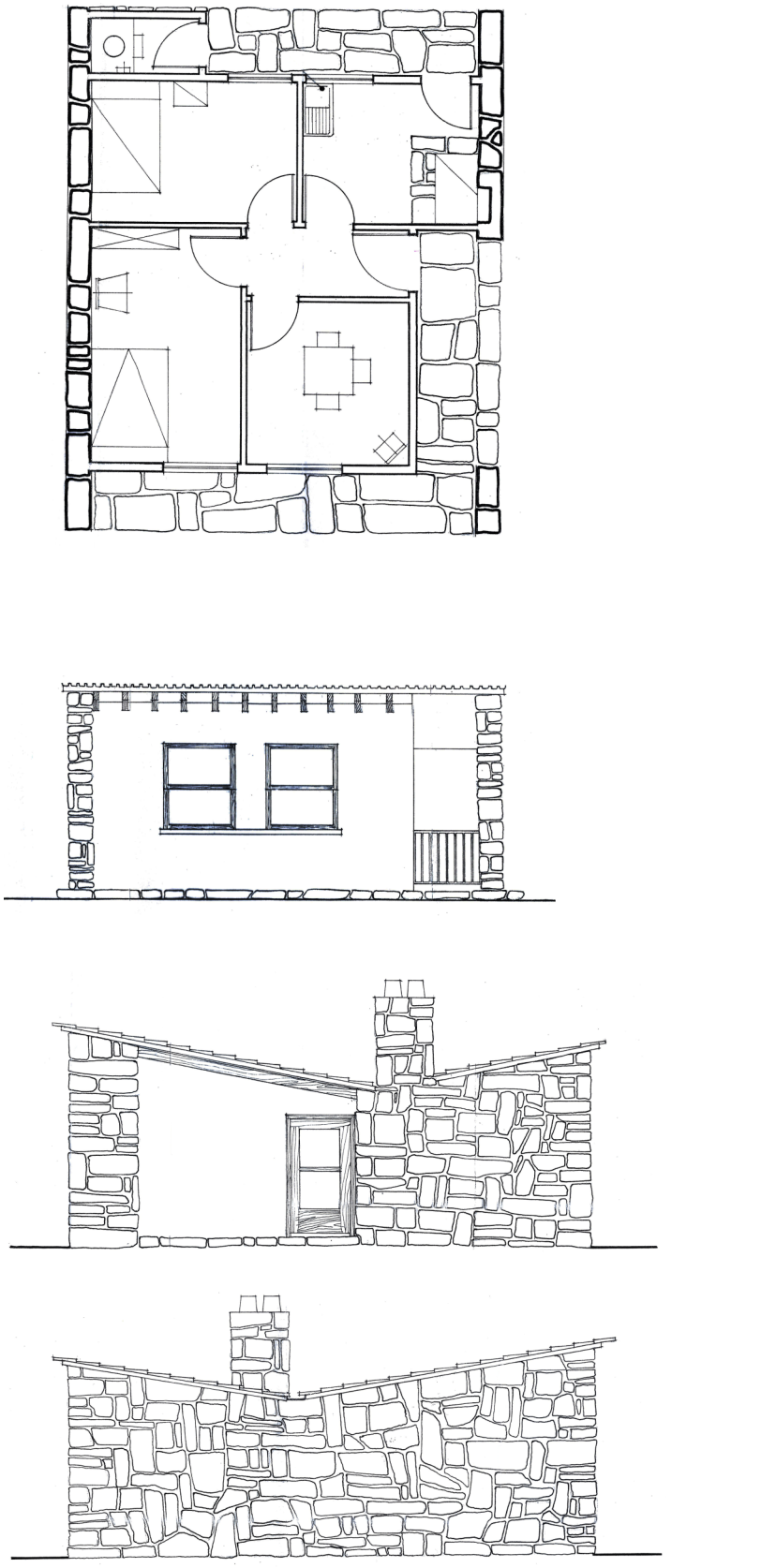


46. Zona de comer e mezanino
Fotografia, s/ data
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1946
© Manuel Alves dos Santos



47. Zona de estar e mobiliário
Fotografia, s/ data
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1946
© Manuel Alves dos Santos

52. LOBO, Susana – Função, Estrutura e Forma: a propósito do mobiliário da Casa Manuel Fernandes dos Santos. *Delfim Amorim: Uma visita à sua obra*. Coimbra. 2018
53. Armando Ferreira Areias – Memória descritiva e justificativa. 1947. AMPVZ.
54. Ibidem.
55. Ibidem.



48. Casa Patrocínio Gomes Casanova (VAD-p.84)
Planta de rés-do-chão e alçados
Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1947
© AMPVZ. Intervencionado pelo Autor

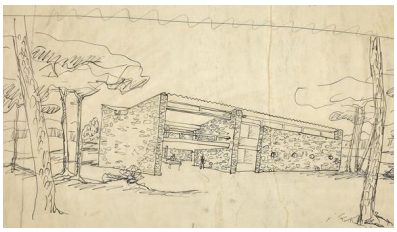
duas paredes paralelas em perpianho, que correspondem ao perfil da habitação, sendo os outros tramos de parede, os que preenchem os dois topos e as paredes interiores, rebocados. A entrada faz-se (uma vez mais) através de um alpendre, que nos conduz desde a frente da casa até à lateral, onde entramos diretamente para um vestíbulo de distribuição, que comunica com as apenas quatro divisões da casa.

Não existem sinais de que a casa tenha sido efetivamente construída, mas podemos entendê-la como um exemplo de experimentação de Fernandes Amorim, alinhada com o espírito d'*A minha casa*. À sua distribuição programática pouco experimental, compartimentada e tradicional, Amorim faz corresponder um volume onde ensaia formas *modernas*, de conjugação de planos de materiais diferentes, recorrendo unicamente a uma construção vernacular e nada de vanguarda, utilizando fenestrações verticais típicas da arquitetura corrente.

Um outro exemplo da obra projetada de Amorim onde, recorrendo ao conhecimento vernacular, desenvolve uma obra de arquitetura seguindo os pressupostos modernos, é a casa licenciada em 1948 em Vila do Conde **(51)**. Destinada a Amadeo Azevedo, médico, a casa para si e para a sua família devia ainda conter um espaço de consultório médico, independente da habitação.

Fragmentando a volumetria de acordo com as necessidades do programa, Delfim Amorim projeta uma casa de dois pisos, concentrada no corpo principal. Dois volumes mais baixos, um de cada lado, encerram os programas de serviços e do consultório e garagem para automóvel. Um alpendre permite a ligação entre a casa e o consultório.

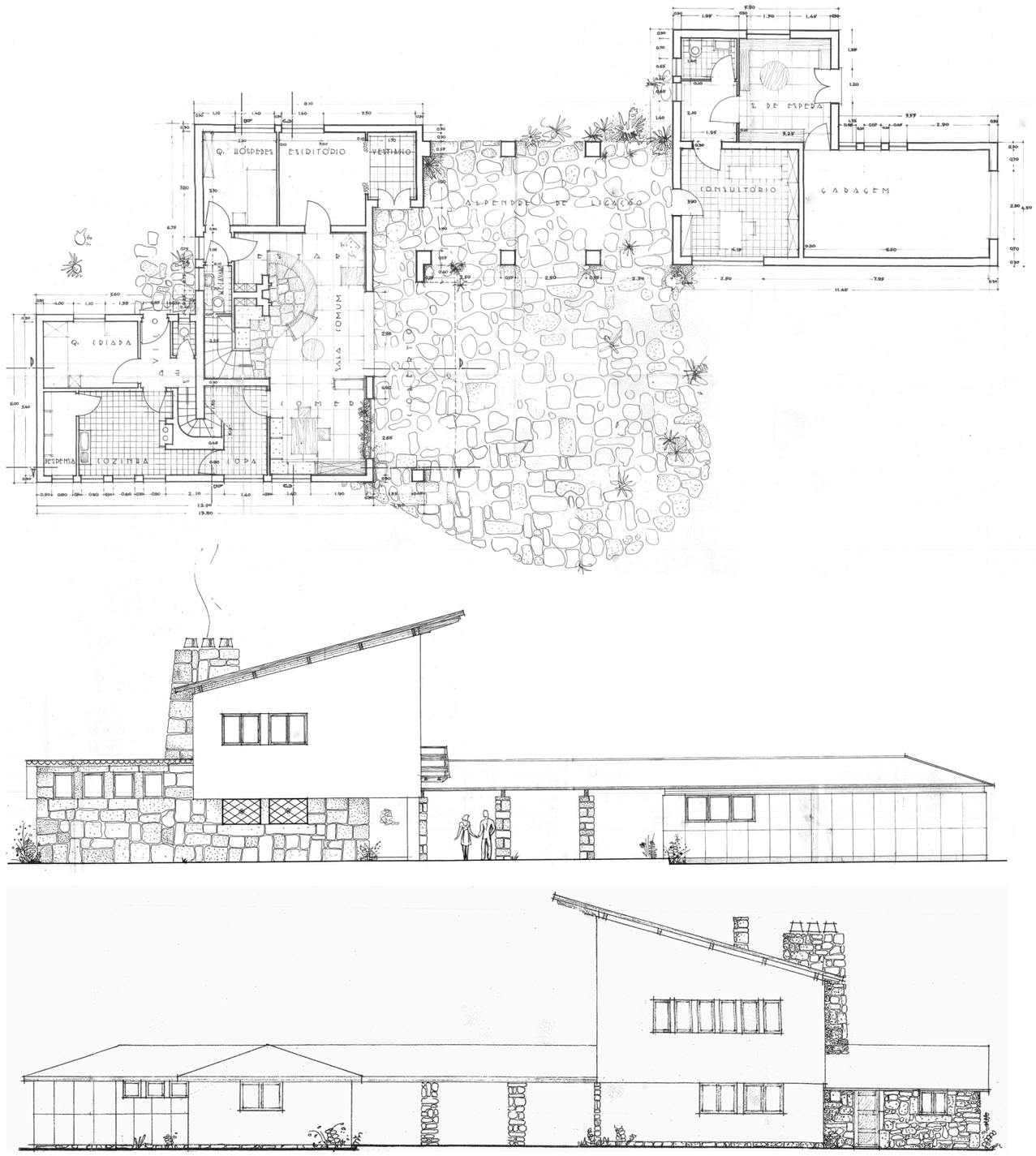
A construção é feita maioritariamente de paredes portantes de aparelho de pedra, ora rebocadas, ora expostas, e coberturas e pisos de madeira. O telhado de uma só água permite uma maior dimensão ao alçado sul, criando zonas de varanda e de coberto que protegem o espaço interior da incidência solar **(50)**.

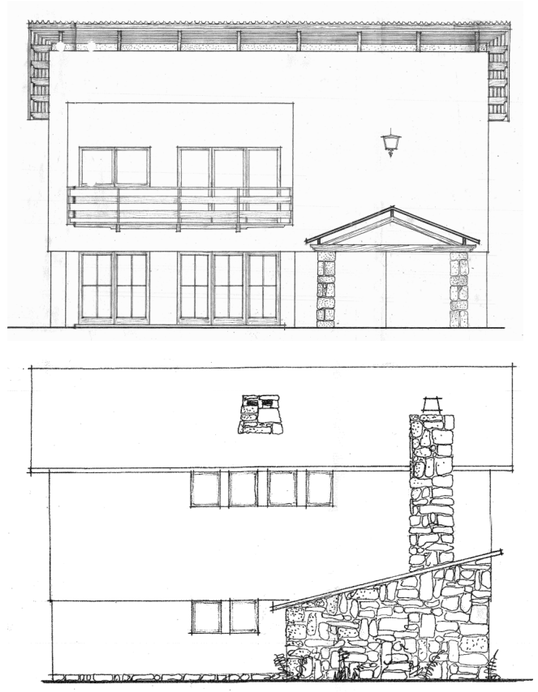


49. Villa "Le Sextant"
Esquisso
Les Mathes, França
Le Corbusier, 1935
© FLC/ADAGP



50. Alpendre da Casa A. Azevedo
Fotografia, s/ data
Vila do Conde
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
© BMRP





51. Casa Amadeo Azevedo (VAD-p.134)
Planta de rés-do-chão e alçados
Vila do Conde
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
© AMVDC. Intervencionado pelo Autor.

0 1 2 m

03.4 Solução B – a alternativa impossível

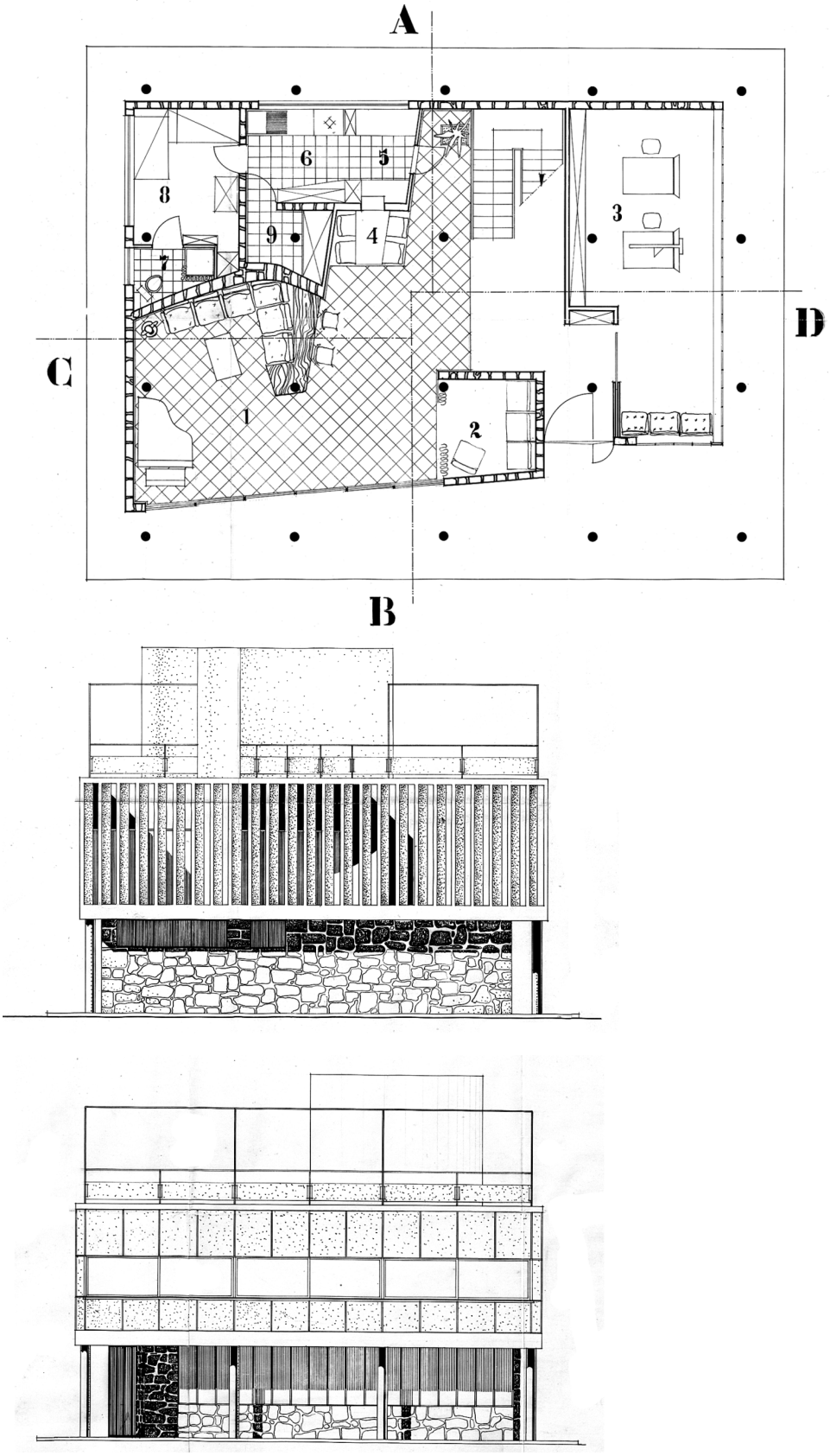
A segunda solução apresentada por Delfim Amorim é exemplo de um posicionamento assumidamente moderno, partilhado pelo arquiteto e por demais autores seus colegas, querendo provar uma alternativa à arquitetura desenvolvida em Portugal à época, e mostrar o seu alinhamento com as vanguardas europeias.

Pode ser entendida como uma *casa-manifesto*, na medida em que, sendo esta a segunda versão apresentada e não tendo que responder aos desenhos obrigatórios para a conclusão do CODA, Amorim desenvolve apenas os desenhos necessários para um entendimento geral do conceito e das premissas desenvolvidas, destacando a ideia que rege este projeto e não as particularidades de cada situação em específico.

A casa é descrita em cinco folhas desenhadas, através das plantas de todos os pisos, à escala 1:50; planta de implantação, à escala 1:500; quatro alçados e dois cortes, à escala 1:50; duas perspetivas exteriores; desenhos de pormenor de caixilharia correspondentes a uma porta interior e a uma janela de correr, às escalas 1:10 e 1:1 (VAD-p.69).

É notório o desequilíbrio que existe entre as duas versões da casa no que toca a elementos de representação e de caracterização, tornando mais difícil a perceção da Solução B, principalmente no que diz respeito à sua espacialidade interna.

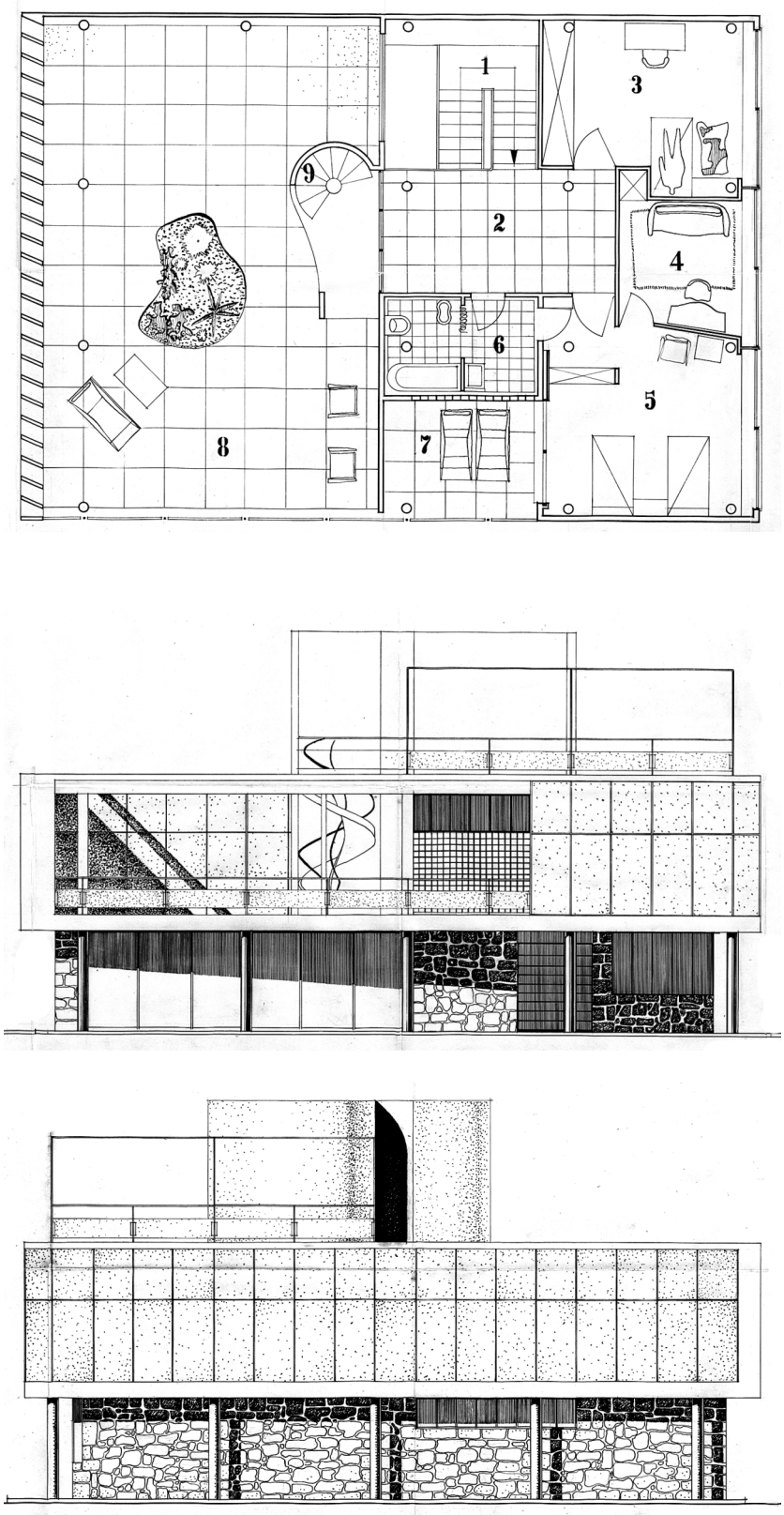
› **Casa Amadeo Azevedo** 1948



1 sala de estar
2 recanto de música
3 sala de trabalho
4 sala de jantar
5 copa
6 cozinha
7 wc e banho - empregadas
8 quarto empregadas

52. Solução B
Planta de rés-do-chão e alçados poente e nascente
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

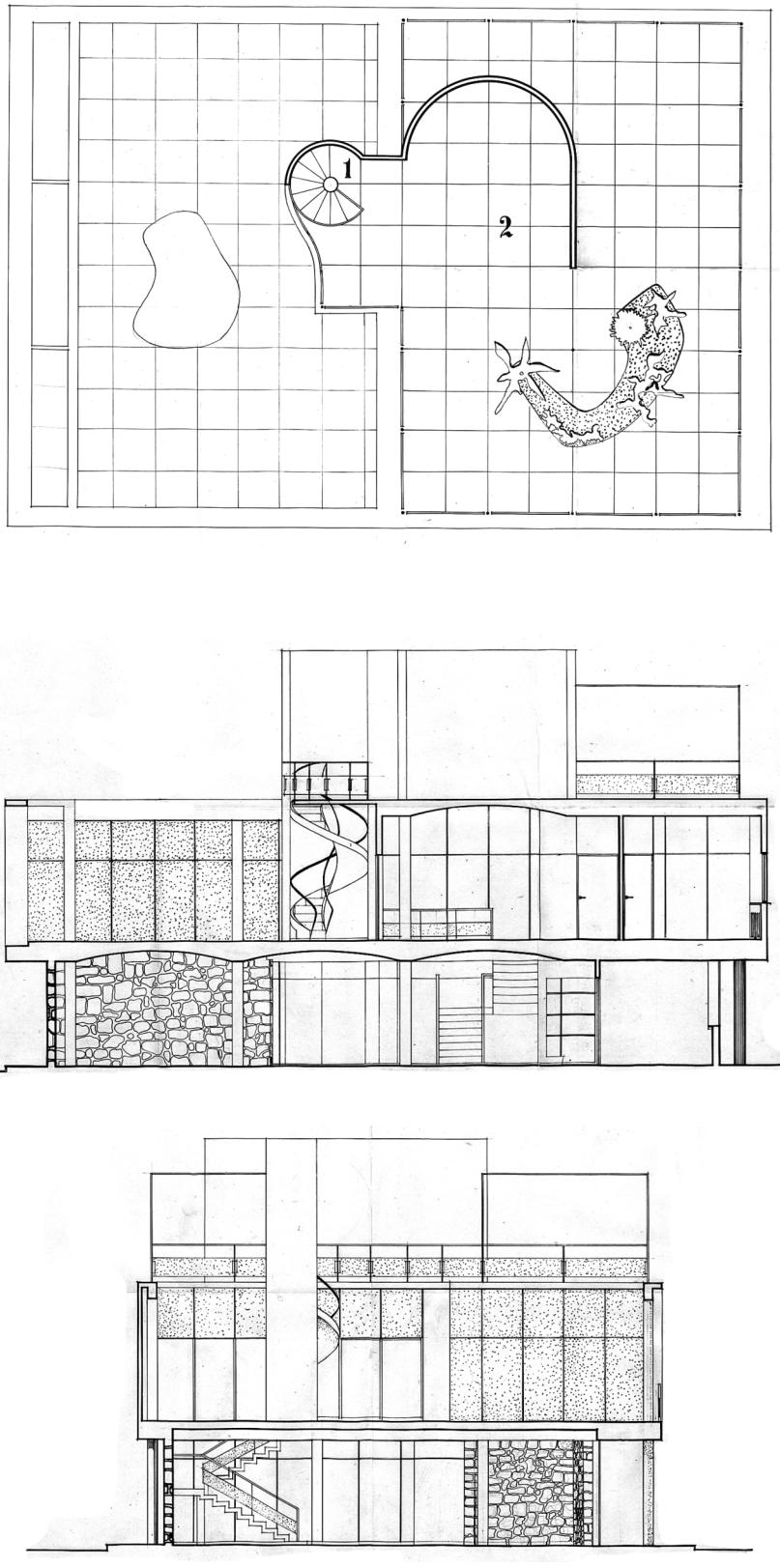
0 1 2 m



1 escada principal
2 vestíbulo-galeria
3 quarto
4 quarto
5 quarto casal
6 wc e banho
7 terraço privativo
8 terraço
9 escada de acesso

53. Solução B
Planta de 1º piso e alçados sul e norte
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

0 1 2 m



1 acesso ao terraço
2 solário

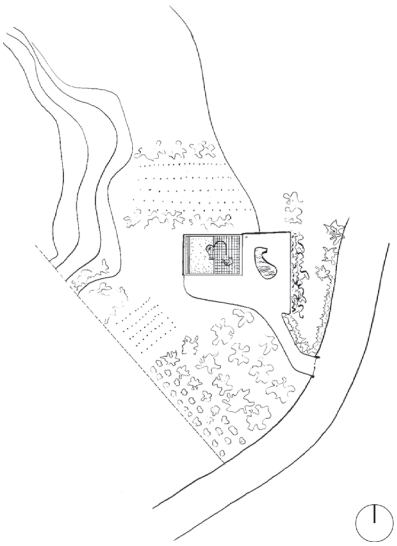
54. Solução B
Planta de cobertura e cortes AB e CD
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

0 1 2 m

03.4.1 O volume puro e o programa da casa moderna

A Solução B resulta num volume paralelepipédico puro, implantado com os lados menores voltados para nascente e para poente. O edifício assenta sobre uma plataforma que parece, a partir dos desenhos, regularizar o terreno e criar uma espécie de adro, ou eira, que antecede a habitação. É desenhado um lago e um conjunto de árvores que protege a casa da via pública.

O volume, em altura, divide-se em três momentos: o rés-do-chão, recuado e numa materialidade rústica, associado ao conjunto de *pilotis* estruturais; o primeiro andar, correspondente a um volume formado ora por massas de parede cega (a norte), ora por grandes vãos (a sul), conta também com uma fita de janelas horizontais, a nascente, e uma fachada inteiramente formada por *brise-soleil* verticais, a poente; e o último piso, o terraço, que resolve o encontro do edifício com o céu através de uma parede curva e de uma estrutura metálica que possivelmente seria revestida por vegetação.

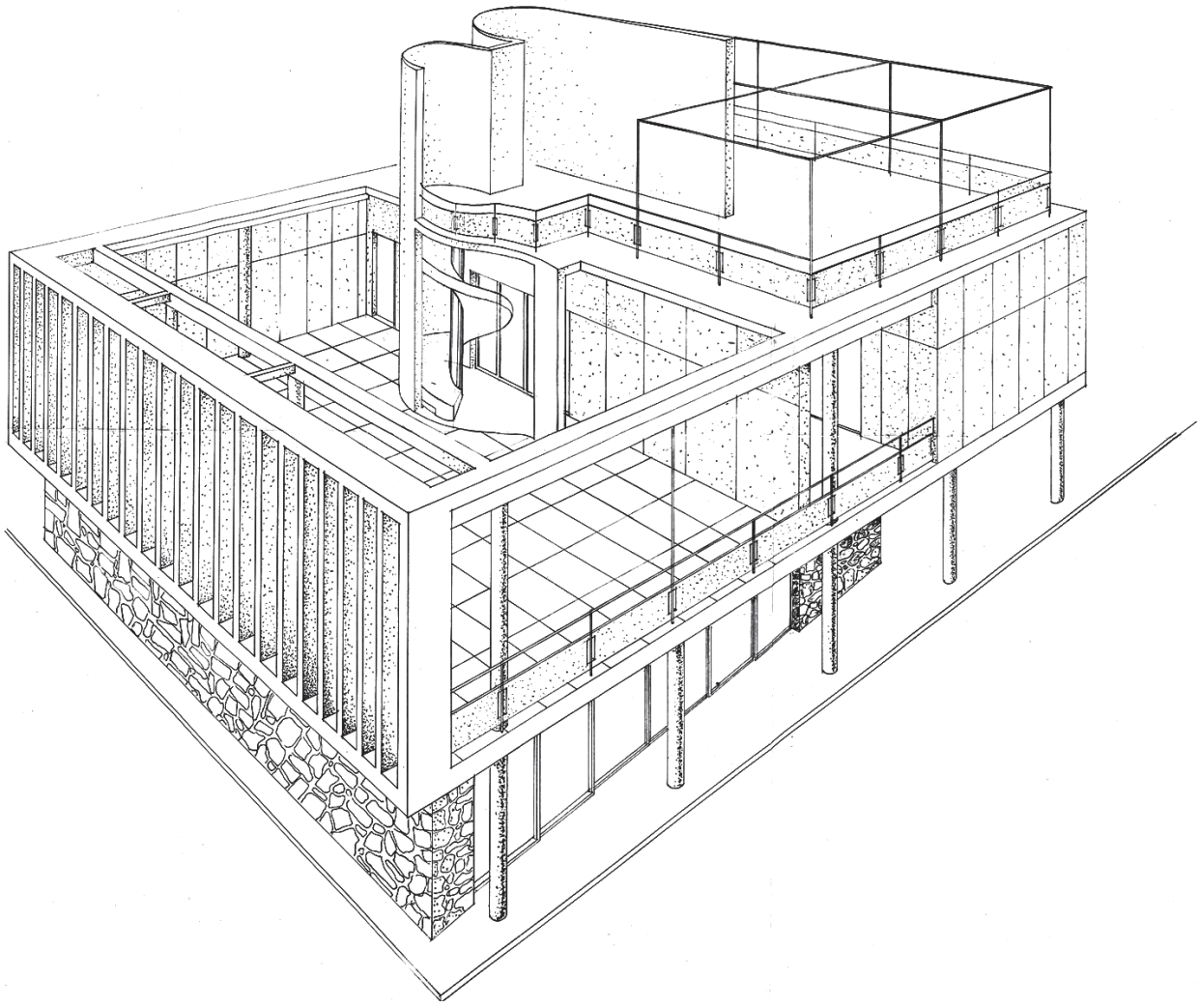


55. Implantação
Planta, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

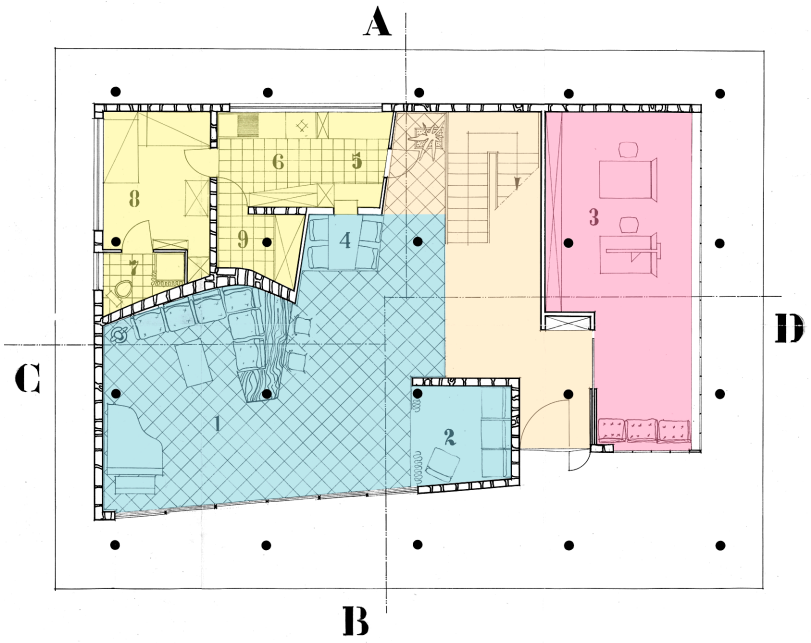
Há, nesta solução, uma liberdade e autonomia da proposta em relação ao terreno, revelando uma posição de isolamento da mesma, transformando-a num *objeto-tipo*. Ao contrário da solução A, que incorpora elementos naturais existentes (ou inventados) e cria novas topografias, estendendo-se pelo terreno, a solução B, sendo mais concentrada, parece ignorar as idiossincrasias do lote. Amorim ignora por completo a *existência* do afloramento rochoso, tão visível na solução A – apesar das implantações de ambas as soluções se sobreporem exatamente no lugar onde existiria a rocha. Nas perspetivas a proposta é mostrada de forma isolada e alheia do seu contexto, reforçando a abstração da solução **(56)**.

Após a entrada no terreno e o percurso curvilíneo de aproximação à casa, a porta principal encontra-se recuada em relação à fachada, resguardada pelo volume correspondente ao primeiro piso. Os *pilotis*, libertos das paredes e independentes, formam uma linha perimetral que rodeia três dos lados do piso térreo, separando a zona de sombra da zona de luz. No alçado norte, a parede do piso térreo avança sobre o eixo dos pilares, estando estes englobados no espaço interior.

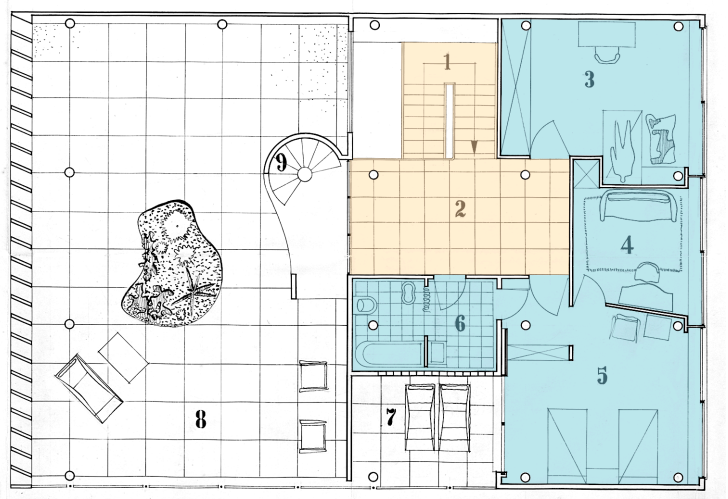
A grande porta principal, pivotante, dá acesso a um



56. Vista sobre o volume
Perspetiva
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor



habitar
trabalho
serviço
circulação



57. Distribuição programática
Rés-do-chão e 1º piso, s/ esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

vestíbulo que permite o acesso, por um lado, à sala de trabalho, que ocupa todo o lado nascente do piso, e por outro lado, à sala que se abre para sul. Este espaço subdivide-se de acordo com as suas funções, marcadas por mobiliário distinto: a zona de refeições, com uma mesa em relação direta com a cozinha, através de um passa-pratos, a zona de estar, formada por uma grande peça de mobiliário que engloba um sofá e uma mesa/secretária, e ainda um nicho, (formado pelas paredes que compõem o vestíbulo,) que pode ser totalmente isolado da sala através de uma cortina, a que Amorim chama "recanto de música". As escadas que dão acesso ao piso superior estão em frente à entrada e escondem o acesso à cozinha e às zonas de serviço, localizadas no canto noroeste do rés-do-chão, nomeadamente a copa e a cozinha, a instalação sanitária e o quarto destinados "às empregadas".

O primeiro piso corresponde ao volume puro paralelepipédico e divide-se, em planta, em duas partes iguais – uma relativa aos espaços habitáveis, outra ao terraço.

O vestíbulo de distribuição, acedido após subir as escadas, permite aceder ao terraço, à instalação sanitária e aos quartos, voltados a nascente. O quarto principal é subdividido em quatro zonas: a entrada com roupeiro e acesso à casa-de-banho; a zona de dormir; uma saleta, denominada também por "quarto"; e um terraço privado, voltado a sul e acessível apenas a partir da zona de dormir.

O terraço assume-se como mais uma sala da casa, tão grande como toda a área reservada aos espaços privados da habitação. Abre-se a sul, através de um grande vão enquadrado pelos elementos estruturais que compõem o edifício, e também para poente, filtrando a luz do sol através de um conjunto de *brises-soleil* formados por lâminas de betão verticais. Protege-se dos ventos do norte encerrando por completo a parede voltada para esse ponto cardeal. A partir daqui é possível aceder à última cobertura do edifício, através de uma escada em caracol. Este último terraço é descrito como solário, funcionando como um espaço exterior privado e resguardado dos olhares vindos da rua, protegido dos ventos do norte e onde os habitantes da casa poderiam aproveitar a boa exposição solar do edifício. Todos os terraços teriam canteiros com vegetação.

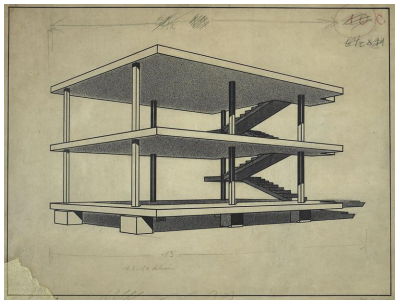
Paradoxalmente, a divisão do programa da solução B é menos fluída e dinâmica do que na solução A. Amorim sugere, nesta solução, um estilo de vida mais estratificado e, em certa medida, mais conivente com o modelo de habitação burguesa da primeira metade do século XX, em que é

possível identificar com clareza os vários níveis do programa da casa, organizados segundo uma escala de privacidade e de usos.

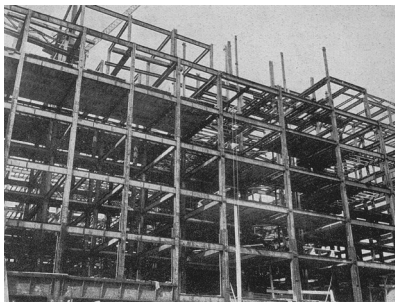
No rés-do-chão, o posicionamento da entrada e o eixo de circulção dividem e hierarquizam o espaço, estando até a sala de trabalho (reservada a toda uma ala do piso) completamente segregada do espaço doméstico.

A escada quebra qualquer possível relação entre os dois pisos da casa, ao contrário do que acontece na solução A, graças quer da rampa, quer da galeria aberta sobre a sala. Nesta solução, todo o primeiro piso é já uma zona privada, reservada aos moradores. Os próprios terraços, pelas suas dimensões e caraterísticas, acabam por ser também espaços que nada se relacionam com as áreas sociais da solução B.

03.4.2 A pré-fabricação



58. Maison Dom-Ino
Le Corbusier, 1914
© FLC/ADAGP



59. Estrutura pré-fabricada
Fotografia publicada na *L'Architecture d'Aujourd'Hui* de janeiro de 1946, dedicada unicamente à pré-fabricação

Nesta versão da casa Amorim explora as potencialidades dos novos materiais e dos novos métodos construtivos que lhe chegavam, à época, a partir de referências estrangeiras.

Há nele uma vontade de inovar e se posicionar na frente do desenvolvimento técnico, referindo até que a solução que apresenta no CODA nunca tinha sido edificada em Portugal (até, pelo menos, 1947). O seu foco é, genericamente, o de "satisfazer as necessidades do homem de hoje"[56], recorrendo ao betão armado e a técnicas construtivas de vanguarda, como a utilização de elementos estandardizados e a construção a seco.

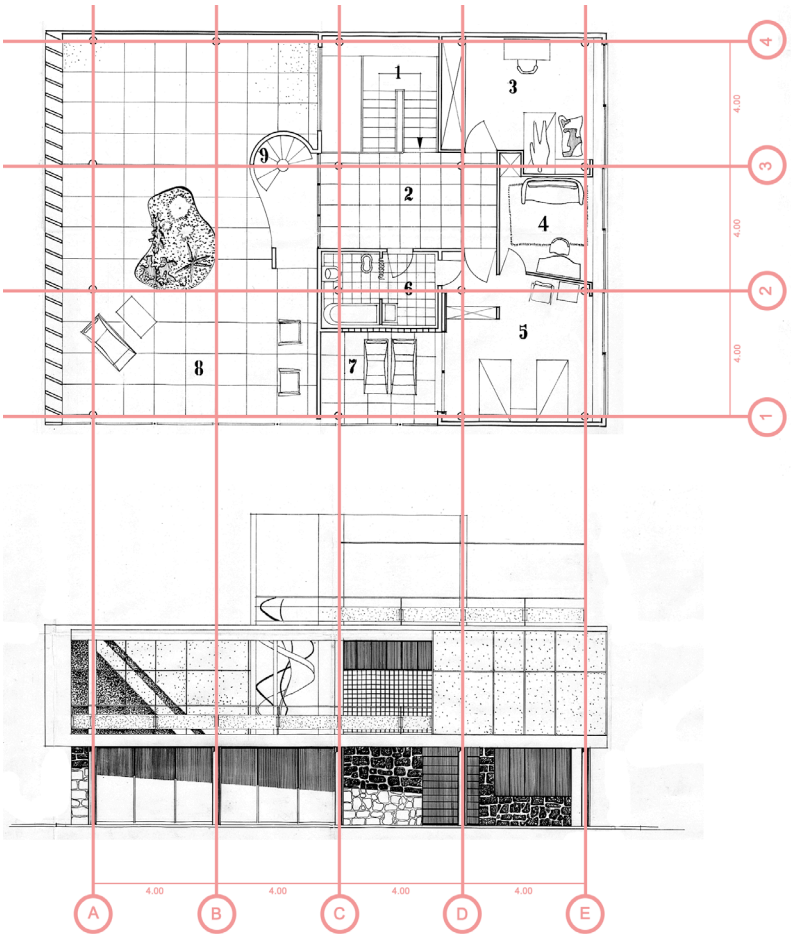
Os elementos estruturais são reveladores do método construtivo, possibilitando uma construção que cumpre *os cinco pontos da nova arquitetura*, sistematizados por Le Corbusier em 1926, além de que a preocupação em explorar a capacidade construtiva e a expressão formal resultante da pré-fabricação era um tema atual (à época), partilhado por arquitetos como Jean Prouvé e Marcel Lods, publicados em revistas internacionais **(59)**.

Os *pilotis,* organizados segundo uma grelha de 4 metros por 4 metros, permitem libertar todas as paredes da sua função estrutural, possibilitando a liberdade formal e compositiva quer em planta, quer em alçado **(60)**. A lógica construtiva é baseada numa composição de pilares e vigas que apoiam as lajes de pavimento, que pelos cortes gerais do projeto, são formadas por elementos aligeirados em abóbada, o que diminuiria o peso da construção e facilitaria o processo de assemblagem.

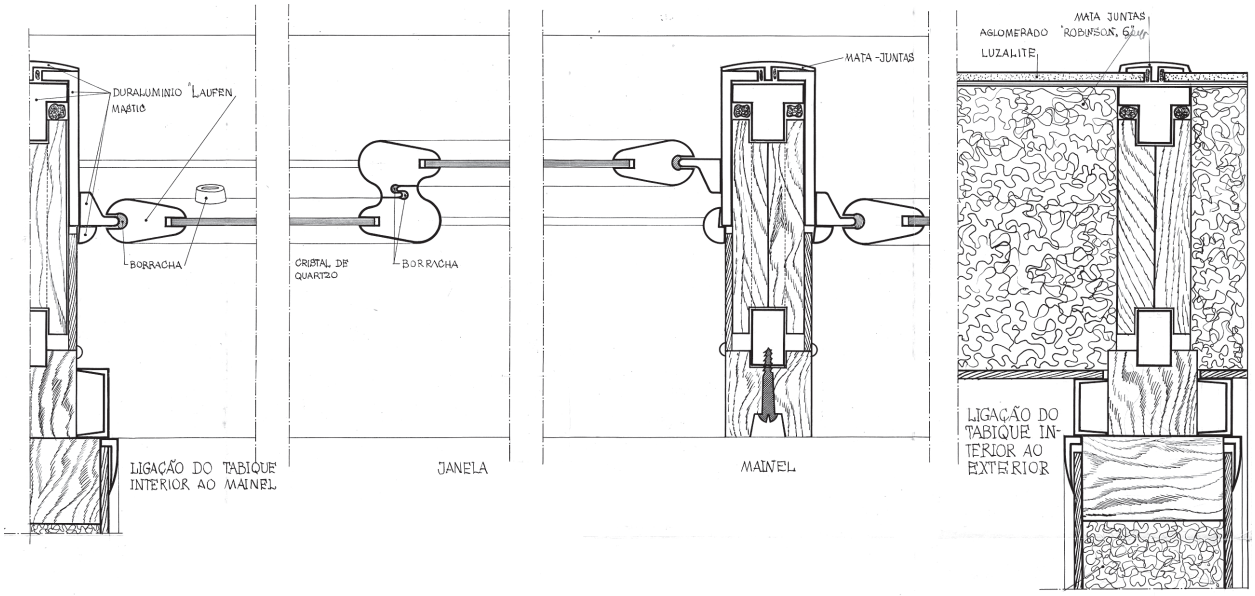
Tanto as paredes interiores como as paredes exteriores são formadas por uma estrutura em madeira, preenchida por aglomerado de cortiça *Robinson*, de espessura variável, e acabadas com placas de madeira prensada, pelo lado interno, e por placas de fibrocimento, no contacto com o exterior.

A plasticidade da solução é obtida pela conjugação de superfícies planas e regulares do volume paralelepipédico com os panos de parede de alvenaria, bruta e rústica, do rés-do-chão. A escolha deste material para a composição do piso de entrada resulta duma atitude irónica, na medida em que é utilizado o aparelho de pedra, que na solução A

56. Delfim Amorim – Memória Descritiva. *A minha casa*. 1947.



60. Eixos estruturais da Solução B
Planta de 1º piso e alçado principal, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor.



61. Pormenorização de caixilharia e paredes exteriores
Planta, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor.

tem um papel estrutural, e que aqui surge apenas como material que resolve a relação do edifício com o chão, estando liberto da função portante, pois essa é assegurada pelo sistema coordenado de *pilotis-vigas*.

Os grandes panos envidraçados da sala de estar e da sala de trabalho asseguram uma contínua relação com o exterior, com a possibilidade de, no caso da sala de estar, abrir todos os caixilhos de correr e prolongar o espaço interior para o espaço coberto e para o exterior.

O tratamento plástico dado ao volume correspondente ao primeiro piso seguiu, pelo que se interpreta dos desenhos, dois princípios: a formação de uma superfície plana e regular, possivelmente rebocada, nos pilares , nas vigas e na marcação das lajes, criando uma espécie de esquadria que enquadraria uma estereotomia formada por placas retangulares de fibrocimento *Lusalite*, separadas por mata-juntas de alumínio perfilado **(61)**, que confere unidade e continuidade aos quatro alçados.

Não se conhece se haveria intenção de ser aplicada cor, mas essa hipótese não seria estranha a Delfim Amorim, como se irá confirmar em obras construídas. Salienta-se ainda a aplicação do que parecem ser azulejos na parede presente no terraço privado do quarto principal, virado a sul. Este material iria com certeza destacar-se no alçado, pelo brilho e pelos reflexos que lhe são tão naturais. O azulejo irá tornar-se um material muito caro à produção arquitetónica de Amorim, já no seu percurso no Brasil.

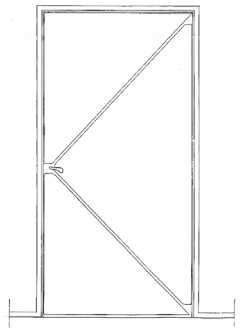
As opções tomadas pelo arquiteto na caracterização dos espaços interiores são vagamente descritas nos desenhos correspondes ao pormenor das caixilharias, presentes na folha 5 desta solução. O alumínio perfilado e pré-fabricado é o material que mais se destaca na pormenorização dos vãos, das caixilharias e dos remates das paredes interiores. Estas são construídas através de uma esquadria-mestra de vigamentos de madeira, preenchida com aglomerado de cortiça *Robinson*. Seriam depois forradas por ambos os lados por folhas de madeira prensada, com mata-juntas de alumínio. Os tetos seriam forrados também por madeira prensada.

A última folha relativa à solução B descreve dois pormenores-tipo, um para uma porta interior, outro para uma janela de correr. Todos os elementos revelam uma procura por uma construção rápida, otimizada, lógica e racional.

A construção das caixilharias interiores seguiria o seguinte modelo: as folhas seriam formadas por uma esquadria de alumínio perfilado, preenchida por aglomerado de cortiça e forrada com madeira prensada. As guarnições



62. Solução A – Porta interior
Alçado, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor.



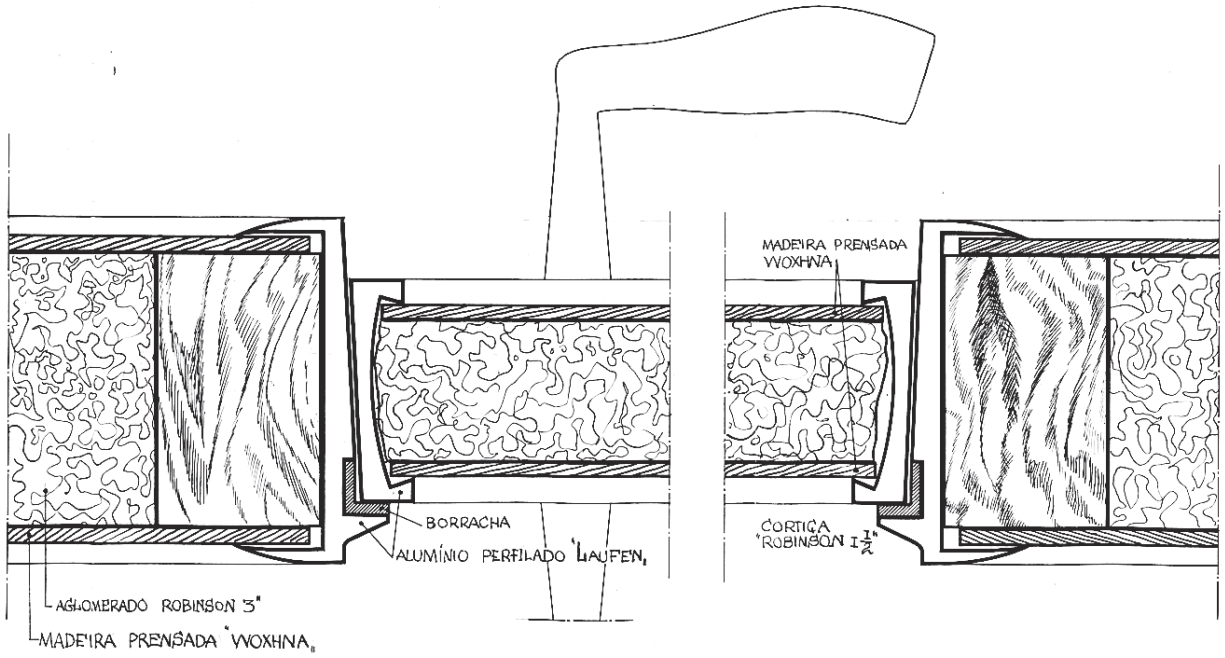
63. Solução B – Porta interior
Alçado, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor.

seriam também de alumínio perfilado. O desenho das portas da solução B mimetiza, sem copiar, o esquema construtivo das portas da solução A **(62 e 63)**. Enquanto que na primeira Amorim está dependente das técnicas construtivas vernaculares e artesanais, como a assemblagem de peças de madeira e o trabalho de marcenaria, na segunda solução, os processos modernos de construção são utilizados para agilizar os tempos de produção e de montagem das peças, havendo ainda uma transposição quase literal do aspeto das folhas das portas.

As caixilharias exteriores de correr são de vidro simples e de esquadria formada por perfis de alumínio mínimos, com guarnições, aros-fixos e parapeitos também em alumínio pré-fabricado, adaptados para resolver a união do caixilho com as paredes exteriores **(61)**.

De forma sintética, Amorim resume a lógica da construção dos elementos não-estruturais: "Material resistente – Duralumínio; Material isolante – Cortiça, Borracha; Material envolvente – Madeira prensada"[57], indicando que as "porta[s] interior[es] em duralumínio e materiais prensados (cortiça e madeira) [seriam] construída[s] e montada[s] em fábricas ou oficinas próprias"[58].

57. cf. Delfim Amorim – Folha B5. *A minha casa*. 1947. VAD-p.73.
58. Ibidem.



64. Solução B – Porta interior
Corte, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor.

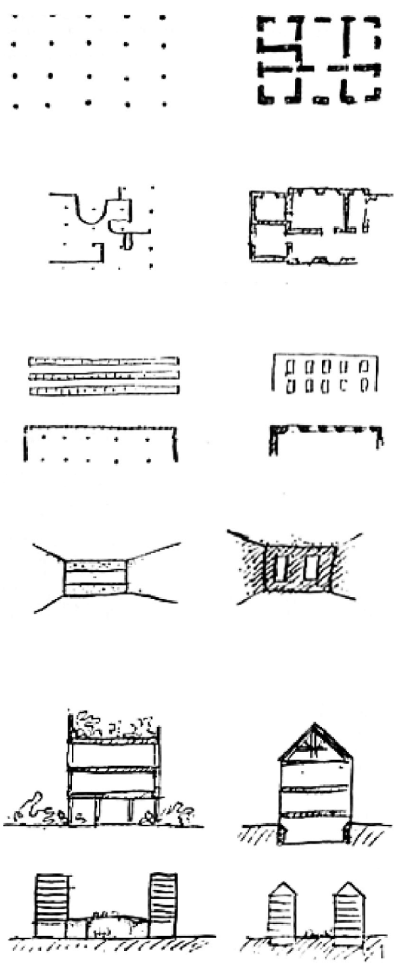
03.4.3 Relação com a obra construída

A solução B do CODA de Delfim Amorim é ao mesmo tempo herdeira e predecessora de algumas experiências arquitetónicas que o arquiteto desenvolveu na sua prática profissional nos anos próximos à apresentação do projeto académico. Há uma tendência para a exploração dos conceitos teóricos de um modernismo purista, alicerçado nas pesquisas de Le Corbusier **(65)** e na *Carta de Atenas* (1933), que, no contexto meramente experimental e académico do CODA foram explorados ao limite, mas que foram postos em prática (ainda que com condicionantes) em contextos reais, construídos e não-construídos.

Logo em 1945, ainda como arquiteto-estagiário e trabalhando em conjunto com o engenheiro Armando Ferreira Areias, projeta um edifício localizado no logradouro de um lote estreito e longo, e sobre uma construção pré-existente que servia de anexo ao edifício principal, localizado à face da rua. A encomenda pretendia a construção de um pequeno salão-de-chá nas traseiras da pastelaria e confeitaria *Aliança*, situada numa das artérias principais da Póvoa de Varzim, em frente ao Mercado Municipal **(66)**.

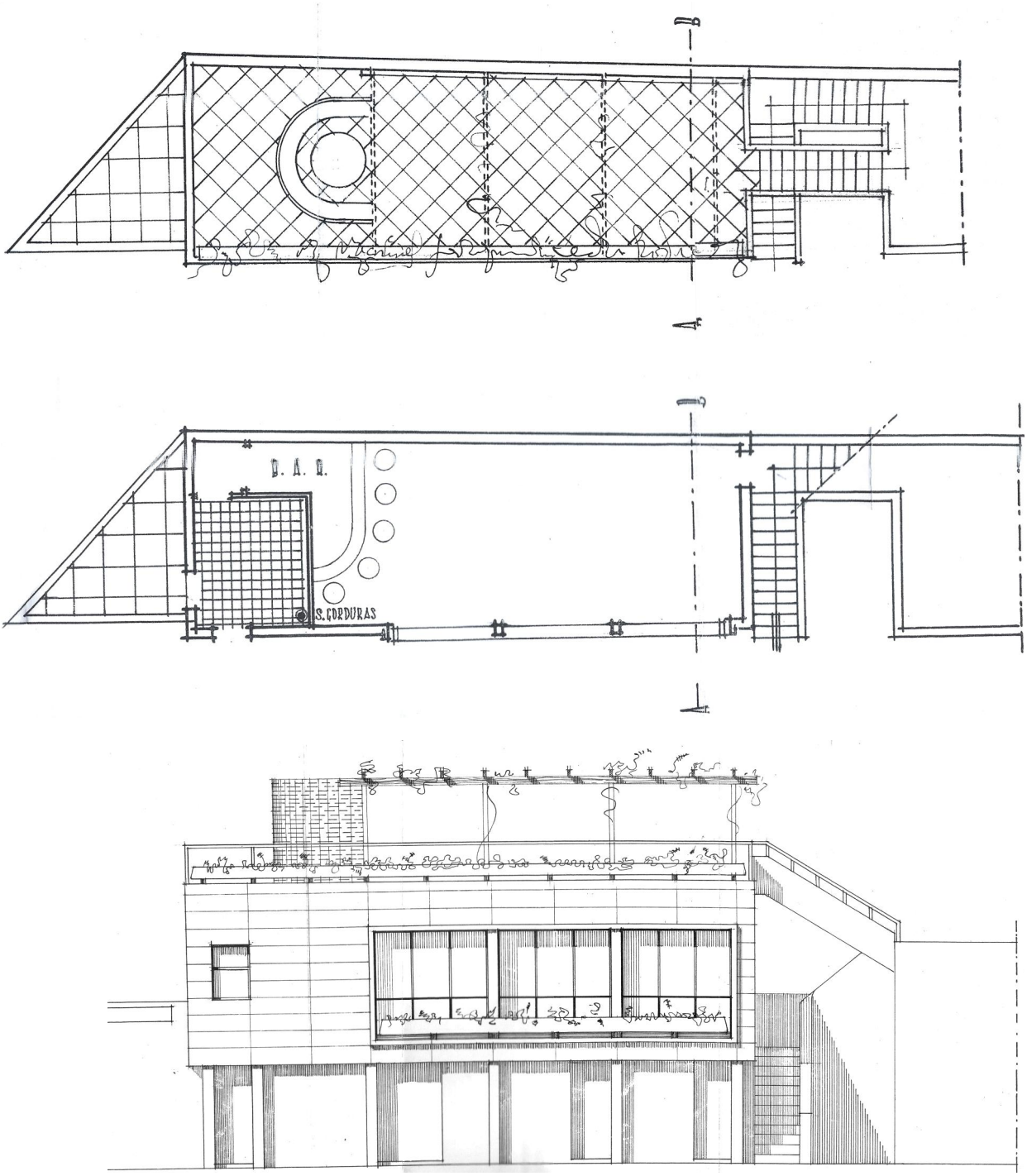
Devido à configuração do lote e da pré-existência, Amorim projeta um volume paralelepipédico assente sobre pilares de betão, saliente em relação ao edifício já existente, colocando no primeiro piso "o salão-de-chá (…), com cozinha anexa e um pequeno bar de serviço"[59]. Tirando partido da cobertura plana do volume é criado um terraço servido de uma parede curva (numa materialidade distinta do resto da construção) e de uma estrutura leve, em madeira ou metálica, como uma ramada, para acolher vegetação trepadeira.

Apesar da pequena dimensão da proposta, é possível identificar o alinhamento plástico e compositivo com experiências do modernismo europeu, presentes desde logo no sistema construtivo, denunciado pelos pilares que se destacam na fachada do rés-do-chão, onde assentariam "pequenas vigas de betão"[60]. O vão de maior dimensão que permite iluminar o interior do salão-de-chá revela uma tentativa de *fenêtre-en-longueur*, ainda que subdividido em três partes iguais por elementos estruturais. A existência do terraço, aproveitando a cobertura plana praticável como mais um espaço de usofruto, assim como os elementos presentes no mesmo, são uma clara referência às experiências tanto



65. Cinco pontos da arquitetura moderna
Le Corbusier, 1926

59. Armando Ferreira Areias – Memória descritiva e justificativa. 1945. AMPVZ, dep. 05(72)
60. Ibidem.



66. Salão de chá *A Aliança* (VAD-p.22)
Plantas de 1º piso e de cobertura e alçado principal
Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim, 1945
© AMPVZ, dep. 05(72). Intervencionado pelo Autor

de Le Corbusier na Ville Savoye, como de outros arquitetos modernos contemporâneos de Amorim.

Do conjunto de obras assinadas por Delfim Amorim antes da sua ida para o Brasil, há duas casas, uma construída, a outra não, que se relacionam diretamente com a solução B do CODA, explorando os princípios de uma atitude mais purista, afirmando-se estas, assumidamente, como obras de vanguarda.

Projetada em 1947 e construída em 1949, a casa encomendada pelo Dr. António Rocha e pela Sra. Cármen Faria Calado (amiga de infância de Amorim), em Guimarães **(67)**, foi um exercício de maturação das premissas *Lecorbusianas*, resultando num projeto, há época, polémico, por se localizar num lote no centro histórico da cidade, numa rua transversal à Câmara Municipal. A aprovação do projeto foi apenas possível devido à intervenção favorável do escultor modernista António de Azevedo[61].

Luís de Oliveira Martins assina o projeto conjuntamente com Delfim Amorim, tendo-o utilizado como seu projeto para o CODA, apresentado em 1949 e intitulado *Uma habitação para uma família de classe média*, tendo sido classificado com 19 valores (VAD-p.108). Há, contudo, ligeiras alterações entre os desenhos apresentados por Oliveira Martins e os entregues na Câmara Municipal de Guimarães. Porém, a forma detalhada como Oliveira Martins pormenoriza todos os elementos desta casa, permitem-nos fazer um paralelismo com o a solução B de Amorim.

Ao contrário da solução B, que divide o programa da casa pelo rés do chão e pelo primeiro piso, a Casa António Rocha concentra todos os espaços habitáveis no primeiro piso, reservando o rés-do-chão apenas para zona de entrada e acessos verticais, garagem e arrumos **(69)**. Com isto, é libertada área coberta no rés-do-chão, aproveitada como espaço de lazer exterior **(68)**. Este núcleo, recuado em relação ao plano de fachada do volume que está assente sobre pilares, é construído tirando mais uma vez partido das paredes de alvenaria de pedra à vista, que assumem uma liberdade tanto formal como plástica, libertando-se da estrutura. Uma das paredes da garagem está ligeiramente boleada num espaço entre pilares, de forma a permitir uma melhor abertura da porta do veículo.

A escada (de dois tramos, sendo o primeiro curvo e o segundo reto), ocupa o módulo central formado pelos eixos estruturais que modelam a habitação. Esta permite o acesso aos três pisos, sempre iluminada graças à entrada de luz existente na cobertura.

O programa útil da casa organiza-se em volta da

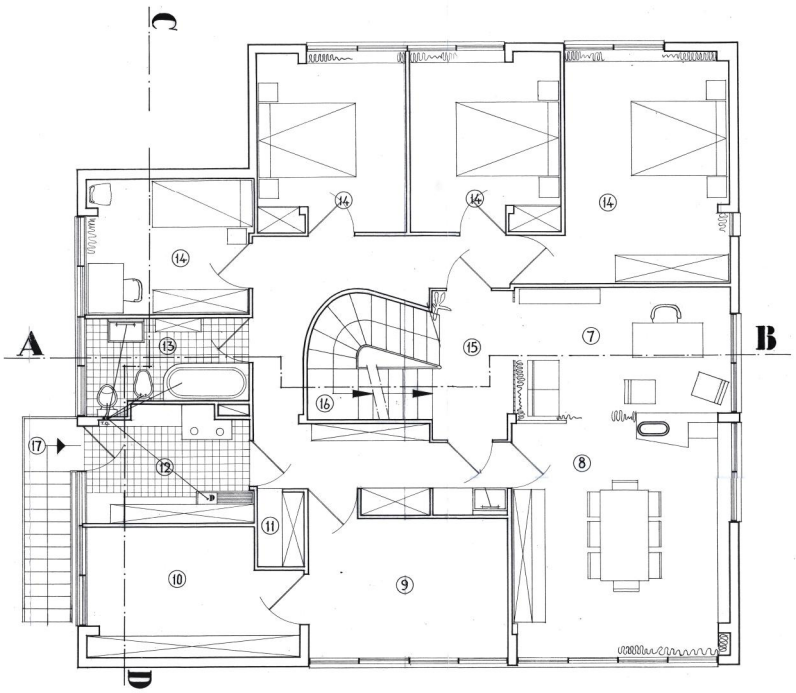


67. Casa António Rocha
Fotografia, s/ data
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
© BMRP

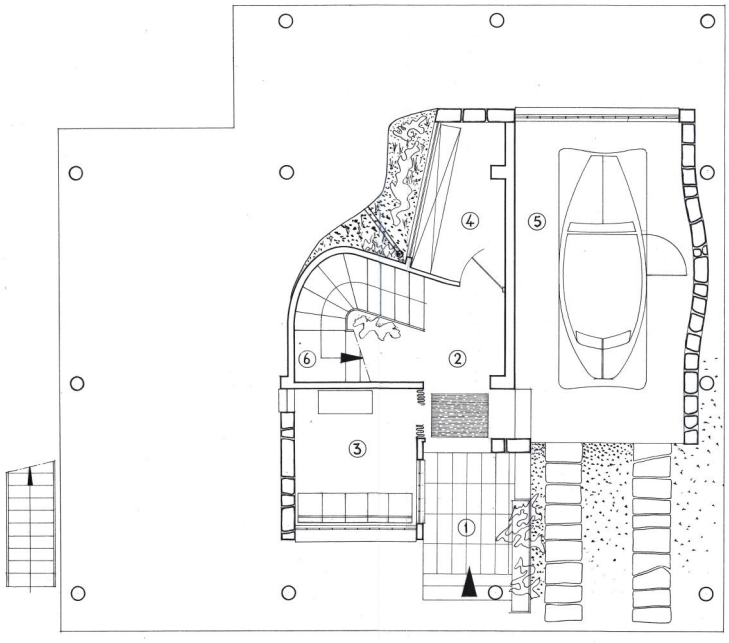


68. Rés-do-chão desobstruído
Fotografia, maio 2023
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
© Autor

61. BANDEIRA, Pedro – Moradia Dr. António Rocha: a "casa avião" ou "casa verde". In *Arquitetura com Autor. Guimarães 1937 a 1970*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães – Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 2013. Pp. 109-110.



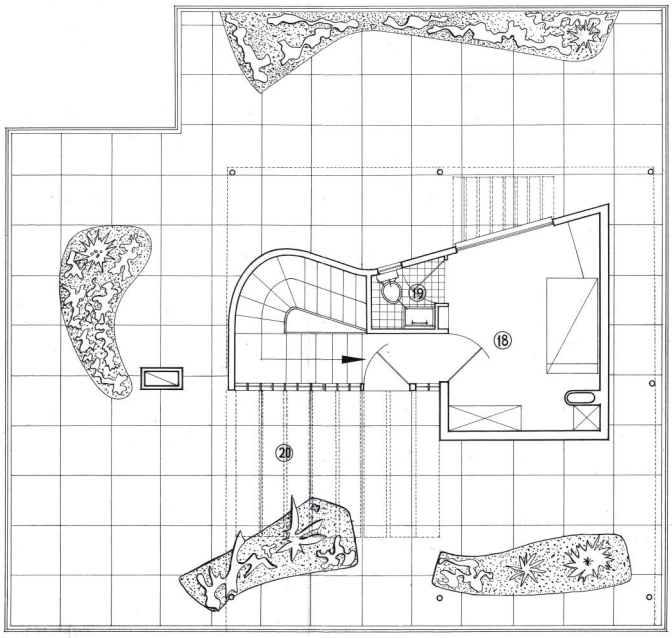
1 entrada
2 hall de entrada
3 saleta de receber
4 garrafeira
5 garagem
6 escada
7 pequena sala-escritório
8 sala de jantar
9 sala de costura
10 sala das crianças
11 dispensa
12 cozinha
13 quarto de banho
14 quartos de dormir
15 vestíbulo
16 escada
17 escada de serviço

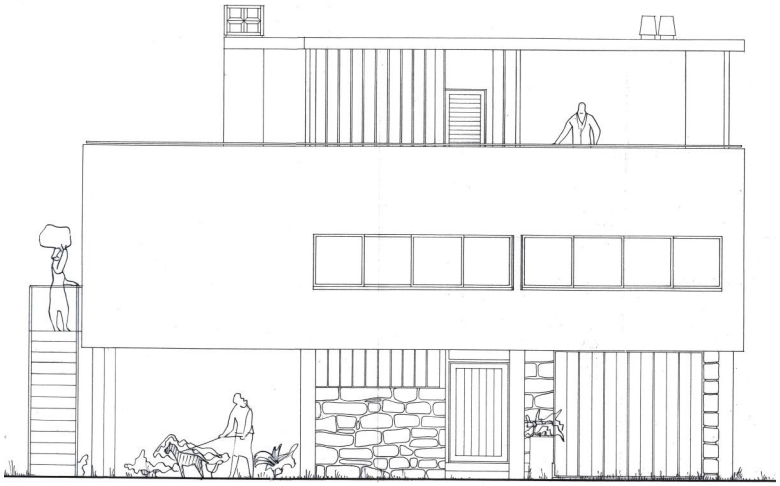


69. Casa António Rocha (VAD-p.104)
Plantas de rés-do-chão e de 1º piso
Guimarães
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
© AMAP. Intervencionado pelo Autor

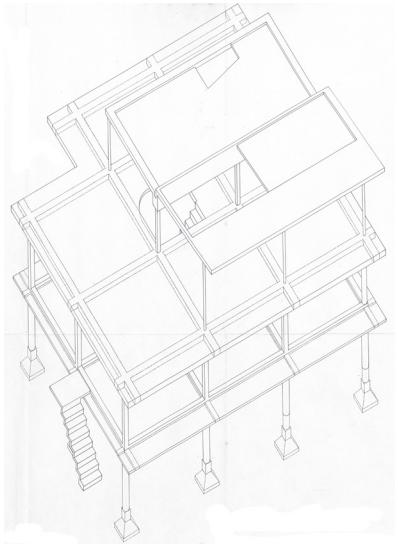
0 1 2 m

18 quarto da empregada
19 quarto de banho
20 terraço-jardim

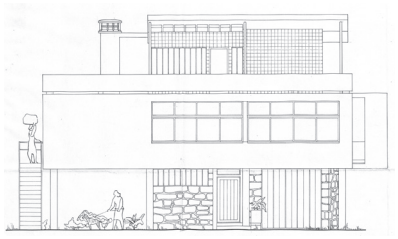




70. Casa António Rocha
Planta de cobertura e alçado principal
Guimarães
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
0 1 2 m
© AMAP. Intervencionado pelo Autor



71. Esquema estrutural
Axonometria, s/ esc.
Luís Oliveira Martins, 1948
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor



72. Uma habitação (VAD-p.108)
Alçado frontal, s/ esc.
Luís Oliveira Martins, 1948
© CD-FAUP. Intervencionado pelo Autor

escada, estando os quartos reservados para sul e virados para o jardim nas traseiras do lote, e as salas e a cozinha viradas para a rua. Uma escada exterior permite um acesso de serviço diretamente à cozinha.

O último piso é, à semelhança do que acontece na solução B, um terraço-jardim, onde se localiza o quarto para "a criada", num volume que engloba a caixa de escadas e cujas paredes não se regem pela ortogonalidade da métrica dos pilares **(70)**. Uma grande pala apoiada em esbeltos pilares metálicos ganha um protagonismo marcante na caracterização do edifício.

As escolhas, herdeiras das experiências de Le Corbusier e do seu projeto para o CODA de 1947, são justificadas por Amorim na Memória Descritiva, como fruto da "própria natureza do terreno"[62], que levou a dupla de arquitetos a optar pela construção em betão armado de estruturas independentes, assentando todo o peso da construção nos pontuais pilares.

Construtivamente, e segundo os desenhos apresentados por Oliveira Martins, que complementam os desenhos gerais do licenciamento, a casa é construída por pilares e vigas de betão armado, a laje do primeiro piso é maciça e a de cobertura é aligeirada de elementos vazados **(71)**, as paredes exteriores são duplas e de tijolo, com caixa de ar, e as paredes interiores são em tabique de rede cerâmica. As caixilharias, tanto interiores como exteriores são em madeira, assim como o pavimento da maioria dos espaços, à exceção das zonas de águas.

A cor assume nesta casa um papel caracterizador e de destaque – o verde, que tanto quanto se sabe, corresponde (talvez num outro tom) à cor original. É aplicada em toda a superfície exterior, à exceção das paredes de perpianho do rés-do-chão. No projeto de Oliveira Martins, o volume presente na cobertura receberia azulejos, "estampados ou pintados"[63] **(72)**.

A semelhança de materiais e de texturas escolhidos entre este projeto e o desenvolvido para o CODA (as superfícies rebocadas, o aparelho de pedra, o azulejo – deixando apenas de parte as placas de fibrocimento), fazem-nos crer que a possibilidade de ser aplicada cor na solução B não seria, possivelmente, descartada por Amorim. Além disso, e ao analisar o conjunto de obras desenvolvido tanto em Portugal como no Brasil é possível verificar a profusão de utilização de diferentes cores, diferentes texturas, e diferentes padrões, numa primeira fase através de rebocos pintados, e mais tarde, através da utilização do azulejo, com padrões desenhados e desenvolvidos pelo próprio Delfim.

62. Delfim Amorim – Memória descritiva e justificativa. 1948. AMAP.
63. Luís de Oliveira Martins – Memória descritiva e justificativa. *Uma habitação para uma família de classe média*. 1949.

Em 1948 é feito o pedido de licenciamento de uma casa para o Sr. Nélson Quintas, um industrial abastado da Póvoa de Varzim. A casa, para ele e para a sua família, teria lugar num lote trapezoidal, à margem da Estrada Nacional Póvoa de Varzim-Viana do Castelo, implantando-se numa posição privilegiada, permitindo-lhe isolar-se no centro do terreno e beneficiar de uma boa exposição solar **(73)**.

Os documentos entregues na Câmara Municipal informam-nos do avançado estado de conceção do projeto, pois juntamente com os desenhos de arquitetura, foram também entregues todos os cálculos e desenhos de engenharia civil, além de um aditamento que altera ligeiramente a posição da casa no terreno. Esta alteração deveu-se à necessidade de ceder parte da propriedade privada ao domínio público, uma vez que o Plano de Urbanização Municipal pretendia a construção de uma praça (a atual Praça Luís de Camões).

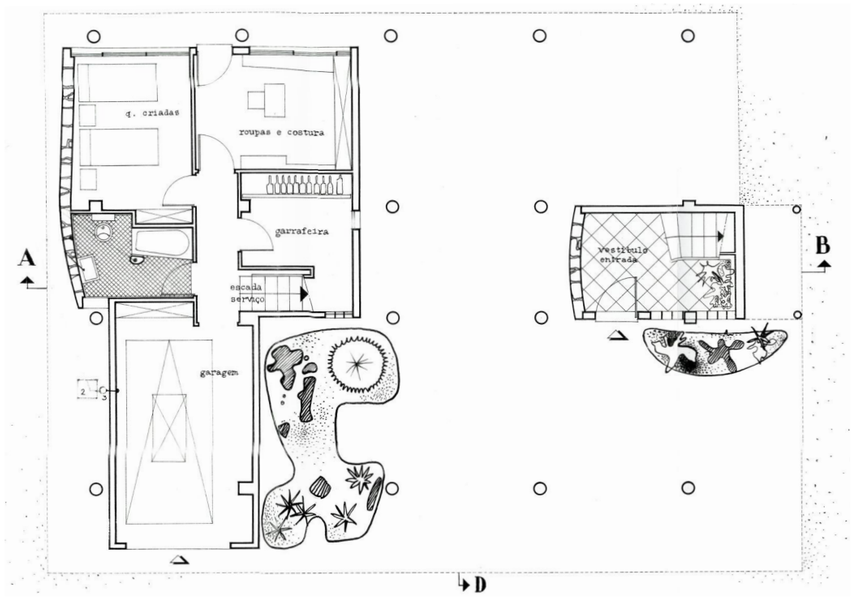
A casa, tal como a solução B e a casa para o Dr. António Rocha, reverbera as lições *Lecorbusianas*, sinónimas de modernidade e de vanguarda, e que, para Amorim, serviriam melhor as "necessidades e anseios do homem de hoje"[64].

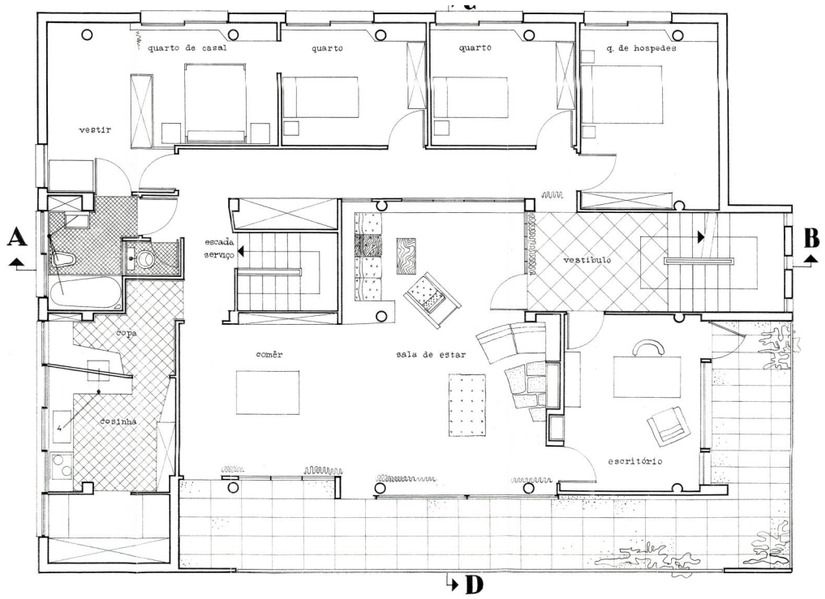
Seguindo a lógica dos exemplos anteriores, a casa desenvolve-se em três pisos: o rés-do-chão, vazado e permitindo espaços de lazer cobertos; o primeiro piso, onde se desenvolvem as ações principais da habitação; e a cobertura, tratada como um terraço e solário – uma continuação do jardim. Foi "concebida dentro dos princípios construtivos modernos do cimento armado, estrutura porticada, lajes de elementos vazados, cobertura visitável"[65] garantindo que o espaço habitável teria "as melhores condições de insolação e orientação"[66].

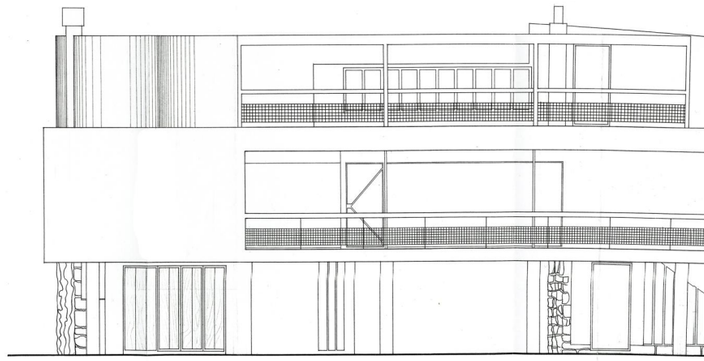
No rés-do-chão, além dos pilares que marcam a grelha estrutural, Amorim projeta dois núcleos distintos, ocupando lados opostos, permitindo uma passagem franca pelo meio da casa. Num dos núcleos, a ser utilizado pelos donos da casa, está a entrada principal e a caixa de escadas, que distribui para todos os pisos superiores. Volumetricamente, a caixa de escadas assume-se como independente do resto da composição, formando um volume autónomo que, destacando-se no alçado sul, se estende desde o piso térreo até à cobertura. O outro núcleo é reservado inteiramente a espaços de serviço, como a garagem, a garrafeira, a sala de tratamento de roupas e o quarto e instalação sanitária para "as criadas". Há ainda uma caixa de escadas secundária, de serviço, que conecta esta zona à cozinha, no piso de cima.

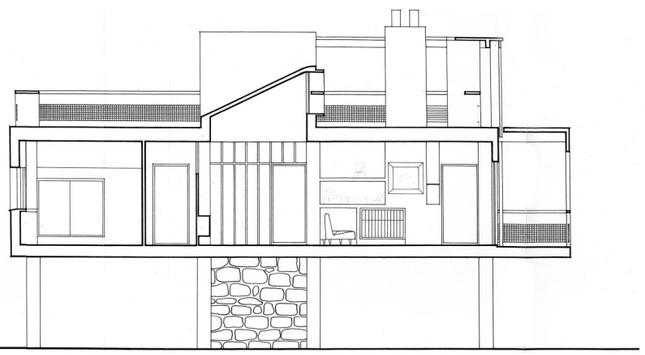
Após subir as escadas principais, a casa divide-se em três zonas: a zona de dia, com as salas de estar, de jantar

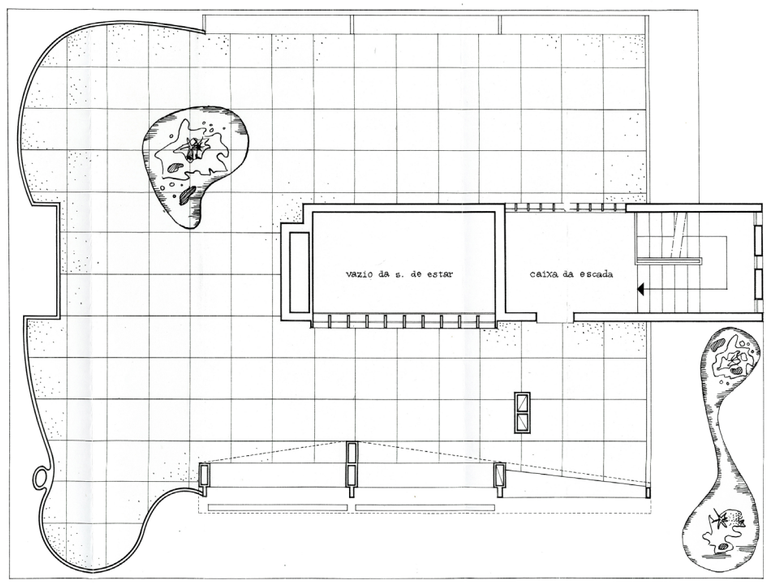
64. Delfim Amorim – Memória descritiva e justificativa. *A minha casa*. 1947.
65. Delfim Amorim – Memória descritiva e justificativa. 1948. AMPVZ, dep. 11(65).
66. Ibidem.











73. Casa Nélson Quintas (VAD-p.116)
Plantas de rés-do-chão, de 1º piso e de cobertura, alçado principal e corte CD
Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim e Luís Oliveira Martins, 1948
© AMPVZ. Intervencionado pelo Autor.

0 1 2 m

e o escritório, voltados a poente e a sul, com uma grande varanda que resulta do recuo da caixilharia em relação à fachada, protegendo-a da incidência solar; a zona de noite, com uma bateria de quatro quartos voltados a nascente; e a zona de serviços, a norte, relacionada, como já referido, com a escada secundária, com cozinha, copa e instalação sanitária. O módulo central da casa é marcado por um aumento de pé direito, criando um volume na cobertura por onde um grande vão envidraçado permite a entrada de luz no ponto que seria o mais escuro da casa. A partir daí, utilizando panos de vidro nas paredes interiores, Delfim Amorim possibilitaria a iluminação do centro da sala, posicionado longe da fachada principal, e toda a área de circulação para os quartos.

Na cobertura salienta-se a presença de um conjunto de paredes curvas, que de uma forma mais livre e orgânica do que nos exemplos analisados anteriormente, protegeria o solário dos ventos vindos de norte.

Analisando os desenhos de licenciamento, podemos concluir que os revestimentos pensados para a casa Nélson Quintas não variariam muito comparativamente à casa Dr. António Rocha: as paredes de aparelho de pedra à vista reaparecem no rés-do-chão, se bem que em menor número e conjugadas com paredes rebocadas; os pilares, o volume do primeiro piso e os vários elementos da cobertura seriam rebocados e, talvez, pintados.

De toda a obra projetada por Amorim, estas duas casas, conjuntamente com a solução B do CODA, são talvez os exemplos que melhor revelam a sua proximidade com o modernismo europeu e com as experiências plásticas e teóricas desenvolvidas por Le Corbusier no período entre o fim da 1ª Guerra Mundial e a 2ª Guerra Mundial.

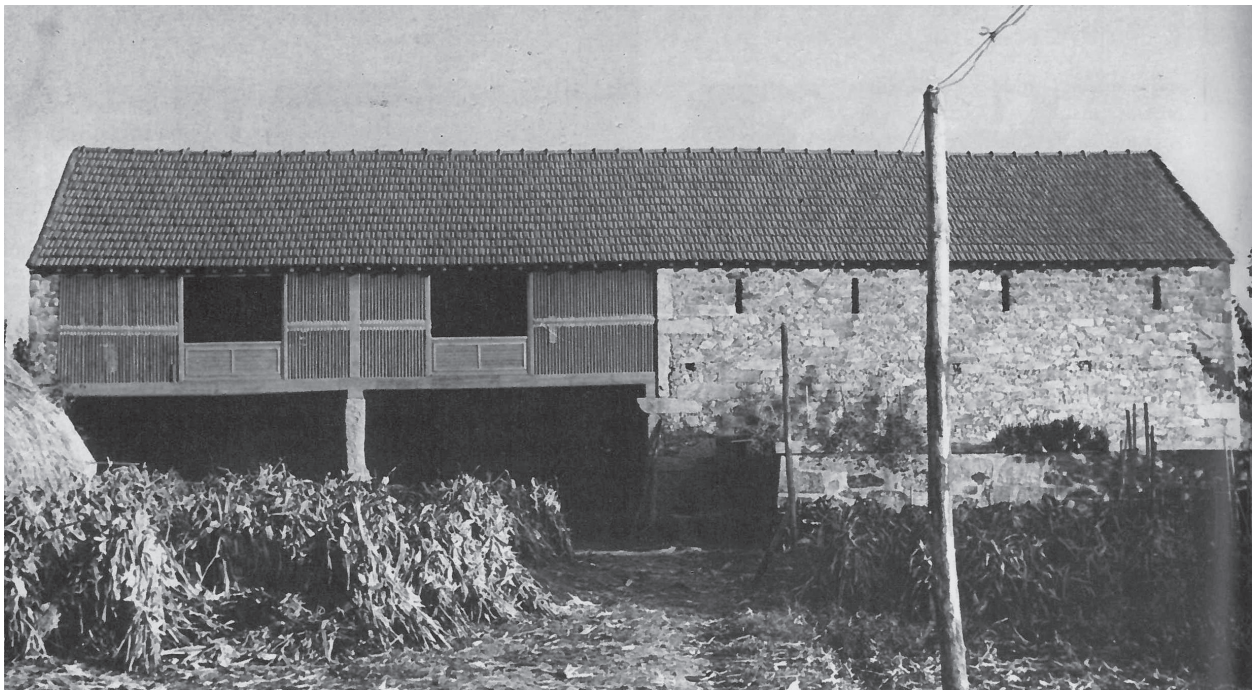
› **Casa Nélson Quintas** 1948

A tarefa do arquiteto será edificar construções de linhas sóbrias e harmoniosas, funcionalmente bem estudadas, simplificando o trabalho [do] lar, criando um ambiente agradável, salubre, higiénico ao operário da fábrica, ao empregado em escritório, ao estudante, e delinear os planos dos aglomerados populacionais em que a humanidade de amanhã sinta intensamente a alegria de viver.
E se cumprir esta tarefa, não terá vivido em vão.

A Arquitetura de Hoje
Delfim Fernandes Amorim, 1951

Sequeiro
Póvoa de Varzim
Fotografia
© *Arquitetura Popular em Portugal*

04



04 A construção de uma modernidade

O percurso profissional de Delfim Amorim, primeiro em Portugal – em conjunto, como referido anteriormente, com Luís Oliveira Martins – e depois no Brasil – onde colaborou com Acácio Gil Borsoi e Heitor Maia Neto – é marcado por um amadurecimento de uma *ideia de modernidade*, resumida de forma clara na dualidade das suas propostas de *A minha casa*, e amadurecida nos anos posteriores nas experiências que foi realizando. Através de uma visão alargada do conjunto arquitetónico que desenvolveu, é possível aferir que de entre as duas versões que ensaiou (uma de raiz vernacular, outra de génese internacional, moderna e *Lecobursiana*), Amorim optou largamente pelo desenvolvimento da solução A, tentando a conjugação da tradição vernacular e das especificidades do *lugar* com os conhecimentos da doutrina moderna. O conjunto da sua obra faz-nos crer que a sua própria noção de modernidade não era refém de dogmas fechados e restritos, mas antes, aberta à experimentação, à influência do contexto para o qual a obra de arquitetura se iria inserir, e que parte antes de um "espírito de vontade"[1] em vez de um conjunto de verdades absolutas e de uma procura estética fechada.



01. Casa sobre o mar
Perspetiva
CODA
Fernando Távora, 1950
© CD-FAUP



02. Casa Ribeiro da Silva
Fotografia, s/ data
Ofir
Fernando Távora, 1957
© DOCOMOMO Ibérico

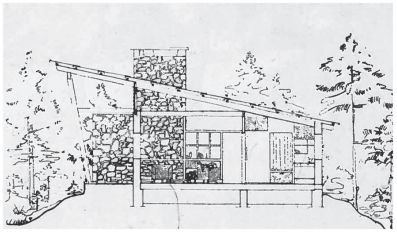
Na verdade, não foi o único a formular esse pensamento. Por volta dos mesmos anos, outros arquitetos portugueses, principalmente membros da ODAM, desenvolviam obras de arquitetura que seguiam o mesmo caminho. Sendo assumidamente modernos e alinhados com o movimento moderno internacional, não ignoravam a História e o *saber-fazer* local, conscientes da situação periférica de Portugal em relação à Europa, defendiam uma Arquitetura Moderna possível de ser conjugada com os meios de produção e com as técnicas construtivas disponíveis. Távora assume a importância das obras de arquitetura espontâneas por serem, no limite, "mais portuguesas" que as obras de arquitetura desenvolvidas pelos arquitetos que o grupo criticava, reféns da *Casa à Antiga Portuguesa*. Diz-nos que "a casa popular fornecer-nos-á grandes lições […] pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa"[2]. O próprio projeto para o CODA de Fernando Távora apresentado em 1950 **(01)**, quando comparado com a restante obra do autor, mostra-nos uma evolução plástica e uma nova forma de leitura das técnicas de construção, transitando de uma solução que dialoga com as experiências de Le Corbusier no pós-guerra, para uma arquitetura enraizada no lugar onde se encontra,

1. Delfim Amorim – Memória descritiva e justificativa. *A minha casa*. 1947.
2. TÁVORA, Fernando – O problema da Casa Portuguesa. *Cadernos de Arquitetura*. Lisboa, nº1 (1947).

procurando tornar-se um "verdadeiro composto"[3] com o meio, como a Casa Ribeiro da Silva, em Ofir, de 1957 **(02)**.

De entre os colegas de curso de Amorim, João Andresen desenvolvia, por volta do mesmo ano em que ambos apresentaram as suas candidaturas para o CODA, projetos de habitações construídos recorrendo a meios e a técnicas simples e acessíveis.

A casa de férias em Ofir **(03)** que desenvolveu (em coautoria com Rogério Martins) entre 1945 e 1946 é exemplo da experimentação de "várias aplicações e combinações de materiais baratos, segundo formas e soluções, eficientes e novas"[4]. A plasticidade da solução é resultado dos materiais utilizados, segundo Andresen de "maneira inteligente"[5]. O arquiteto remata a descrição desta obra com uma afirmação que revela o seu alinhamento na procura de uma modernidade que fosse ideológica e independente da técnica e dos materiais : "note-se a ausência completa de betão armado, manifesta confirmação de que os caminhos, para uma nova e sã arquitetura dependem mais do critério a seguir do que dos materiais empregados na construção"[6]. Da mesma forma, projeta a casa de férias para o escritor Ruben A. **(05)**, em 1948, localizada em Viana do Castelo. Conjugando uma solução de lajes de betão com paredes de pedra e cobertura de madeira, Andresen explora temas comuns a Amorim, como a inclinação das águas do telhado, em *borboleta*, e o sistema de acesso ao segundo piso da habitação que é reservado a apenas uma parte do volume, composto por uma rampa conjugada com escadas.



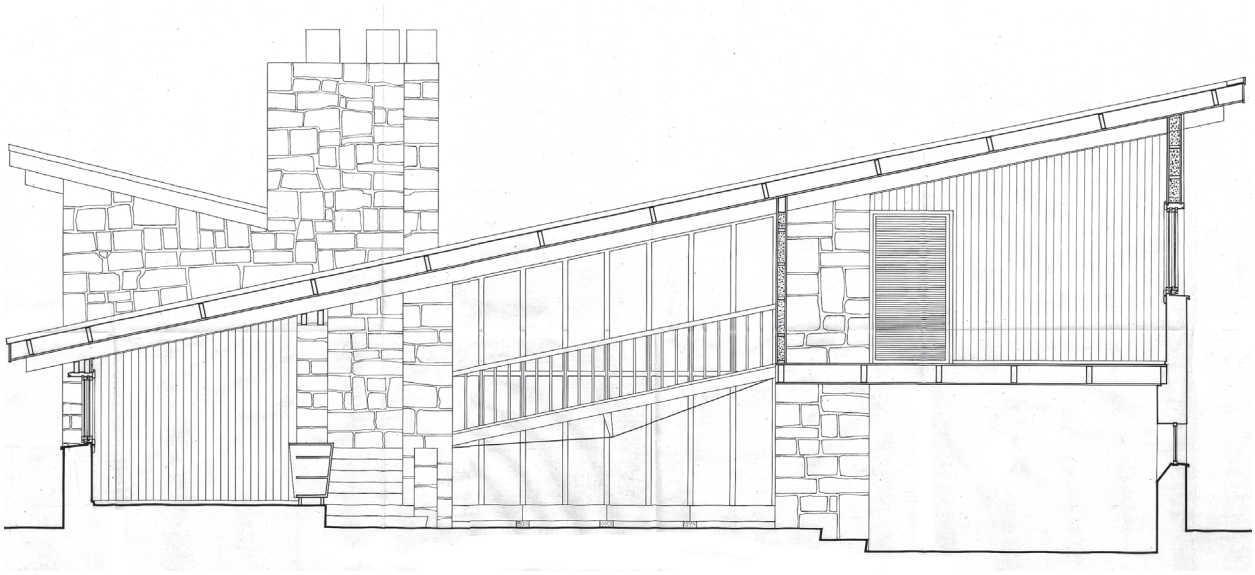
03. Casa de férias
Corte transversal, s/esc.
Ofir
João Andresen, 1945-1946
© Revista *Arquitectura*

Após a experiência d'*A minha casa*, a produção de Amorim multiplica-se, tanto em encomendas como em abordagens plásticas e disciplinares. Há no seu trabalho uma adaptação clara ao contexto para onde intervém, transitando entre opções estéticas resultantes de escolhas construtivas diferentes, criando um leque variado e distinto de abordagens arquitetónicas.

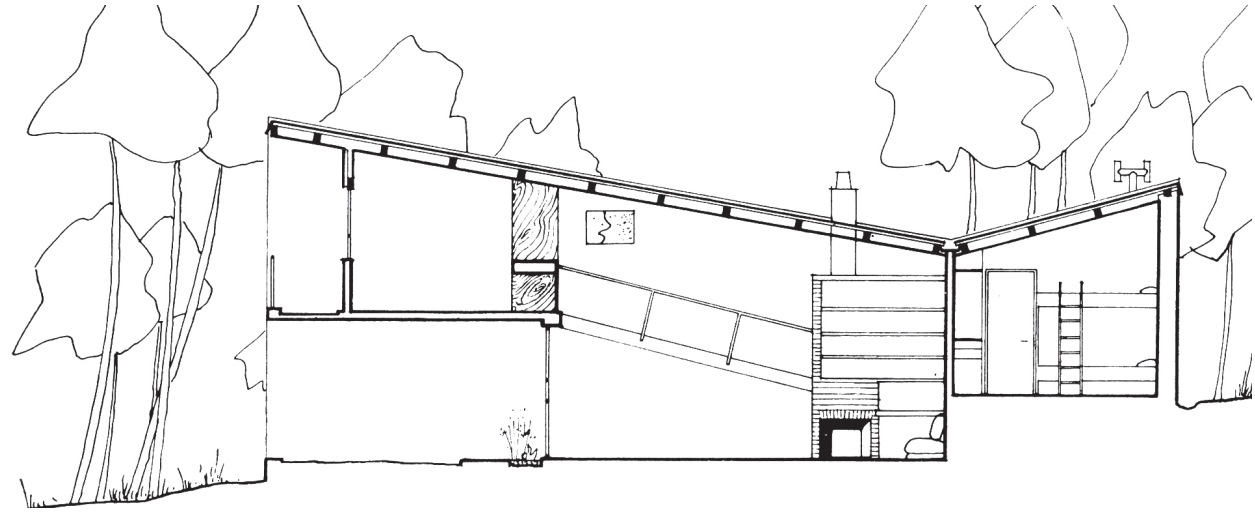
A solução B reverbera, além das duas casas já descritas em capítulos anteriores, em alguns projetos habitacionais.

No mesmo ano em que desenvolve o projeto do CODA, projeta um edifício de habitação plurifamiliar para a frente marítima da Póvoa de Varzim **(07)**, onde recorre a uma duplicação da fachada, através de uma estrutura de betão armado, em que se serve da geometria para compor um sistema de varandas e de *brises-soleil* que protegesse o interior da incidência do sol poente. A parede curva presente no solário denuncia uma referência à obra de Le Corbusier. Da mesma forma, um projeto nunca construído, desenvolvido com Oliveira Martins em 1950, previa a construção de um grande

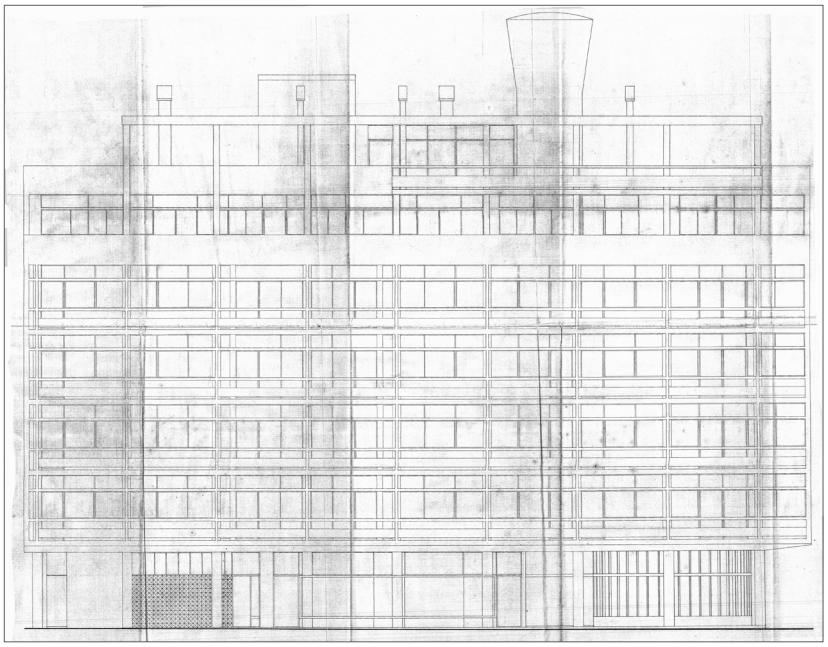
3. Fernando Távora – Memória descritiva e justificativa. In *Arquitectura*. Ano XXV, 2ª série, nº 59 (junho 1957).
4. João Andresen – Memória descritiva e justificativa. In *Arquitectura*. Ano XXII, 2ª série, nº 33-34 (maio 1950).
5. Ibidem.
6. Ibidem.



04. Solução A
Corte transversal, s/esc.
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© CD-FAUP. Intervencionado pelo autor.



05. Casa Ruben A.
Corte transversal, s/esc.
Carreço, Viana do Castelo
João Andresen, 1948-1950
© DOCOMOMO Ibérico



06. Edifício Alves Peixoto
(VAD-p.172)
Alçado principal, s/ esc.
Porto
DFA E LOM, 1950
© AG-CMP



07. Edifício Josué Silva (VAD-p.90)
Fotografia, s/ data
Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim, 1947
© BMRP



08. Casa Dimas (VAD-p.188)
Fotografia. s/ data
Aver-o-Mar, Póvoa de Varzim
DFA e LOM, 1950
© BMRP



09. Casa Alberto Moreira
(VAD-p.94)
Fotografia. s/ data
Póvoa de Varzim
DFA e LOM, 1947
© BMRP



10. Azulejos desenvolvidos por Amorim
© Alcilia Afonso

7. BRUAND, Yves – 2. O Nordeste. In *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1997.
8. RODRIGUES, Inês Lima – Cuando la vivienda colectiva era moderna. Desde Portugal a otros países de expresión portuguesa. 1948-1978. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2014. P. 124.
9. MELO, Maria Cicília – A casa de Amorim: Uma reflexão sobre residências unifamiliares na década de 60 em Recife. *11º Seminário Nacional Docomomo Brasil. Anais Eletrônicos*. Recife: Docomomo Brasil, 2016.
10. cf. "Já em território brasileiro, Amorim transformou o racionalismo dos seus primeiros anos, fruto da sua formação em Portugal, numa arquitetura com expressão local." RODRIGUES, Inês Lima – op. cit. P. 273.

complexo habitacional junto da Praça das Flores **(06)**, no Porto. O conjunto, formado por edifícios em barra perpendiculares à rua, recorre uma vez mais à imagética moderna internacional, influenciado pelas Unité d'Habitation *Lecorbusianas*.

Em 1951, quando Amorim emigra para o Recife, parte com uma bagagem técnica e com um conjunto de obras desenvolvido que espelha o processo de síntese que o arquiteto tem vindo a desenvolver desde que começa o seu percurso profissional. No Brasil, Amorim vai absorver a cultura arquitetónica nacional, permitindo-se a uma exploração formal mais livre, inspirado possivelmente pelas obras de Niemeyer e de Reidy. A sua prática adapta-se ao novo contexto, fortemente influenciado pelo clima, quente e húmido, que caracteriza aquela região do Brasil, adotando a introdução de elementos vazados nas fachadas, como *cobogós* e *brises-soleil*, e desenvolvendo sistemas de ventilação constante através de peitoris ventilados, presentes por exemplo no Edifício Acaica, de 1957.

É na conceção de habitações unifamiliares que Amorim vai, de facto, perpetuar a sua pesquisa em torno da solução A de 1947. Consciente das necessidades de para onde projeta, vai inconscientemente desenvolver um modelo de *casa-tipo*, identificado por Geraldo Gomes[7] como *a Casa de Amorim*, pela sua importância, novidade, e capacidade de formar escola[8]. Delfim sintetiza o modelo de casa colonial com a doutrina moderna que traz de Portugal, adaptando o necessário para responder às exigências térmicas de ventilação e de proteção solar que, na verdade, não enfrentava quando projetava para o norte de Portugal.

O modelo da *casa de Amorim* não é senão uma evolução orgânica e lógica dos modelos que ensaiou entre 1944 e 1950, como a Casa António Rocha, a Casa Alberto Moreira **(09)**, a Casa Santos ou a Casa Dimas **(08)**. Este modelo é caraterizado por "prismas elevados sobre uma base de pedras, que salientam a habitação como um objeto autónomo, numa composição que procura mostrar-se uni-volumétrica, desvinculando a residência do solo"[9]. Além disso, a utilização de materiais simples e locais, conjugados com lajes de cobertura em betão armado revestidas com telha cerâmica (criando uma caixa de ar que ventila naturalmente a laje), venezianas de madeira retráteis que permitissem a proteção dos vãos e a aplicação de azulejos, com padrões desenvolvidos pelo próprio Amorim **(10)**, material "resgatado" por ele nesta zona do Brasil, facilitam a identificação deste tipo de casa.

Ao contrário do que afirma Inês Lima Rodrigues[10], não foi apenas no Brasil que Amorim desenvolveu uma "arquitetura com expressão local", sendo essa uma das suas preocupações, expressas claramente na solução A, nas suas

obras construídas, e na sua tese defendida em *A Arquitetura de Hoje*. É claro que Delfim desenvolveu essa ideia em território brasileiro, tornando-se herdeiro das pesquisas de Lúcio Costa[11], mas trazia-a consigo desde os tempos da EBAP e da ODAM.

Amorim não é senão um arquiteto herdeiro da problemática portuguesa, discutida a partir dos anos 1940, da adaptação do movimento moderno aos contingentes locais, num constante exercício de assimilação e síntese, revelando uma postura de alinhamento com uma modernidade amadurecida, liberta da matéria para existir.



11. Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes
Fotografia, s/ data
Rio de Janeiro
Affonso Reidy, 1947

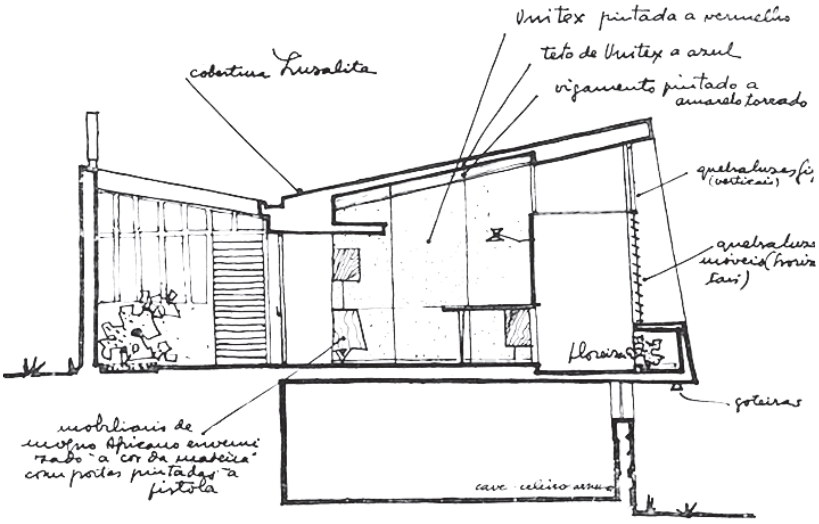


12. Seminário Regional do Nordeste
Fotografia, s/ data
Camaragibe, Pernambuco
Delfim Fernandes Amorim, 1962
© Luiz Amorim

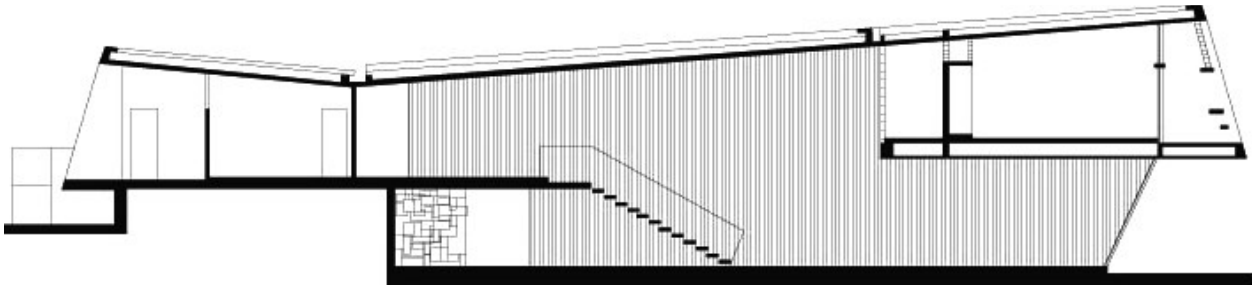


13. Casa Miguel Vita
Fotografia, s/ data
Recife
Delfim Fernandes Amorim, 1958
© BMRP

11. BRUAND, Yves – op. cit



14. Casa Dimas
Corte longitudinal, s/ esc.
Aver-o-Mar, Póvoa de Varzim
Delfim Fernandes Amorim e Oliveira Martins, 1950
© Revista *Arquitectura*



15. Casa Miguel Vita
Corte longitudinal, s/ esc.
Recife
Delfim Fernandes Amorim, 1958
© Alcilia Afonso



Tambores
Óleo sobre cartão
Fernando Lanhas, 1945
© DGPC/ADF

Um olhar para o Movimento Moderno em Portugal

Considerações finais

A mais genuína cultura brasileira sempre exerceu um grande fascínio sobre a inteligência portuguesa. Exprimindo, através da língua comum, um sentimento misto de tristeza crítica e encantamento pela invenção livre e imaginada de todas as formas de felicidade, aparece como uma espécie de fuga lírica para paraísos encantados.[1]

Delfim Fernandes Amorim, arquiteto português naturalizado brasileiro, é uma das figuras que, formadas na *Escola do Porto* contribuíram para a sua afirmação e consolidação, sendo parte integrante duma geração de arquitetos completamente modernos "por formação, por convicção de escola e por dogma. Fiéis à estrutura mental racionalista expressa no discurso escrito de Le Corbusier e nas lições conhecidas ou adivinhadas de Walter Gropius, não deixavam por isso de ser jovens, transportadores de uma forte cultura supra-arquitetónica."[2]

A sua ação profícua ao longo de apenas três décadas, espalhada (com pesos muito diferentes) entre sensivelmente dois pontos, um de cada lado do Atlântico, contribuiu como experiência moderna, ao mesmo tempo de síntese e de expansão, deixando-se influenciar e enriquecer pelo contexto geocultural onde atuou.

O movimento moderno foi no Brasil sinónimo de afirmação nacional. Le Corbusier influenciou fortemente a produção arquitetónica da América do Sul logo a partir de 1936, quando integrou a equipa de arquitetos que projetou o edifício para o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Ao moderno puro de Le Corbusier, logo as novas gerações de arquitetos brasileiros lhe introduziram "uma expressão nativa altamente sensual, ecoando a expressão plástica do barroco colonial do século XVIII"[3]. As questões levantadas por Amorim em *A minha casa* são ampliadas e trabalhadas com maior densidade em território brasileiro, através de um processo de amadurecimento não só formal mas também técnico e teórico, resultando num conjunto de obras muito próprio e identitário, adaptadas às idiossincrasias da cidade do Recife, do qual, infelizmente, resistem poucos exemplares construídos.

Podemos imaginar como teria sido a obra de Amorim se em Portugal tivesse permanecido, recorrendo para isso, à produção arquitetónica realizada por arquitetos da sua geração,

1. TAVARES, Domingos – "Modernos do Porto", in CANNATÁ, Michele; FERNANDES, Fátima – *Moderno escondido: Arquitectura das Centrais hidroelétricas do Douro 1953-1964. Picote, Miranda, Bemposta*. 1ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997. P. 15.
2. Ibidem.
3. FRAMPTON, Kenneth – *Modern Architecture. A critical history*. 4ª edição. Londres: Thames & Hudson, 2007. P. 254 (tradução livre).

pelos membros da ODAM, e pelas gerações que se seguiram, estando, claro, conscientes da multiplicidade de abordagens e de resultados tão díspares quanto a quantidade de profissionais que se destacaram na História da Arquitetura Portuguesa.

Amorim estava, em 1951, no *olho do furacão* da produção arquitetónica nacional: era professor na EBAP, membro da ODAM e ativo na divulgação e na defesa dos princípios modernos, havia-se mudado da Póvoa de Varzim para o Porto, de onde começavam a vir mais e maiores encomendas.

A arquitetura portuguesa, na sua ausência, evoluiu num sentido de continuidade, alicerçada num "sentimento de ligação à terra e à tradição"[4], desenvolvendo experiências modernas com caraterísticas muito próprias, das quais podemos destacar, a título de exemplo, a Pousada de Santa Bárbara (1955), de Manuel Taínha, o Pavilhão de Ténis (1956), de Fernando Távora, a casa do arquiteto José Carlos Loureiro (1950), a Quinta de Joanamigo (1950-2005), de Alfredo Matos Ferreira, a Casa de Chá da Boa Nova (1958) e a Casa Alves dos Santos (1968), ambas de Álvaro Siza – sendo a última, coincidentemente, projetada para Manuel Alves dos Santos, amigo de infância de Delfim Amorim.

A minha casa, e em particular a Solução A, revela-nos o alinhamento de Amorim com as questões da adaptação do Movimento Moderno à realidade portuguesa, consciente da mudança de paradigma que a inovação tecnológica veio trazer ao campo da construção, permitindo novas soluções e uma nova expressão plástica, mais adaptada à "vida que já não é a mesma de há 50 ou 100 anos"[5]. As suas noções de *Regionalismo* e de *Tradição*, exploradas no CODA e em *A Arquitetura de Hoje*, são precursoras de um discurso que marcou as décadas de 1950 e 1960, encabeçado por Távora e pelo *Inquérito à Arquitetura Popular*, numa espécie de exploração da 3ª via *avant-la-lettre*.

Através do projeto para o CODA, esta dissertação partiu para uma leitura mais abrangente do percurso do arquiteto Fernandes Amorim em terras portuguesas, servindo-se dele para contextualizar a sua produção arquitetónica no início de carreira, que veio, como é evidente, a ter impactos diretos no resto da sua obra, desenvolvida em grande escala no nordeste brasileiro.

Ao longo da investigação, cruzamo-nos com dezenas de projetos para o CODA, de autores mais ou menos conhecidos, que são em si mesmos uma verdadeira evolução do que foi a arquitetura em Portugal ao longo do século XX.

É em conjuntos de obras como os de Delfim Amorim – autor que não encabeça uma rutura de paradigma – que está, também, parte importante da História da Arquitetura. Pôr a descoberto a sua obra portuguesa, que estava, até ao presente,



01. Pousada de Santa Bárbara
Fotografia, s/ data
Oliveira do Hospital
Manuel Taínha, 1955
© DOCOMOMO Ibérico



02. Pavilhão de Ténis
Fotografia, s/ data
Quinta da Conceição, Matosinhos
Fernando Távora, 1956
© Fundação Marques da Silva



03. Casa do Arquiteto
Fotografia de Mário Novais, s/ data
Gondomar
José C. Loureiro, 1950
© Biblioteca de Arte – Fundação Calouste Gulbenkian

4. TAVARES, Domingos – "Modernos do Porto", in CANNATÁ, Michele; FERNANDES, Fátima – *Moderno escondido: Arquitectura das Centrais hidroelétricas do Douro 1953-1964. Picote, Miranda, Bemposta*. 1ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997. P. 15.
5. Delfim Amorim – *A Arquitetura de Hoje* (1951) in AMORIM, Luiz [et al.] op.cit.

esquecida e dispersa, é dar uma nova *layer* de informação ao que foi a produção arquitetónica do Porto na primeira metade do século XX. O interesse pela divulgação, pela análise e pelo estudo de autores *esquecidos e/ou desconhecidos*, cuja historiografia corrente não considerou até ao momento, é uma forma de mudar o olhar crítico sobre a arquitetura do passado, contribuindo para a formulação de uma ideia mais lúcida da modernidade arquitetónica. Através de estudos desta natureza, propõe-se um apelo à memória através de uma tentativa de (re)colocar certos autores na discussão académica, salvaguardando a sua produção, herança física em vias de desaparecer, competindo-nos o seu registo para o seu melhor entendimento futuro.

A minha casa serviu assim como cerne de entendimento da produção de Amorim até ao momento em que emigra para o Brasil, focando-nos na análise projetual como ponto de partida para se conhecer a produção de um autor, alheios de interpretações ou de cruzamentos teóricos sobre o seu *modus operandi*. Mais importante, pareceu-nos, situar com rigor no tempo e no espaço a obra e o seu autor, comprometidos com a importância *da obra pela obra, da arte pela arte*, pois "se julgarmos, já não compreendemos, porque julgar implica condenar ou absolver"[6].

Considera-se, finalmente, que o resultado desta dissertação não pretente ser uma compilação terminada, mas que, pelo contrário, procura promover o reconhecimento de uma obra digna de interesse e de defesa, iniciando (oxalá) o seu debate através de um primeiro olhar analítico sobre a obra portuguesa de Delfim Amorim. Lançando mais premissas que conclusões, aspirou-se ao potenciamento da figura de Amorim enquanto autor e membro da segunda geração de arquitetos modernos formados pela *Escola do Porto*, enquanto elemento participante na sua formulação e evolução.

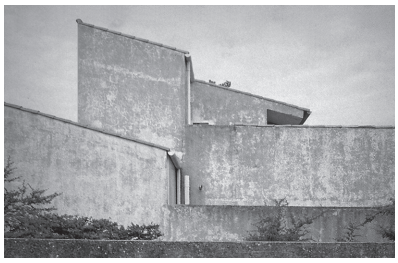
Resta-nos reconhecer, tanto quanto possível, a virtude deste modelo de estudo, que privilegia a reflexão crítica, a análise projetual e o questionamento sobre o ato de construír, cientes de que para isso, partimos inevitavelmente de uma posição pessoal sobre a realidade em foco.



04. Quinta de Joanamigo
Fotografia, s/ data
Oliveira do Hospital
A. Matos Ferreira, 1950
© Fundação Marques da Silva



05. Casa de Chá da Boanova
Fotografia, dezembro de 2020
Leça da Palmeira, Matosinhos
Álvaro Siza, 1958
© Autor



06. Casa Alves dos Santos
Fotografia, s/ data
Póvoa de Varzim
Álvaro Siza, 1968
© OfHouses

6. ANTUNES, António Lobo – Escrito na Pedra. *Jornal Público*, 2017.

O sal das minhas lágrimas de amor
Criou o mar que existe entre nós dois
Pra nos unir e separar.
Pudesse eu te dizer
A dor que dói dentro de mim,
Que mói meu coração nesta paixão
Que não tem fim.

Ausência tão cruel,
Saudade tão fatal,
Saudades do Brasil em Portugal.

Meu bem, sempre que ouvires um lamento
Crescer desolador na voz do vento,
Sou eu em solidão pensando em ti,
Chorando todo o tempo que perdi.

Saudades do Brasil em Portugal
Vinicius de Moraes, 1968



Amorim, Póvoa de Varzim
Meses antes de morrer, em 1972, Delfim pede por carta à família de Portugal que lhe enviasse fotografias dos muros que existiam na sua aldeia.
© Autor, setembro de 2023.

Bibliografia Geral

Artigos e periódicos

Aa. Vv. – *Arquitectura*. Ano XXIV, 2ª série, nº 43 (agosto 1952).

Aa. Vv. – E.S.B.A.P.: um património de arquitetura 1940-1967, da instituição, da arquitetura. *Revista de Arquitetura*. Porto. Ano I, nº 0 (outubro 1987), p. 5.

Aa. Vv. – Intercâmbio profissional. *Arquitectura. Revista de arte e construção*. Ano XX, 2ª série, nº 19 (janeiro 1948), pp. 5-6.

Aa. Vv. – Moradias Gémeas. *Arquitectura. Revista de arte e construção*. Ano XX, 2ª série, nº25 (junho 1948), pp. 12-15.

Aa. Vv. – Pequena Habitação em A-ver-o-Mar. P. de Varzim. *Arquitectura. Revista de arte e construção*. Ano XXV, 2ª série, nº47 (junho 1953), pp. 11-13.

ADRIÃO, Liliana de Souza - Um diálogo nacional: Lúcio Costa e a "Casa de Amorim 1960-1966". *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, Brasil. V.7, Nº2 (fevereiro 2021), pp. 12567-12576.

AFONSO, Alcilia – Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*. V. 4, nº 3 (dezembro 2019) , p. 54-70.

AMORIM, Luiz – Delfim Amorim. Construtor de uma linguagem síntese". *Revista Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo. Nº 24 (junho/julho 1989), pp. 94-97.

AMORIM, Luiz; **GRIZ**, Cristiana; **BEZERRA**, Yara – Uma gramática moderna: a lei de Amorim. *Revista Projetar: Projeto e Percepção do Ambiente*. Natal, Brasil. ISSN 2448-296X. V.6, Nº3 (setembro 2021), pp. 66-82.

CAMPELLO, Glauco – Um projeto de 1961 do arquiteto Delfim Amorim. *Revista Docomomo Brasil*. Rio de Janeiro, Brasil. ISSN 2594-8601. Nº3 (dezembro 2018), pp. 42-48.

CARMO, Vera – A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) e o Porto dos Anos 50. *Intermedia Review 1. Génération de 50: Culture, Littérature, Cinéma*. Nº1, 1ª série (novembro 2012), pp. 43-54.

MELO, Maria Cicília – A casa de Amorim: Uma reflexão sobre residências unifamiliares na década de 60 em Recife. *11º Seminário Nacional Docomomo Brasil. Anais Eletrônicos*. Recife: Docomomo Brasil, 2016. Pp. 1-12.

NASLAVSKY, Guilah – Arquitetura Moderna em Pernambuco entre 1945-1970: uma produção regional? *Seminário Docomomo Brasil Arquitetura e urbanismo modernos*. São Carlos. 2003. Pp. 1-15.

RACHED, Mary da Silva – O azulejo na fachada da arquitetura moderna: Um estudo sobre o azulejar de Delfim Amorim. *11º Seminário Nacional Docomomo Brasil. Anais Eletrônicos*. Recife: Docomomo Brasil, 2016. Pp. 1-7.
ROSA, Edite – ODAM. A construção do moderno em Portugal: entre o universal e o singular. *Proyecto, progresso, arquitectura*. Sevilha, Espanha. ISSN 2171-6897. Nº11 (novembro 2014), pp. 26-39.
TÁVORA, Fernando – O problema da casa portuguesa. *Cadernos de arquitetura*. Lisboa. Nº1, 1947.

Livros

Aa. Vv. – *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Dep. Legal nº 19 991 88.
Aa. Vv. – *Delfim Amorim: uma visita à sua obra*. Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 2018. ISBN 978-989-99432-5-4.
AMORIM, Luiz [et al.] – *Delfim Amorim Arquiteto*. 2ª edição. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Pernambuco, 1991.
BARBOSA, Cassiano (comp.) – *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952*. Porto: Edições Asa, 1972.
CANNATÀ, Michele; **FERNANDES**, Fátima – *Moderno Escondido: Arquitectura das Centrais Hidroelétricas do Douro 1953-1964. Picote, Miranda, Bemposta*. 1ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1997. ISBN 972-9483-28-0.
COHEN, Jean-Louis – *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial.* São Paulo: Cosac Naify, 2013. ISBN 978-85-405-0372-4.
COSTA, Alexandre Alves – *Centralidade do Real: onze arquitetos, onze textos, onze projetos improváveis*. Coimbra: EDARQ, 2018. ISBN 978-989-99432-6-1.
FRAMPTON, Kenneth – *Modern Architecture*. *A critical history.* 4ª edição. Londres: Thames & Hudson, 2007. ISBN 978-0-500-20395-8.
GONÇALVES, José Fernando – *Ser ou não ser moderno: considerações sobre a arquitectura modernista portuguesa*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2002. ISBN 972-97383-8-6.
GOODWIN, Philip – *Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1943.
LE CORBUSIER – *Towards a new architecture*. EUA: Dover Publications. ISBN 978-0-486-25023-6.
TÁVORA, Fernando – *Da organização do espaço*. 8ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2008. ISBN 978-972-9483-22-6.

TÁVORA, Fernando; **MENDES**, Manuel (dir.) – *Teoria Geral da Organização do espaço. Arquitectura e Urbanismo. A lição das constantes*. Porto: FAUP Publicações, 1993. Dep. Legal nº 72150/93.
TOSTÕES, Ana – *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2ºedição. Porto: FAUP Publicações, 1997. ISBN 972-9483-30-2.

Capítulos

AFONSO, Alcilia – 4.3 Delfim Amorim. In *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife de los años 50*. Barcelona: ETSAB/ UPC, 2006. Pp. 267-309. Tese doutoral.
BANDEIRA, Pedro Moradia – Dr. António Rocha: a "casa avião" ou "casa verde". In *Arquitetura com Autor. Guimarães 1937 a 1970*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães – Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 2013. ISBN 978-972-8050-49-8. Pp. 109-110.
BRUAND, Yves – 2. O Nordeste. In *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1997.
FERNANDES, Eduardo – Os CODA da EBAP nos anos 40: das linguagens do Estado Novo à emergência de uma consciência moderna. In *A conquista social do território: Arquitetura e corporativismo no Estado Novo*. 1ª edição. Coimbra: Edições Tenacitas, 2016. ISBN 978-989-8665-18-8. Pp. 39-56.
OLIVEIRA, Carla Garrido de – De 'A Nossa Casa' a 'Casas Portuguesas'. Raul Lino entre livros, entre tempos, entre modos, entre modernos europeus. In *Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino. Antologia de Ensaios*. 1ª edição. Lisboa: DINÂMICA 'CET-IUL, 2018. ISBN 978-989-781-052-7. Pp. 151-169.

Teses e Dissertações

COSTEIRA, Luís Miguel Pinto – José Carlos Loureiro. Arquitetura e Paisagem Urbana. Porto: 2021. Dissertação de mestrado.
FANFONI, Andrea – La persistenza del fenomeno dell'Architettura nella "Città delle Costanti": L'attualità della lezione di Fernando Távora per la definizione di Temi e Strumenti utili al progetto degli spazi pubblici e dei luoghi urbani verso le linee guida di Smart City in Emilia-Romagna. Parma: Università di Parma, 2022. Tese doutoral.
MALATO, Ana Rute – Francisco F. Melo e Jorge Gigante: A tradição não tem cobertura em telha. Porto: 2020. Dissertação de mestrado.
OSÓRIO, Matheus – Lúcio Costa: O projecto moderno. Porto: 2012. Dissertação de mestrado.

RIBEIRO, Hélder Casal – A experimentação do Moderno na obra de Mário Bonito. Um processo de Desenho dos anos 40 a 60. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012. Tese doutoral.
RODRIGUES, Ângela – Ruy d'Athouguia: depois da Gulbenkian. Porto: 2020. Dissertação de mestrado.
RODRIGUES, Inês Lima – Cuando la vivienda colectiva era moderna. Desde Portugal a otros países de expresión portuguesa. 1948-1978. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2014. Tese doutoral.
ROSA, Edite – ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, 2005. Tese doutoral.
SOARES, Pedro Luís Pinho – Do Moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima. Porto: 2022. Dissertação de mestrado.

Filmes

Quarteto Simbólico. [registo vídeo]. Direção de Josias Teófilo. Pernambuco: Cinemascopio, 2011. 14', cor e p&b, digital.

Lista e créditos das imagens e documentos

01 INTRODUÇÃO

Delfim Amorim. Retrato, s/data
Fotografia cedida pela BMRP.

01. **Casa Dimas (1950) publicada na *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*.**
Digitalização a partir do nº 47, ano XXV, 2ª série, de junho de 1953.

02. **Placas Toponímicas.** Póvoa de Varzim
Fotografias realizadas pelo Autor.

03. **Delfim Amorim em casa.** Póvoa de Varzim, 2017
Cartaz cedido pela BMRP.

04. **Delfim Amorim: Uma visita à sua obra.** Coimbra, 2018
Cartaz disponível em *https://capc.com.pt/site/index.php/pt/delfim-amorim-uma-visita-a-sua-obra/* (consultado em 2023-09-13).

05. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** Yves Bruand
Capa digitalizada pelo Autor.

06. **Delfim Amorim – Arquiteto.** Luiz Amorim [et all]
Capa digitalizada pelo Autor.

02 DELFIM FERNANDES AMORIM

Praia de Banhos, Póvoa de Varzim. Óleo sobre tela. João Marques de Oliveira, 1884
Coleção do Museu de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, em Lisboa. Disponível em *http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/ArtistPieces/view/44* (consultado em 2023-09-13).

01. **Retratos de Delfim Amorim aos 10, 12 e 18 anos.**
Fotografias recolhidas pelo Autor junto dos arquivos da ESEQ.

02. **Um centro extra-escolar para a Mocidade Portuguesa, no sul do país.** Planta, alçados e cortes, s/ escala
Desenhos de Delfim Amorim pertencentes ao CD-FAUP.

03. **Um centro extra-escolar para a Mocidade Portuguesa, no sul do país.** Perspetiva militar do conjunto, s/ escala
Desenho de Delfim Amorim pertencente ao CD-FAUP.

04. **Cruz processional.** Desenho, s/ escala
Desenho de Delfim Amorim pertencente ao CD-FAUP.

05. **Uma casa de chá.** Alçados, s/ escala
Desenho de Delfim Amorim pertencente ao CD-FAUP.

06. **Pintura de Delfim Amorim.** S/ data
Cedida por José Ribeiro.

07. **Mercado do Bom Sucesso.** Fotografia de Mário Novais
Coleção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em *https://www.flickr.com/photos/biblarte/33939846738* (consultado em 2023-09-13).

08. **Carta endereçada a Delfim Amorim.** Novembro de 1947
Arquivo da Cooperativa A Filantrópica, cedida por José Ribeiro.

09. **Delfim Amorim com a sua família.** Ca. 1947
Fotografia cedida pela BMRP.

10. **ODAM: Organização dos Arquitetos Modernos – Fotografia de grupo na inauguração da exposição no Ateneu Comercial do Porto, em 1951**
Fotografia retirada de *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952*, de Cassiano Barbosa. Intervencionada pelo Autor.

11. **Delfim Amorim numa viagem com amigos**. Serra do Gerês, julho de 1950
Espólio de Fernando Barbosa, cedida pela BMRP.

12. **Delfim Amorim no Brasil**. S/ data
Fotografia cedida pela BMRP.

13. **Caixa de água**. Olinda. Luis Nunes, 1934
Fotografia retirada de *Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942*, de Philip Goodwin.

14. **Ficha consular de qualificação**. 09 de dezembro de 1951
Cedida por José Ribeiro.

15. **ODAM: 1947-1952**. Capa com fotografia do Ed. Acaiaca, no Recife, da autoria de Delfim Amorim (1957)
Capa digitalizada pelo Autor.

03 A MINHA CASA

Castigar a modernidade. Ilustração de João Abel Manta
Digitalizada pelo Autor a partir da *Revista Arquitectura*, nº 43 de agosto de 1952.

01. **Diploma de Arquiteto.** Processo individual de aluno
Recolhido junto do arquivo da FBAUP.

02. ***A Nossa Casa*****.** Raul Lino, 1918
Capa digitalizada pelo Autor.

03. **Programa. *A minha casa*.** Processo individual de aluno
Recolhido junto do arquivo da FBAUP.

04. **Casa Cortez.** Fotografia de Mário Novais
Coleção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

05. **Memória Descritiva. *A minha casa*.** Delfim Fernandes Amorim, 1947
Centro de Documentação da FAUP.

06. **Revista *Vértice* nº 105, maio 1952.** Capa
Digitalização cedida por José Ribeiro.

07. **Projeto dum bairro para pescadores.** Raul Chorão Ramalho
Centro de Documentação da FAUP.

08. **Um prédio de rendimento.** Fernando Barbosa
Centro de Documentação da FAUP.

09. **Grupo de 50 casas para pobres.** Manuel Laginha
Centro de Documentação da FAUP.

10. **Bloco de habitações.** Ricardo Lemos Gil da Costa
Centro de Documentação da FAUP.

11. **Prédio de rendimento.** Manuel da Silva Rodrigues
Centro de Documentação da FAUP.

12. **Um bloco de habitações para os Açores.** Francisco Quintanilha
Centro de Documentação da FAUP.

13. **Uma casa de habitação.** Manuel Arroyo Barreira
Centro de Documentação da FAUP.

14. **Um prédio de rendimento.** Amândio Pinto Marcelino
Centro de Documentação da FAUP.

15. **Uma moradia.** Ruy Jervis d'Athouguia
Centro de Documentação da FAUP.

16. **Uma casa de habitação unifamiliar.** João Henrique de Mello Breyner Andresen
Centro de Documentação da FAUP.

17. **Uma habitação para um médico.** António de Azeredo Leone
Centro de Documentação da FAUP.

18. **Uma moradia em Cascais.** Victor Palla e Carmo
Centro de Documentação da FAUP.

19. **A minha casa.** Delfim Fernandes Amorim
Centro de Documentação da FAUP.

20. **Pavilhão de Honra e de Lisboa.** Fotografia de Mário Novais
Coleção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em *https://www.flickr.com/photos/biblarte/29031953866/in/photostream/* (consultado em 2023-09-13).

21. **Uma igreja matriz.** António Carneiro Júnior
Centro de Documentação da FAUP.

22. **Um cinema.** Carlos Henrique da Silva Neves
Centro de Documentação da FAUP.

23. **Parque desportivo.** Oldemiro Carneiro
Centro de Documentação da FAUP.

24. **Projeto de um mercado municipal.** Jorge Alberto Ribeiro de Oliveira
Centro de Documentação da FAUP.

25. **Pavilhão das Ilhas Adjacentes.** Mário Ferreira Bonito
Centro de Documentação da FAUP.

26. **Um hotel para S. Martinho do Porto.** Rogério Burilant de Castro Martins
Centro de Documentação da FAUP.

27. **Uma escola pré e post-primária.** Amândio Vaz Pinto do Amaral
Centro de Documentação da FAUP.

28. **Asilo e posto anti-sifilítico numa vila transmontana.** Altino Fernandes de Mora e Silva
Centro de Documentação da FAUP.

29. **Agência Caixa Geral de Depósitos.** Artur Pires Martins
Centro de Documentação da FAUP.

30. **Um dispensário para assistência infantil.** António José de Oliveira Trigo
Centro de Documentação da FAUP.

31. **Sobreposição das implantações de ambas as soluções.** S/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

32. **Acrópole de Atenas.** Fernando Távora, 1993
Digitalização a partir de TÁVORA, Fernando; MENDES, Manuel (dir.) – *Teoria Geral da Organização do Espaço. Arquitectura e Urbanismo. A lição das constantes.* Porto: FAUP Publicações, 1993.

33. **Parténon, Atenas**
Coleção do Riksmuseum.

34. **Solução A.** Perspetiva exterior
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

35. **Solução B.** Perspetiva exterior
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

36. **Solução A.** Planta de rés-do-chão e alçados, esc. 1:175
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

37. **Lareira da sala de estar**
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

38. **Solução A.** Planta de 1º piso e cortes, esc. 1:175
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

39. **Distribuição programática.** Planta de rés-do-chão e de 1º piso, s/ esc.
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

40. **Solução A.** Perspetiva interior – sala comum
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

41. **Eixos estruturais da Solução A.** Planta de rés-do-chão e alçado principal, s/ esc.
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

42. **Pormenorização.** Cobertura, corte de fachada e paredes interiores, s/ esc.
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

43. **Detalhe de caixilharia de correr.** Corte, s/ esc
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

44. **Casa Manuel Alves dos Santos.** Planta de rés-do-chão, alçado principal e corte CD, esc. 1:175
AMPVZ. Intervencionado pelo Autor.

45. **Casa Manuel Alves dos Santos.** Fotografia
Fotografia de Manuel Alves dos Santos, cedida pela família.

46. **Zona de comer e mezanino.** Fotografia
Fotografia de Manuel Alves dos Santos, cedida pela família.

47. **Zona de estar e mobiliário.** Fotografia
Fotografia de Manuel Alves dos Santos, cedida pela família.

48. **Casa Patrocínio Gomes Casanova.** Planta de rés-do-chão e alçados, esc. 1:175
AMPVZ. Intervencionado pelo Autor.

49. **Villa "Le Sextant".** Esquisso de Le Corbusier
Coleção da Fondation Le Corbusier. Disponível em *https://www.fondationlecorbusier.fr/oeuvre-architecture/realisations-villa-le-sextant-les-mathes-france-1934-1935/* (consultado em 2023-09-13).

50. **Alpendre da Casa A. Azevedo.** Fotografia
Cedida pela BMRP.

51. **Casa Amadeo Azevedo.** Planta de rés-do-chão e alçados, esc. 1:175
AMVDC. Intervencionado pelo Autor.

52. **Solução B.** Planta de rés-do-chão e alçados poente e nascente, esc. 1:175
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

53. **Solução B.** Planta de 1º piso e alçados sul e norte, esc. 1:175
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

54. **Solução B.** Planta de cobertura e cortes AB e CD, esc. 1:175
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

55. **Implantação.** Planta, s/ esc.
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

56. **Vista sobre o volume.** Perspetiva
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

57. **Distribuição programática.** Plantas de rés-do-chão e 1º piso, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

58. **Maison Dom-Ino.** Le Corbusier
Coleção da Fondation Le Corbusier. Disponível em *https://www.fondationlecorbusier.fr/oeuvre-architecture/projets-maison-dom-ino-sans-lieu-1914/* (consultado em 2023-09-13).

59. **Estrutura pré-fabricada.** Fotografia
Retirada da revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, de janeiro de 1946.

60. **Eixos estruturais da Solução B.** Planta de 1º piso e alçado principal, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

61. **Pormenorização de caixilharia e paredes exteriores.** Planta, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

62. **Solução A – Porta interior.** Alçado, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

63. **Solução B – Porta interior.** Alçado, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

64. **Solução B – Porta interior.** Planta, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

65. **Cinco pontos da arquitetura moderna.** Le Corbusier, 1926
Disponível em *http://petersonlittenberg.com/Architecture-UrbanDesign/Space_Anti-Space_part_1.html* (consultado em 2023-09-20).

66. **Salão de chá *A Aliança*.** Plantas de 1º piso e de cobertura e alçado principal, esc. 1:120
AMPVZ. Intervencionado pelo Autor.

67. **Casa António Rocha.** Fotografia, s/ data
Cedida pela BMRP.

68. **Rés-do-chão desobstruído.** Fotografia, maio de 2023
Realizada pelo Autor.

69. **Casa António Rocha.** Plantas de rés-do-chão e de 1º piso, esc. 1:150
AMAP. Intervencionado pelo Autor.

70. **Casa António Rocha.** Planta de cobertura e alçado principal, esc. 1:150
AMAP. Intervencionado pelo Autor.

71. **Esquema estrutural.** Axonometria, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

72. **Uma habitação.** Alçado frontal, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

73. **Casa Nélson Quintas.** Planta de rés-do-chão, de 1º piso e de cobertura, alçado principal e corte CD, esc. 1:150
AMPVZ. Intervencionado pelo Autor.

04 A CONSTRUÇÃO DE UMA MODERNIDADE

Sequeiro. Póvoa de Varzim
Fotografia cedida pela BMRP.

01. **Casa sobre o mar.** Perspetiva
Centro de Documentação da FAUP.

02. **Casa Ribeiro da Silva.** Fotografia, s/ data
DOCOMOMO Ibérico.

03. **Casa de férias.** Corte transversal, s/ escala
Revista *Arquitectura*. Ano XXII, 2ª série, nº 33-34.

04. **Solução A.** Corte transversal, s/ escala
Centro de Documentação da FAUP. Intervencionado pelo Autor.

05. **Casa Ruben A.** Corte transversal, s/ escala
DOCOMOMO Ibérico.

06. **Edifício Alves Peixoto.** Alçado principal, s/ escala
Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto.

07. **Edifício Josué Silva.** Fotografia, s/ data
Cedida pela BMRP.

08. **Casa Dimas.** Fotografia, s/ data
Cedida pela BMRP.

09. **Casa Alberto Moreira.** Fotografia, s/ data
Cedida pela BMRP.

10. **Azulejos desenvolvidos por Amorim**
Alcilia Afonso.

11. **Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes.** Fotografia, s/ data
Disponível em *https://www.architectural-review.com/buildings/revisit-pedregulho-housing-complex-rio-de-janeiro-brazil-by-affonso-eduardo-reidy* (consultado em 2023-09-20).

12. **Seminário Regional do Nordeste.** Fotografia, s/ data
Digitalização a partir de Luiz Amorim [et all] – *Delfim Amorim: Arquiteto*.

13. **Casa Miguel Vita.** Fotografia, s/ data
Cedida pela BMRP.

14. **Casa Dimas.** Corte longitudinal, s/ escala
Digitalização a partir do nº 47, ano XXV, 2ª série, de junho de 1953. Intervencionado pelo Autor.

15. **Casa Miguel Vita.** Corte longitudinal, s/ escala
Alcilia Afonso.

UM OLHAR PARA O MOVIMENTO MODERNO EM PORTUGAL

Tambores. Óleo sobre cartão. Fernando Lanhas, 1945
Coleção do Museu Soares dos Reis – Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica. Disponível em *https://artsandculture.google.com/asset/drums-fernando-lanhas/dAGrSEDpsbgpDg?hl=pt-pt* (consultado em 2023-09-13).

01. **Pousada de Santa Bárbara.** Fotografia, s/ data
DOCOMOMO Ibérico.

02. **Pavilhão de Ténis.** Fotografia, s/ data
Fundação Marques da Silva. Disponível em *https://revisitavora.wordpress.com/pavilhao-de-tenis/* (consultado em 2023-09-13).

03. **Casa do Arquiteto.** Fotografia de Mário Novais, s/ data
Coleção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em *https://www.flickr.com/photos/biblarte/47764721622* (consultado em 2023-09-13).

04. **Quinta de Joanamigo.** Fotografia, s/ data
Fundação Marques da Silva. Disponível em *https://fims.up.pt/index.php?cat=19&subcat=75* (consultado em 2023-09-13).

05. **Casa de Chá.** Fotografia, dezembro de 2020
Fotografia do Autor.

06. **Casa Alves dos Santos.** Fotografia, s/ data
OfHouses. Disponível em *https://ofhouses.com/post/120270060115/184-%C3%A1lvaro-siza-house-alves-santos-p%C3%B3voa* (consultado em 2023-09-13).

Amorim, Póvoa de Varzim. Fotografia, setembro de 2023
Realizada pelo Autor.

U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança
Tomo II

Rui Jorge Furtado Matias

M
2023

U.PORTO

Rui Jorge Furtado Matias. Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Delfim Amorim e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança
Rui Jorge Furtado Matias

M.FAUP **2023**

FACULDADE DE ARQUITETURA

Delfim Amorim
e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Delfim Amorim
e o binómio do CODA enquanto manifesto de mudança

Tomo II – Apêndice Documental

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Rui Jorge Furtado Matias

orientação

Professora Doutora Maria da Graça Correia Ragazzi

co-orientação

Professora Doutora Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

2023

U.PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Nota prévia

As fotografias, desenhos ou outros documentos apresentados foram dimensionados, cortados e tratados segundo o que se considerou necessário.
O estado de cada obra identificada foi avaliado em quatro níveis: **construído** (identificando-se possíveis alterações que tenham sofrido); **não construído**; **demolido**; **sem certeza** (quando não foi possível confirmar se o projeto foi de facto construído e demolido posteriormente, ou se simplesmente não chegou a ser executado).

Sumário

Tomo II – Apêndice Documental

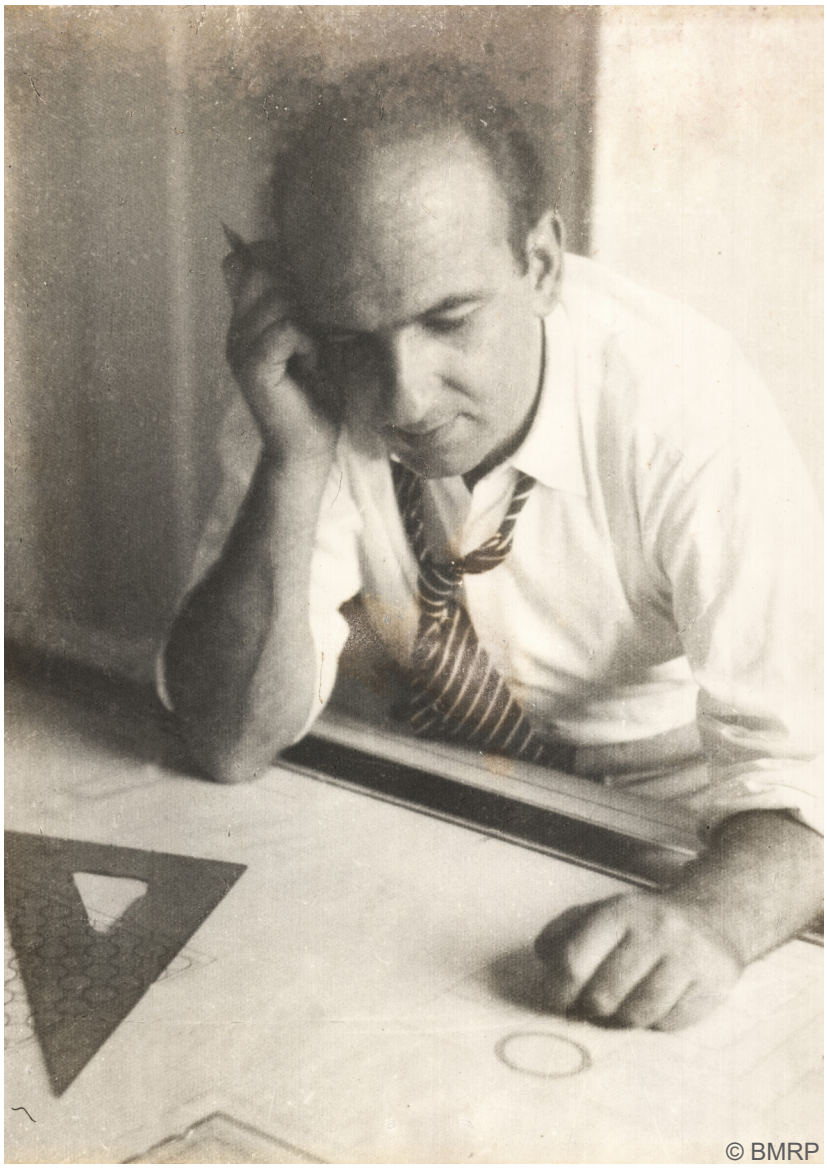
01 A PRODUÇÃO DE DELFIM AMORIM
1944-1950 **09**

02 CRONOLOGIA DE OBRAS EM PORTUGAL
1944-1950 /1968 **14**

03 SELEÇÃO DE OBRAS NO BRASIL **212**

04 A ARQUITETURA DE HOJE
Transcrição **214**

Abreviaturas 222


© BMRP

01 A produção de Delfim Amorim em **Portugal** 1944-1950

A partir dos elementos recolhidos pelo arquiteto José Ribeiro, aquando da preparação da exposição "Delfim Amorim em casa", em 2017, surge a necessidade de, por um lado, digitalizar e tratar os desenhos de licenciamento disponíveis nos vários arquivos municipais para onde Delfim Amorim projetou, e por outro lado, disponibilizar e tornar público o seu conteúdo. Quando tomou conhecimento desta dissertação, o arquiteto Ribeiro cedeu amávelmente os documentos que recolheu e que lhe permitiram, juntamente com Luiz Amorim, montar a exposição.

Entendemos este conjunto de mais de 40 obras, no contexto desta dissertação, como um complemento à leitura d'*A minha casa*, sendo possível identificar cronologicamente a evolução plástica, a exploração formal e o processo de síntese desenvolvidos por Amorim, permitindo uma leitura alargada e geral da sua produção no período imediatamente após concluir o ciclo de estudos na EBAP e antes da sua decisão de emigrar para o Recife.

Estamos conscientes de que o arquivo que aqui se organiza não se encontra *fechado* – por se ter conhecimento da existência de outras obras desenvolvidas por Amorim ainda em Portugal (como o projeto para umas piscinas, exposto na exposição da ODAM em 1951) cujos desenhos não nos foi possível localizar — mas antes, *aberto* e com intenções de servir de mote para o estudo e para a preservação do património moderno, tanto deste autor como de outros.

Aos desenhos de licenciamento de cada obra tentou-se, sempre que possível, adicionar um conjunto de elementos fotográficos de arquivo, que consigam demostrar com clareza a natureza do edifício. Estes elementos, carecem, na maioria dos casos, de informações acerca do seu autor e da data da sua realização.

A obra construída de Amorim, tanto em Portugal como no Brasil, tem sofrido bastante nas últimas décadas, vítima de intervenções que em muito pouco respeitaram o edifício original, e vítima também de demolições, o que resulta a que, à data de publicação desta dissertação, poucos são os exemplares que sobreviveram aos cerca de 70 anos que passaram. Aos que restam, tentou-se a visita e o registo fotográfico, de modo a fixar no tempo e no espaço o estado da obra de Amorim. Apesar da vida longa de cada edifício, é de salientar que a maioria

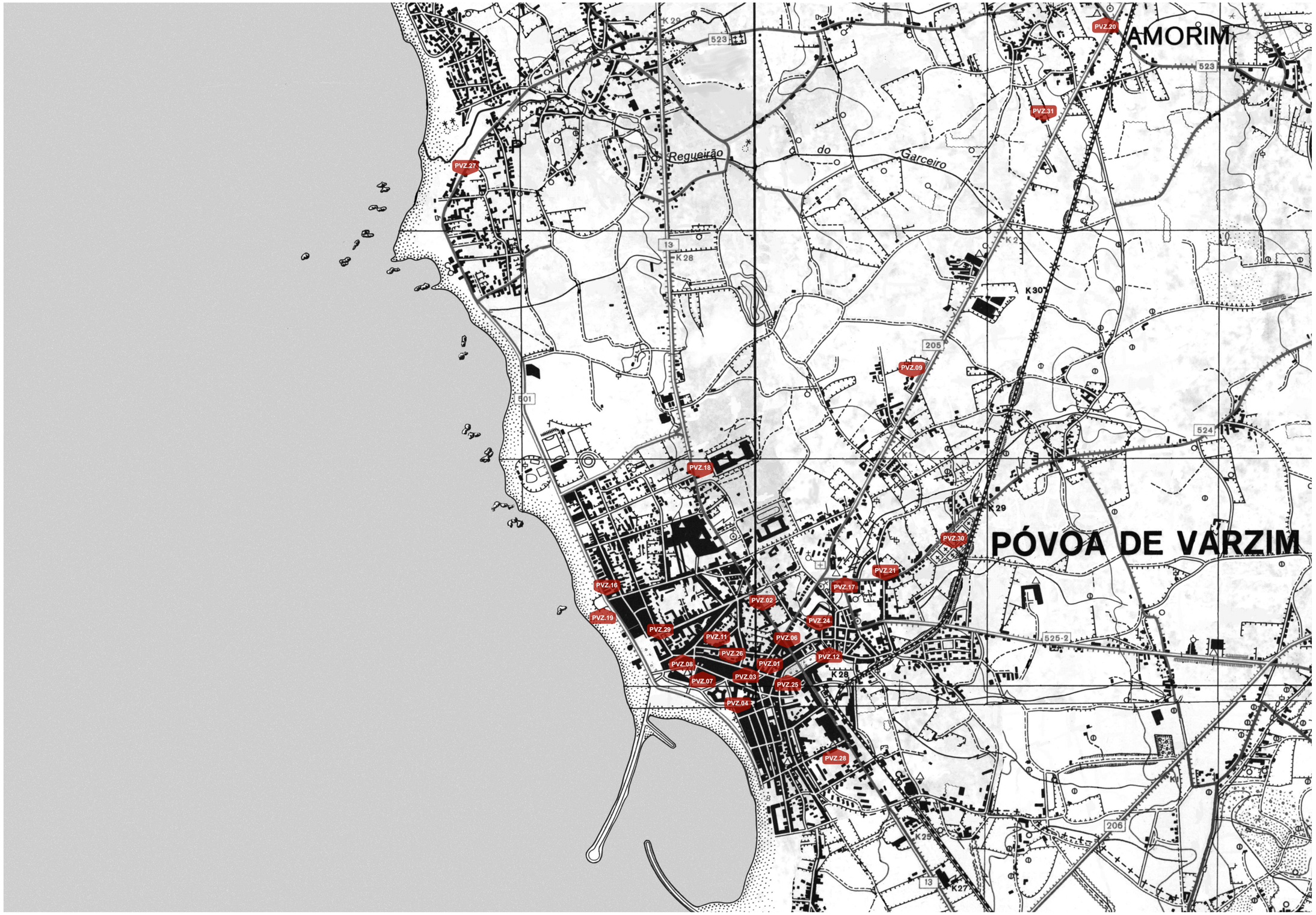
se encontra na posse das famílias que os encomendaram a Amorim, e cujos proprietários nutrem um carinho muito grande por eles.

A partir da visita foi possível entender com mais detalhe a prática deste arquiteto, compensando a simplicidade dos desenhos de licenciamento disponíveis. Foi possível também verificar algumas alterações de projeto relativamente à versão licenciada, possivelmente desenvolvidas durante a fase de projeto de execução, ou mesmo durante a construção.

Espera-se, desta forma, contribuir para o estudo da obra de Delfim Amorim que tem vindo a ser desenvolvido por autores brasileiros, e fomentar o seu estudo em Portugal, onde, quer pela distância geográfica, quer pelo desconhecimento das suas obras, se desconhece também quase completamente o seu nome e importância no meio académico.



Obras na Póvoa de Varzim
Carta Militar da Cidade, s/ esc.
Série M 888; Folha 82 - S.C.E.P 1974
© Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim.
Intervencionado pelo Autor.


AMORIM
PÓVOA DE VARZIM
Regueirão
do
Garceiro
PVZ.20
PVZ.31
PVZ.27
PVZ.09
PVZ.18
PVZ.16
PVZ.19
PVZ.29
PVZ.02
PVZ.17
PVZ.21
PVZ.30
PVZ.24
PVZ.11
PVZ.06
PVZ.26
PVZ.12
PVZ.08
PVZ.01
PVZ.03
PVZ.07
PVZ.25
PVZ.04
PVZ.28
K 29
K 28
K 30
K 27
523
524
525-2
205
206
501
13


PT.05
PT.02
PT.07
PT.08
PT.04
PT.06
PT.10
PT.12
PT.03/09
PT.11

Obras no Porto
Planta, s/ esc.
© Autor.

02 Cronologia de obras em Portugal

1944 – 1950 /1968

PVZ.01 Casa Lima **18**
R. de Sousa Campos / R. Joaquim M. Costa
1944

PVZ.02 Salão de chá *A Aliança* **22**
Pr. Marquês de Pombal
1945

PVZ.03 Fachada da confeitaria *A Vallonguense* **24**
R. da Junqueira
1945

PVZ.04 Armazém de sal e peixe **26**
R. Dr. António da Silveira
1945

PVZ.05 Casa José Gonçalves da Torre **28**
Lug. da Igreja – Amorim
1945

PVZ.06 Fachada de estabelecimento **32**
R. Paulo Barreto, 13-15
1945

PVZ.07 Garagem Santos **36**
R. Ten. Valadim, 71
1945

PVZ.08 Loja *Fotografia Neta* **40**
R. António Graça / R. Rodrigues de Freitas
1946

PVZ.09 Casa Manuel Alves dos Santos **42**
R. Com. Francisco Quintas, 223
1946

PVZ.10 Casa Manuel Gomes Morim **52**
Amorim
1946

CODA *A minha casa* **54**
Moreira da Maia
1947

PVZ.11 Edifício Abílio António Areias **74**
R. Santos Minho, 50
1947

PVZ.12 Casa David José da Costa **78**
R. Carlos Alberto, 2
1947

PVZ.13 Casa Hugo Martins Gomes **82**
Amorim de Cima
1947

PVZ.14 Casa Patrocínio Gomes Casanova **84**
Lug. de Mauverde – Beiriz
1947

PVZ.15 Ampliação da Casa Adelino Pontes **88**
R. dos Bonitos de Amorim
1947

PVZ.16 Edifício Josué Silva **90**
Av. dos Banhos
1947

PVZ.17 Casa Dr. Alberto Moreira **94**
R. Dr. Josué Trocado, 4
1947

PT.01 Moradias Geminadas **100**
R. Domingos Sequeira
1947

GUI.01 Casa António Rocha **104**
R. Agostinho Barbosa
1948

PVZ.18 Casa Nélson Quintas **116**
EN 13
1948

PVZ.19 Estabelecimento na Esplanada do Carvalhido **120**
Av. dos Banhos
1948

PT.02 Casas Luís Alves **122**
Av. do Dr. Antunes Guimarães, 670
1948

PVZ.20 Casa Paroquial **126**
R. Pe. Joaquim Figueiredo, 33
1948

PT.03 Edifício Alves Quelhas **130**
R. Miguel de Bombarda, 410
1948

VC.01 Casa Dr. Amadeo Azevedo **134**
EN 13, 1024 – Mindelo
1948

PVZ.21 Casa Albino Patrício **138**
R. Pe. José Leites Morais, 48
1948

PT.04 Moradias *O lar familiar* **142**
R. do Quanza, 171/191
1949

PT.05 Garagem José Alves Vieira **146**
R. do Lidador, 214
1949

PT.06 Oficina *Irmãos Sá, Lda* **148**
R. Maria Pia, 66
1949

PVZ.22 Casa Patrocínio Gomes Casanova **150**
Lug. de Mauverde – Beiriz
1949

PVZ.23 Casa e Padaria Vicente Manuel Vieira **152**
R. N. Sa. da Boa Viagem, 767 – Estela
1949

PT.07 Casa Emílio Campos **154**
R. da Malaca, 58
1949

PVZ.24 Casa Emeliano José de Faria **158**
R. Carlos Alberto, 31
1949

PVZ.25 Monumento a Eça de Queiroz **162**
Pr. do Almada
1950

PT.08 Edifício Albano Ramos **164**
R. de Sousa Pinto, 228
1950

PT.09 Ampliação do Armazém Alves Quelhas **170**
R. Miguel de Bombarda, 410
1950

PT.10 Edifício Francisco Alves Peixoto **172**
R. do Amparo / Prç. das Flores
1950

PT.11 Fachada de estabelecimento **178**
R. da Assunção, 9
1950

PVZ.26 Edifício Eugénio de Sá **180**
R. da Junqueira, 26
1950

PT.12 Edifício Alves Quelhas **184**
R. do Breiner, 373-377-381
1950

PVZ.27 Casa Dimas **188**
Paranho da Areia – Aver-o-Mar
1950

PVZ.28 Casa *Luso-Poveira* **194**
R. dos Favais, 19B
1950

PVZ.29 Edifício Américo Graça **202**
R. da Alegria, 25
1950

PVZ.30 Jazigo de Virgínia Conceição **206**
Cemitério
1950

PVZ.31 Casa Serafim Amorim **208**
R. da Estr. Nova – Amorim
1968

PVZ.01

Casa Lima

1944

construído [com alterações]

Rua Sousa Campos / Rua Joaquim M. Costa
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 06(08)

01. Planta do 1º piso

01. hall-estar **02.** fogão **03.** sala de jantar **04.** serviço **05.** cozinha **06.** quartos **07.** quarto-banho **08.** costura-engomados **09.** varanda

02. Alçado principal

03. Planta de rés do chão

01. entrada estabelecimento **02.** montra **03.** entrada lateral **04.** estabelecimento **05.** lavabo-wc **06.** entrada habitação **07.** escritório **08.** entrada serviço **09.** despensa **10.** pátio

04. Alçado lateral

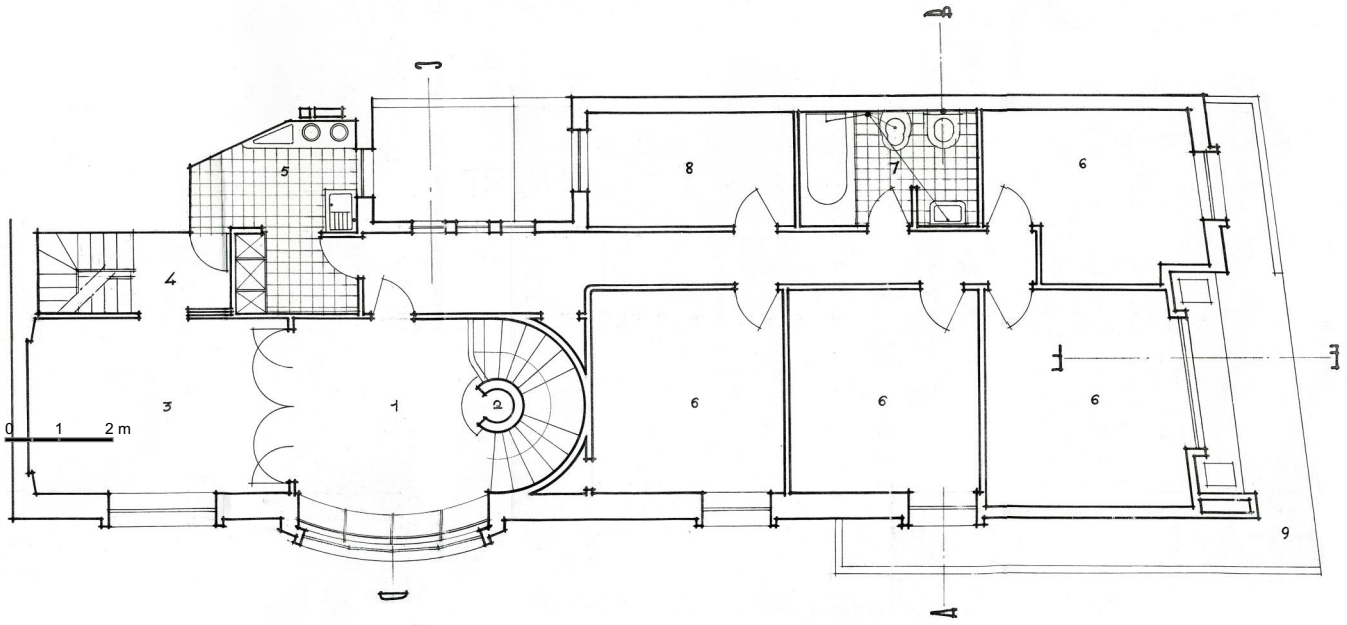
05. Corte transversal CD

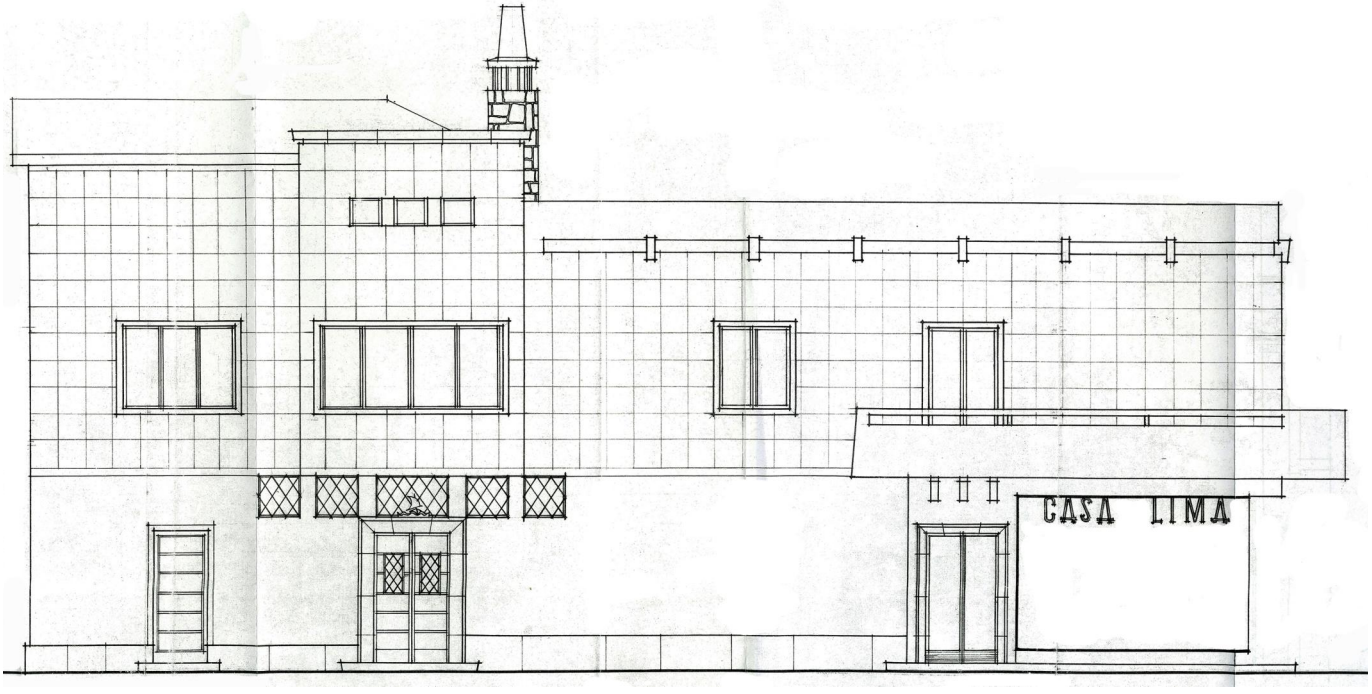
Fotografias

© Autor. 06 de setembro de 2023

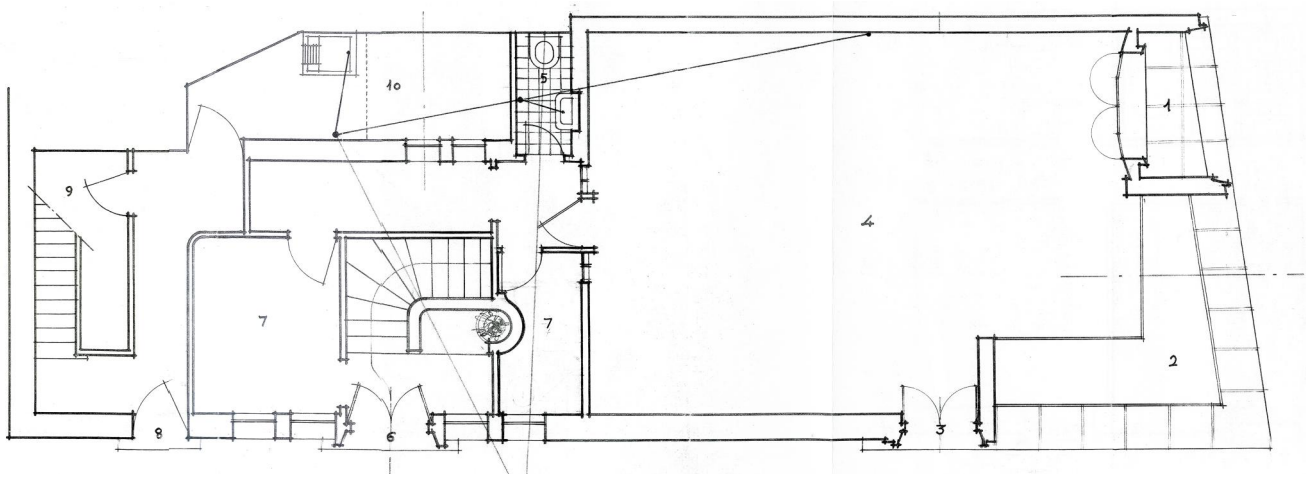
01. Vista atual do projeto construído, com bastantes alterações em comparação ao projeto de licenciamento

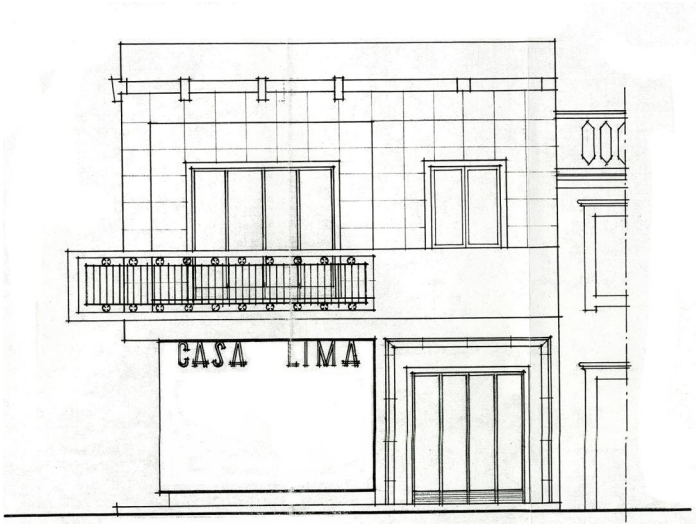
01
02

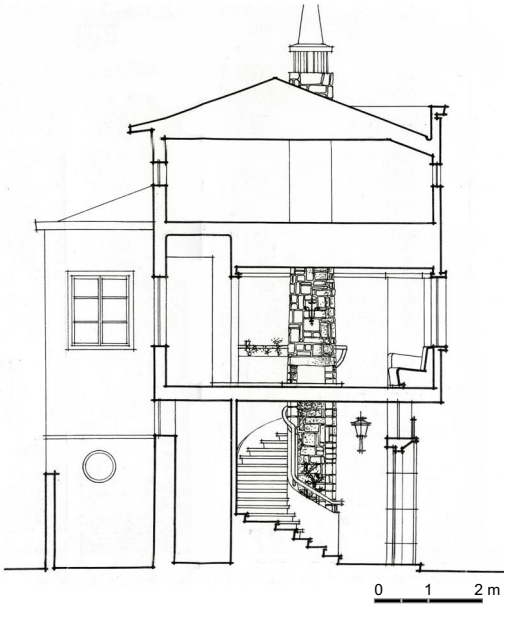




03
04 05








PRAÇA
REPÚBLICA
TOURADAS
NA PÓVOA
SIM

PVZ.02

Salão de chá *A Aliança*

1945

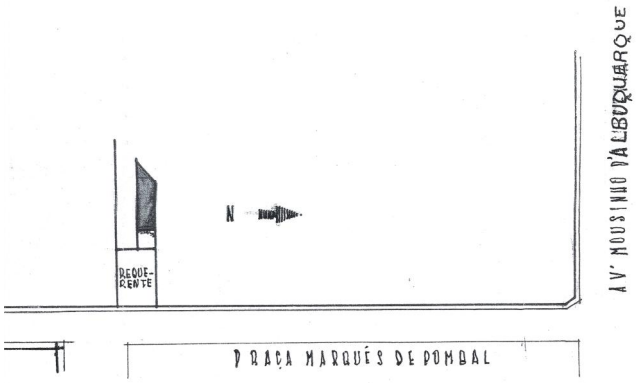
demolido

Praça Marquês de Pombal
Póvoa de Varzim

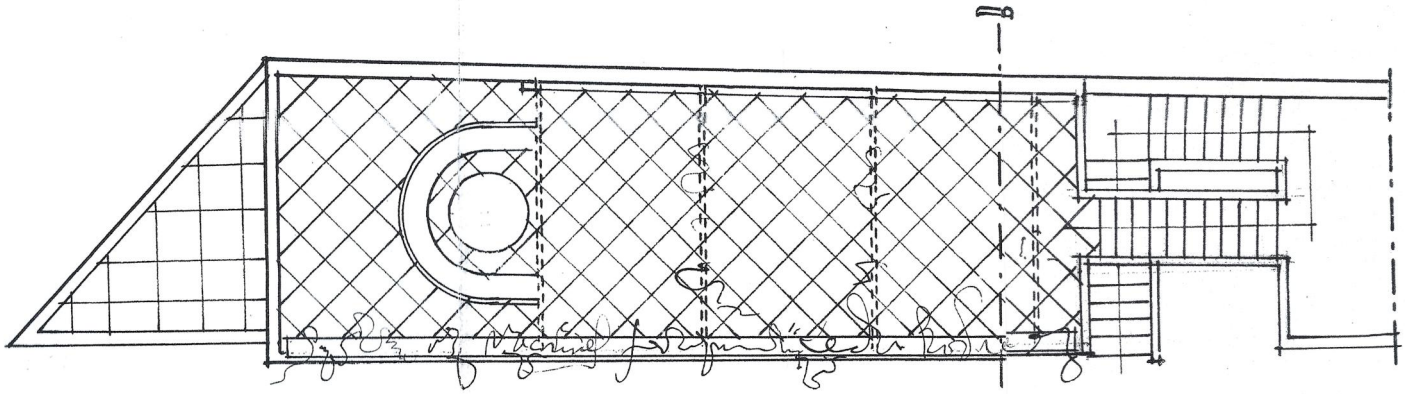
Desenhos

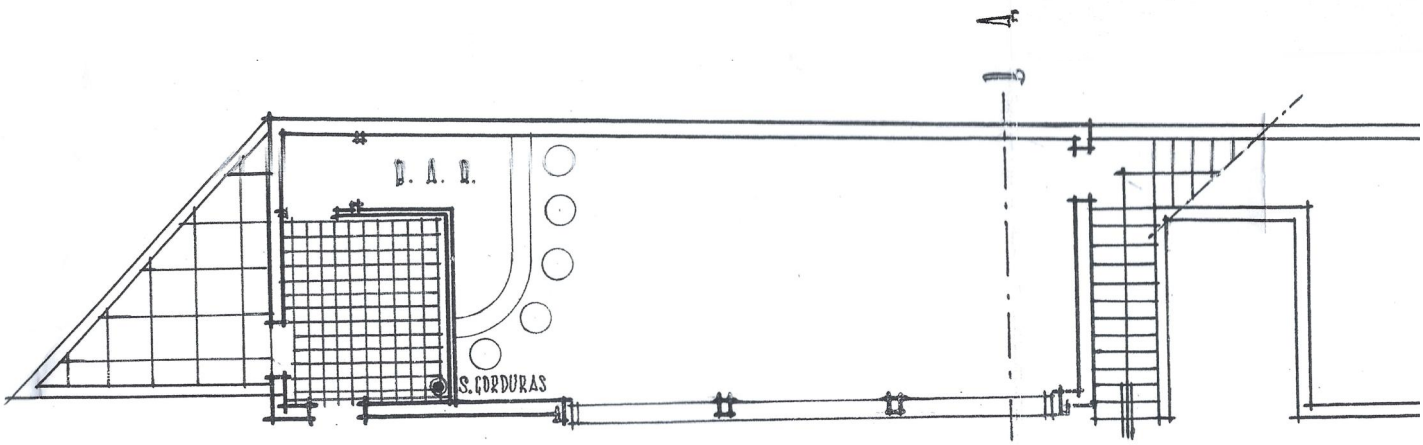
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 05(72)

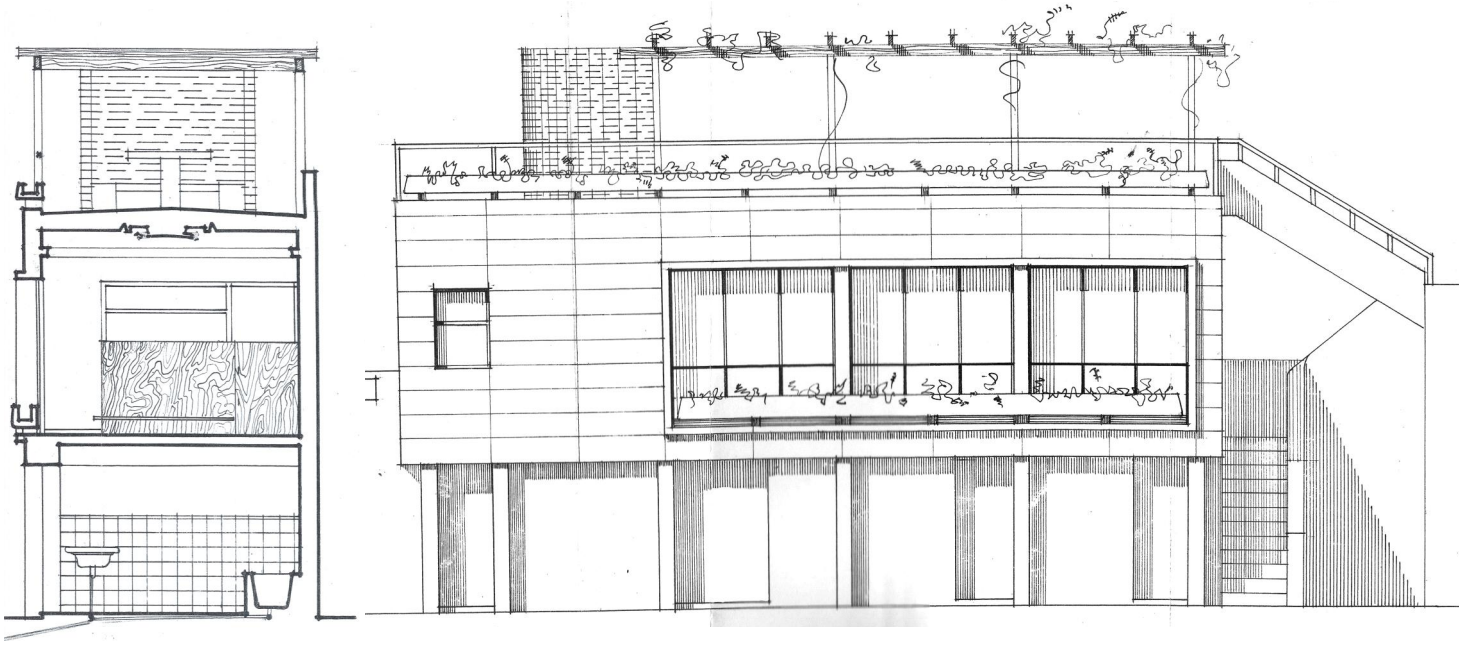
01. Planta de implantação s/ escala
02. Planta do terraço
03. Planta do salão
04. Corte AB
05. Alçado principal



01
02
03
04 05







0 0,5 1 2 m

PVZ.03

Fachada da confeitaria *A Vallonguense*

1945

demolido

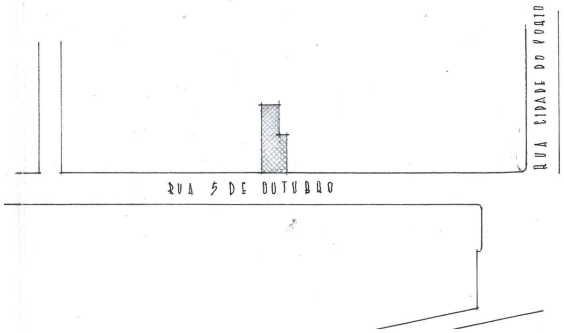
Rua da Junqueira (antiga Rua 5 de outubro)
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 06(68)

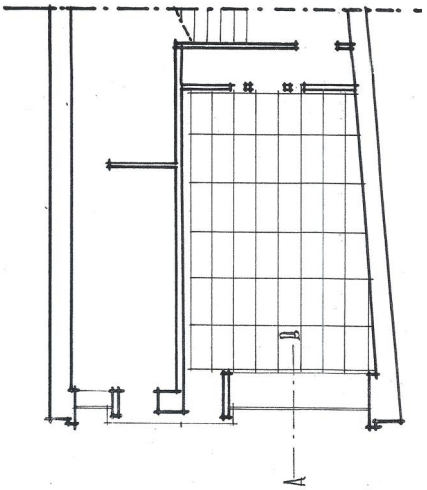
01. Alçado pré-existente
02. Planta de implantação s/ escala
03. Alçado
04. Planta
05. Alçado da proposta
06. Fachada parcial

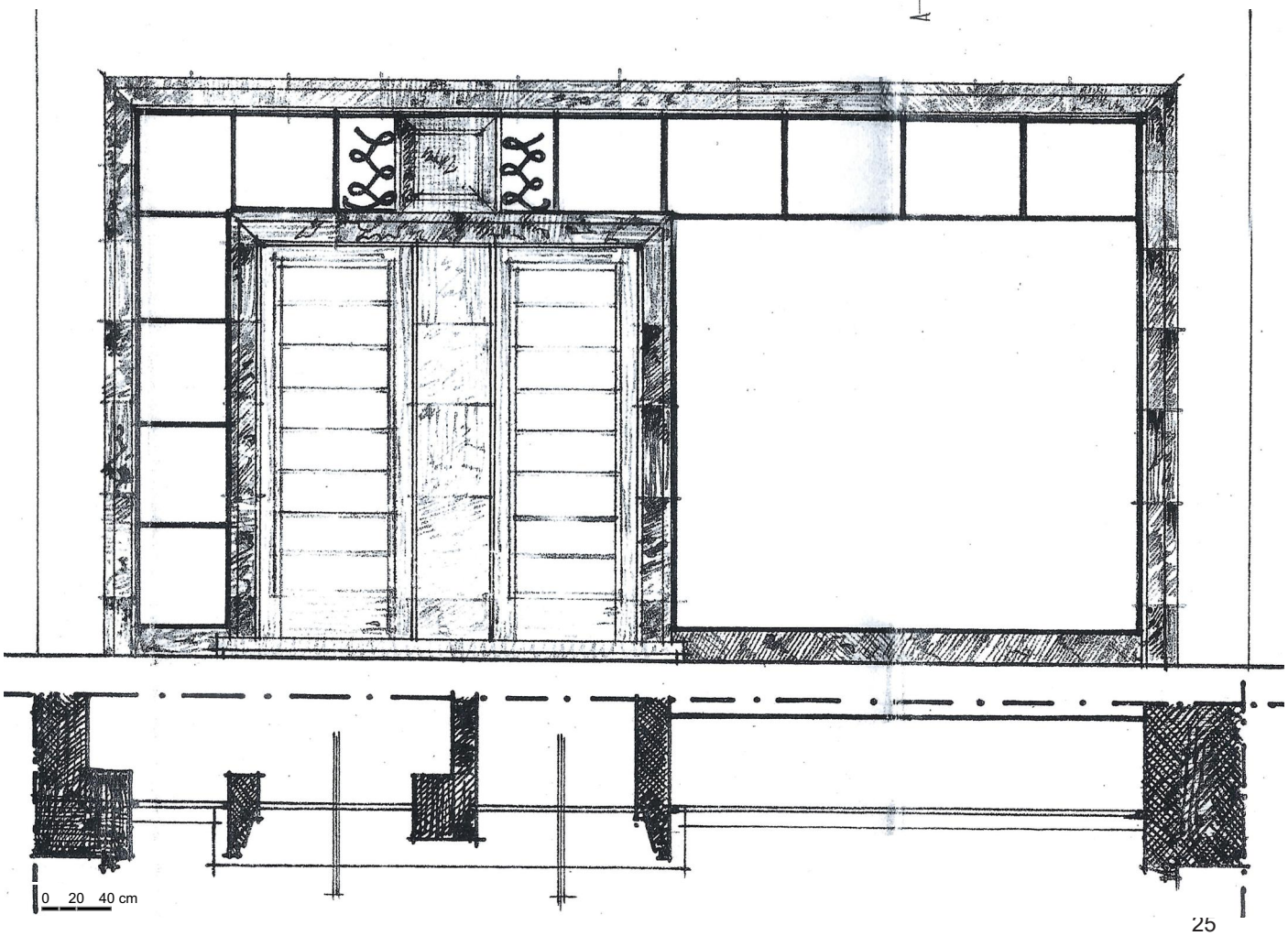




01 02
03 04
05
06







PVZ.04

Armazém de sal e peixe

1945

demolido

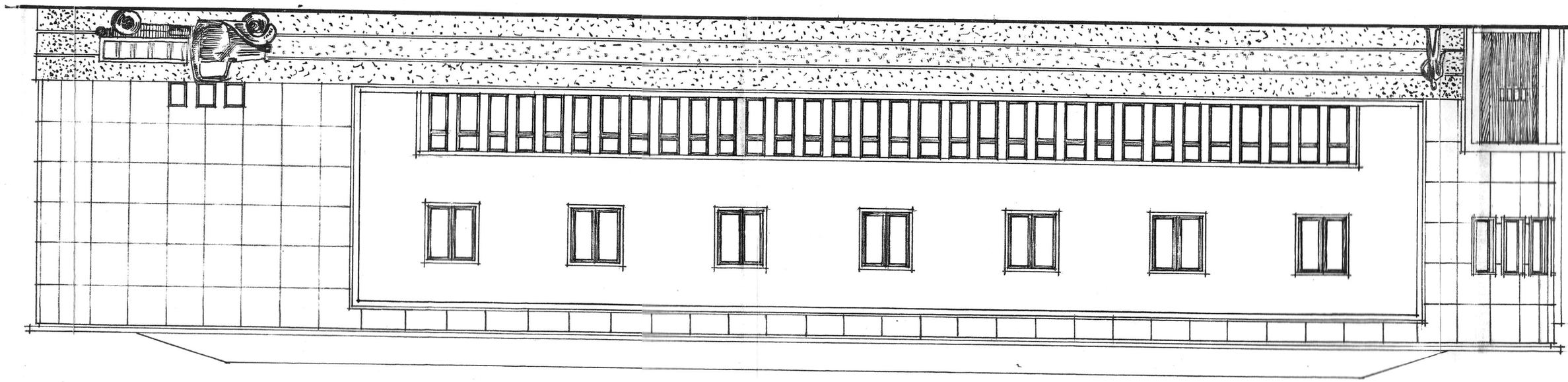
Rua Dr. António da Silveira
Póvoa de Varzim

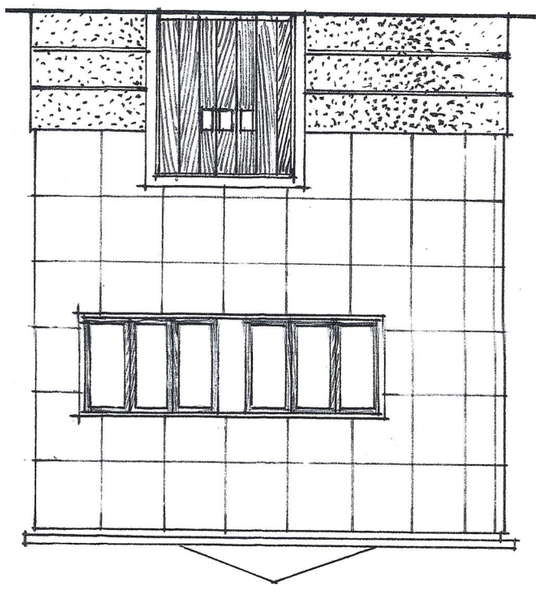
Desenhos

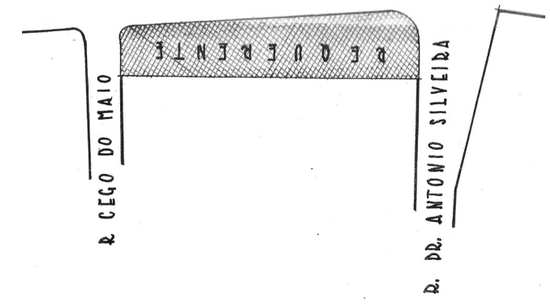
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 07(16)

01. Planta de implantação s/ escala
02. Alçado para a Rua Dr. António da Silveira
03. Alçado para a Rua do Cego do Mario
04. Alçado principal

0 0.5 1 2m







01
02 03
04

PVZ.05

Casa José Gonçalves da Torre

1945

demolido

Lugar da Igreja – Amorim
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 05(09)

01. Planta de rés-do-chão

01. coberto **02.** estábulos **03.** adega **04.** cozinha **05.** sala de jantar **06.** coberto da eira **07.** banho-wc

02. Alçado principal

03. Planta do 1º piso

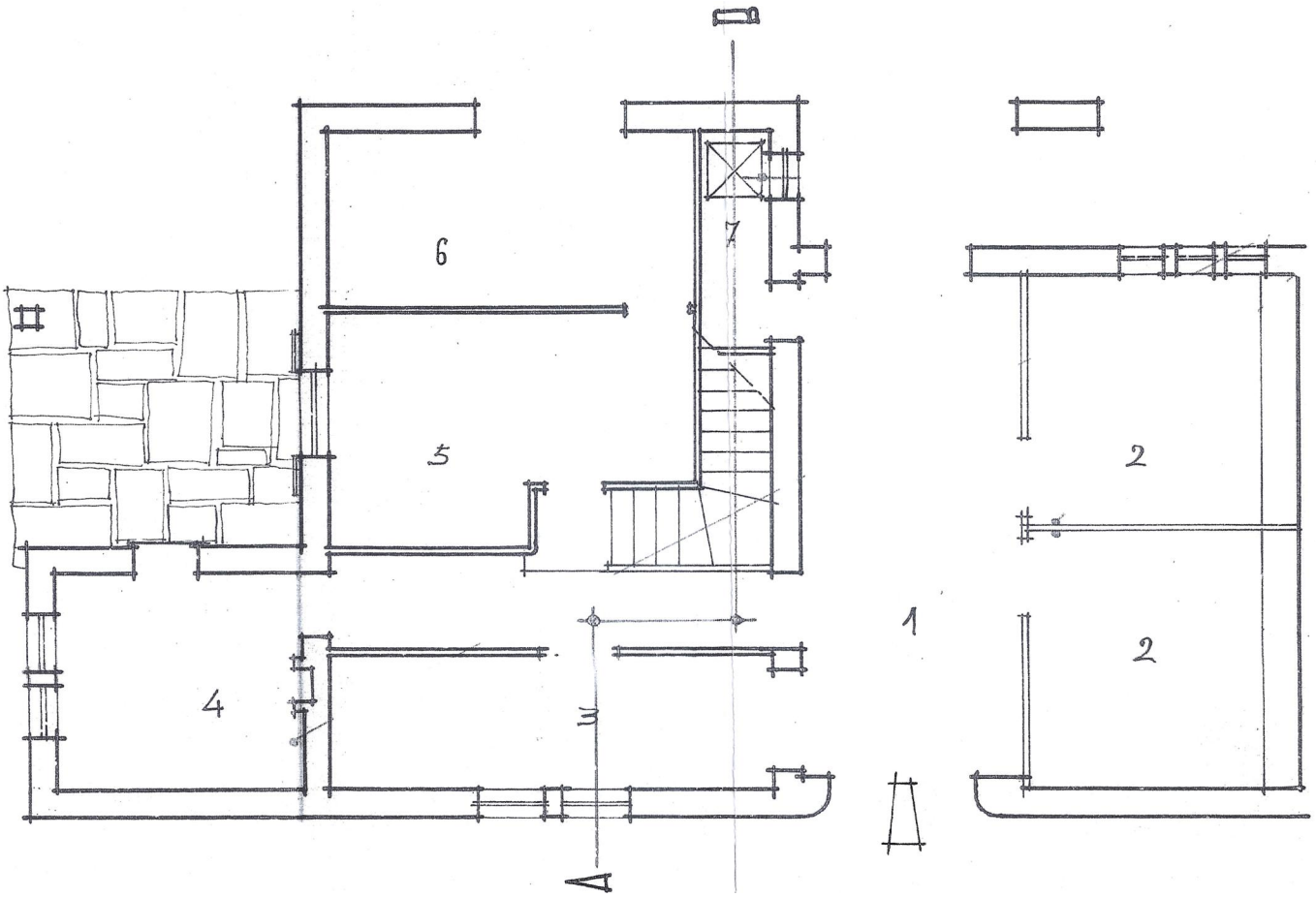
01. vestíbulo **02.** quartos de dormir **03.** sala de visitas

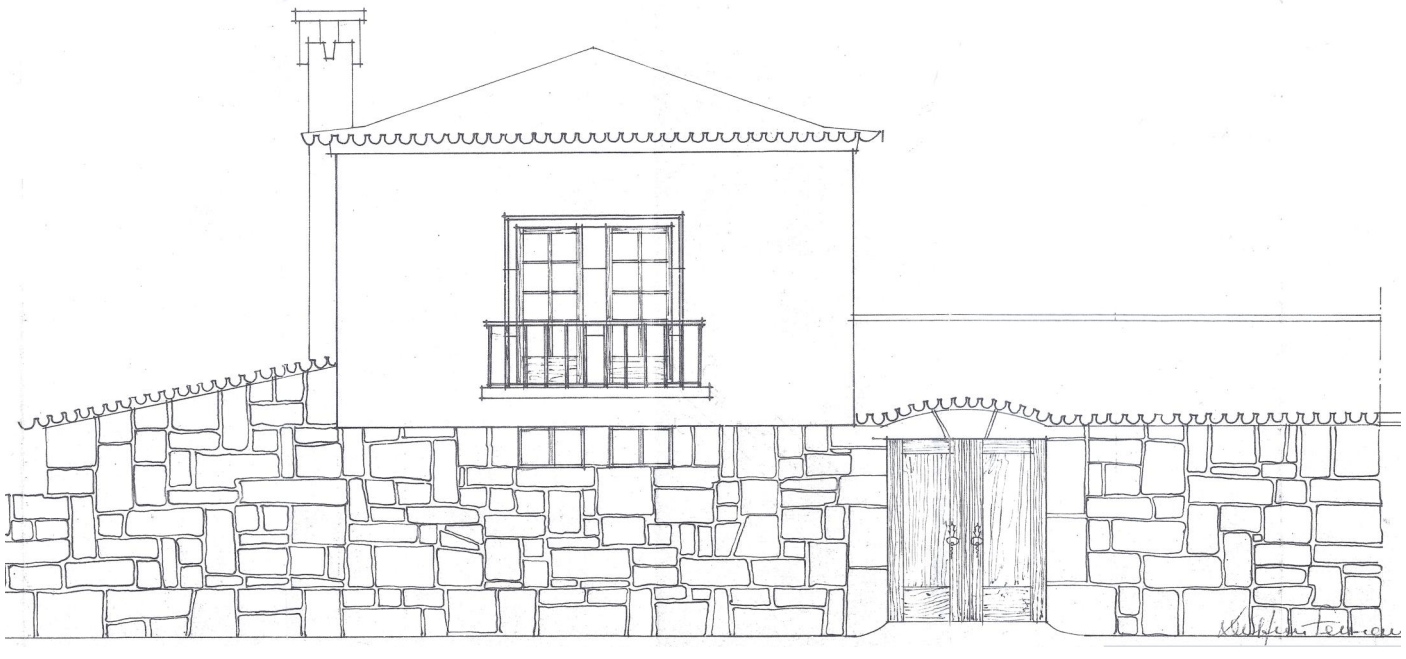
04. Alçado posterior

05. Corte AB

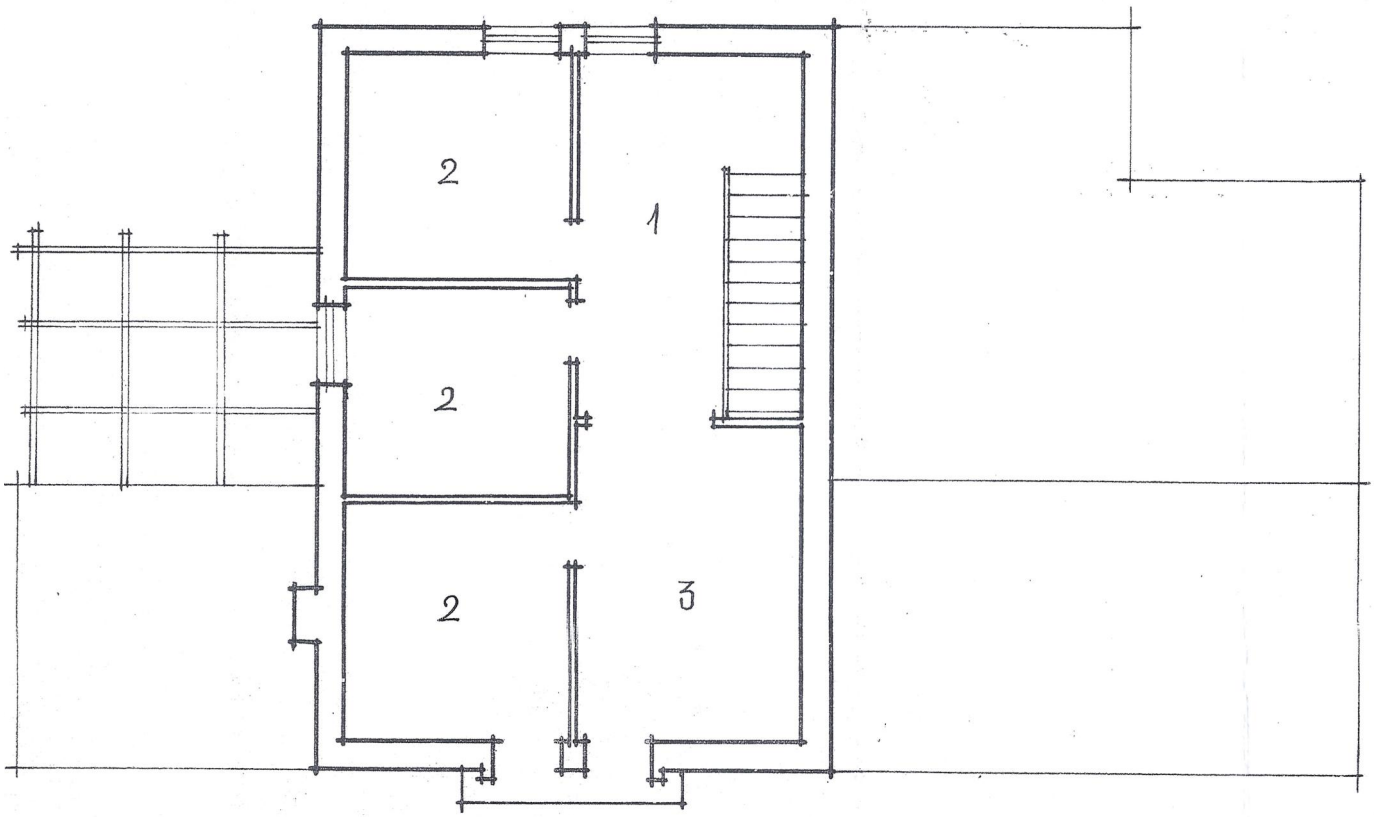
06. Alçado lateral

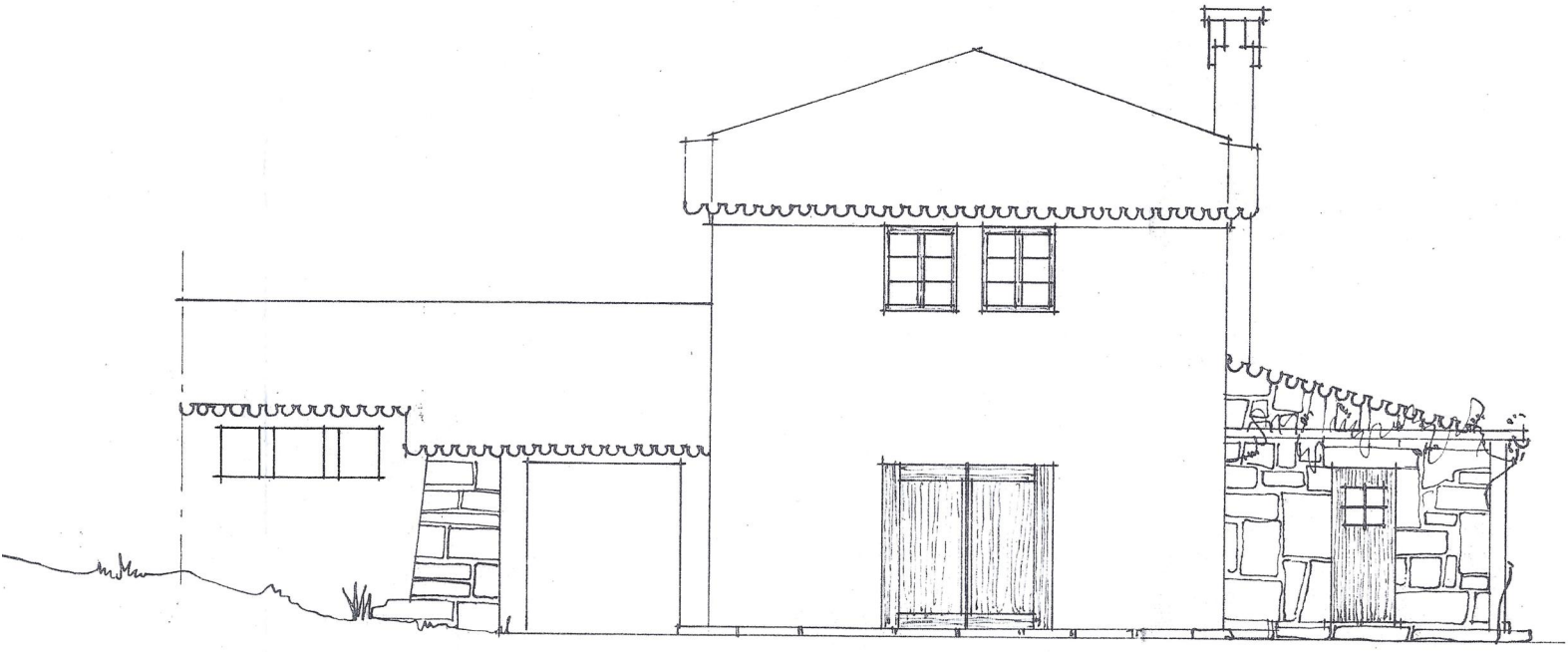
01
02



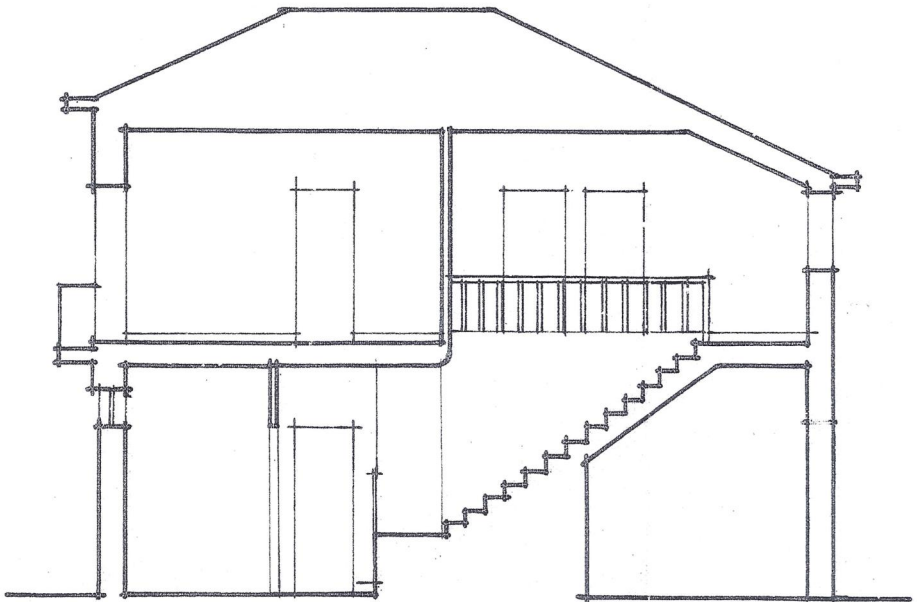


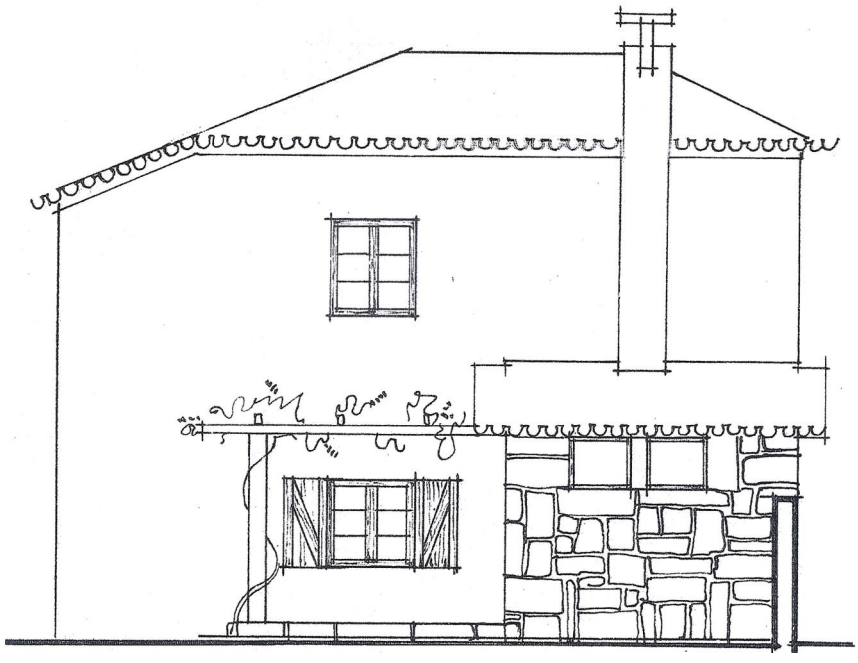
03
04





05
06





0 0.5 1 2 m

PVZ.06

Fachada de estabelecimento

1945

construído [com alterações, abandonado]

Rua Paulo Barreto, 13-15
Póvoa de Varzim

Desenhos

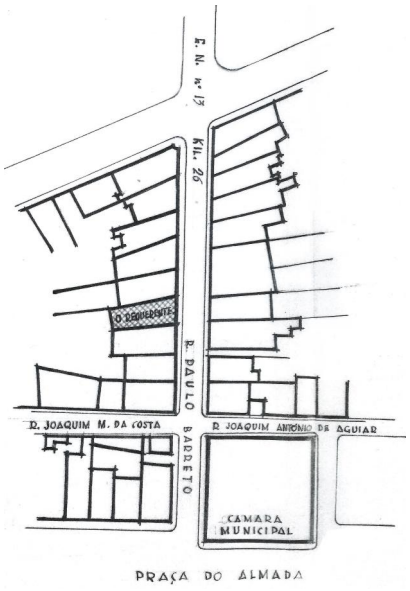
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 06(03)

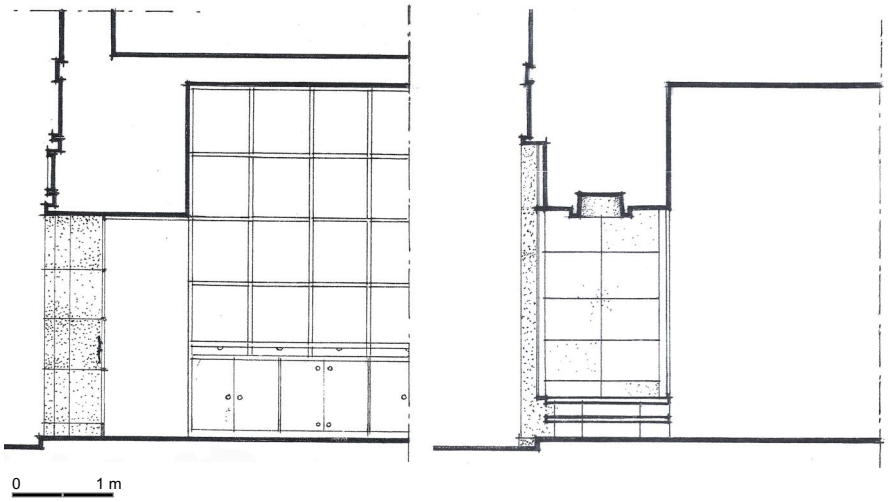
01. Planta de implantação s/ escala
02. Corte AB
03. Corte CD
04. Alçado da proposta
05. Planta parcial

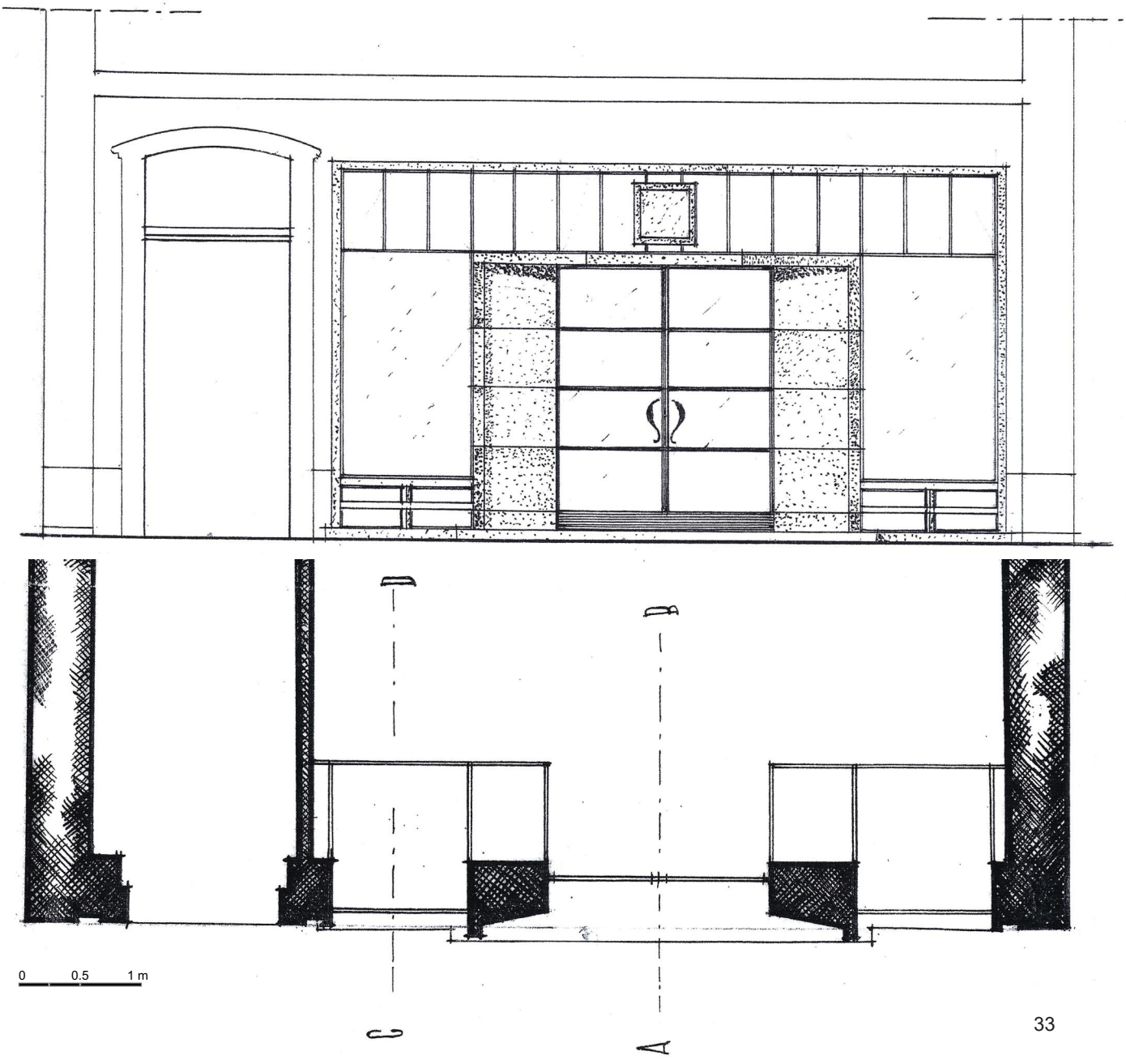
Fotografias

© Autor. 08 de julho de 2023

01. Perspetiva geral, Rua Paulo Barreto
02. Pormenor da fachada


E. N. nº 10
KIL. 26
R. PAULO BARRETO
R. JOAQUIM M. DA COSTA
R. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR
CÂMARA MUNICIPAL
PRAÇA DO ALMADA


0 1 m


0 0.5 1 m
C
A

ft01




13

PVZ.07

Garagem Santos

1945

construído

Rua Tenente Valadim, 71
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 05(49)

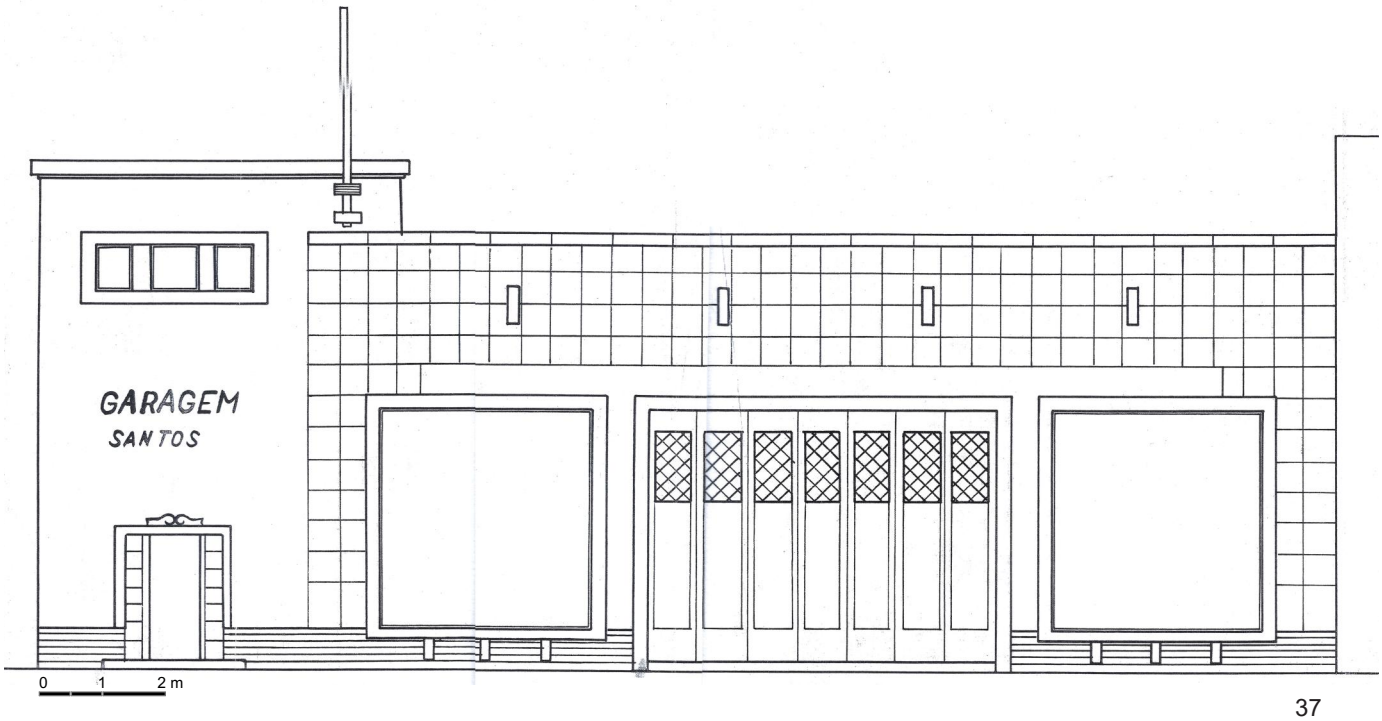
01. Alçado principal

Fotografias

© Autor. 02 de setembro de 2023

01. Fachada, vista da rua

02. Pormenor do *lettering*


GARAGEM
SANTOS
0 1 2 m

ft01



ft02



PVZ.08

Loja *Fotografia Neta* com Oliveira Martins

1946

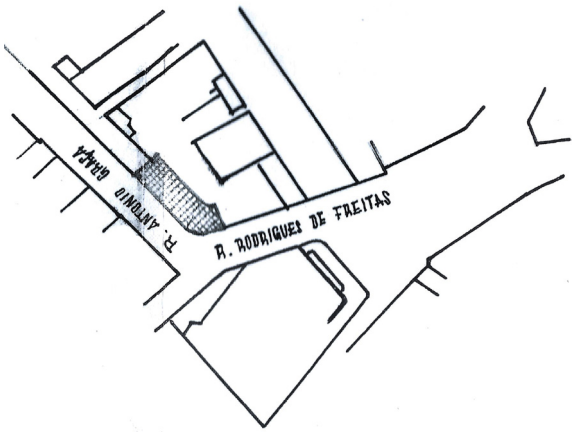
sem certeza

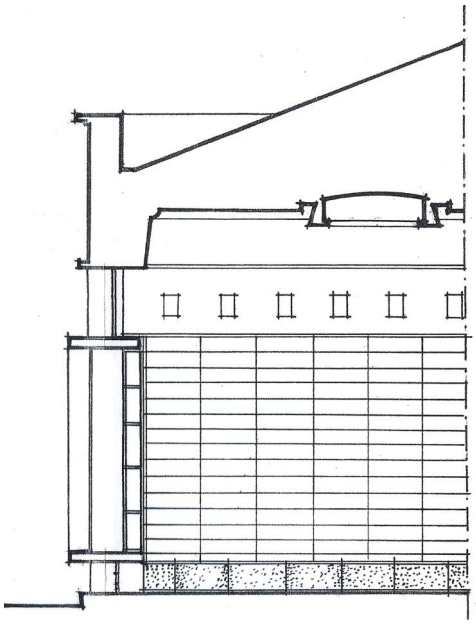
Rua António Graça / Rua Rodrigues de Freitas
Póvoa de Varzim

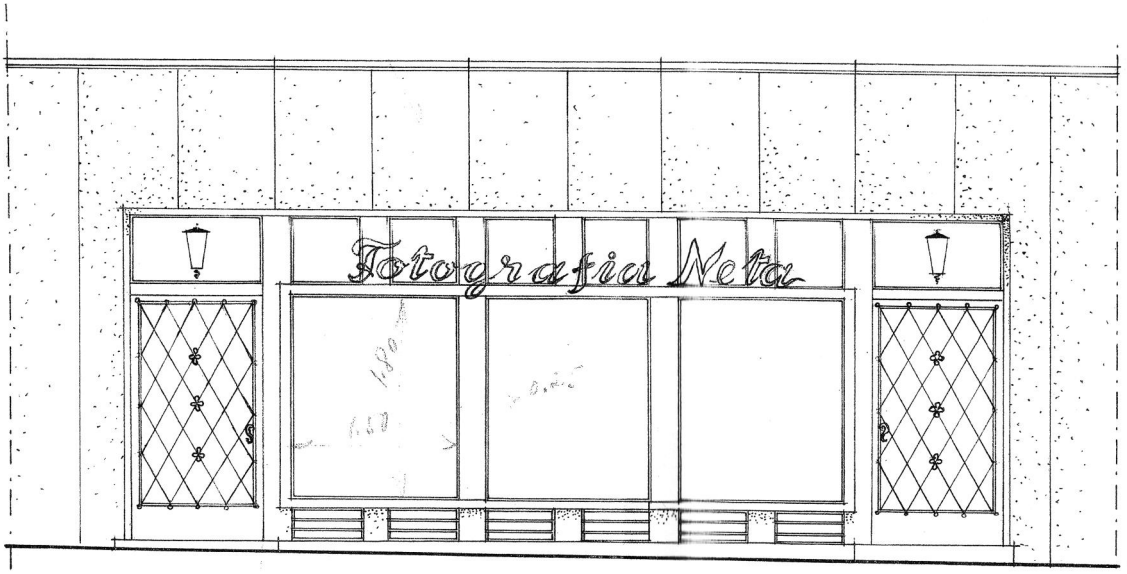
Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 09(57)

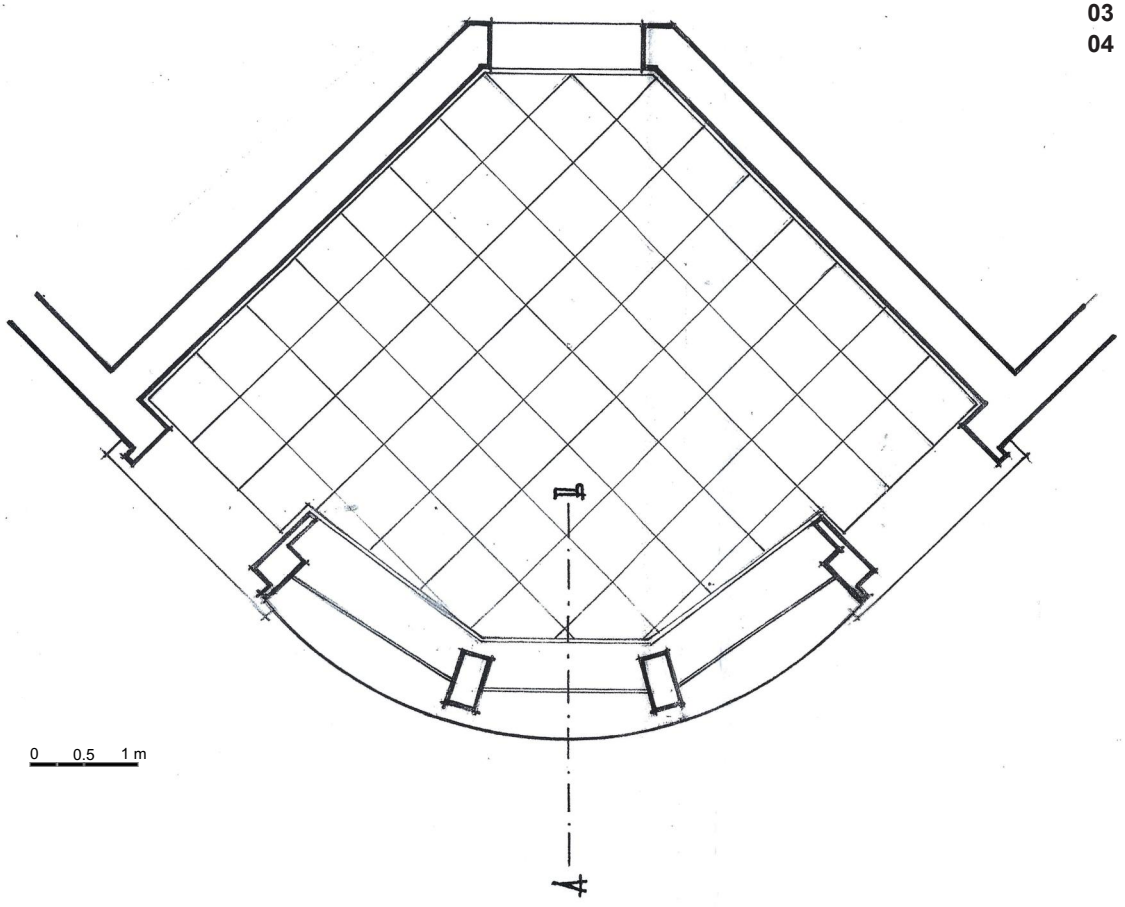
01. Planta de implantação s/ escala
02. Corte AB
03. Alçado da proposta
04. Planta







01 02
03
04



0 0.5 1 m

PVZ.09

Casa Manuel Alves dos Santos com Oliveira Martins

1946

construído

Rua Comendador Francisco Quintas. 223
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 09(69)

01. Planta de implantação s/ escala
02. Planta do 1º piso
03. Planta do rés-do-chão
04. Planta de cave
05. Alçado principal
06. Corte AB
07. Alçado noroeste
08. Alçado sudoeste
09. Corte CD
10. Alçado nordeste

Fotografias

© Manuel Alves dos Santos

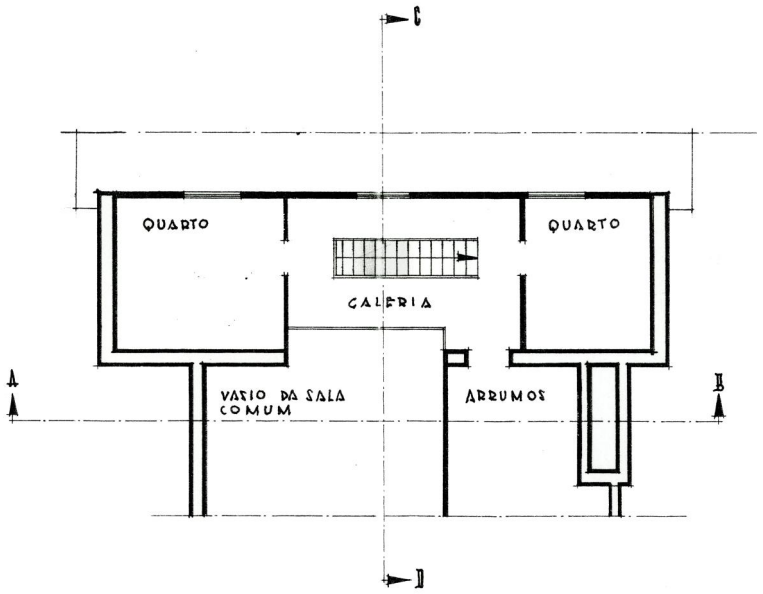
ft01. Vista a partir da rua
ft02. Entrada
ft03. Vista norte
ft05. Fachada principal
ft06. Varanda
ft08. Fogão de Sala
ft09. Sala de jantar e mezzanino
ft10. Vista a partir da galeria superior
ft11. Sala de estar

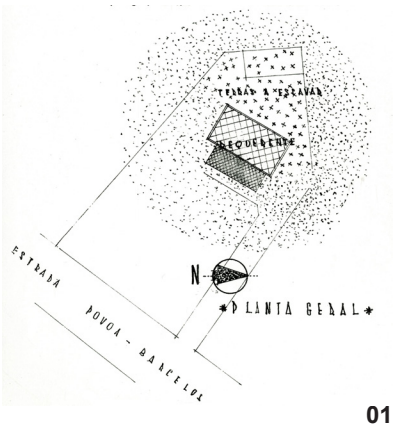
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

ft04. Fachada sudoeste
ft07. Fachada nordeste

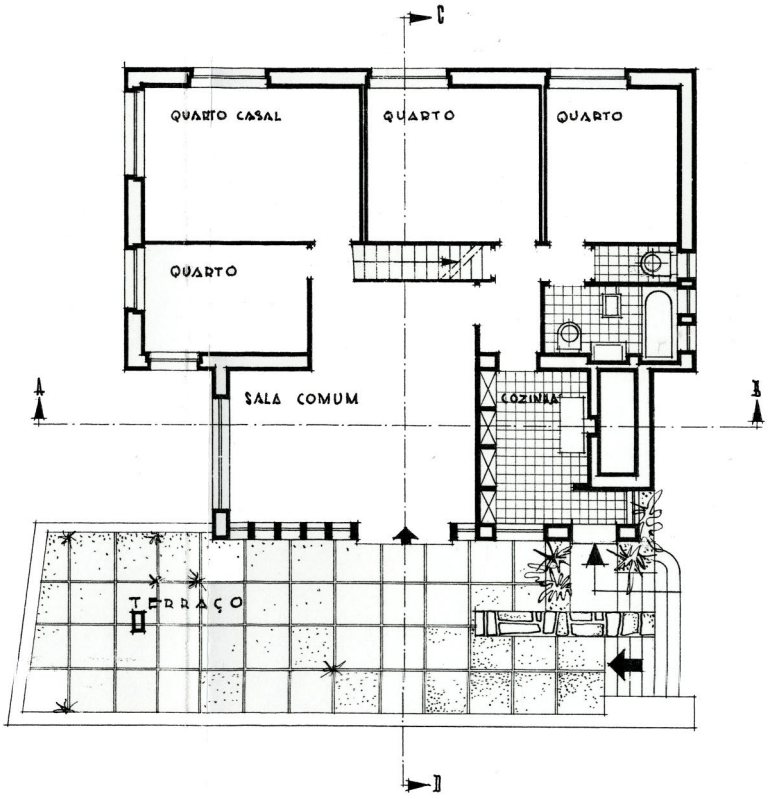
© Autor. 20 de maio de 2023

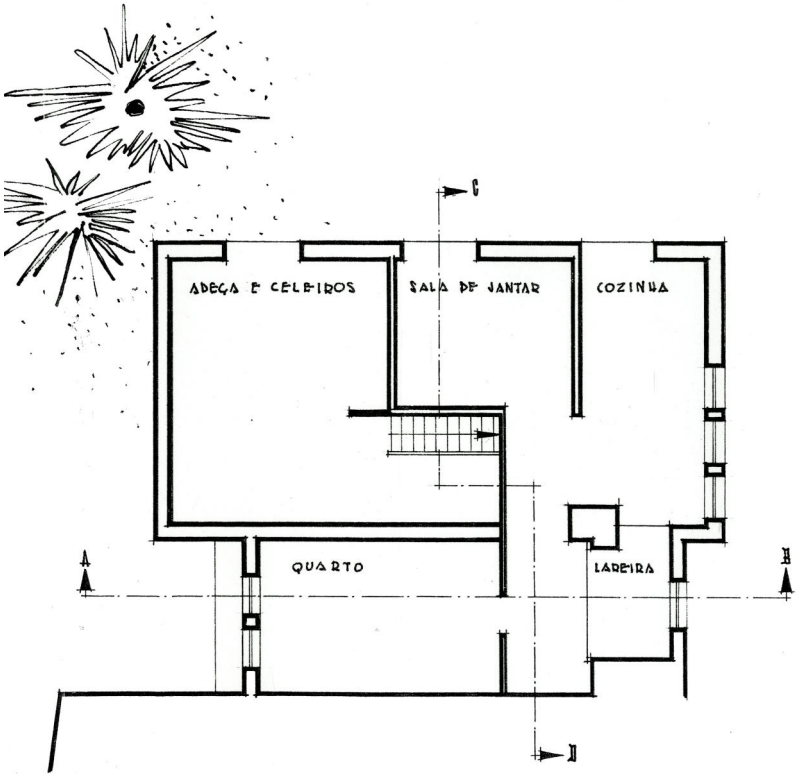
ft12. Situação atual
ft13. Detalhe na fachada principal





01

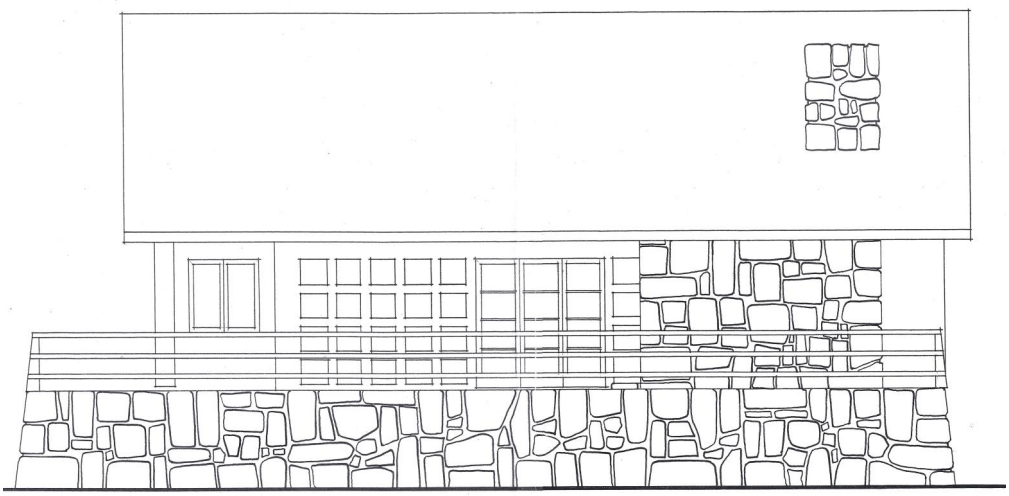


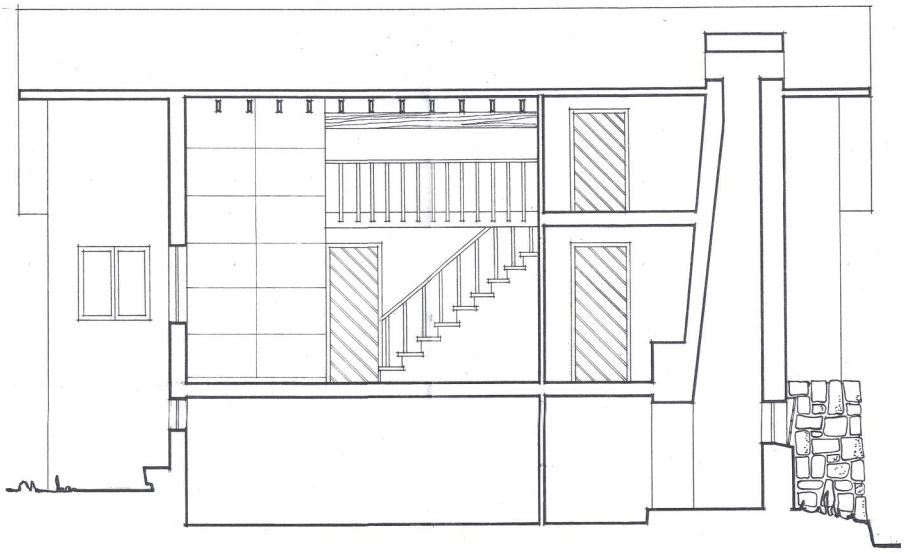


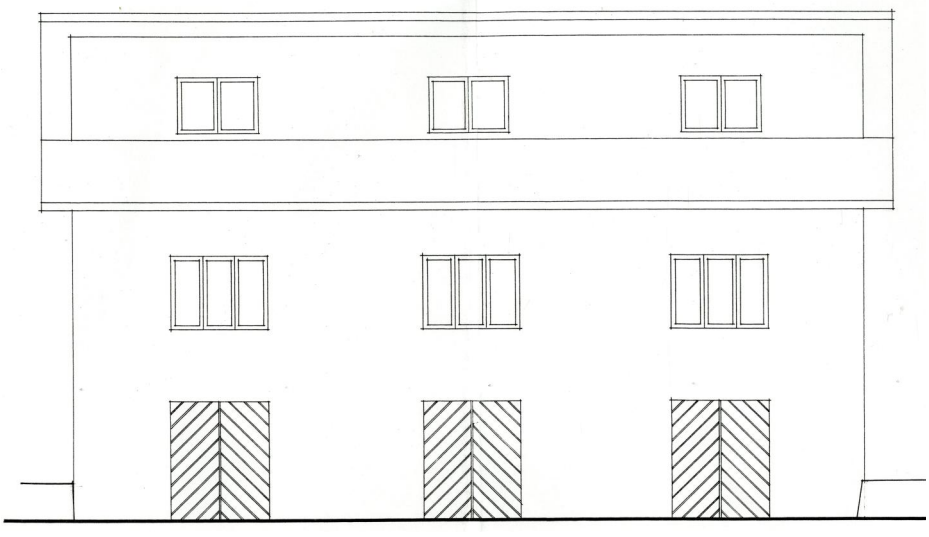
02
03
04

0 1 2 m

05
06
07

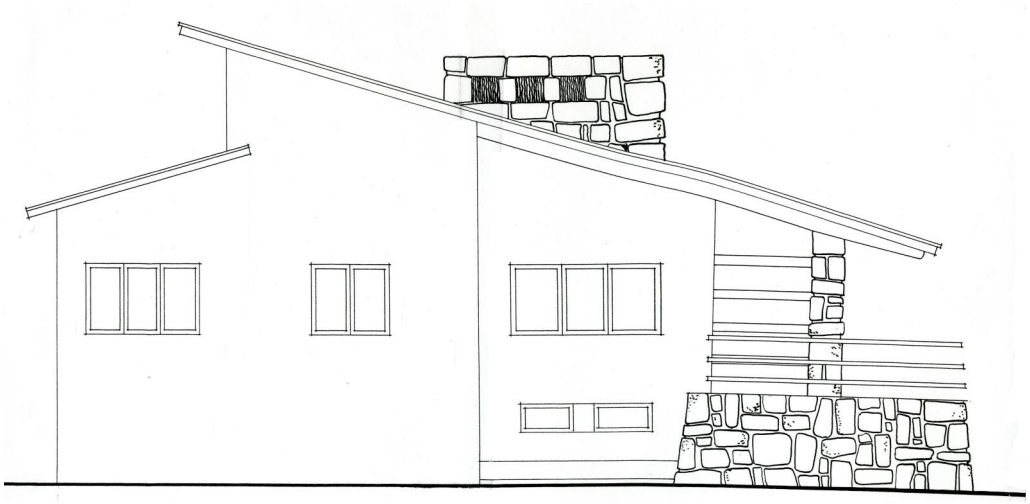


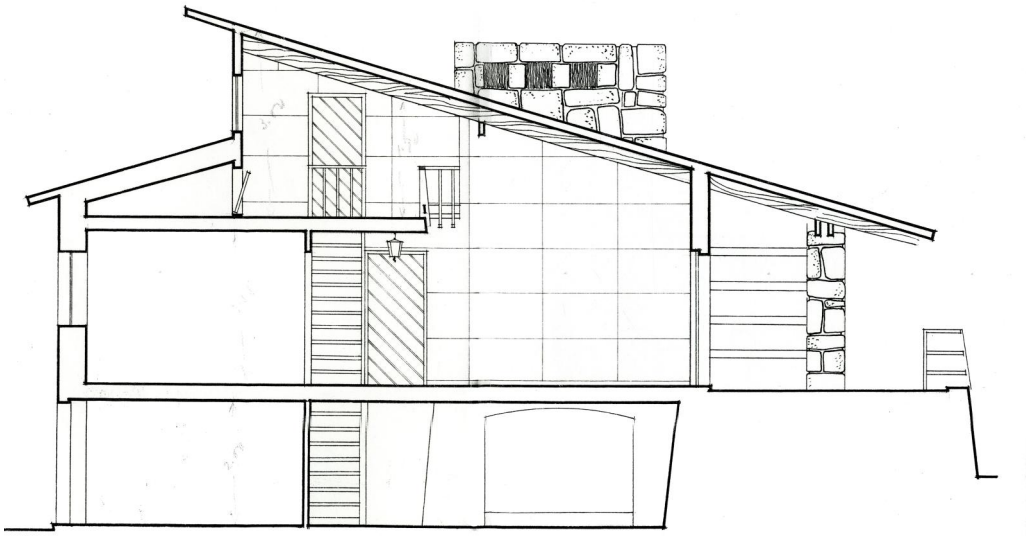


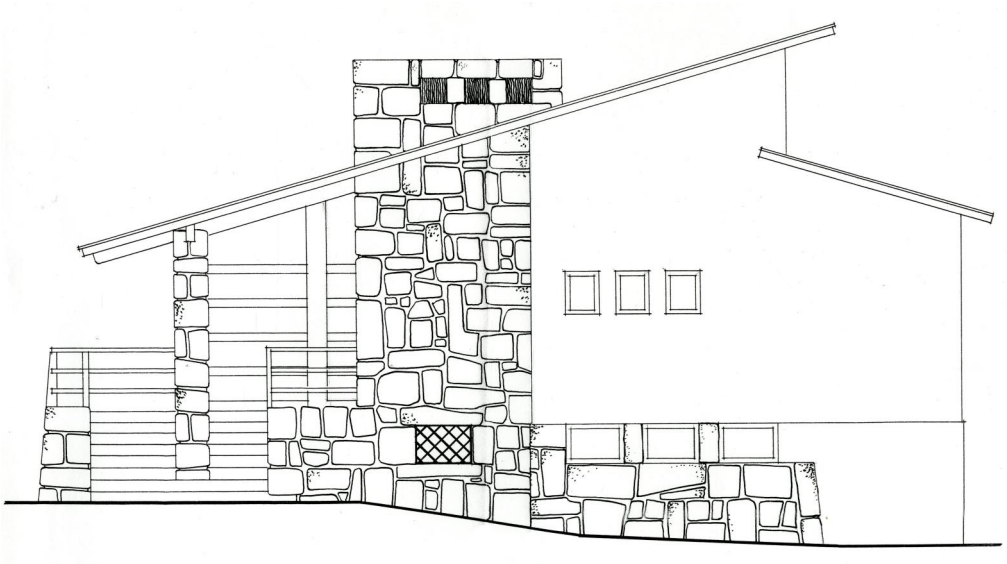


0 1 2 m

08
09
10







ft01



ft02 ft03
ft04





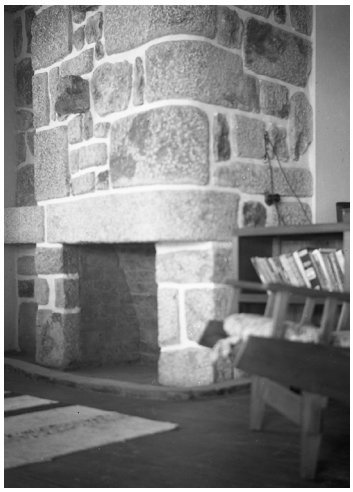


ft05 ft06
ft07



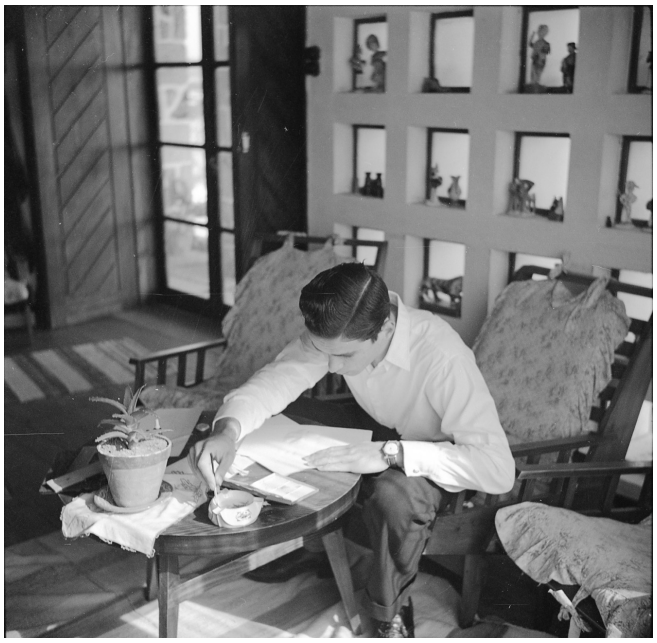












ft08 ft09
ft10
ft11

ft12



50



PVZ.10

Casa Manuel Gomes Morim

1946

sem certeza

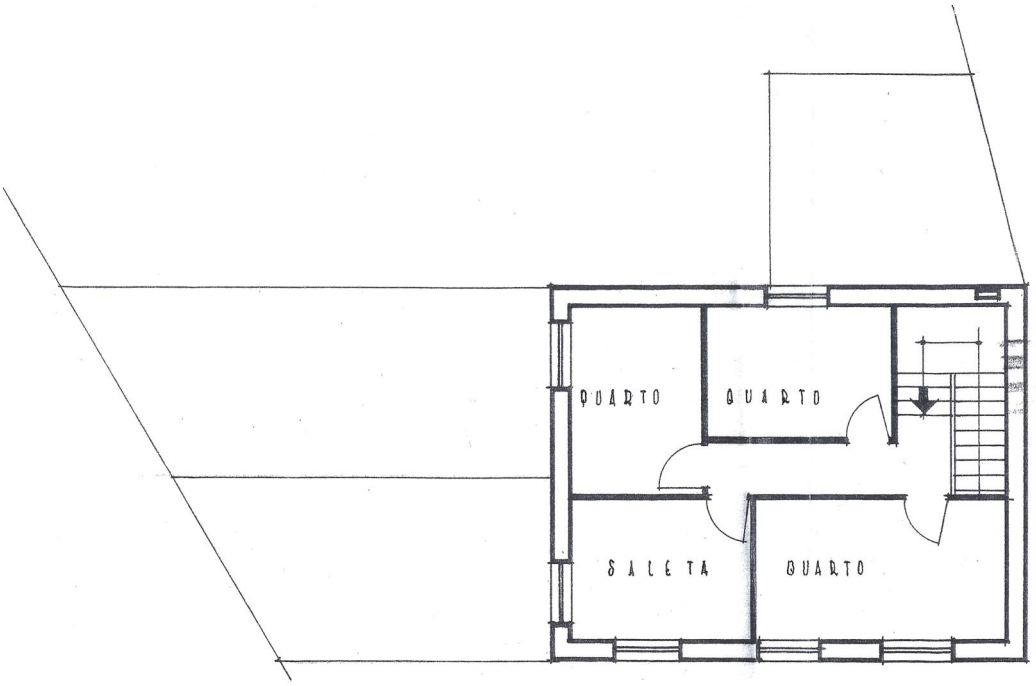
Amorim
Póvoa de Varzim

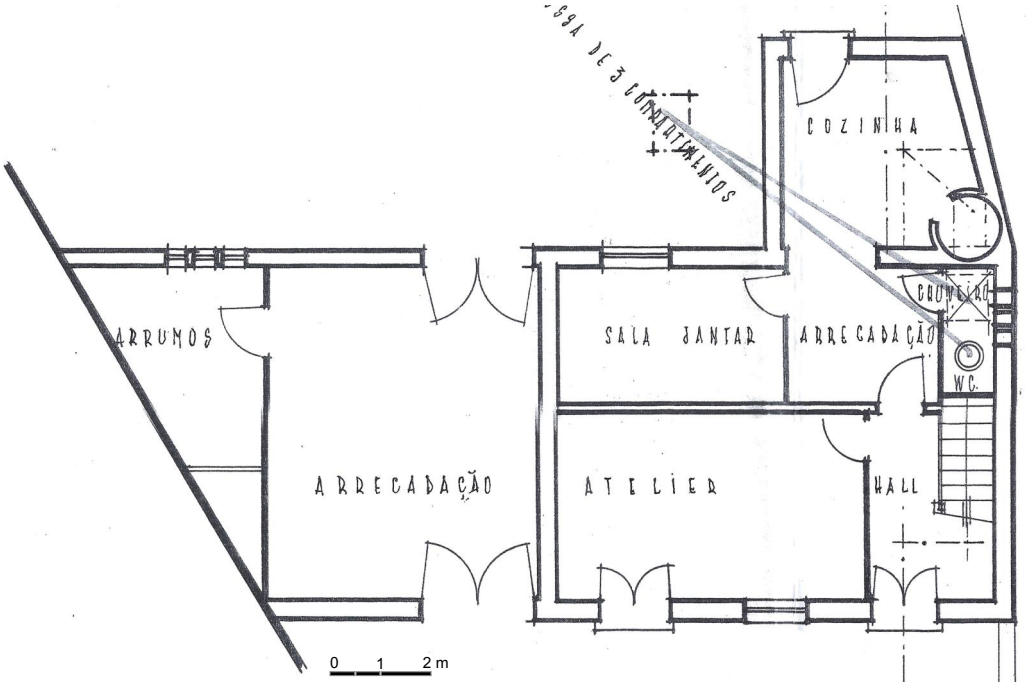
Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 10(38)

01. Planta do 1º piso
02. Planta de rés-do-chão
03. Alçado nascente

01
02
03


QUARTO
QUARTO
SALETA
QUARTO


COZINHA
ARRUMOS
SALA JANTAR
ARRECADAÇÃO
WC.
ARRECADAÇÃO
ATELIER
HALL
0 1 2 m


0 1 2 m

CODA

A minha casa

1947

não construído

Moreira
Maia

Desenhos

© Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Solução A

01. Folha 01 – Plantas de implantação, de cobertura e de fundações s/ escala
02. Folha 02 – Plantas de rés-do-chão e de 1º piso s/ escala
03. Folha 03 – Plantas de saneamento s/ escala
04. Folha 04 – Alçados s/ escala
05. Folha 05 – Cortes s/ escala
06. Folha 06 – Corte transversal s/ escala
07. Folha 07 – Corte longitudinal s/ escala
08. Folha 08 – Cortes-pormenor de fachda s/ escala
09. Folha 09 – Pormenor de caixilharia exterior s/ escala
10. Folha 10 – Pormenor de caixilharia interior s/ escala
11. Folha 11 – Pormenor da rampa e do fogão de sala s/ escala
12. Folha 12 – Perspetivas
13. Folha 13 – Perspetivas

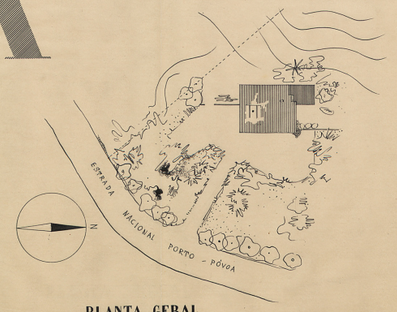
Solução B

14. Folha 01 – Plantas de rés-do-chão, 1º e 2º pisos s/ escala
15. Folha 02 – Alçados e perspetiva s/ escala
16. Folha 03 – Alçados e perspetiva s/ escala
17. Folha 04 – Cortes e planta de implantação s/ escala
18. Folha 05 – Pormenores de caixilharias interior e exterior s/ escala

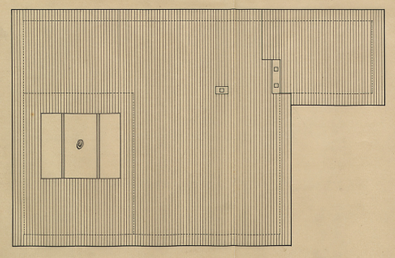
CODA

A MINHA CASA

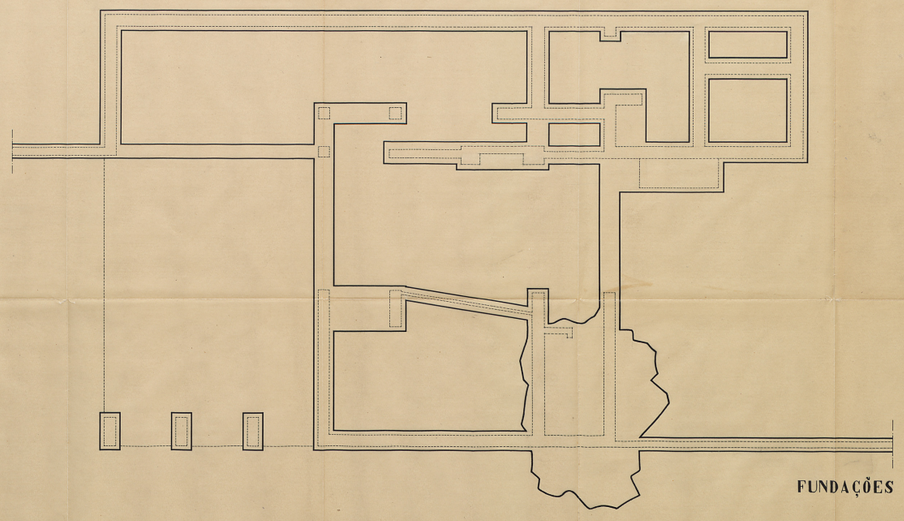
1 SOLUÇÃO **A**
PLANTAS
ESCALA 1:50



PLANTA GERAL



COBERTURA
ESC. 1:100

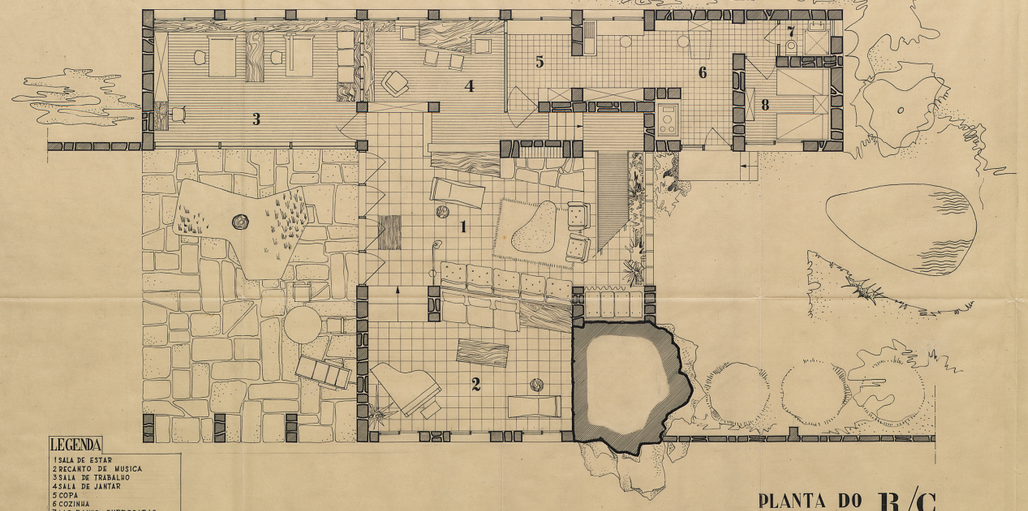


FUNDAÇÕES

CODA

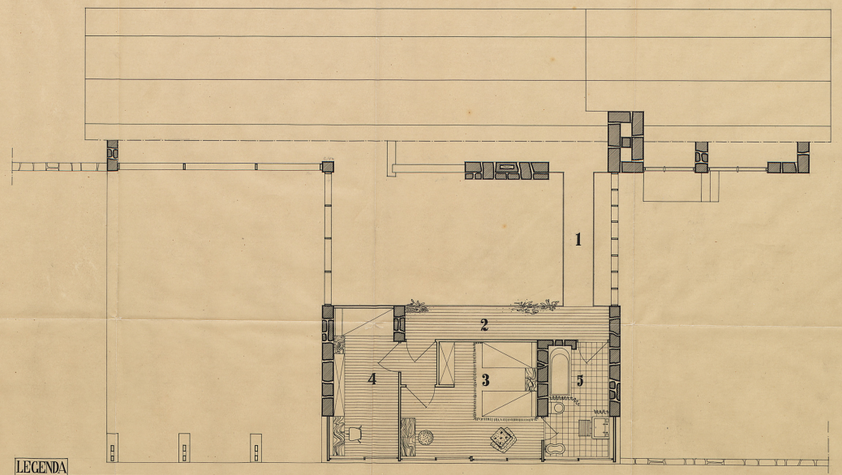
A MINHA CASA

2 SOLUÇÃO **A**
PLANTAS
ESCALA 1:50



LEGENDA
1 SALA DE ESTAR
2 RECANTO DE MUSICA
3 SALA DE TRABALHO
4 SALA DE JANTAR
5 COPA
6 COZINHA
7 W.C./BANHO- EMPREGADAS
8 QUARTO EMPREGADAS

PLANTA DO R/C



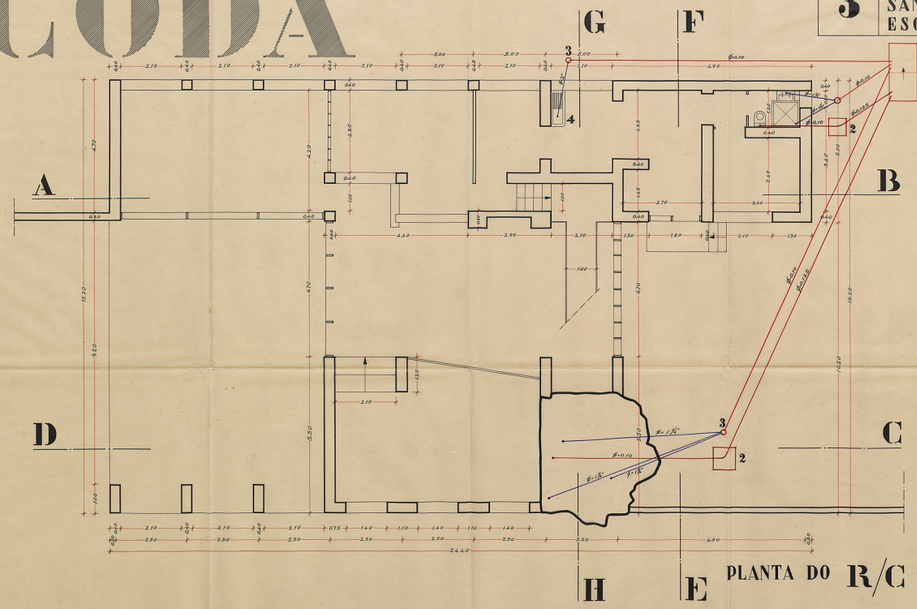
LEGENDA
1 RAMPA
2 GALERIA
3 QUARTO CASAL
4 QUARTO
5 W.C. E BANHO

PLANTA DO 1º ANDAR

CODA

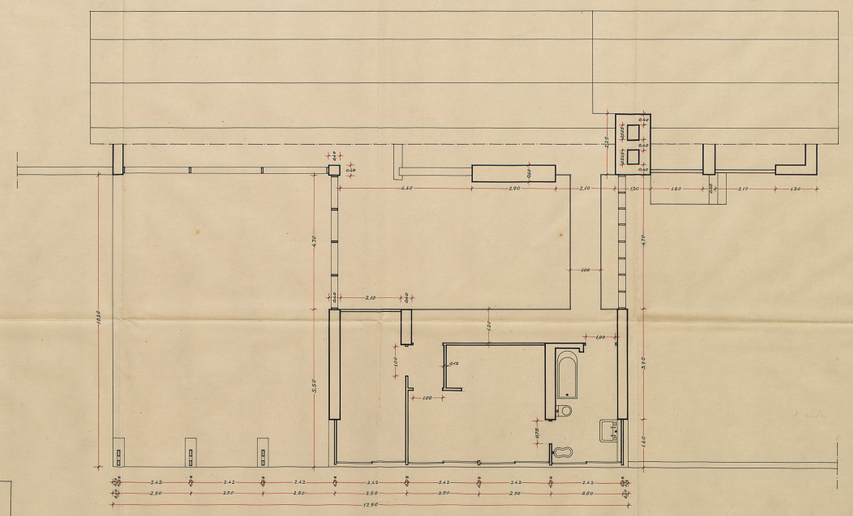
A MINHA CASA

3 SOLUÇÃO **A**
SANEAMENTO
ESCALA 1:50



PLANTA DO R/C

LEGENDA
1 FOSSA ASSEPTICA
2 CAMARA DE VISITA
3 SIFÃO DE PÁTEO
4 " DE GORDURAS

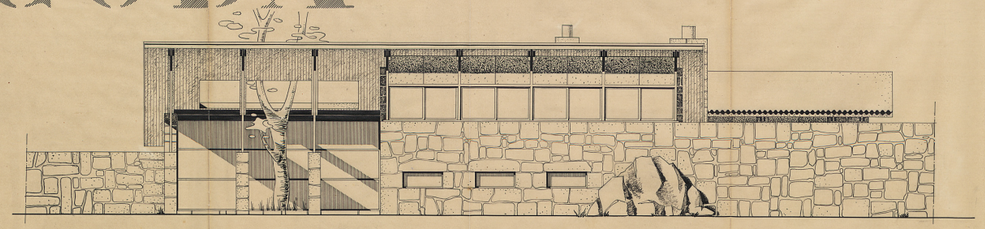


PLANTA DO 1º ANDAR

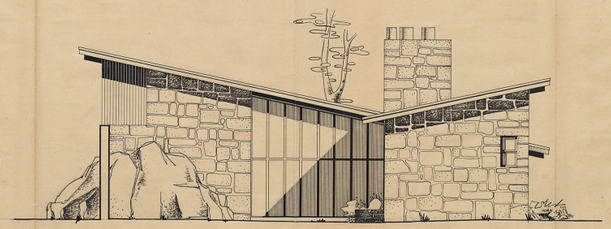
CODA

A MINHA CASA

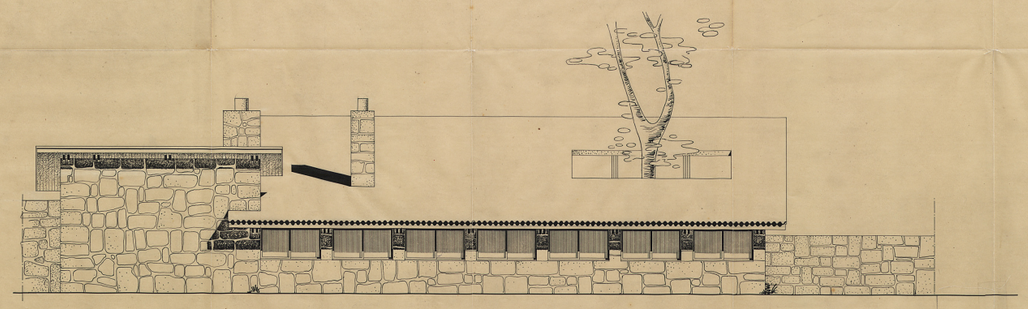
4 SOLUÇÃO **A**
ALÇADOS
ESCALA 1:50



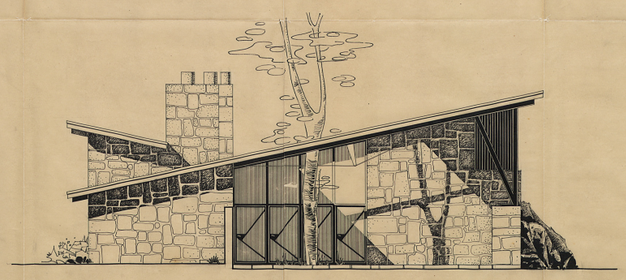
ALÇ. NASCENTE



ALÇ. NORTE



ALÇ. POENTE

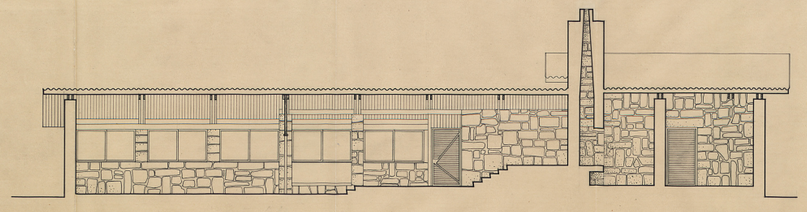


ALÇ. SUL

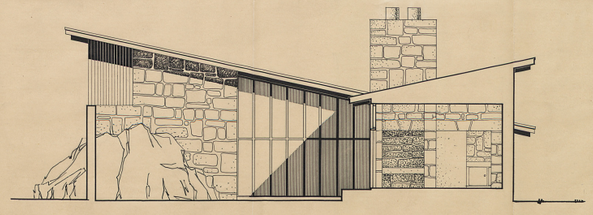
CODA

A MINHA CASA

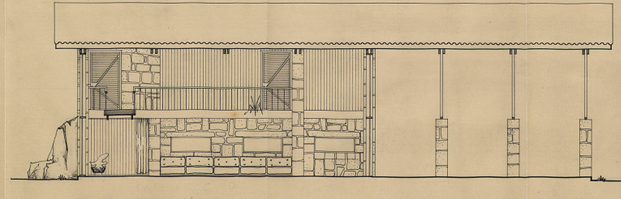
5 SOLUÇÃO **A**
CORTES
ESCALA 1:50



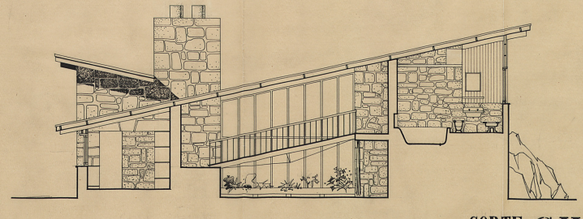
CORTE **AB**



CORTE **EF**



CORTE **CD**

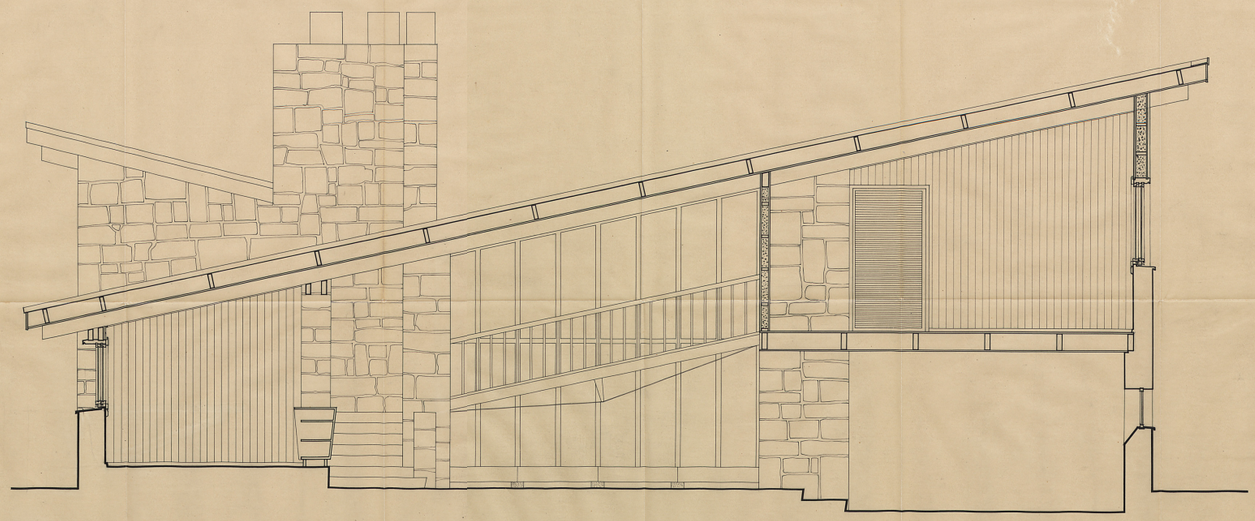


CORTE **GH**

CODA

A MINHA CASA

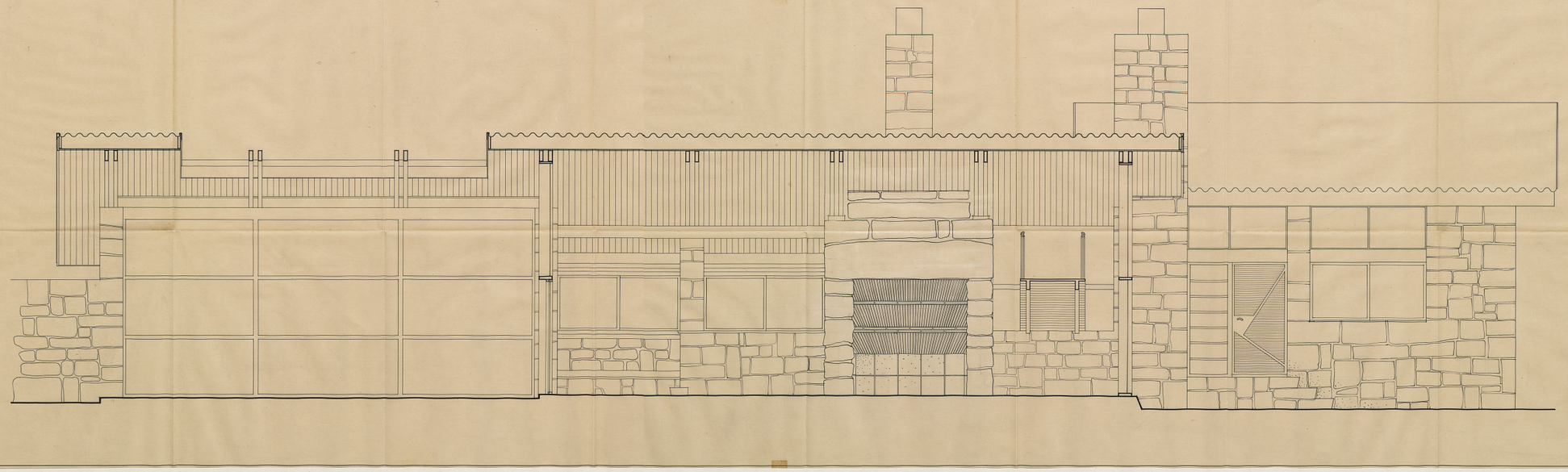
6 SOLUÇÃO **A**
CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:20



CODA

A MINHA CASA

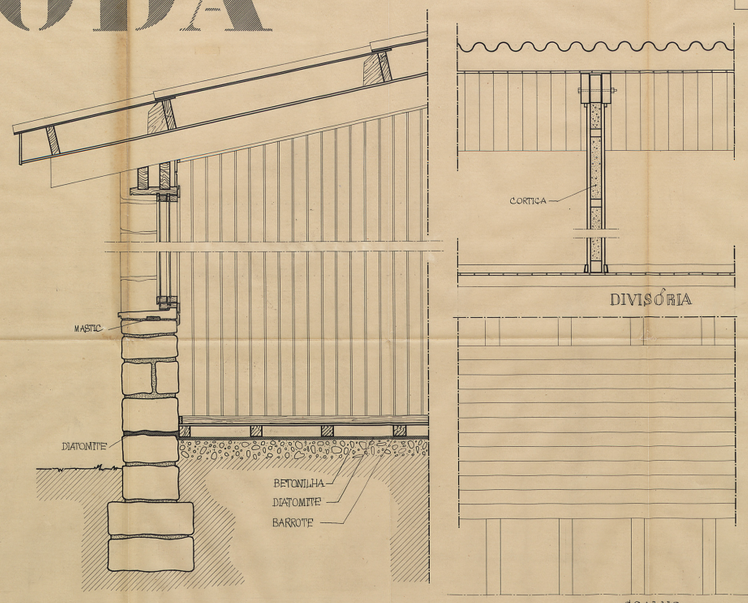
7 SOLUÇÃO **A**
CORTE LONGITUDINAL
ESCALA 1:20

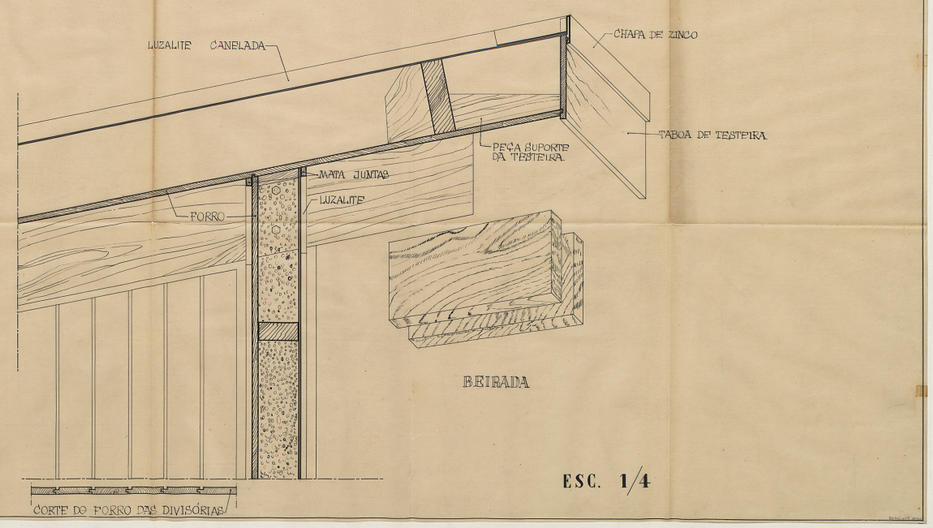


CODA

A MINHA CASA

8 SOLUÇÃO **A**
PORMENORES
ESCALA 1:10





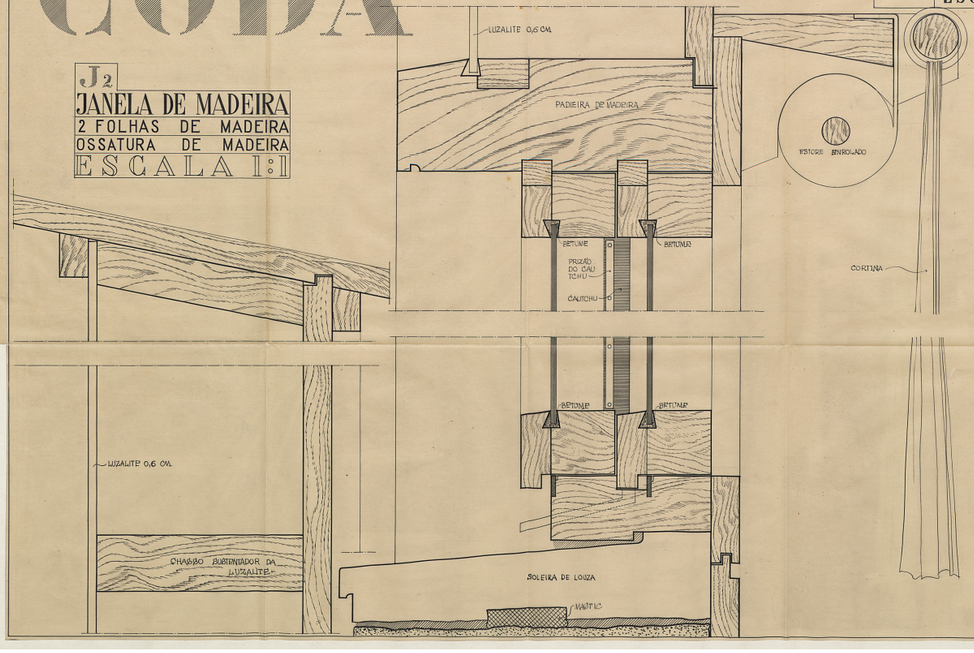
ESC. 1/4

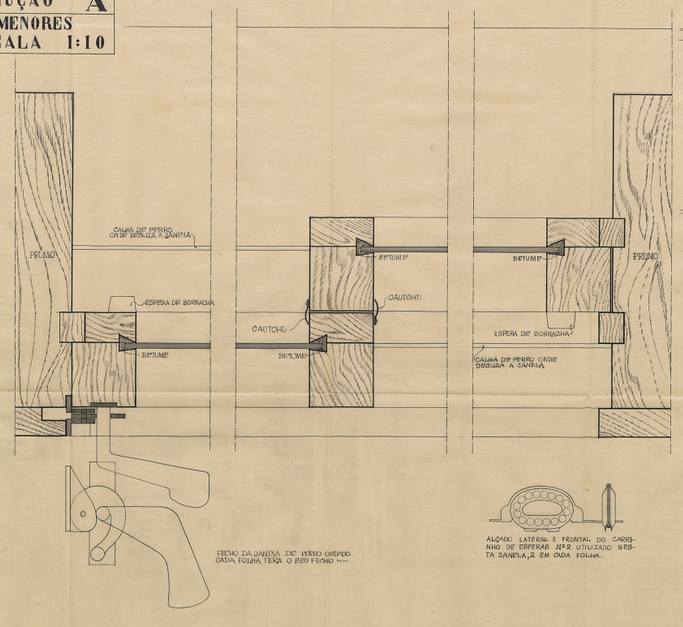
CODA

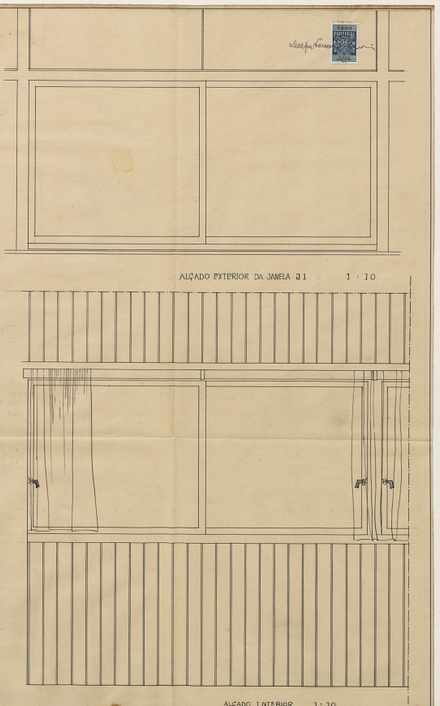
A MINHA CASA

9 SOLUÇÃO **A**
PORMENORES
ESCALA 1:10

J2
JANELA DE MADEIRA
2 FOLHAS DE MADEIRA
OSSATURA DE MADEIRA
ESCALA 1:1





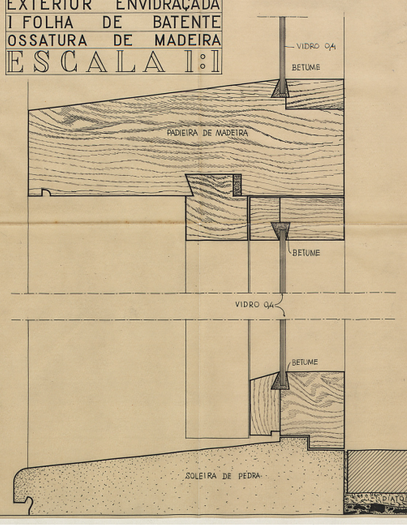


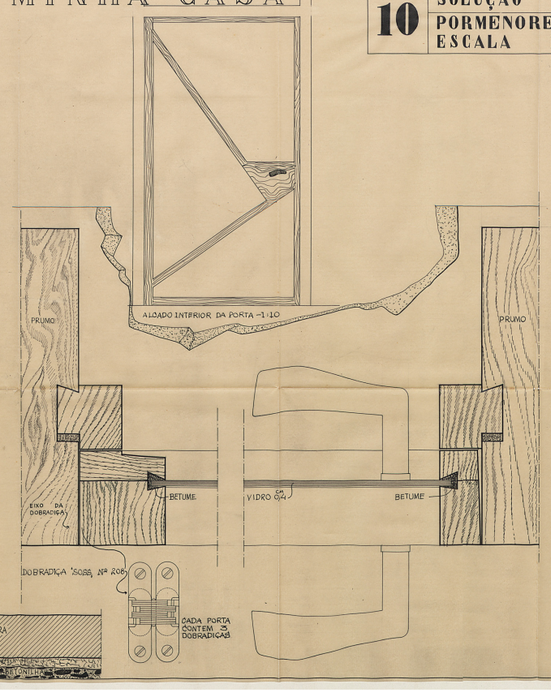
CODA

A MINHA CASA

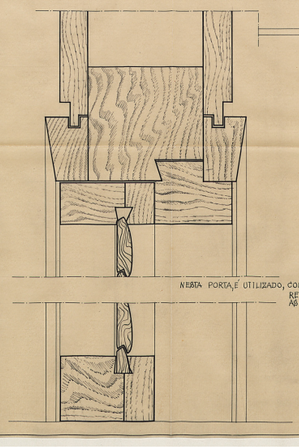
10 SOLUÇÃO **A**
PORMENORES
ESCALA 1:1

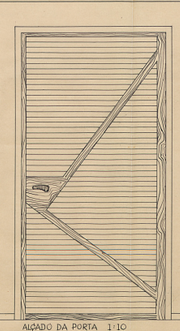
P1
PORTA DE MADEIRA
EXTERIOR ENVIDRAÇADA
1 FOLHA DE BATENTE
OSSATURA DE MADEIRA
ESCALA 1:1

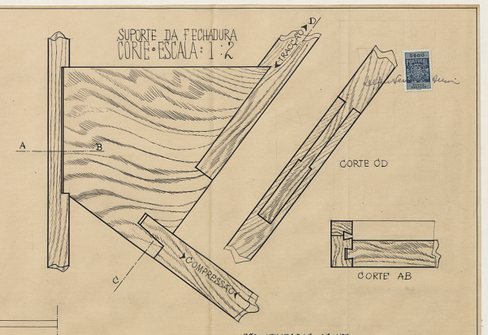


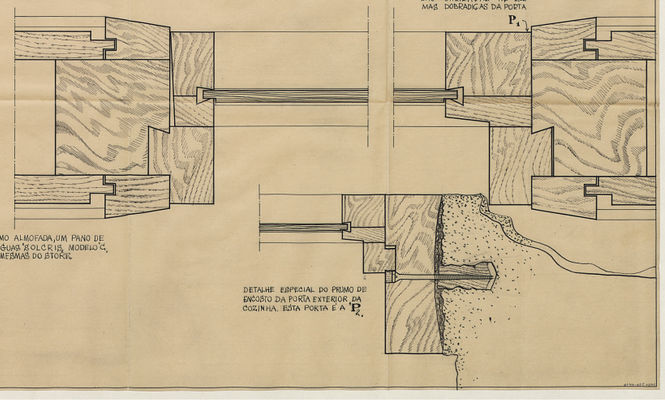


P2
PORTA DE MADEIRA
INTERIOR ALMOFADADA
1 FOLHA DE BATENTE
OSSATURA DE MADEIRA
ESCALA 1:1







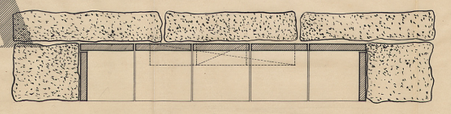


CODA

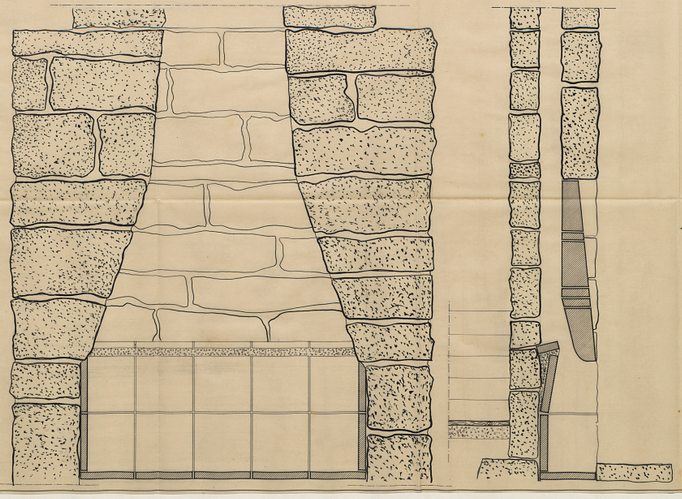
A MINHA CASA

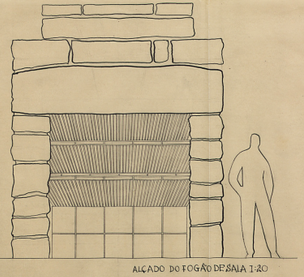
11 SOLUÇÃO **A**
PORMENORES
ESCALA 1:10

FOGÃO DE SALA
ALVENARIA E TIJOLEIRA



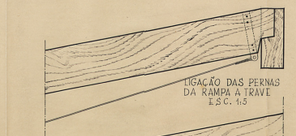
PLANTA DO FOGÃO DE SALA



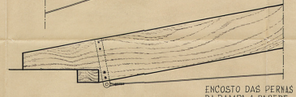


ALÇADO DO FOGÃO DE SALA 1:20

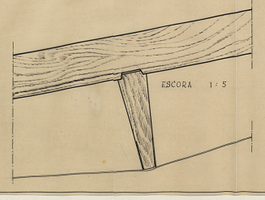
RAMPA DE MADEIRA
TIRANTES DE AÇO



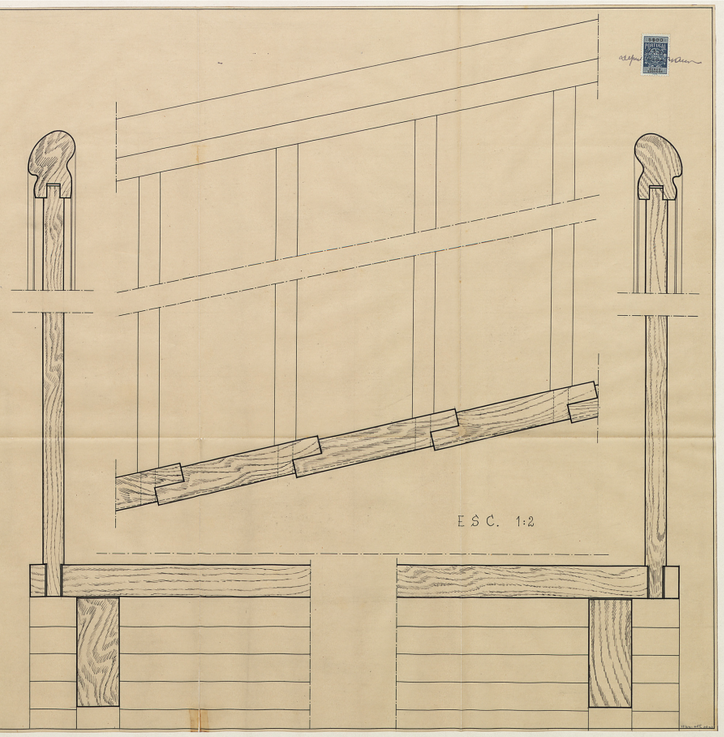
LIGAÇÃO DAS PERNAS DA RAMPA A TRAVE
ESC. 1:5



ENCOSTO DAS PERNAS DA RAMPA A PAREDE DE ALVENARIA
ESC. 1:5



ESCORA 1:5



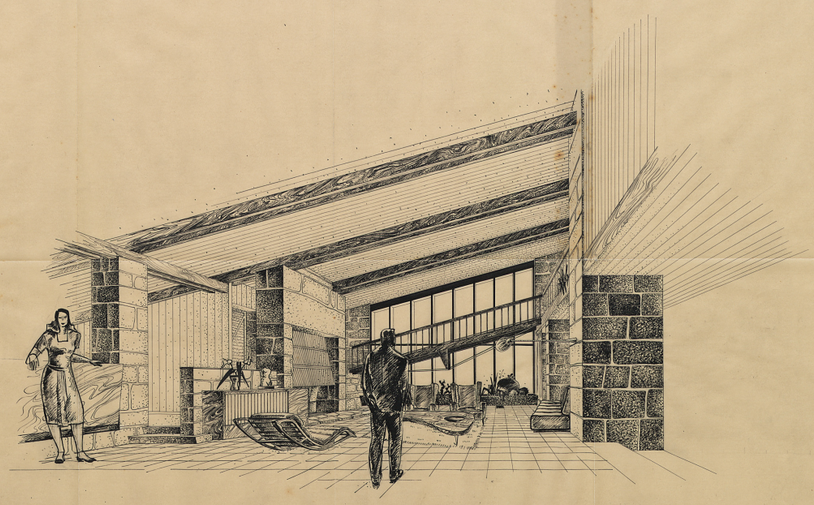
ESC. 1:2

CODA

A MINHA CASA

12 SOLUÇÃO **A**
PERSPECTIVAS

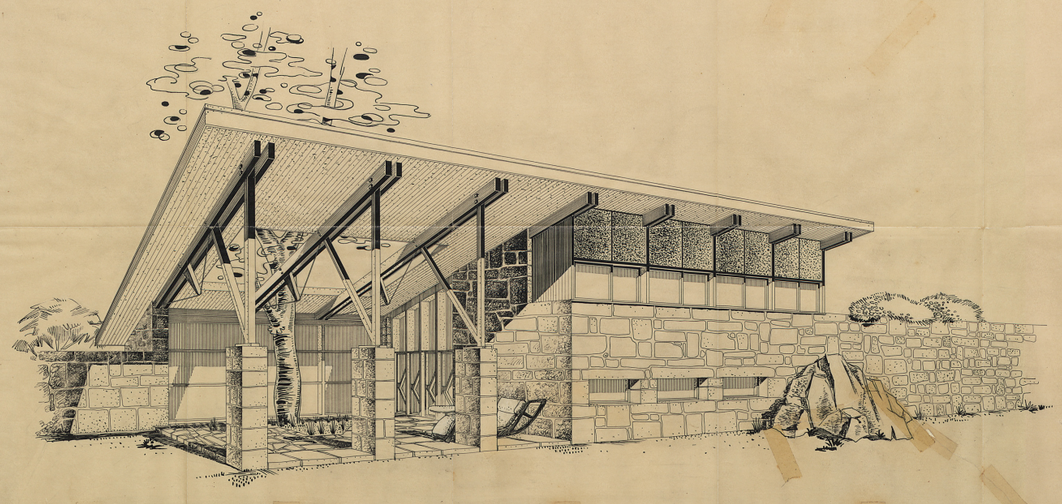


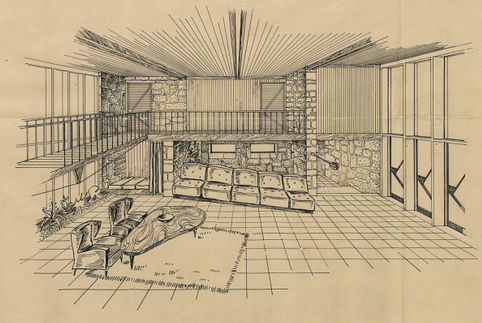


CODA

A MINHA CASA

13 SOLUÇÃO **A**
PERSPECTIVAS



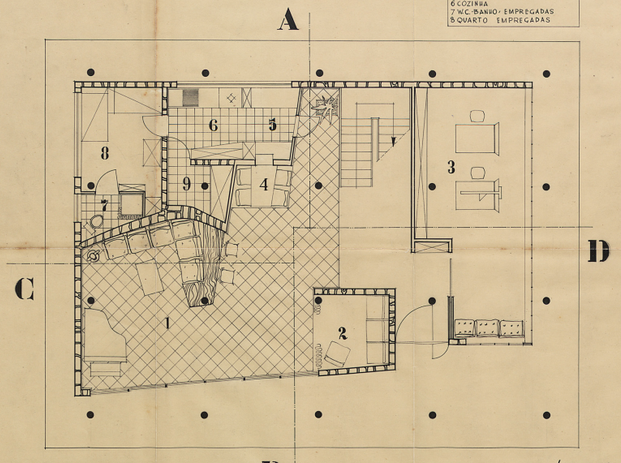


CODA

A MINHA CASA

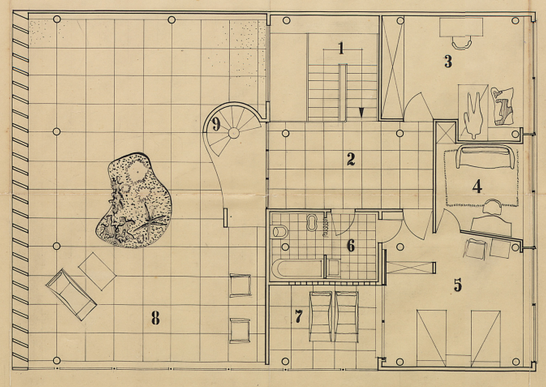
1 SOLUÇÃO **B**
PLANTAS
ESCALA 1:50

LEGENDA
1 SALA DE ESTAR
2 RECANTO DE MUSICA
3 SALA DE TRABALHO
4 SALA DE JANTAR
5 COPA
6 COZINHA
7 W.C. BANHO - EMPREGADAS
8 QUARTO EMPREGADAS



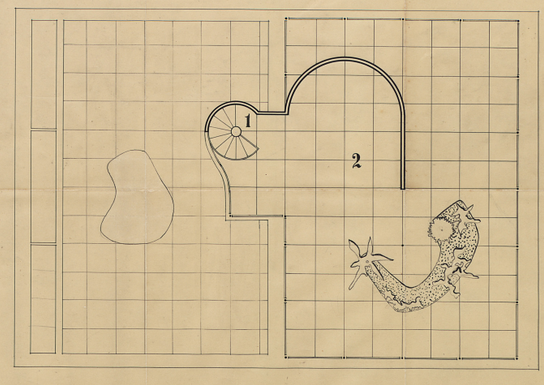
PLANTA DO **R/C**

LEGENDA
1 ESCADA PRINCIPAL
2 VESTIBULO - GALERIA
3 QUARTO
4 "
5 QUARTO CASAL
6 W.C. BANHO
7 TERRAÇO PRIVATIVO
8 TERRAÇO
9 ESCADA DE ACESSO



PLANTA DO **1º ANDAR**

LEGENDA
1 ACESSO AO TERRAÇO
2 SOLÁRIO

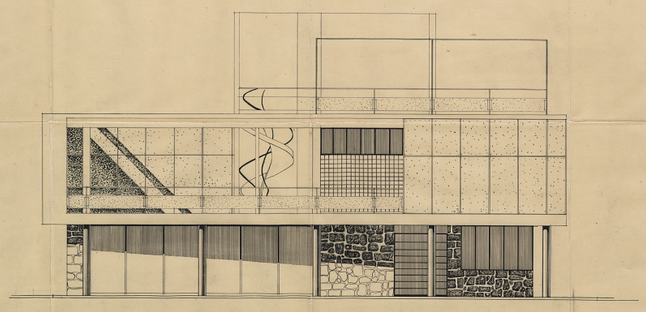


PLANTA DO **TERRAÇO**

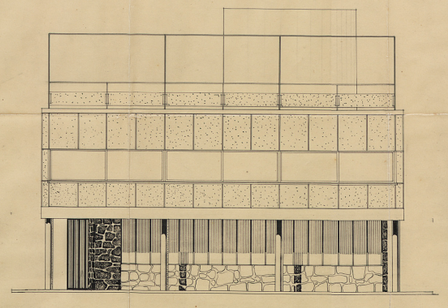
CODA

A MINHA CASA

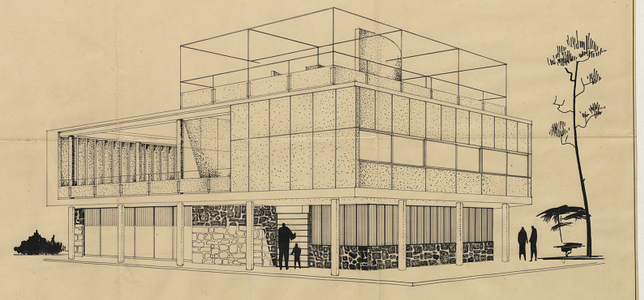
2 SOLUÇÃO **B**
ALÇADOS E PERSPECTIVA
ESCALA 1:50



ALÇ SUL



ALÇ. NASCENTE

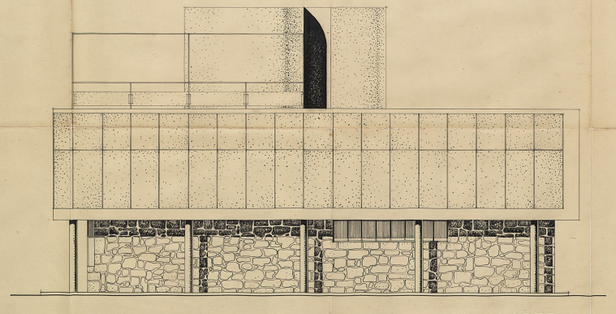


PERSP. SUDESTE

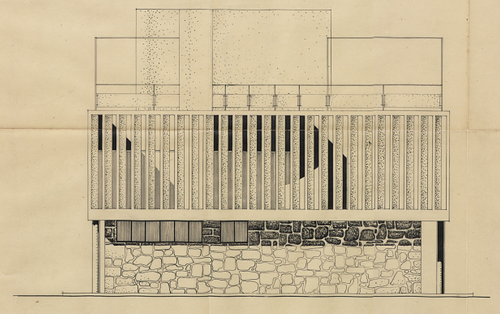
CODA

A MINHA CASA

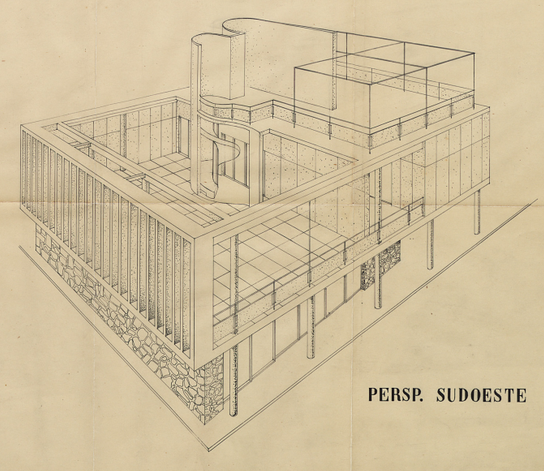
3 SOLUÇÃO **B**
ALÇADOS E PERSPECTIVA
ESCALA 1:50



ALÇ. NORTE



ALÇ. POENTE

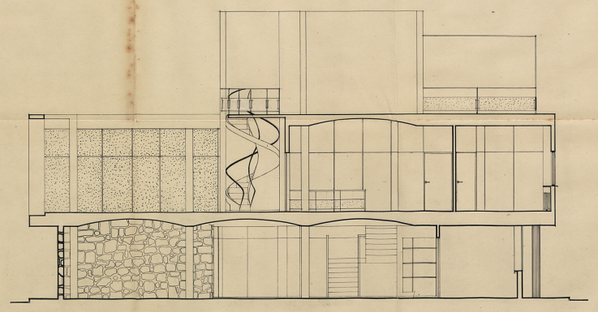


PERSP. SUDOESTE

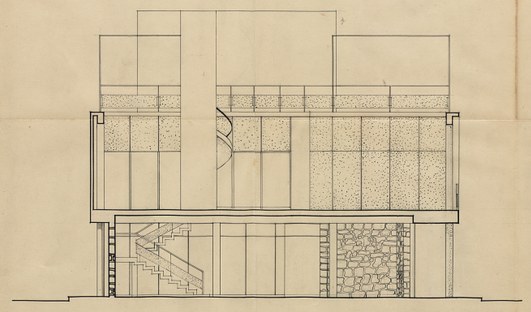
CODA

A MINHA CASA

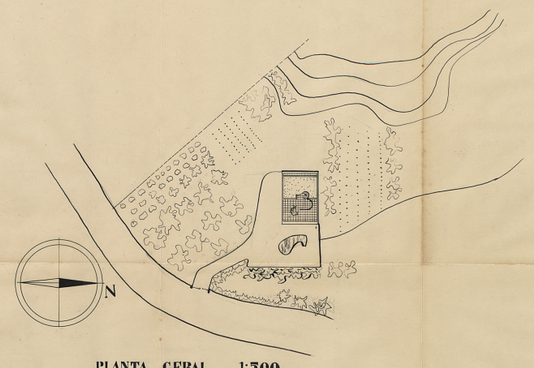
4 SOLUÇÃO **B**
CORTES
ESCALA 1:50



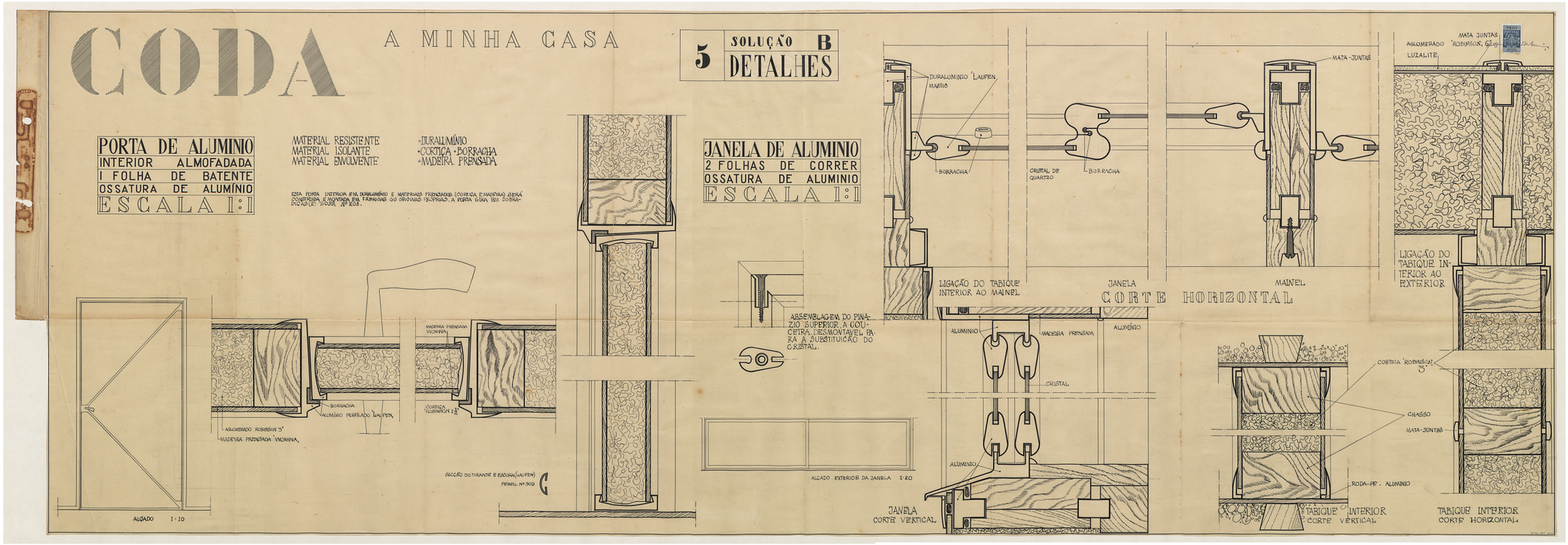
CORTE **AB**



CORTE **CD**



PLANTA GERAL 1:500


CODA
A MINHA CASA
5
SOLUÇÃO B
DETALHES
PORTA DE ALUMINIO
INTERIOR ALMOFADADA
1 FOLHA DE BATENTE
OSSATURA DE ALUMÍNIO
ESCALA 1:1
MATERIAL RESISTENTE
MATERIAL ISOLANTE
MATERIAL ENVOLVENTE
•DURALUMÍNIO
•CORTIÇA •BORRACHA
•MADEIRA PRENSADA
JANELA DE ALUMINIO
2 FOLHAS DE CORRER
OSSATURA DE ALUMINIO
ESCALA 1:1
DURALUMINIO 'LAUFEN'
MASTIC
BORRACHA
CRISTAL DE QUARTZO
BORRACHA
MATA-JUNTAS
LIGAÇÃO DO TABIQUE INTERIOR AO MAINEL
JANELA
MAINEL
CORTE HORIZONTAL
MATA JUNTAS
AGLOMERADO 'ROBINSON'
LUZALITE
LIGAÇÃO DO TABIQUE INTERIOR AO EXTERIOR
ASSEMBLAGEM DO PINAZIO SUPERIOR, A COUCEIRA, DESMONTAVEL PARA A SUBSTITUIÇÃO DO CRISTAL.
ALUMINIO
MADEIRA PRENSADA
ALUMÍNIO
CRISTAL
ALUMINIO
JANELA
CORTE VERTICAL
CORTIÇA 'ROBINSON' 3"
CHASSO
MATA-JUNTAS
RODA-PE. ALUMINIO
TABIQUE INTERIOR
CORTE VERTICAL
TABIQUE INTERIOR
CORTE HORIZONTAL
ALÇADO 1:10
MADEIRA PRENSADA 'WONINA'
BORRACHA
ALUMÍNIO PERFILADO 'LAUFEN'
AGLOMERADO ROBINSON 3"
MADEIRA PRENSADA 'WONINA'
CORTIÇA 'ROBINSON' 1 1/2"
SECÇÃO DO TIRANTE E ESCORA (LAUFEN)
PERFIL Nº 309
ALÇADO EXTERIOR DA JANELA 1:20

PVZ.11

Edifício Abílio António Areias

1947

construído [em ruína]

Rua Santos Minho, 50
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 11(17)

01. Alçado principal

02. Planta de rés-do-chão

01. vestíbulo **02.** escritório **03.** quarto **04.** quarto **05.** sala de jantar **06.** dispensa **07.** wc e banho **08.** cozinha **09.** arrumos **10.** rouparia

03. Planta de 1º piso

01. sala de estar **02.** quarto **03.** quarto **04.** sala de jantar **05.** varanda **06.** banho **07.** cozinha **08.** dispensa

04. Planta de 2º piso

01. quarto **02.** quarto **03.** quarto **04.** quarto **05.** arrumos **06.** wc **07.** quarto **08.** quarto

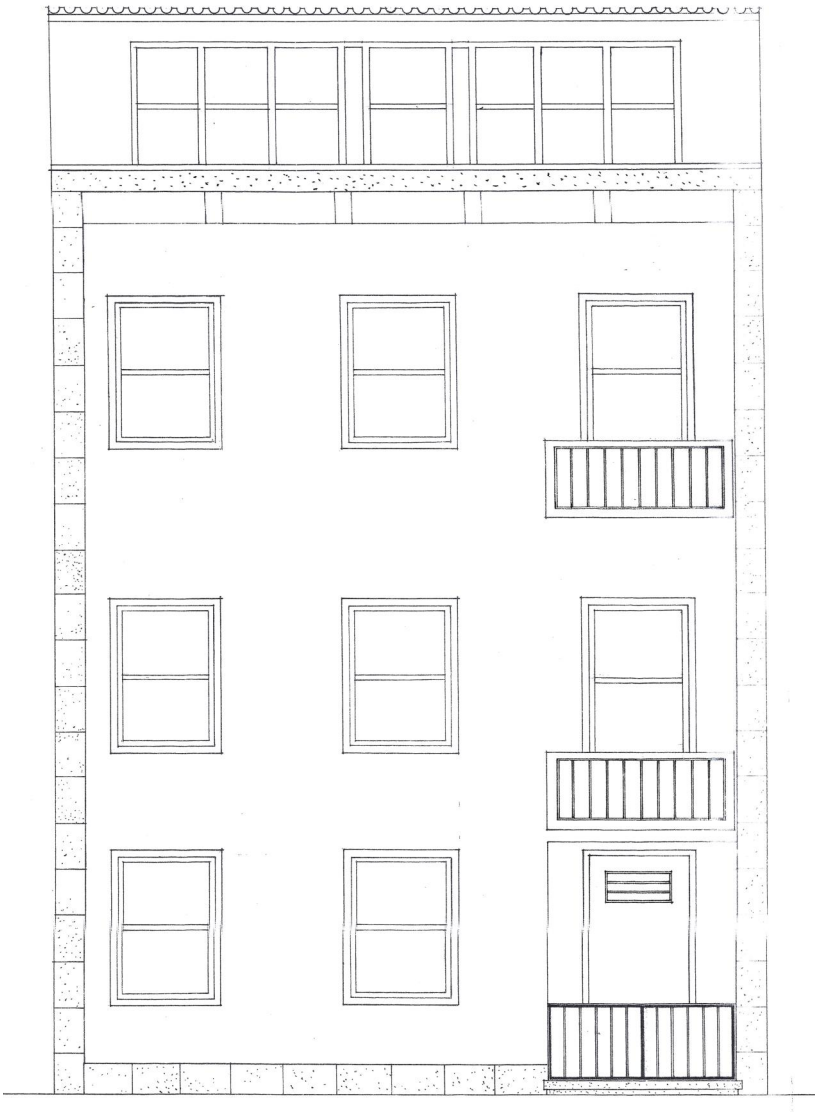
05. Planta de 3º piso

01. varanda **02.** quarto **03.** quarto **04.** arrumos

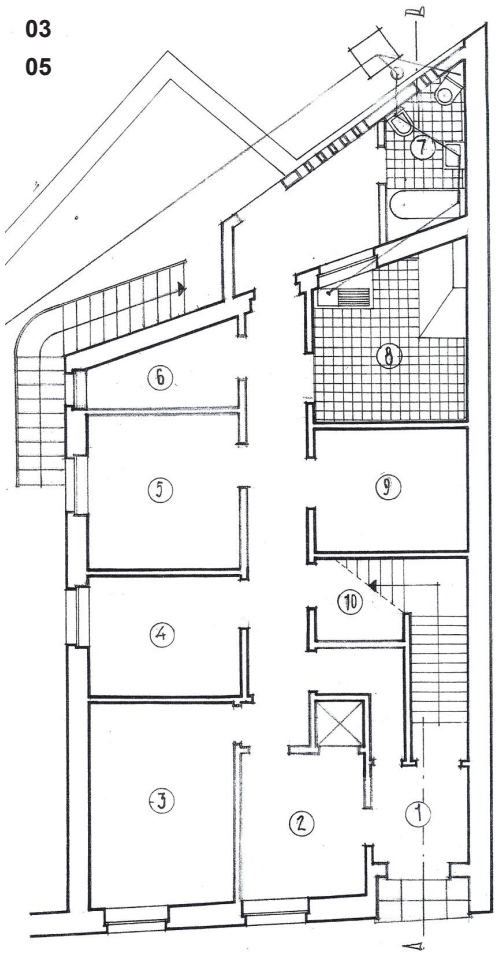
Fotografias

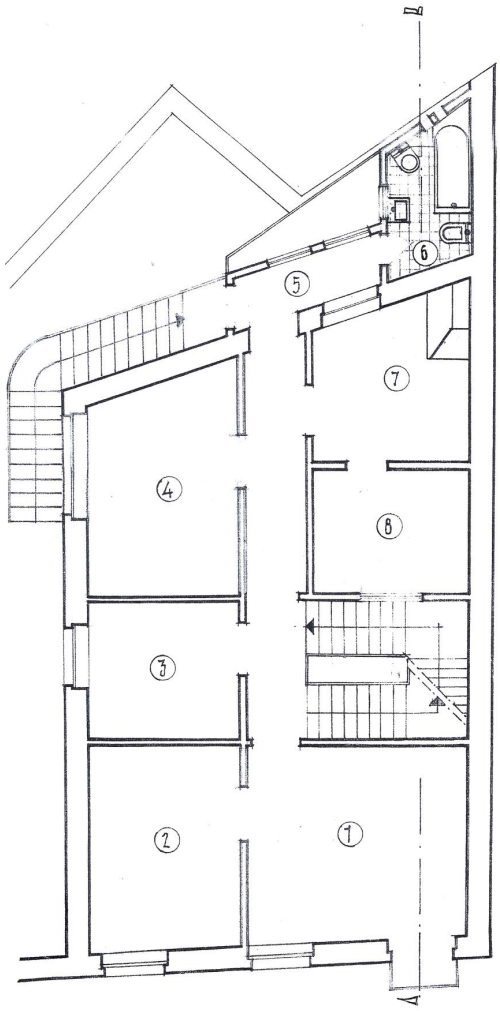
© Autor. 04 de setembro de 2023

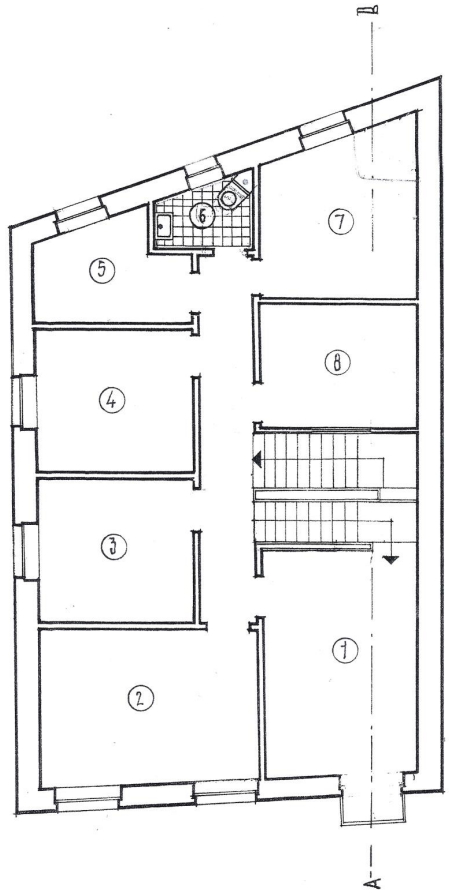
01. Vista da rua

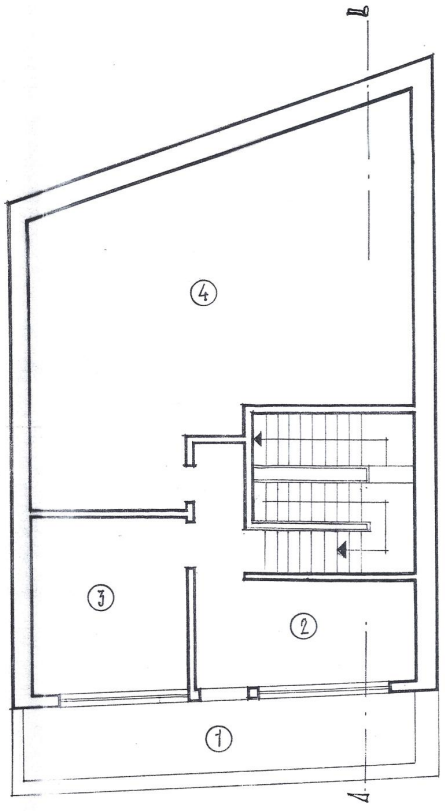

0
1
2 m

02 03
04 05










NO
FAS

PVZ.12

Casa David José da Costa com Oliveira Martins

1947

construído

Rua Carlos Alberto, 02
Póvoa de Varzim

Desenhos

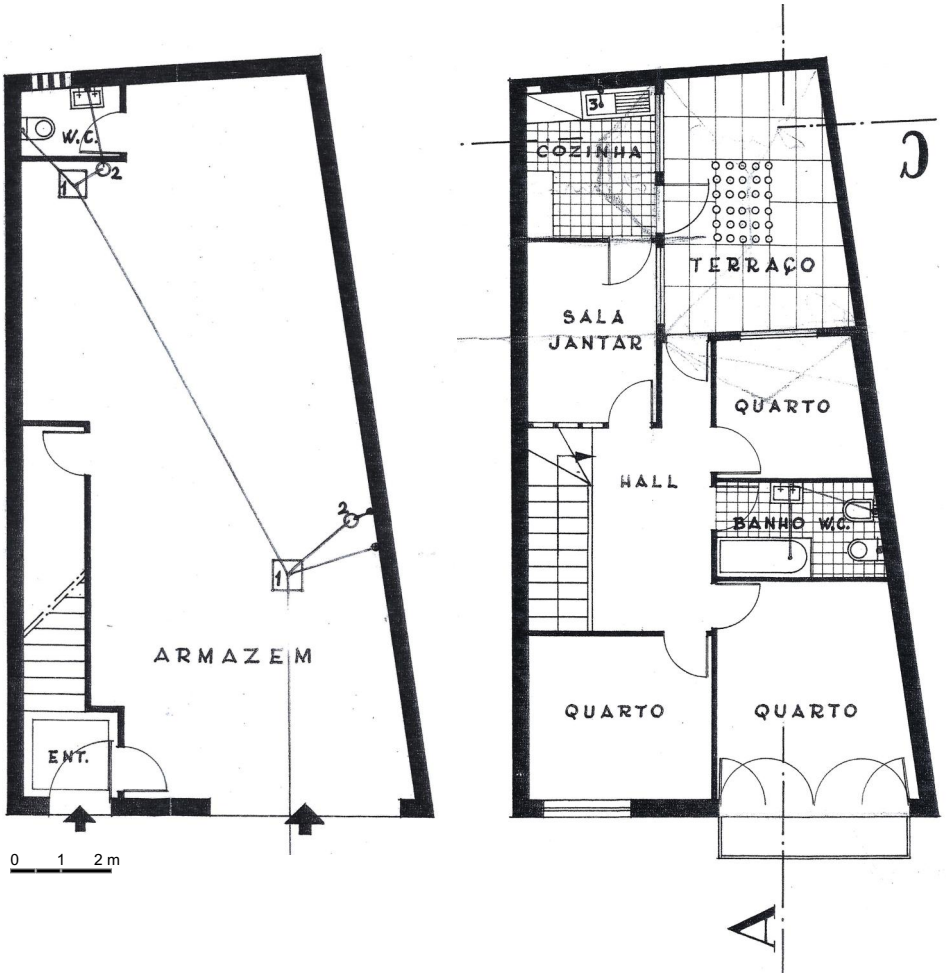
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 14(02)

01. Planta de rés-do-chão
02. Planta de 1º piso
03. Alçado principal

Fotografias

© Autor. 04 de setembro de 2023

01. Vista da rua


W.C.
1
2
ARMAZEM
ENT.
0 1 2 m
3
COZINHA
TERRAÇO
SALA
JANTAR
QUARTO
HALL
BANHO W.C.
QUARTO
QUARTO
C
A


0 0.5 1 m

ft01



80

PVZ.13

Casa Hugo Martins Gomes

1947

sem certeza

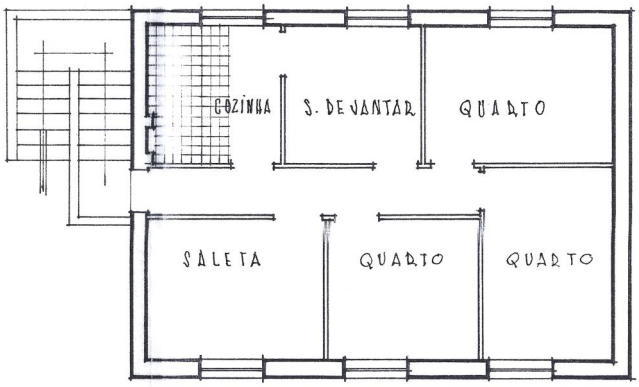
Amorim de Cima
Póvoa de Varzim

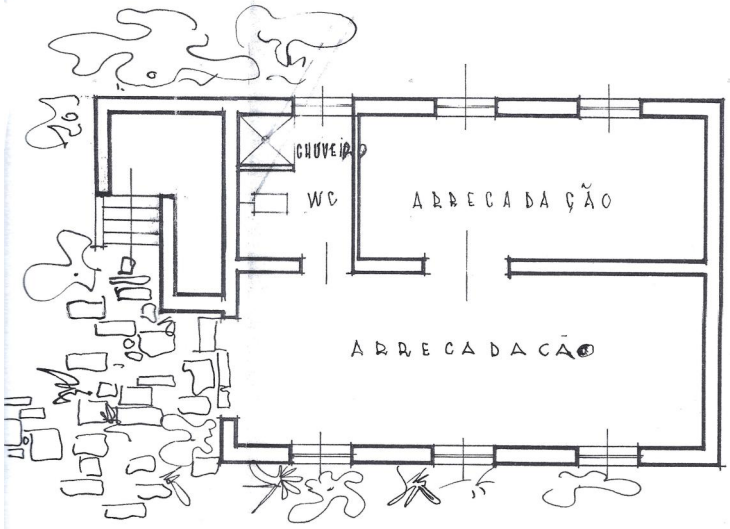
Desenhos

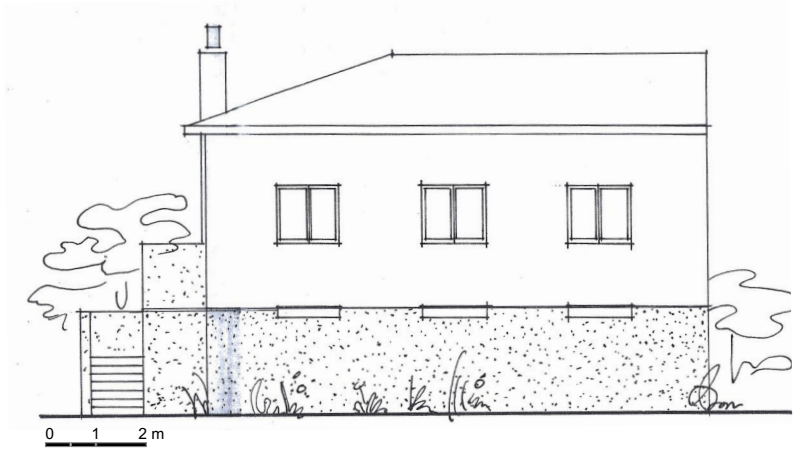
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 11(47)

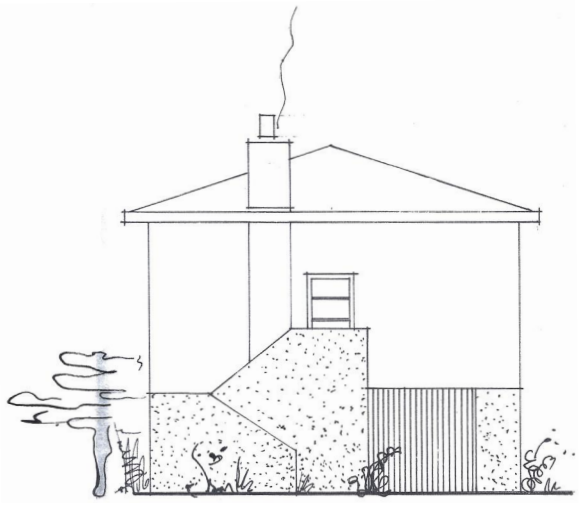
01. Planta de de 1º piso
02. Planta de rés-do-chão
03. Alçado principal
04. Alçado lateral

01
02
03 04


COZINHA
S. DE JANTAR
QUARTO
SALETA
QUARTO
QUARTO


CHUVEIRO
WC
ARRECADAÇÃO
ARRECADAÇÃO


0 1 2 m



PVZ.14

Casa Patrocínio Gomes Casanova

1947

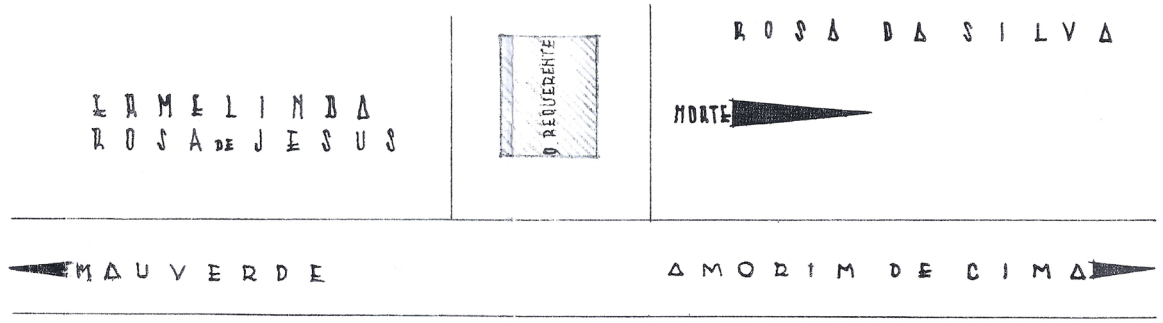
sem certeza

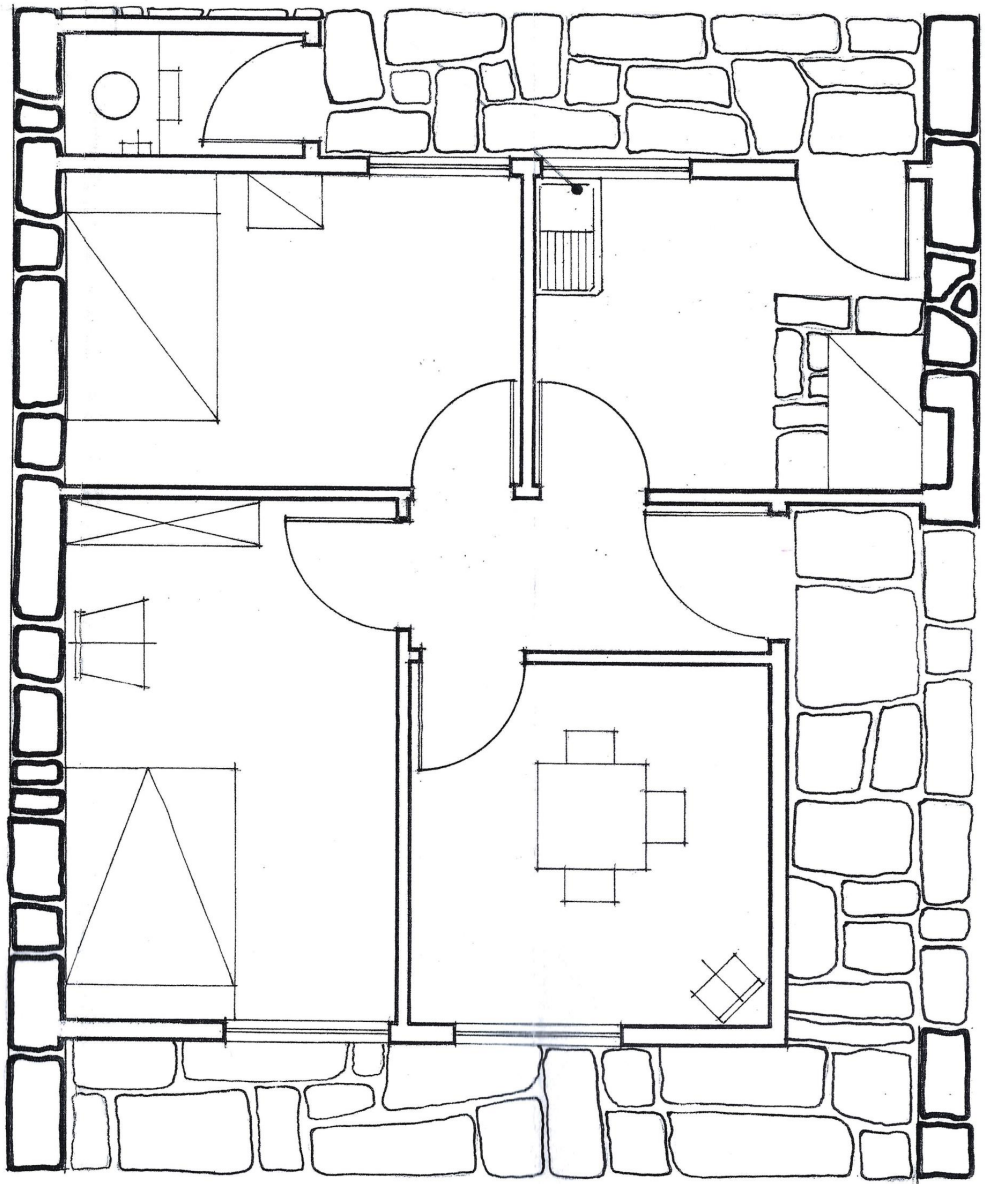
Lugar de Mauverde – Beiriz
Póvoa de Varzim

Desenhos

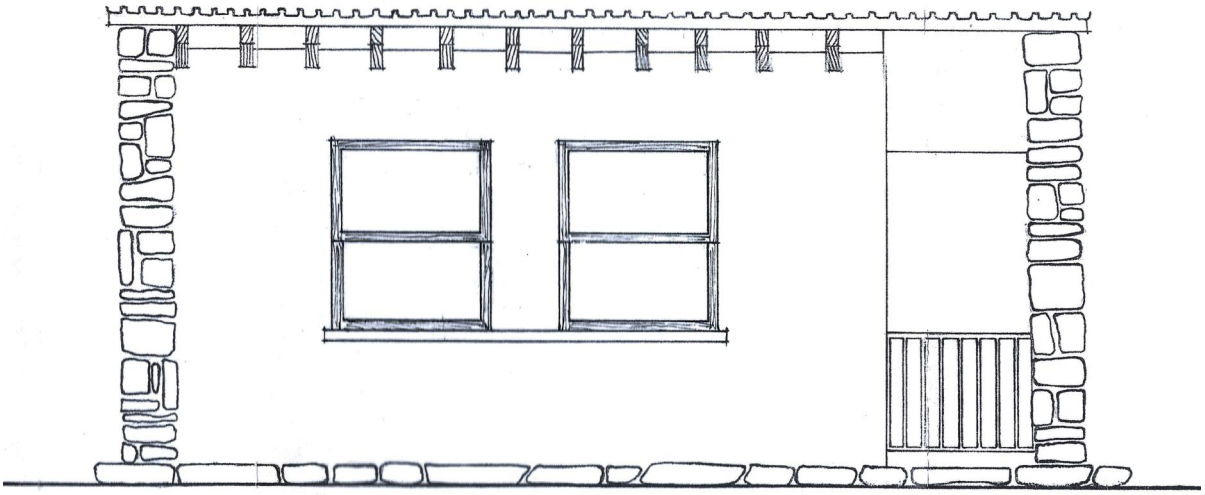
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 14(16)

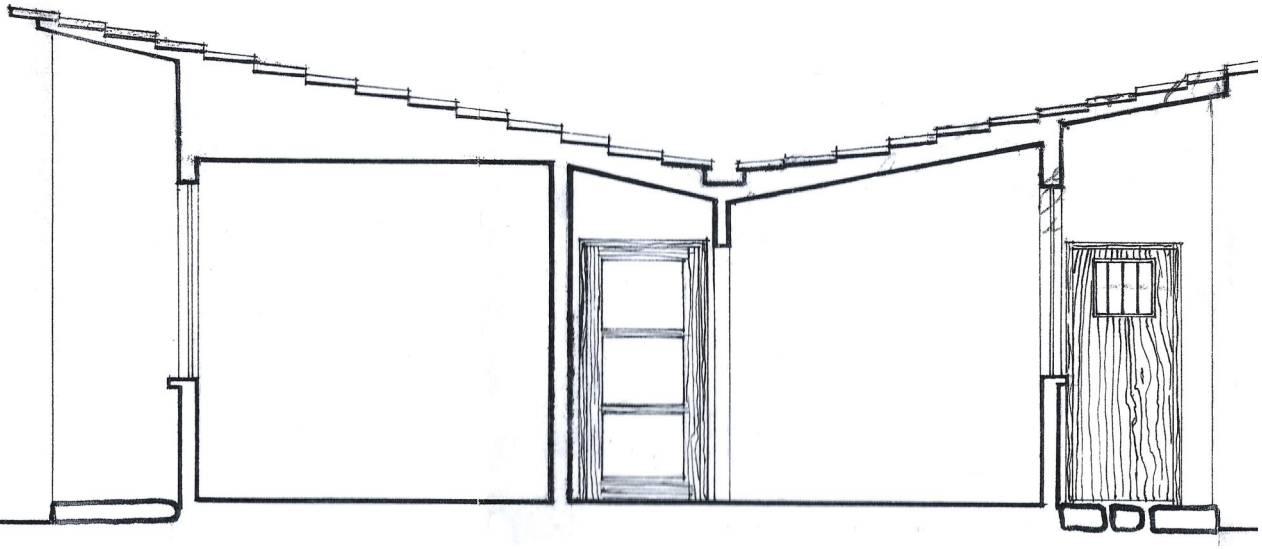
01. Planta de implantação s/ escala
02. Planta de rés-do-chão
03. Alçado principal
04. Corte longitudinal
05. Alçado norte
06. Alçado sul


LAMELINDA
ROSA DE JESUS
REQUERENTE
ROSA DA SILVA
NORTE
MAUVERDE
AMORIM DE CIMA

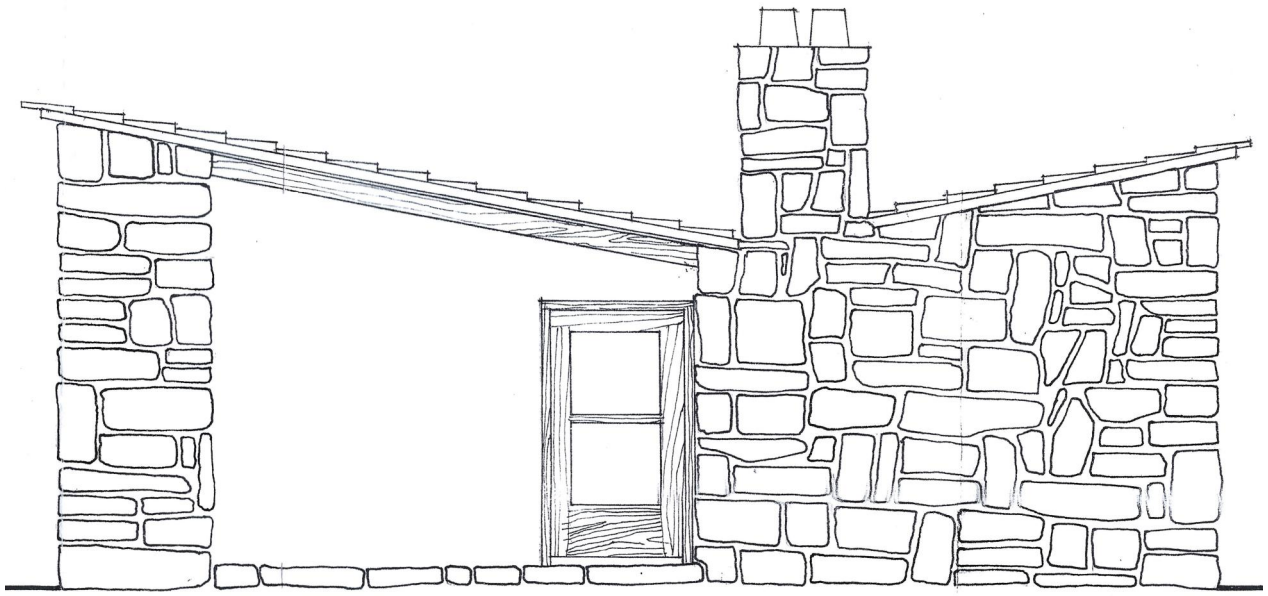

0 0.5 1 m

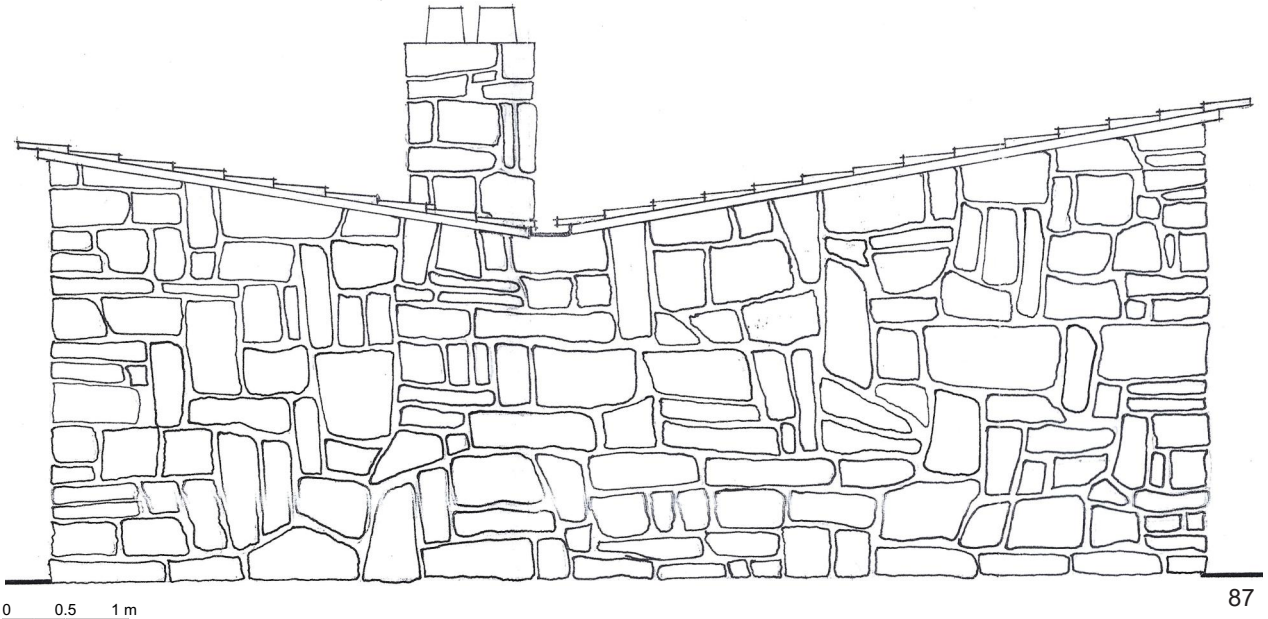
03
04





05
06





0 0.5 1 m

PVZ.15

Ampliação da Casa Adelino Pontes com Oliveira Martins

1947

não construído

Rua dos Bonitos de Amorim
Póvoa de Varzim

Desenhos

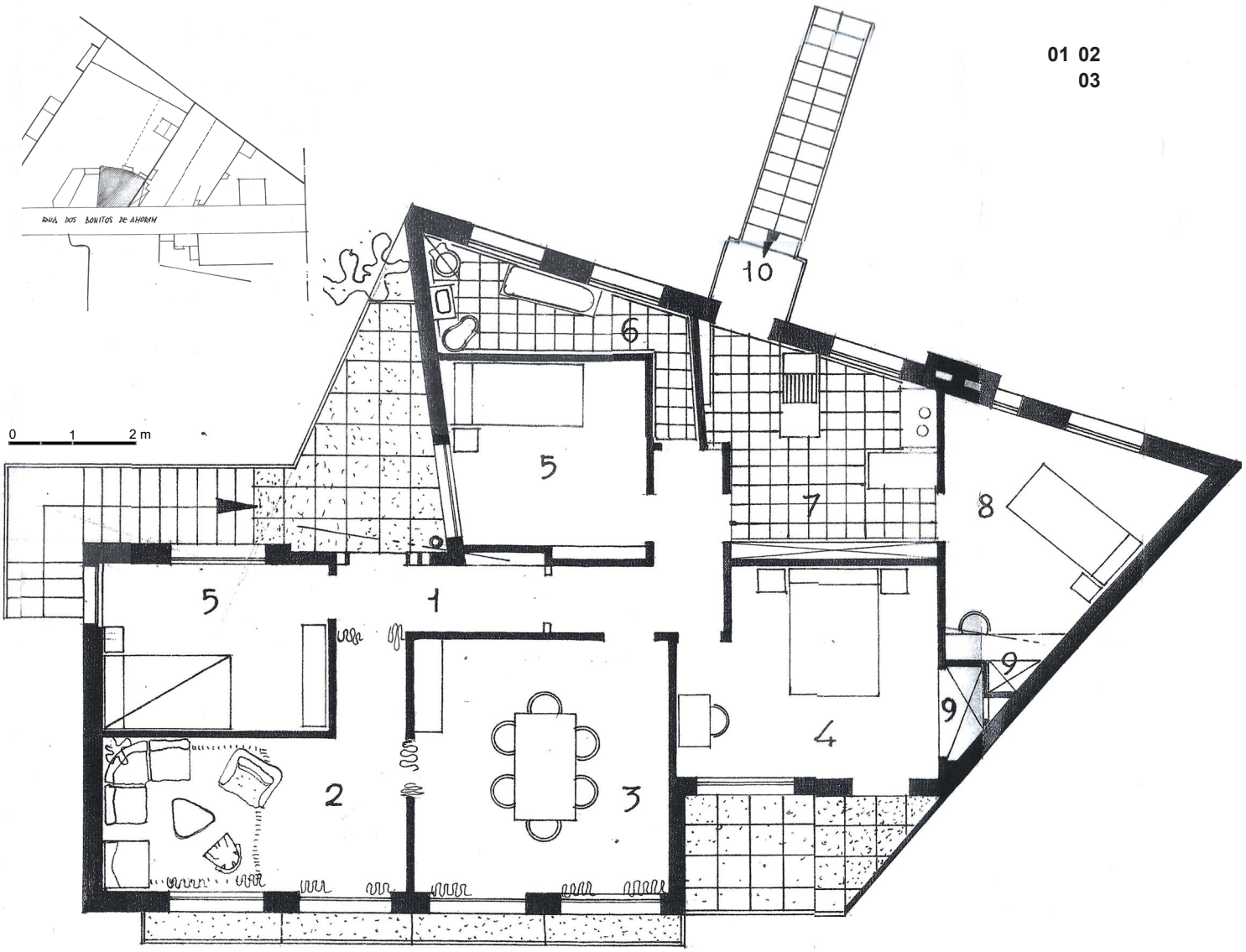
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 13(18)

01. Planta de implantação s/ escala

02. Planta de rés-do-chão

01. vestíbulo **02.** sala de visitas **03.** sala de jantar **04.** quarto de casal **05.** quartos **06.** banho e wc **07.** cozinha **08.** quarto de criada **09.** armários **10.** escada de serviço

03. Alçado principal


RUA DOS BONITOS DE AMORIM
0 1 2 m
1
2
3
4
5
5
6
7
8
9
9
10


0 0.5 1 m

PVZ.16

Edifício Josué Silva

1947

demolido

Avenida dos Banhos
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

01. Planta do 1º e 2º piso
02. Planta de cobertura
03. Alçado principal
04. Corte AB

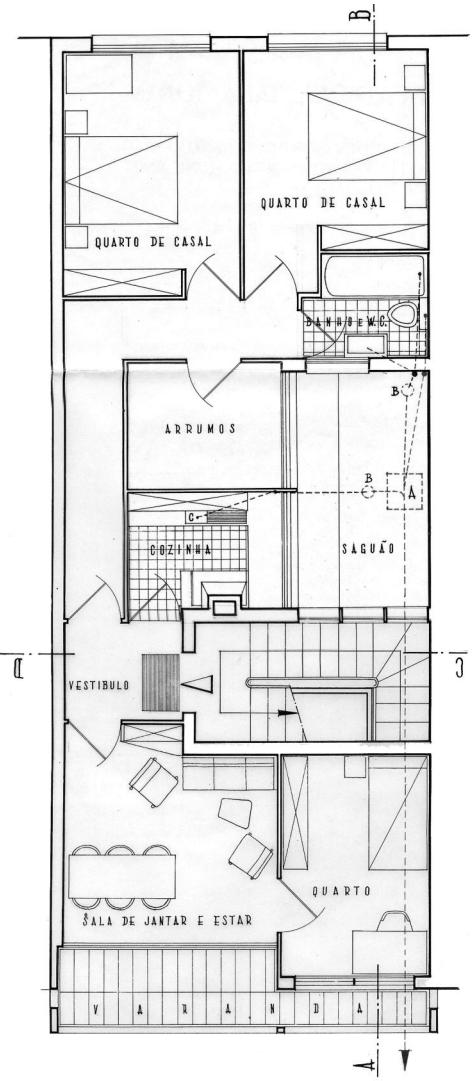
Fotografias

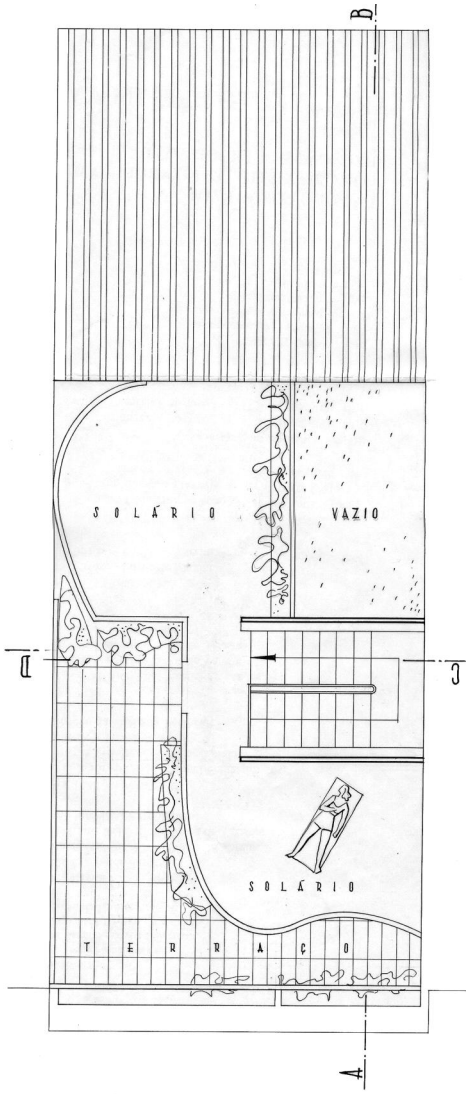
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

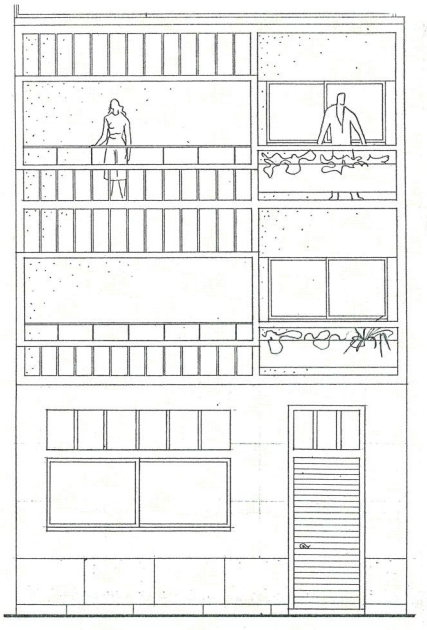
ft01. Vista a partir da Esplanada do Carvalhido
ft03. Fachada principal
ft04. Vista a partir da praia
ft05. Sala de estar

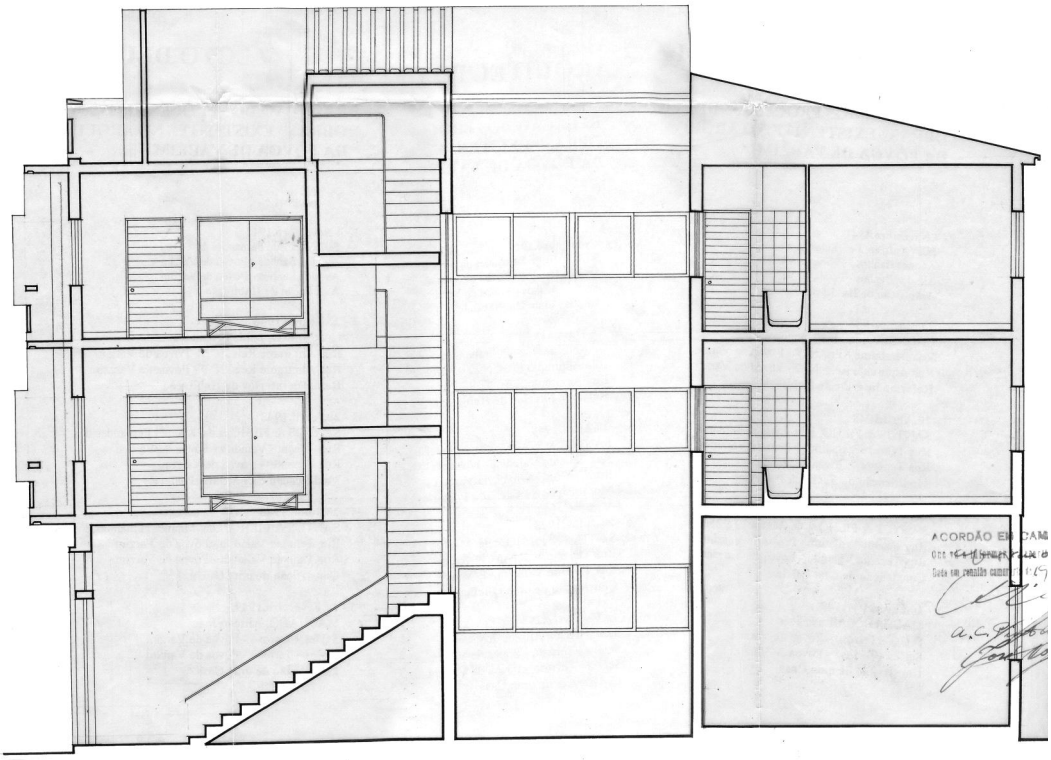
© Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

ft02. Avenida dos Banhos


B
QUARTO DE CASAL
QUARTO DE CASAL
BANHO E W.C.
ARRUMOS
B
A
C
COZINHA
SAGUÃO
C
VESTIBULO
QUARTO
SALA DE JANTAR E ESTAR
V A R A N D A
A


B
S O L Á R I O
V A Z I O
C
C
S O L Á R I O
T E R R A C O
A


0 1 2 m



ft01
ft02





ft03 ft04
ft05







PVZ.17

Casa Dr. Alberto Moreira com Oliveira Martins

1947

construído [em vias de demolição]

Rua Dr. Josué Trocado, 04
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 14(03)

01. Planta de implantação s/ escala

02. Planta de 1º piso

01. hall **02.** sala de estar **03.** sala de jantar **04.** cozinha **05.** despensa **06.** escada de serviço **07.** banho e wc **08.** roupeiro **09.** quartos **10.** zona de vestir **11.** quarto de casal **12.** varanda

03. Planta de rés do chão

01. vestíbulo **02.** sala de visitas **03.** hall de acesso **04.** quarto de hóspedes **05.** quarto da criada **06.** wc e lavabo **07.** escada de serviço **08.** sala de espera **09.** gabinete do médico **10.** laboratório **11.** acesso à garagem

04. Alçado sul

05. Alçado poente

06. Alçado norte

07. Alçado nascente

08. Corte AB

Fotografias

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

ft02. Vista a partir do Largo das Dores

© Autor – 26 de novembro de 2022

ft01. Portão da entrada

ft03. Alpendre de entrada

ft04. Sala de visitas

ft05. Hall de acesso às escadas

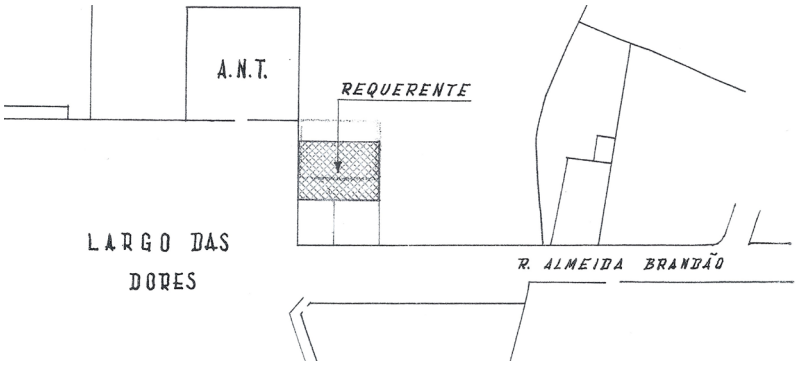
ft06. Escadas

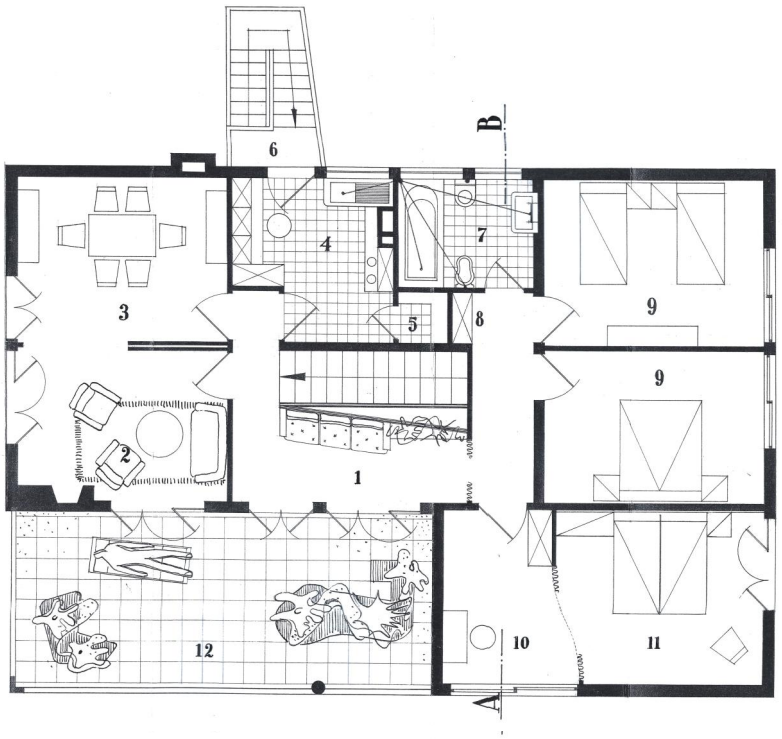
ft07. Hall de distribuição do 1º piso

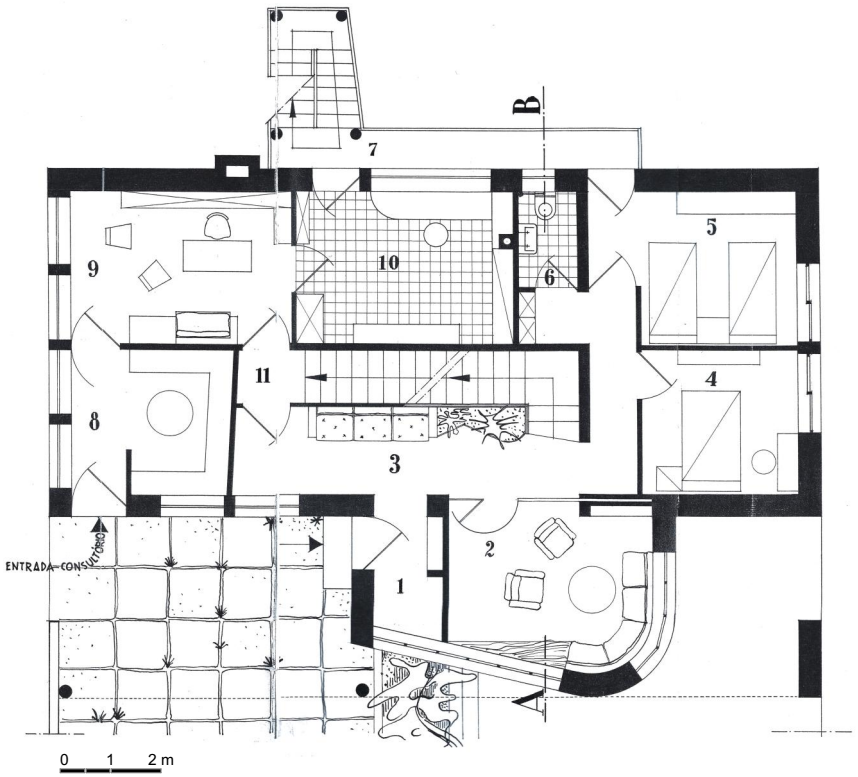
ft08. Fogão de sala

ft09. Quarto de casal

ft10. Varanda


A.N.T.
REQUERENTE
LARGO DAS DORES
R. ALMEIDA BRANDÃO

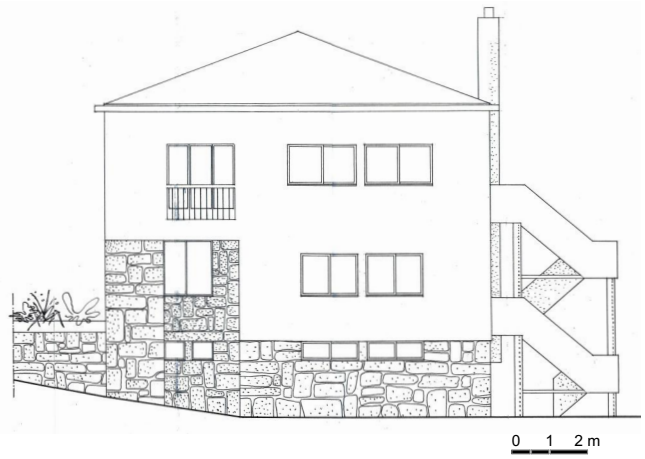

B
A
1
2
3
4
5
6
7
8
9
9
10
11
12


B
A
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
ENTRADA CONSULTÓRIO
0 1 2 m











04 05
06 07
09

ft01
ft02

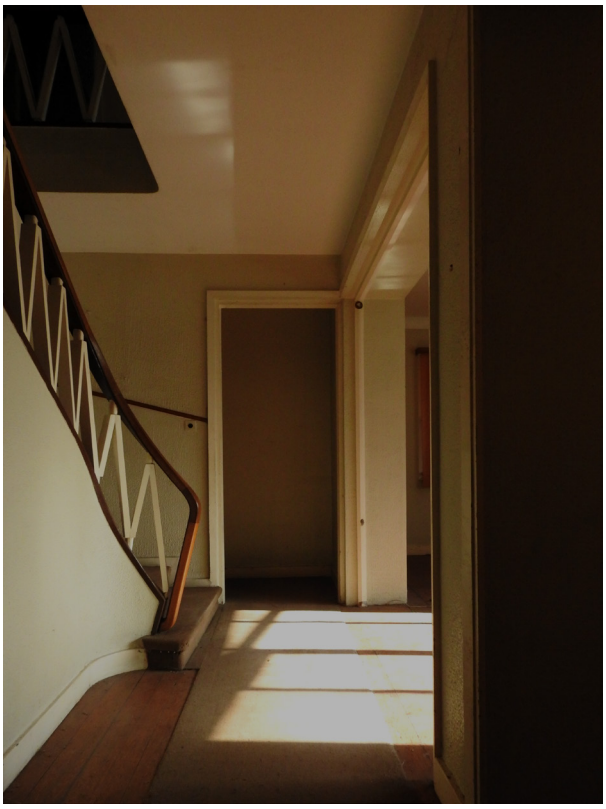




ft03 ft04
ft05 ft06









ft07 ft08
ft09 ft10









PT.01

Moradias Geminadas com Oliveira Martins

1947

não construído [publicado na *Arquitetura*, 2ª série, nº25, julho 1948]
Rua Domingos Sequeira
Porto

Desenhos

© *Arquitetura 25*, páginas 12-15

01. Capa da revista

02. Planta de implantação s/ escala

03. Perspetiva da proposta

04. Alçado norte

05. Planta de 2º piso e coberturas

2º piso 01. quarto casal **02.** quarto de vestir **03.** quarto **04.** varanda **05.** sala (quarto de hóspedes)

1º piso 01. escritório **02.** sala de estar **03.** varanda **04.** sala de jantar **05.** cozinha **06.** vazio **07.** banho e wc

06. Planta de rés-do-chão e 1º piso

r/c 01. hall **02.** receção **03.** costura **04.** criadas **05.** garrafeira **06.** wc e banho

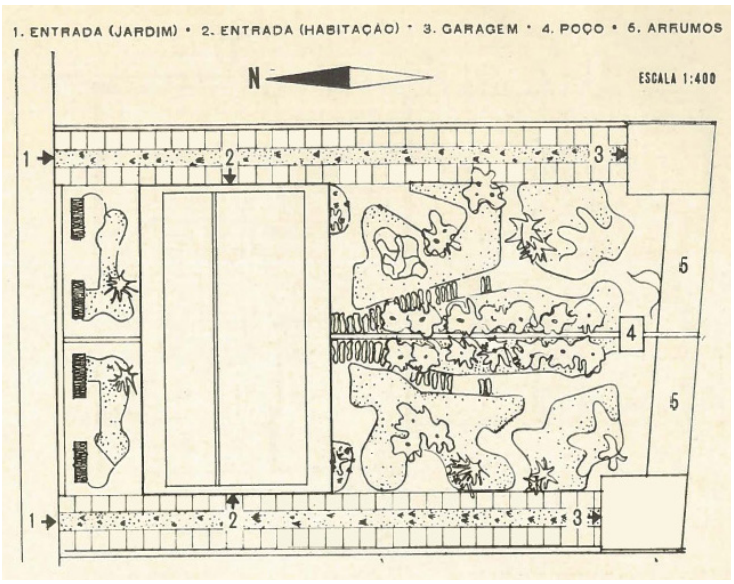
07. Alçado sul

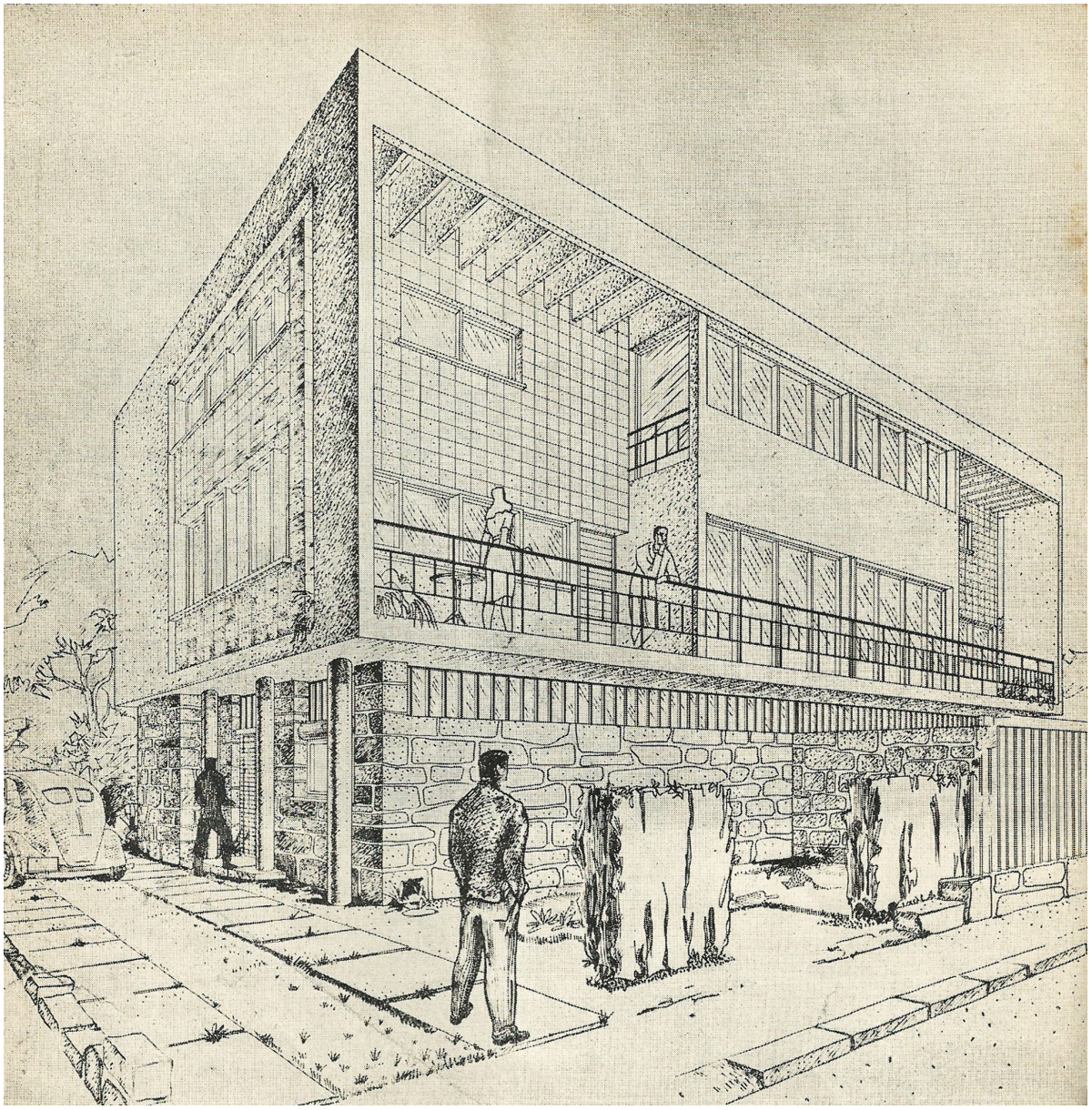
08 Corte AB

09. Alçado poente

10. Corte CD

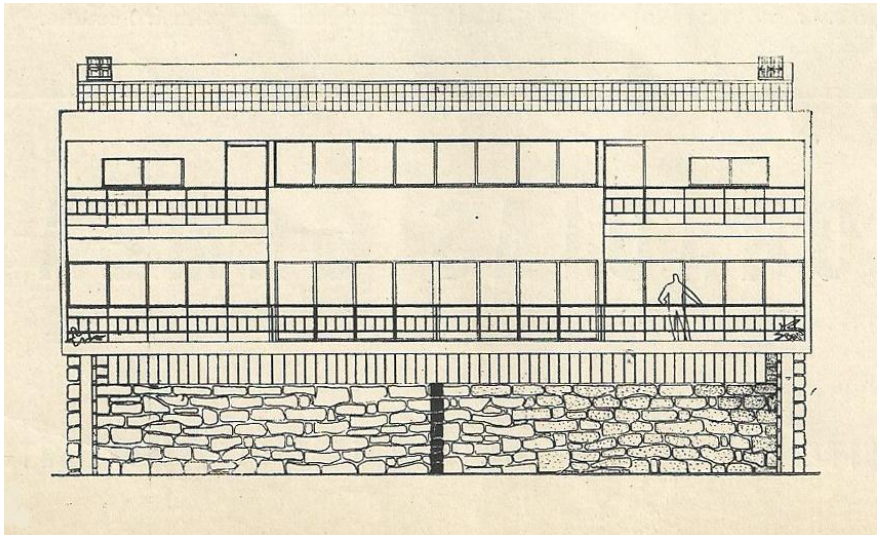

25
ARQUITECTURA

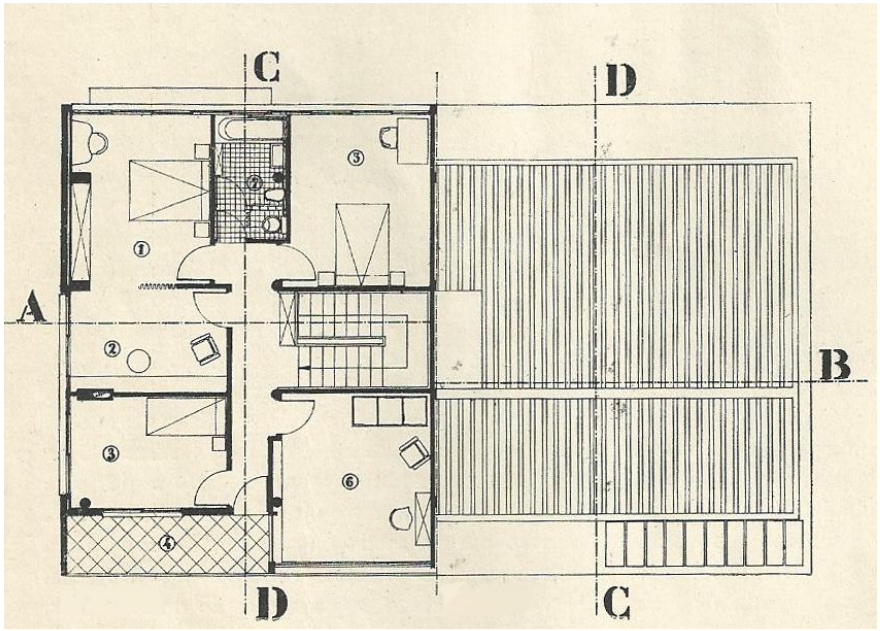

1. ENTRADA (JARDIM) • 2. ENTRADA (HABITAÇÃO) • 3. GARAGEM • 4. POÇO • 5. ARRUMOS
N
ESCALA 1:400

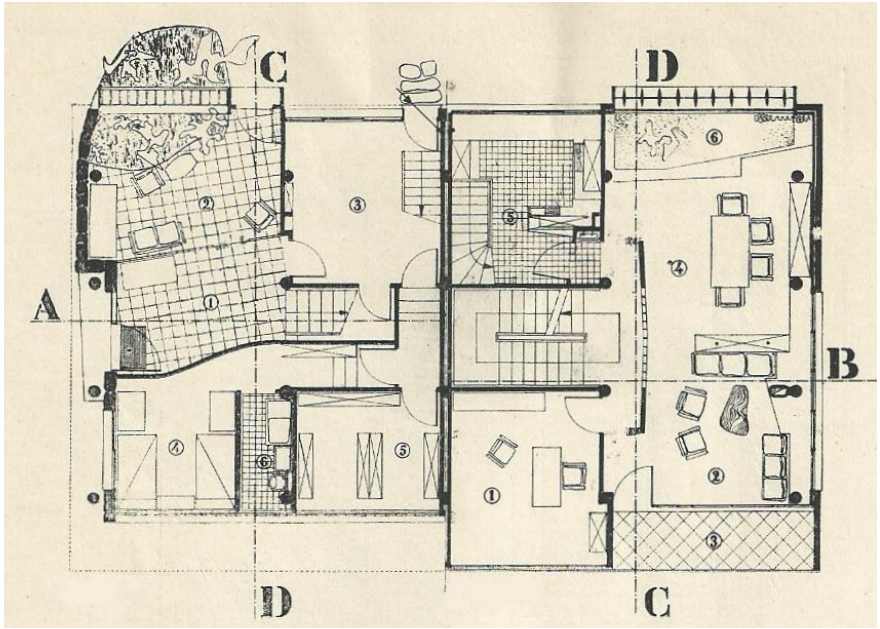


01 02
03

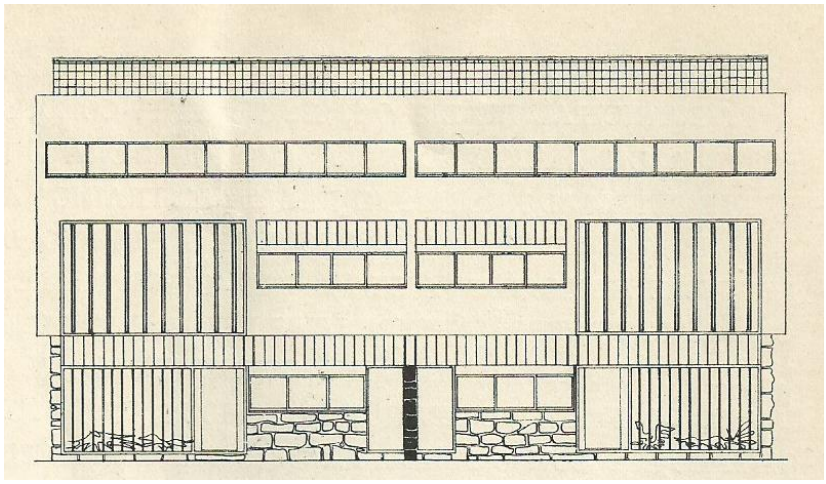
04
05
06

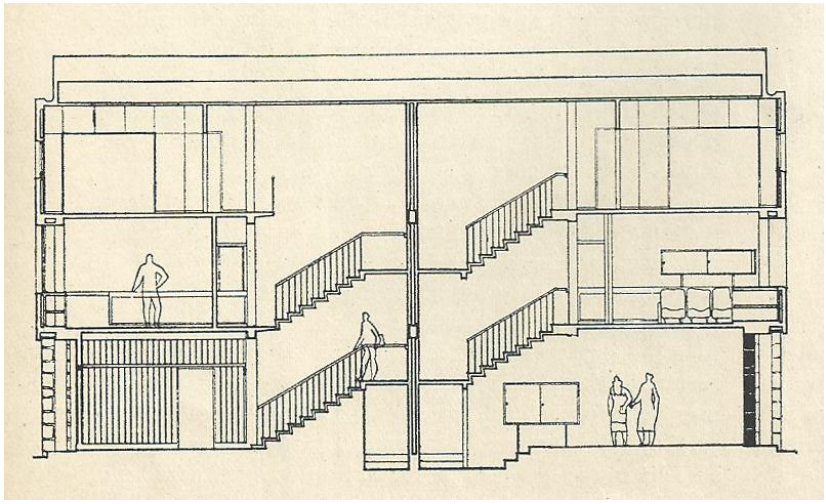


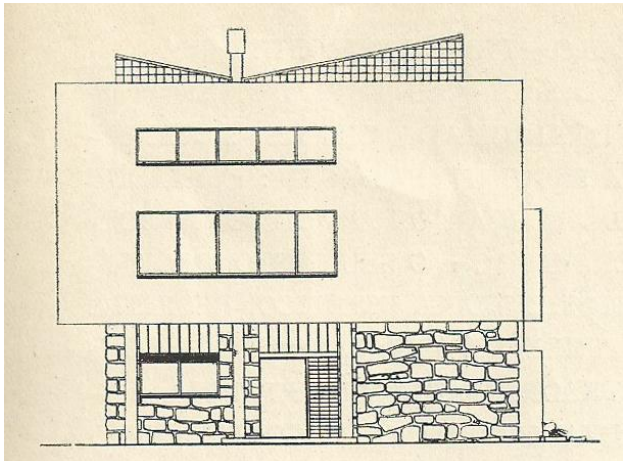


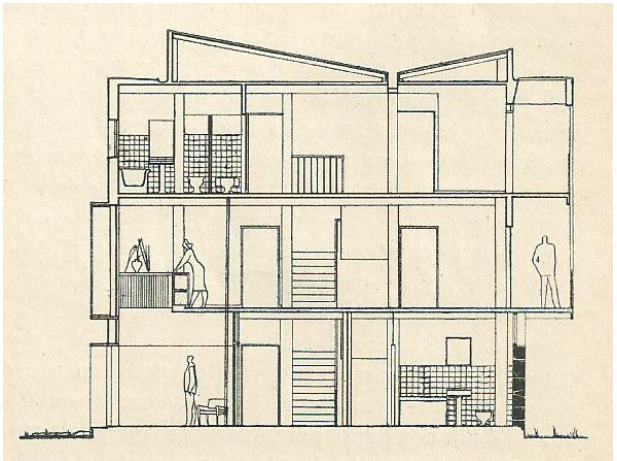


07 08
09
10









GUI.01

Casa António Rocha com Oliveira Martins

1948

construído

Rua Agostinho Barbosa, 44
Guimarães

Desenhos

© Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, dep. 6-19-4-3-137

01. Planta de cobertura
02. Planta do 1º piso
03. Planta de rés-do-chão

01. entrada **02.** hall de entrada **03.** saleta de receber **04.** garrafeira **05.** garagem **06.** escada **07.** pequena sala-escritório **08.** sala de jantar **09.** sala de costura **10.** sala das crianças **11.** dispensa **12.** cozinha **13.** quarto de banho **14.** quartos de dormir **15.** vestíbulo **16.** escada **17.** escada de serviço **18.** quarta da criada **19.** sanitário da criada **20.** terraço-jardim

04. Alçado norte
05. Corte AB
06. Alçado nascente
07. Corte CD
08. Perspetiva da proposta

© Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

09. Folha 02 – Plantas s/escada
10. Folha 03 – Alçados s/escada
11. Folha 04 – Cortes s/escada
12. Folha 13 – Mobiliário s/escada

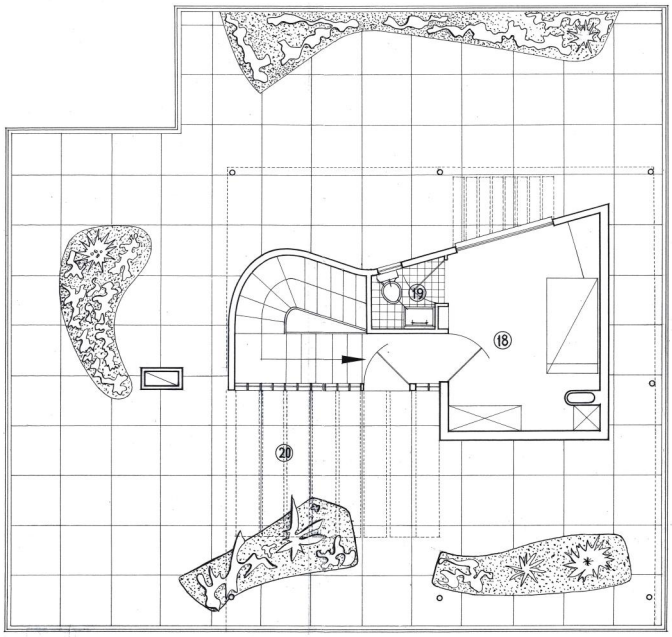
Fotografias

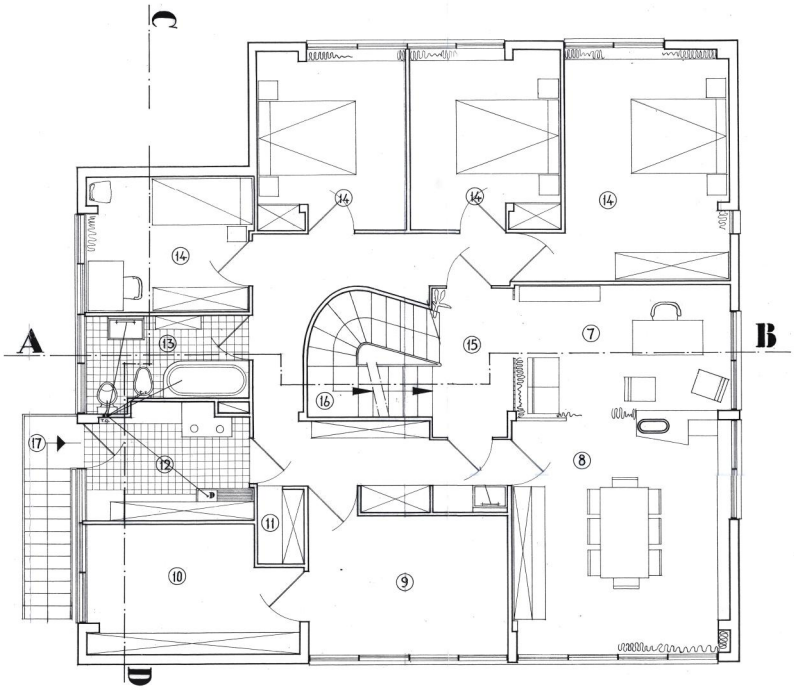
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

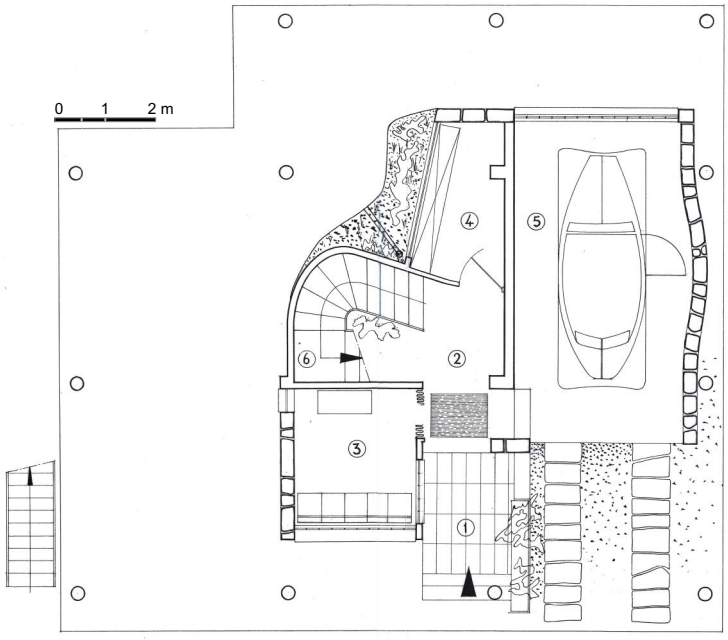
ft01. Vista a partir da rua Agostinho Barbosa
ft02. Fachadas poente e sul

© Autor. 19 de maio de 2023

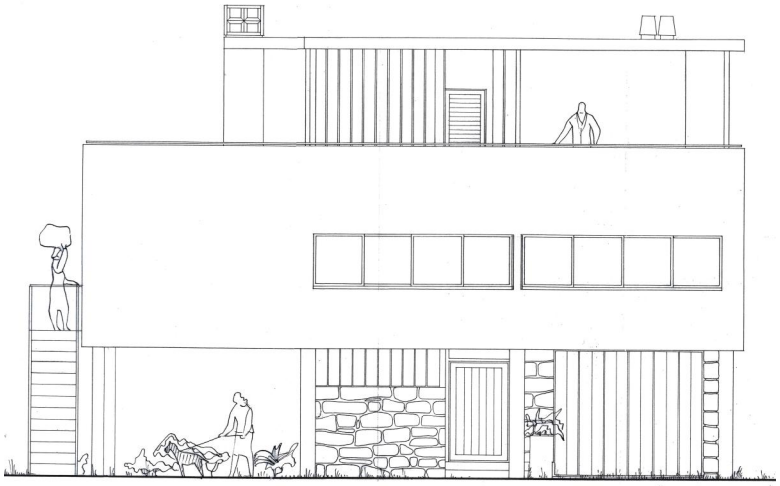
ft03. Vista a partir da rua Agostinho Barbosa
ft04. Entrada
ft05. Escada
ft06. Sala de estar
ft07. Pormenor de porta interior
ft08. Piso térreo
ft09. Terraço

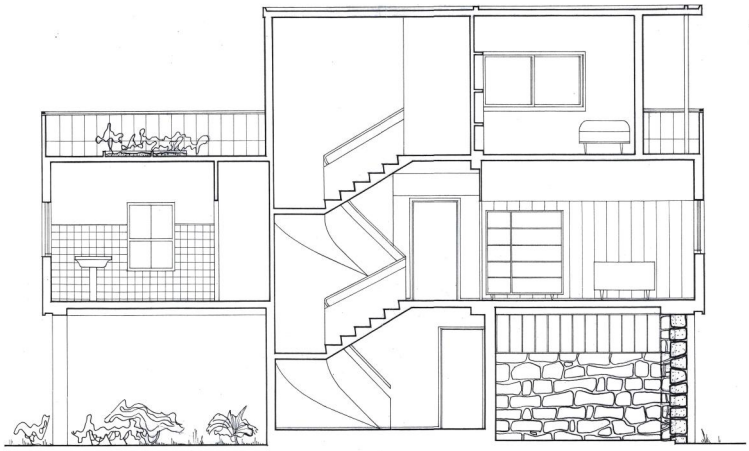

19
18
20

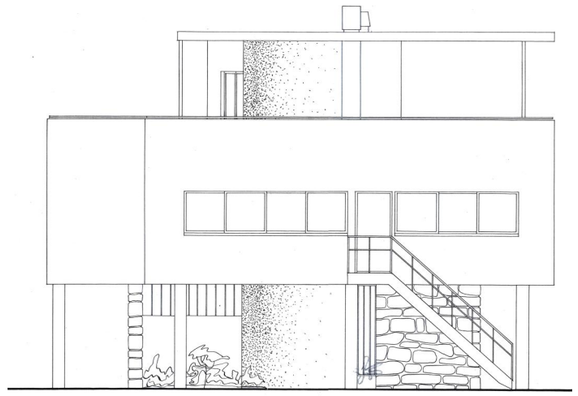

C
A
B
D
14
14
14
14
13
15
7
16
17
12
8
11
10
9

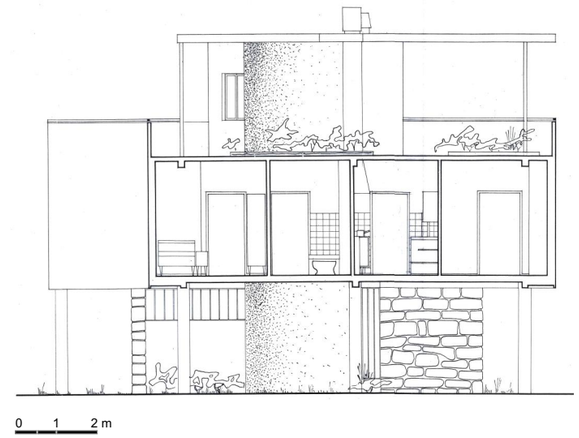

0 1 2 m
4
5
6
2
3
1

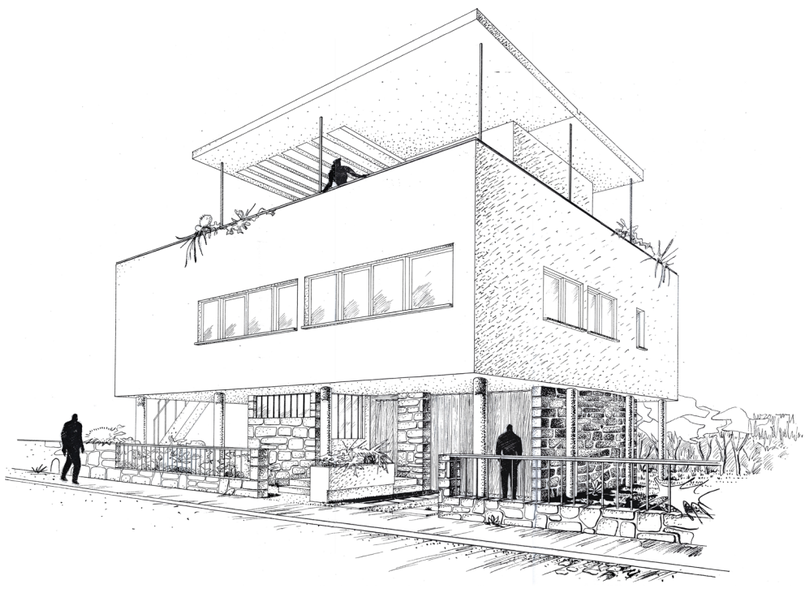
04
05







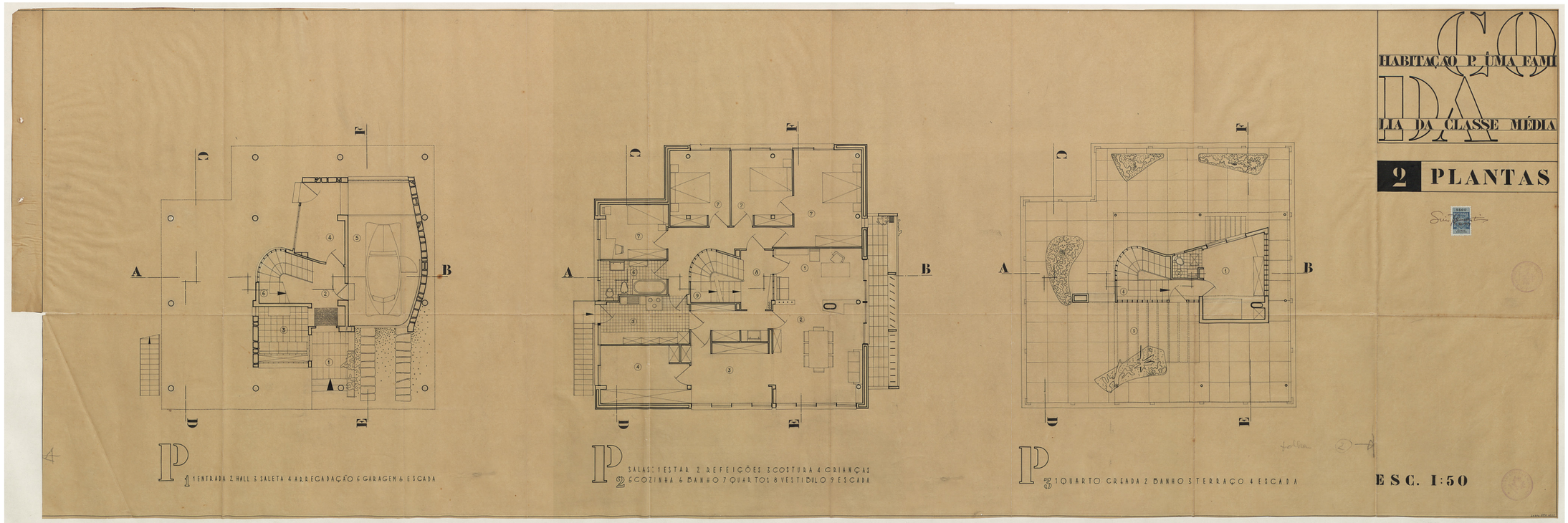




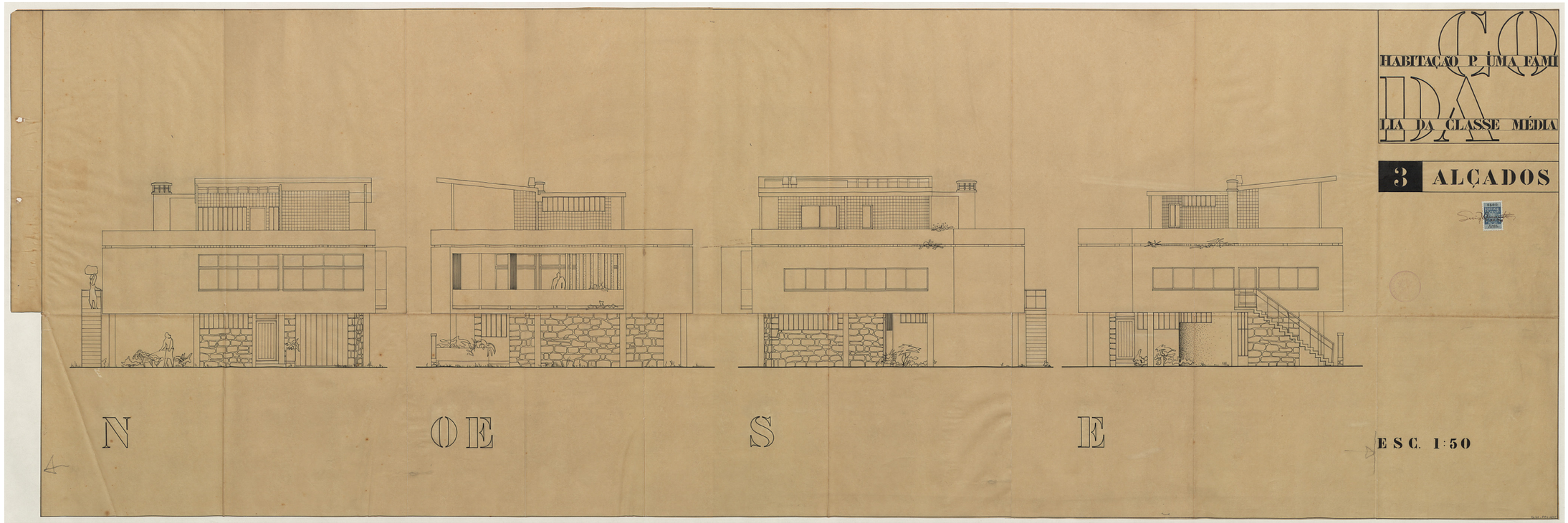
06
07
08

Luís de Oliveira Martins 1948
Uma habitação para uma família de classe média CODA ‹

09


HABITAÇÃO P. UMA FAMI
LIA DA CLASSE MÉDIA
2 PLANTAS
A
B
C
D
E
F
1 ENTRADA 2 HALL 3 SALETA 4 ARRECADAÇÃO 6 GARAGEM 6 ESCADA
SALAS 1 ESTAR 2 REFEIÇÕES 3 COSTURA 4 CRIANÇAS
5 COZINHA 6 BANHO 7 QUARTOS 8 VESTIBULO 9 ESCADA
1 QUARTO CREADA 2 BANHO 3 TERRAÇO 4 ESCADA
ESC. 1:50

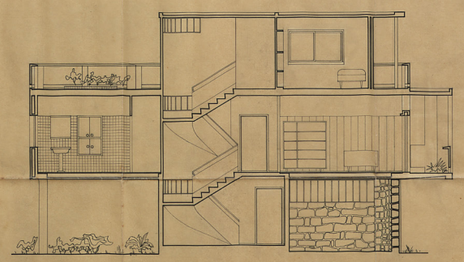
10


HABITAÇÃO P. UMA FAMI
LIA DA CLASSE MÉDIA
3 ALÇADOS
N
O E
S
E
ESC. 1:50

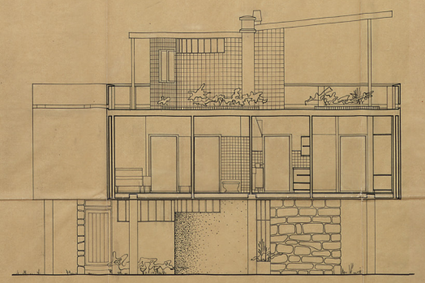
108

HABITAÇÃO P. UMA FAMÍ
LIA DA CLASSE MÉDIA

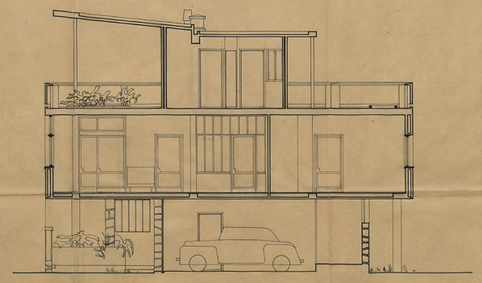
4 CORTES



AB



CD

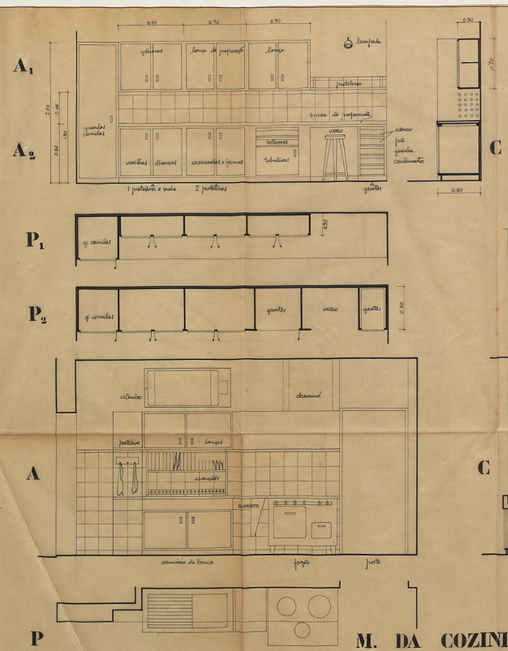


EF

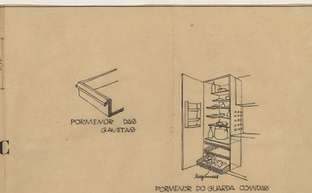
ESC. 1:50

HABITAÇÃO P. UMA FAMÍ
LIA DA CLASSE MÉDIA

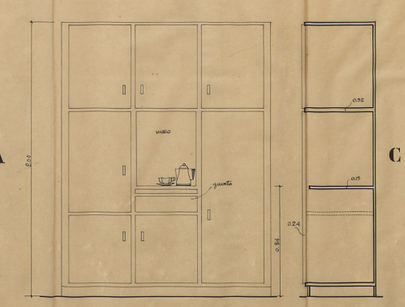
13 MOBILIÁRIO



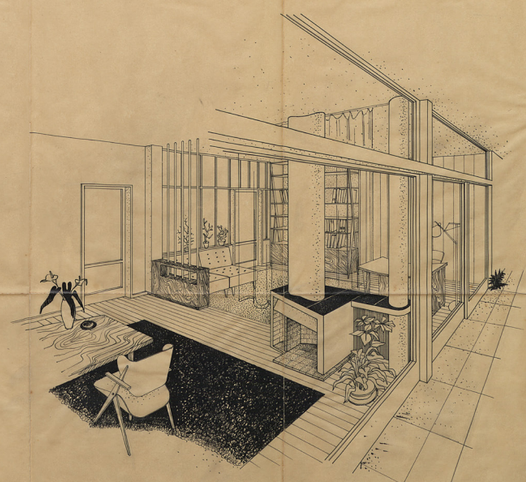
M. DA COZINHA



PORM. PORTAS



M. DA COPA



PERSPECTIVA INTERIOR

Luís de Oliveira Martins 1948
› ***Uma habitação para uma família de classe média*** CODA







ft04 ft05
ft06 ft07













PVZ.18

Casa Nélson Quintas com Oliveira Martins

1948

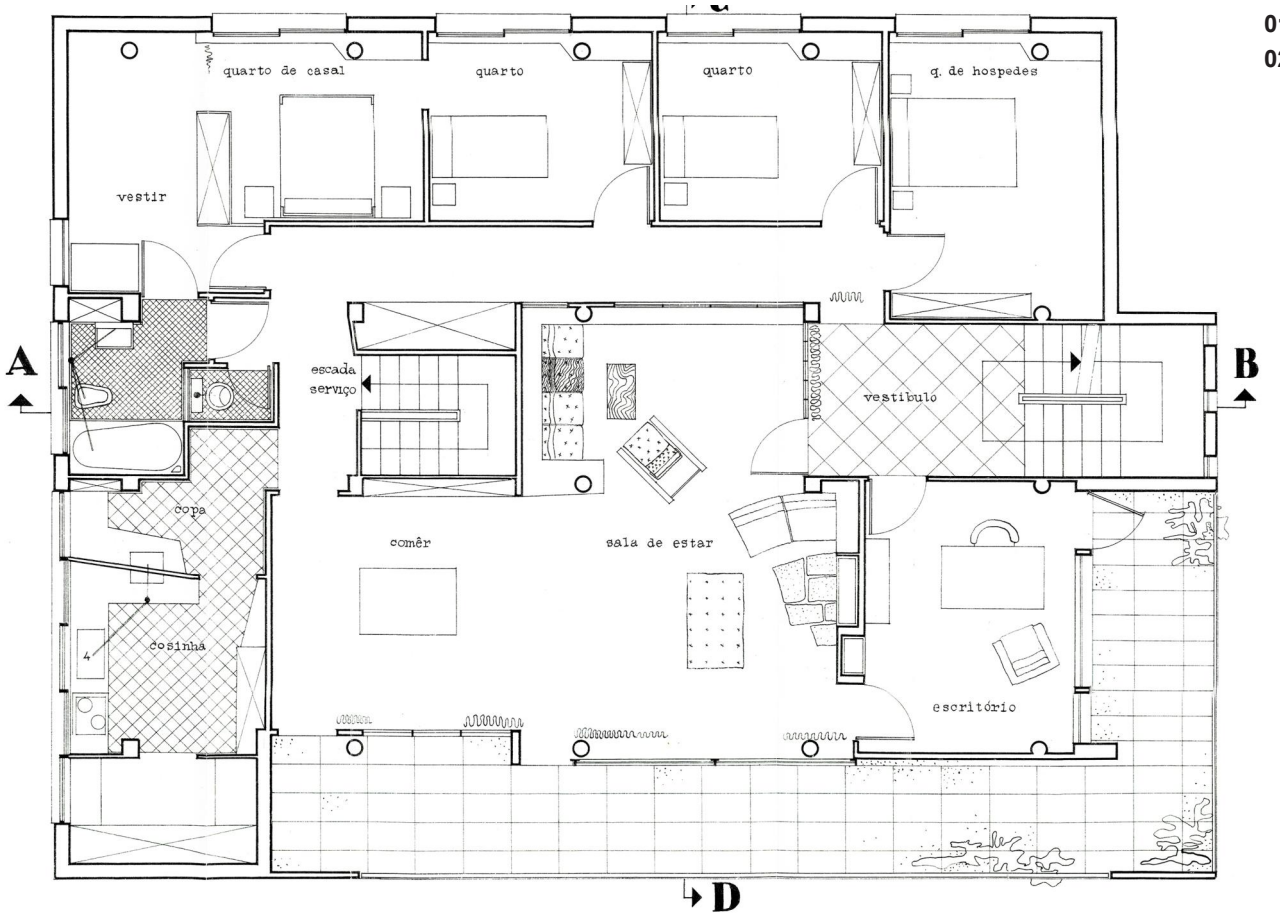
não construído

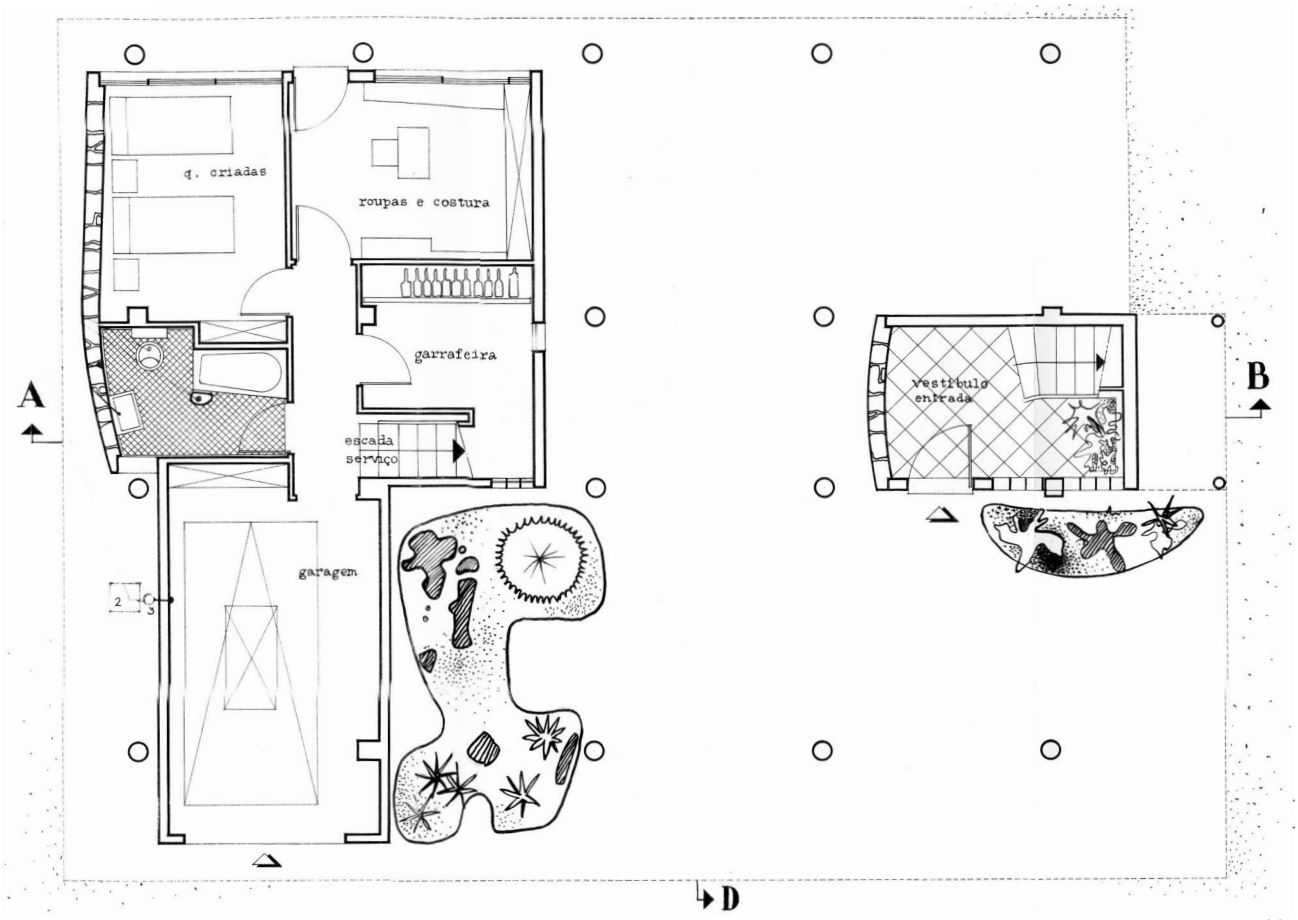
Estrada Nacional 13
Póvoa de Varzim

Desenhos

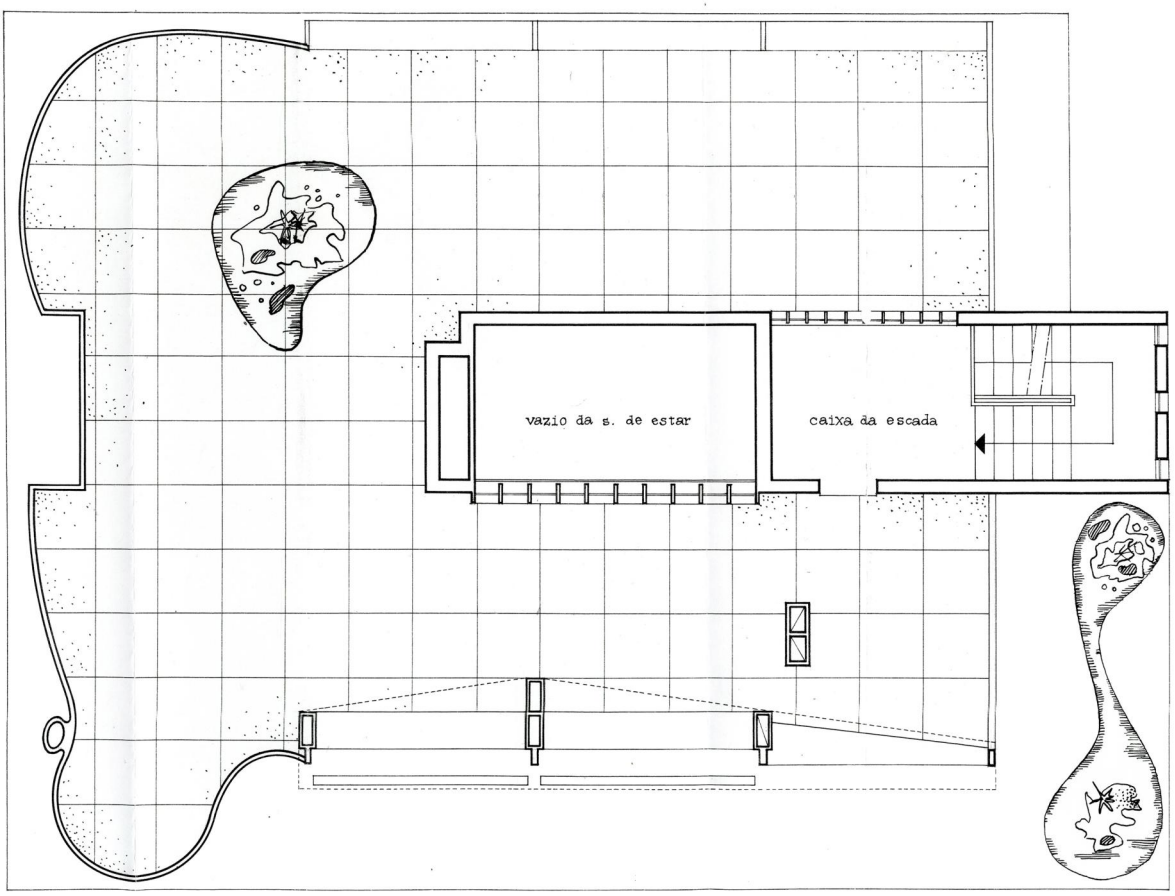
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 11(65)

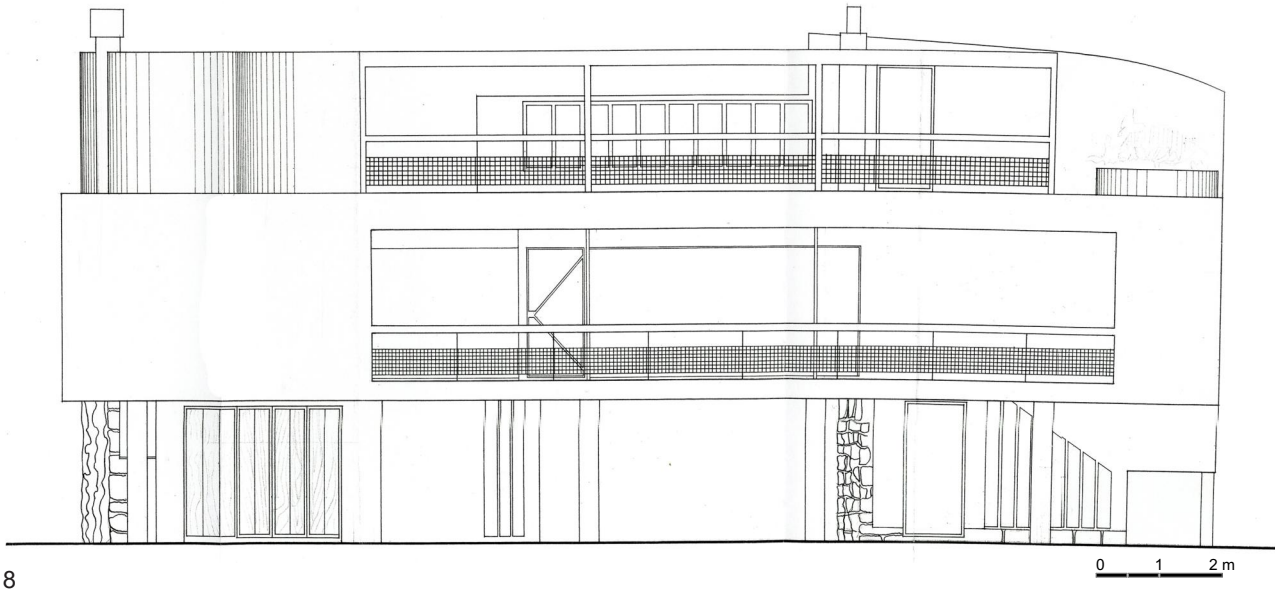
01. Planta de 1º piso
02. Planta de rés-do-chão
03. Planta de cobertura
04. Alçado poente
05. Corte CD
06. Corte AB
07. Alçado nascente


quarto de casal
quarto
quarto
q. de hospedes
vestir
escada serviço
vestíbulo
A
B
D
copa
comêr
sala de estar
cosinhá
escritório

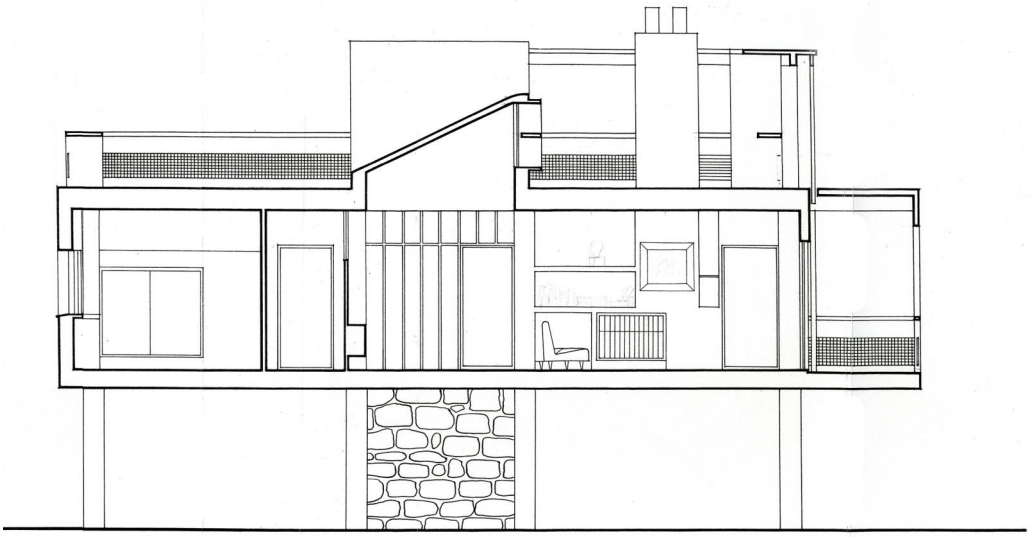

q. criadas
roupas e costura
garrafeira
escada serviço
vestíbulo entrada
A
B
D
garagem
2
3
0
1
2 m

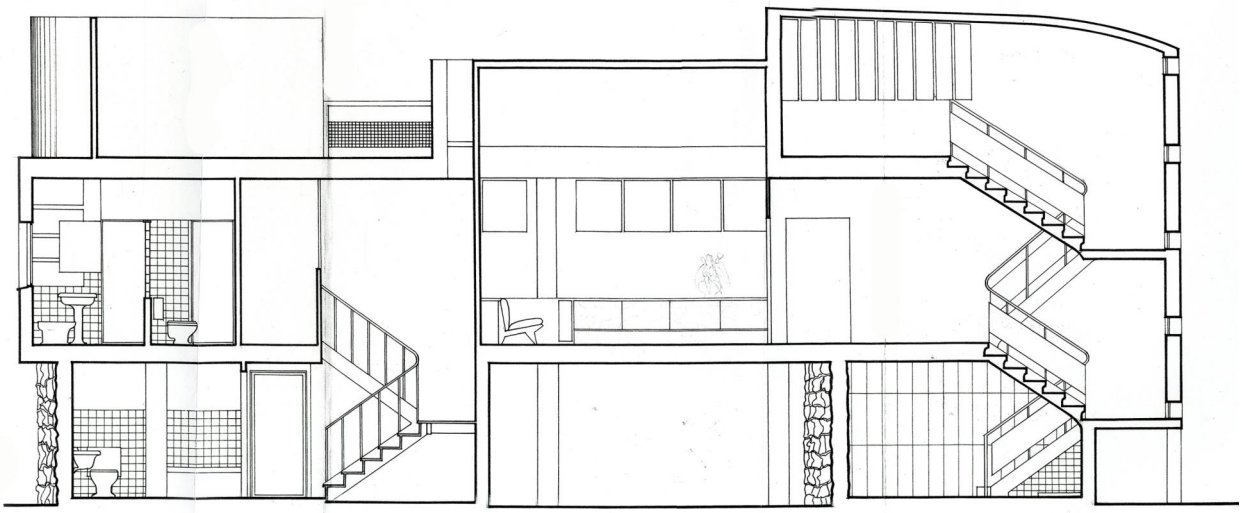
03
04

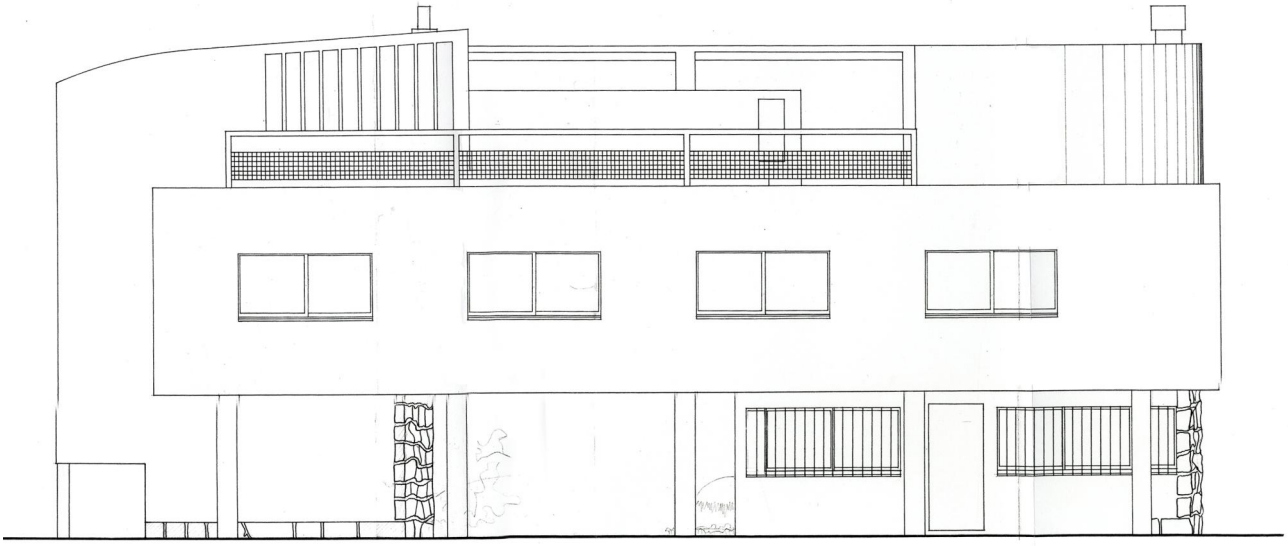




05
06
07







PVZ.19

Estabelecimento na Esplanada do Carvalhido

1948

demolido

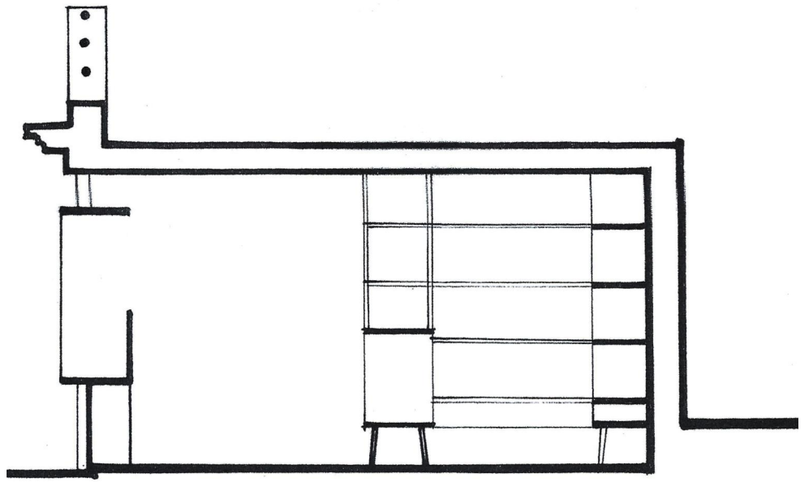
Avenida dos Banhos
Póvoa de Varzim

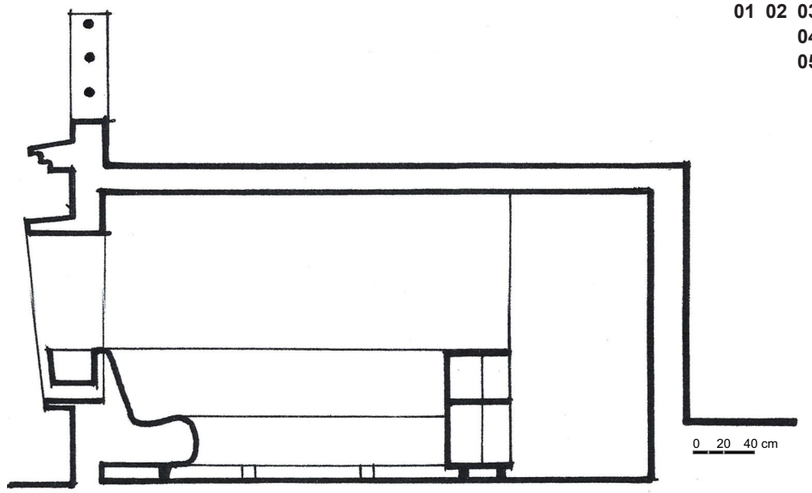
Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 74(10)

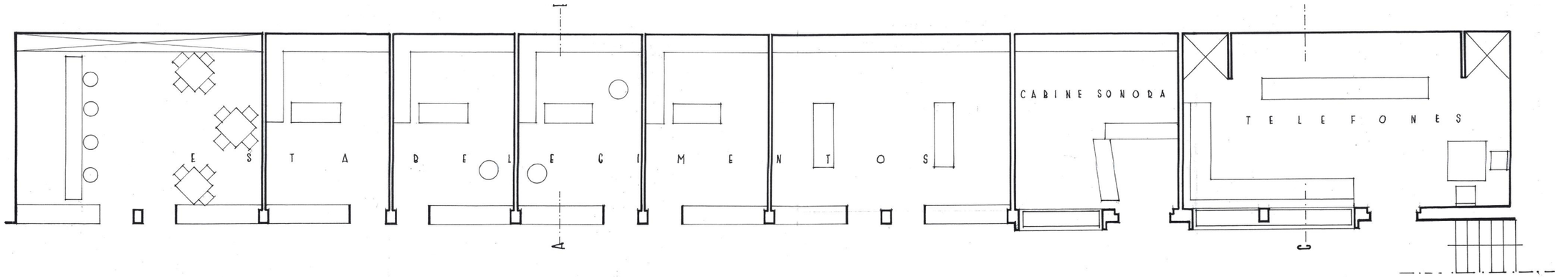
01. Planta de implantação s/ escala
02. Corte AB
03. Corte CD
04. Planta
05. Alçado

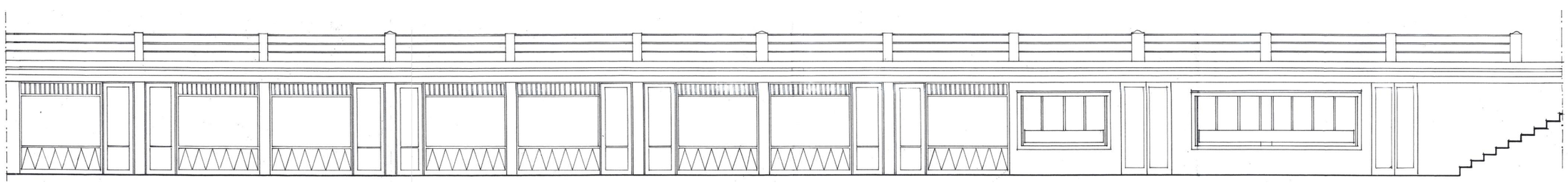

AVENIDA DOS BANHOS
ESPLANADA




0 20 40 cm

01 02 03
04
05


ESTADELECIMENTOS
CABINE SONORA
TELEFONES
A
B


0 0.5 1 2 m

PT.02

Casas Luís Alves com Oliveira Martins

1948

construído

Avenida do Dr. Antunes Guimarães, 670
Porto

Desenhos

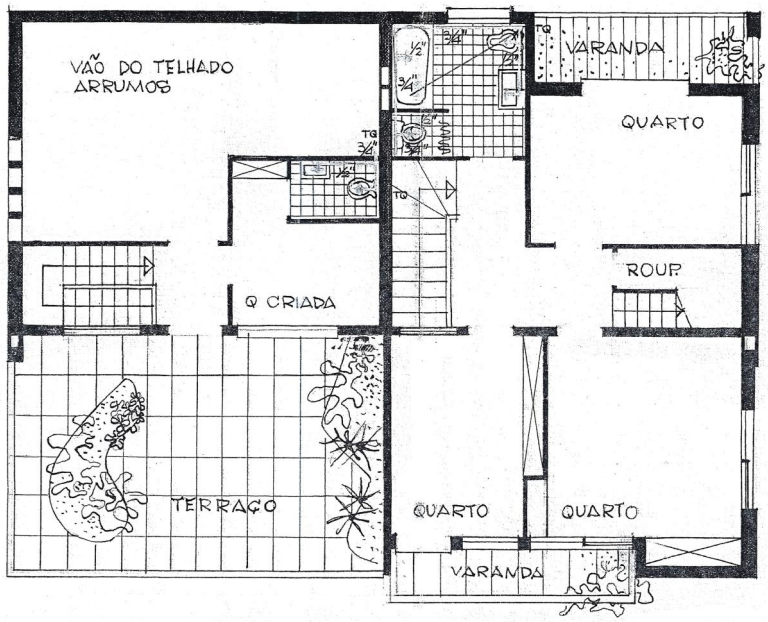
© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 5490 / 25 de abril de 1949

01. Planta de 2º e 1º pisos
02. Planta de rés-do-chão
03. Alçado lateral
04. Alçado principal

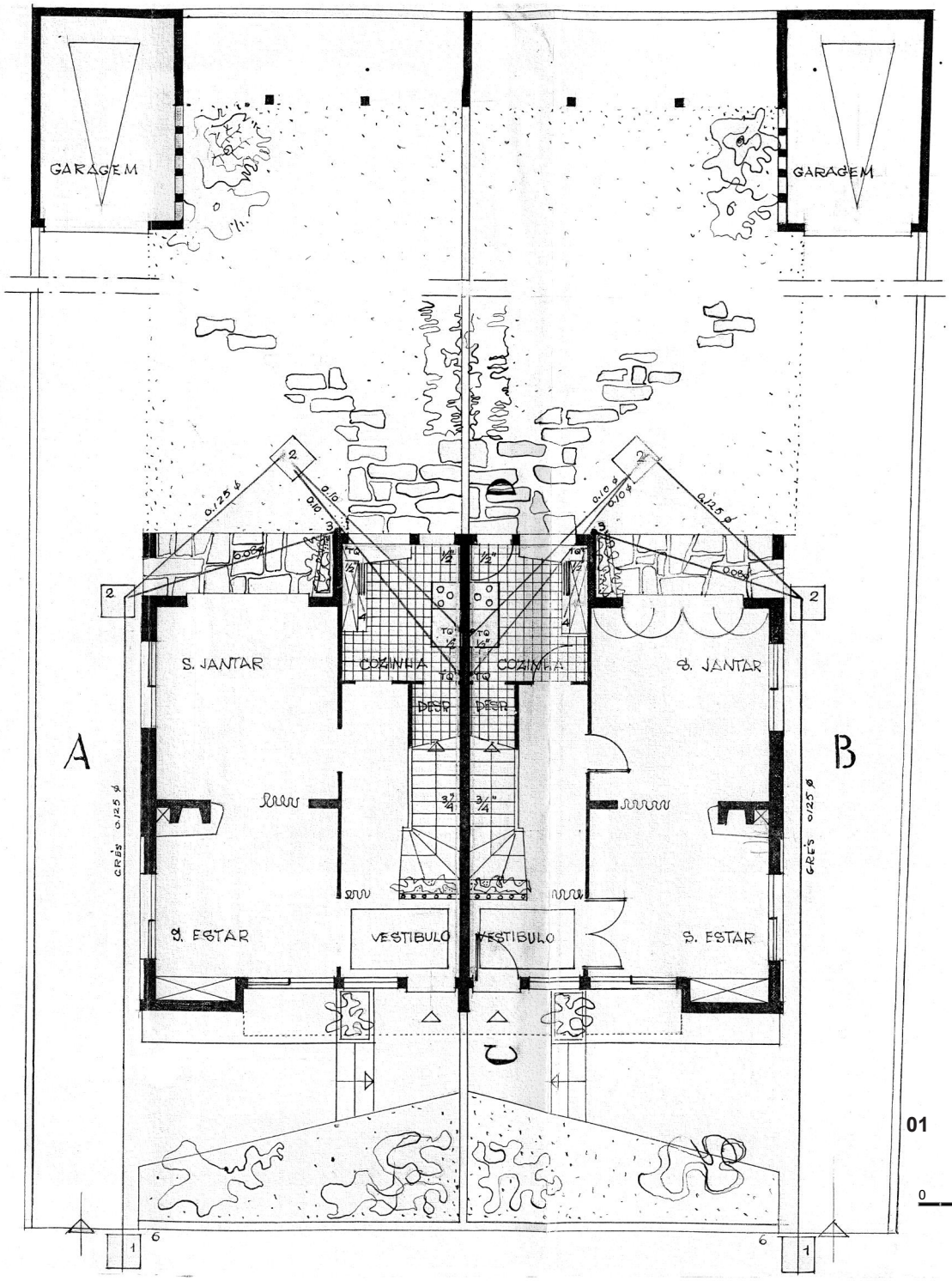
Fotografias

© Autor. 15 de julho de 2023

01. Vista a partir da Avenida do Dr. Antunes Guimarães


VÃO DO TELHADO
ARRUMOS
VARANDA
QUARTO
ROUP.
Q CRIADA
TERRAÇO
QUARTO
QUARTO
VARANDA

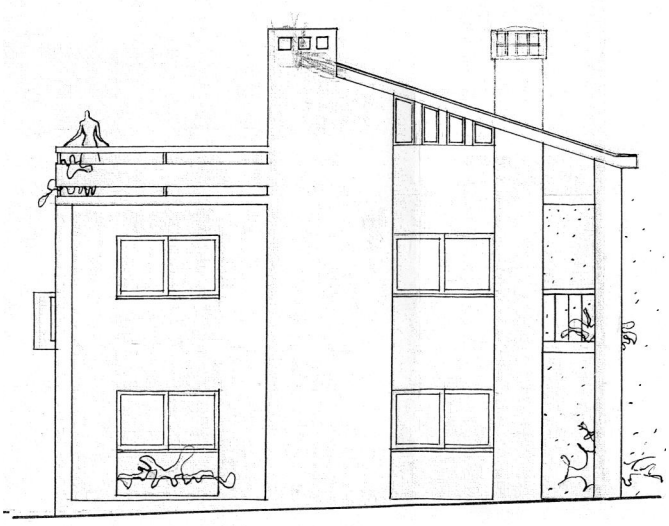
01
02

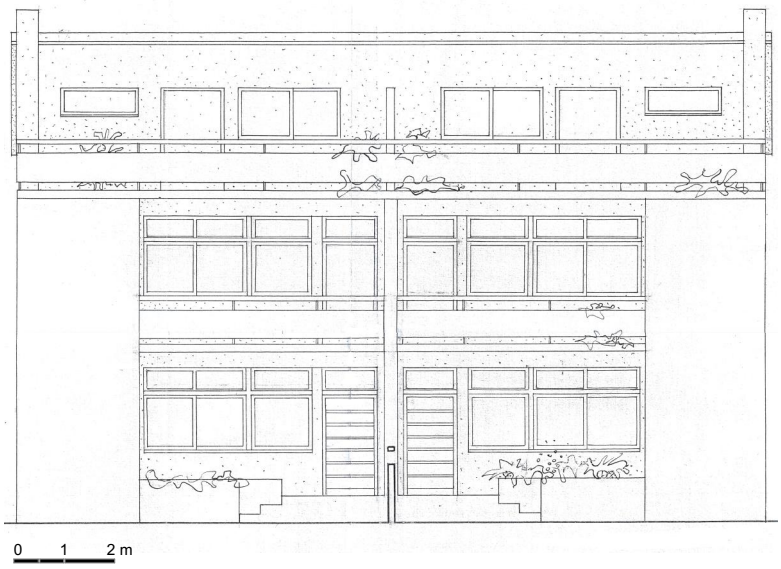

GARAGEM
GARAGEM
S. JANTAR
COZINHA
COZINHA
S. JANTAR
DESP.
DESP.
A
B
S. ESTAR
VESTIBULO
VESTIBULO
S. ESTAR
C
GRÉS 0.125 ø
GRÉS 0.125 ø

01

0 1 2 m

03
04







PVZ.20

Casa Paroquial

1948

construído [interior alterado posteriormente]

Rua Padre Joaquim Figueiredo, 33 – Amorim
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 18(53)

01. Alçado principal
02. Planta de 1º piso
03. Planta de rés-do-chão

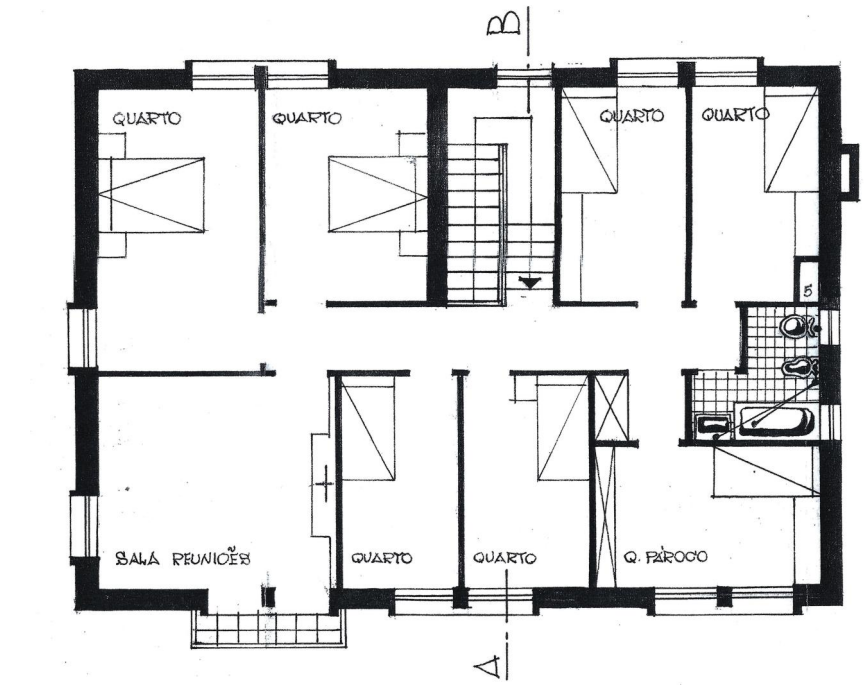
Fotografias

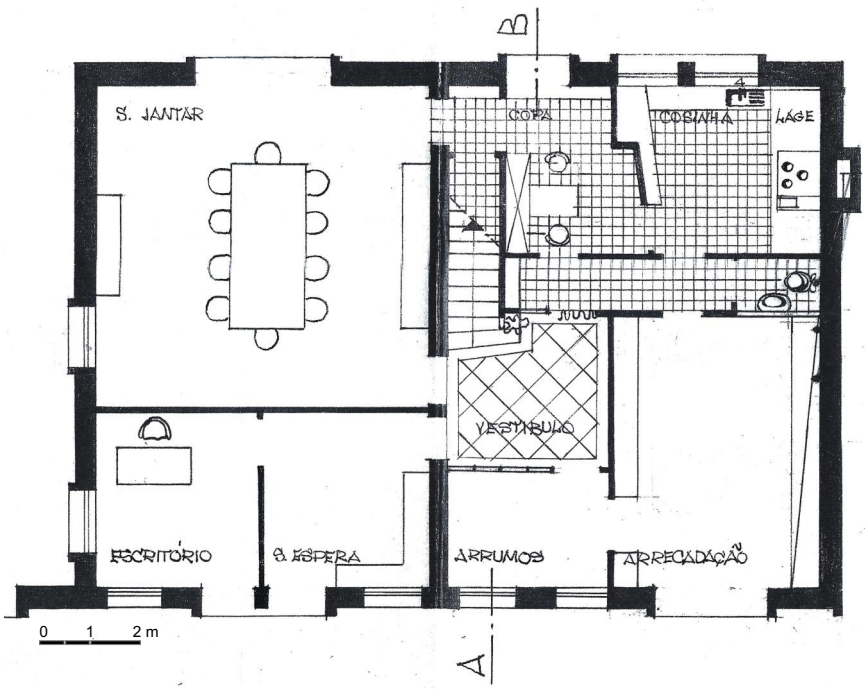
© Autor. 22 de setembro de 2023

01. Fachada principal
02. Vista aérea

01
02
03




B
QUARTO
QUARTO
QUARTO
QUARTO
5
SALA REUNIÕES
QUARTO
QUARTO
Q. PÁROCO
A


B
S. JANTAR
COPA
COZINHA
LAGE
VESTÍBULO
ESCRITÓRIO
S. ESPERA
ARRUMOS
ARRECADAÇÃO
0 1 2 m
A

ft01





PT.03

Edifício Alves Quelhas com Oliveira Martins

1948

construído

Rua Miguel de Bombarda, 410
Porto

Desenhos

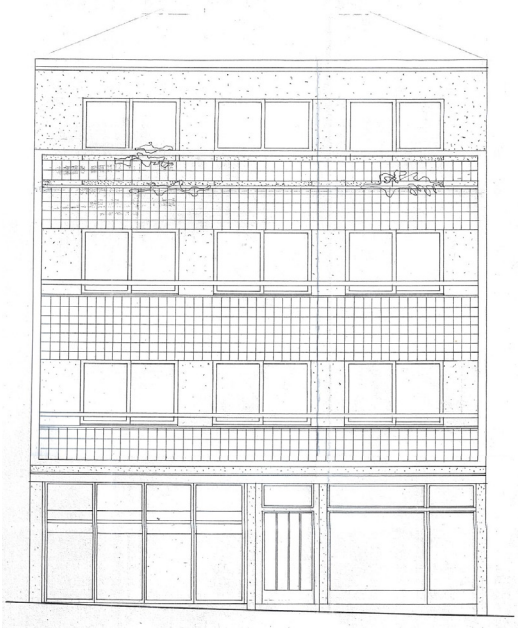
© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 11278/48

01. Alçado principal
02. Planta de 1º e 2º pisos
03. Planta de 3º piso

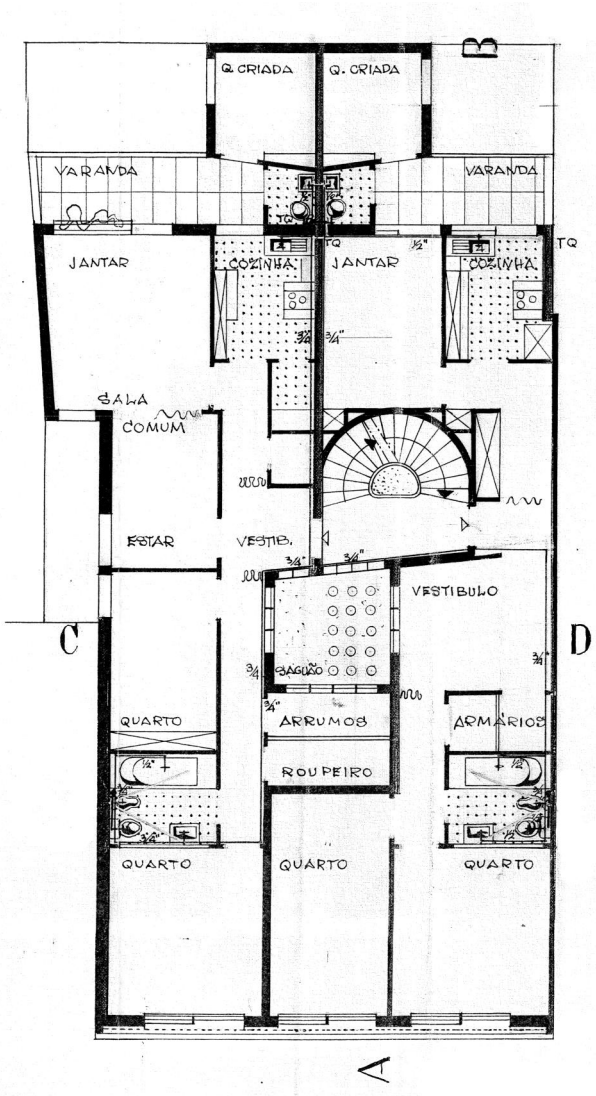
Fotografias

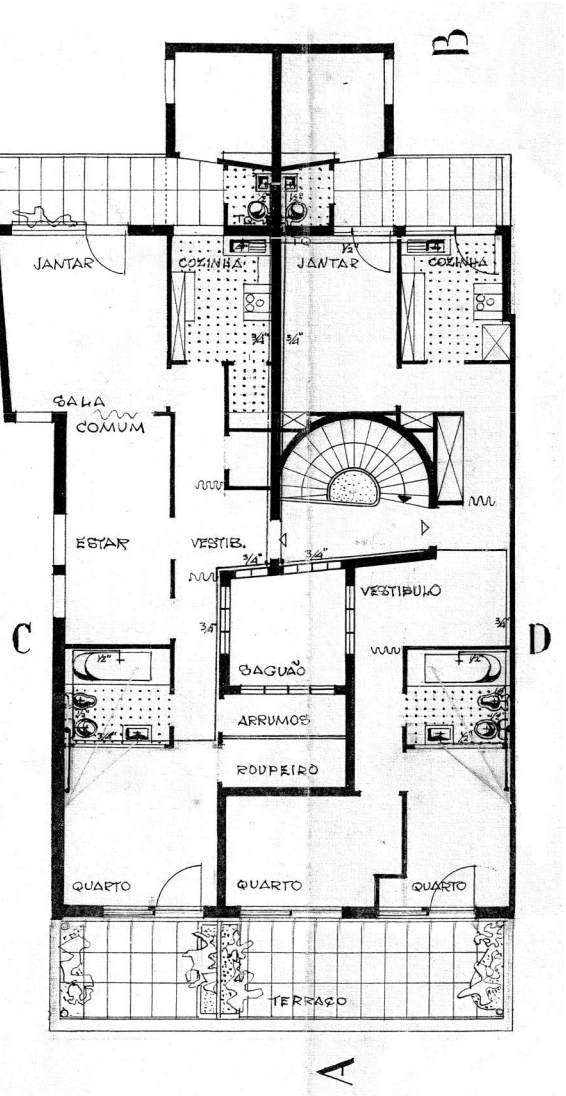
© Autor. 16 de julho de 2023

01. Fachada principal, no contexto da rua
02. Entrada



0 1 2 m


B
Q. CRIADA
Q. CRIADA
VARANDA
VARANDA
JANTAR
COZINHA
JANTAR
COZINHA
TQ
SALA COMUM
ESTAR
VESTIB.
VESTIBULO
C
D
BAGUÃO
QUARTO
ARRUMOS
ARMÁRIOS
ROUPEIRO
QUARTO
QUARTO
QUARTO
A


B
JANTAR
COZINHA
JANTAR
COZINHA
SALA COMUM
ESTAR
VESTIB.
VESTIBULO
C
D
BAGUÃO
ARRUMOS
ROUPEIRO
QUARTO
QUARTO
QUARTO
TERRAÇO
A

ft01



ft02



VC.01

Casa Amadeo Azevedo com Oliveira Martins

construído [em ruína]

Estrada Nacional 13, 1024 – Mindelo
Vila do Conde

Desenhos

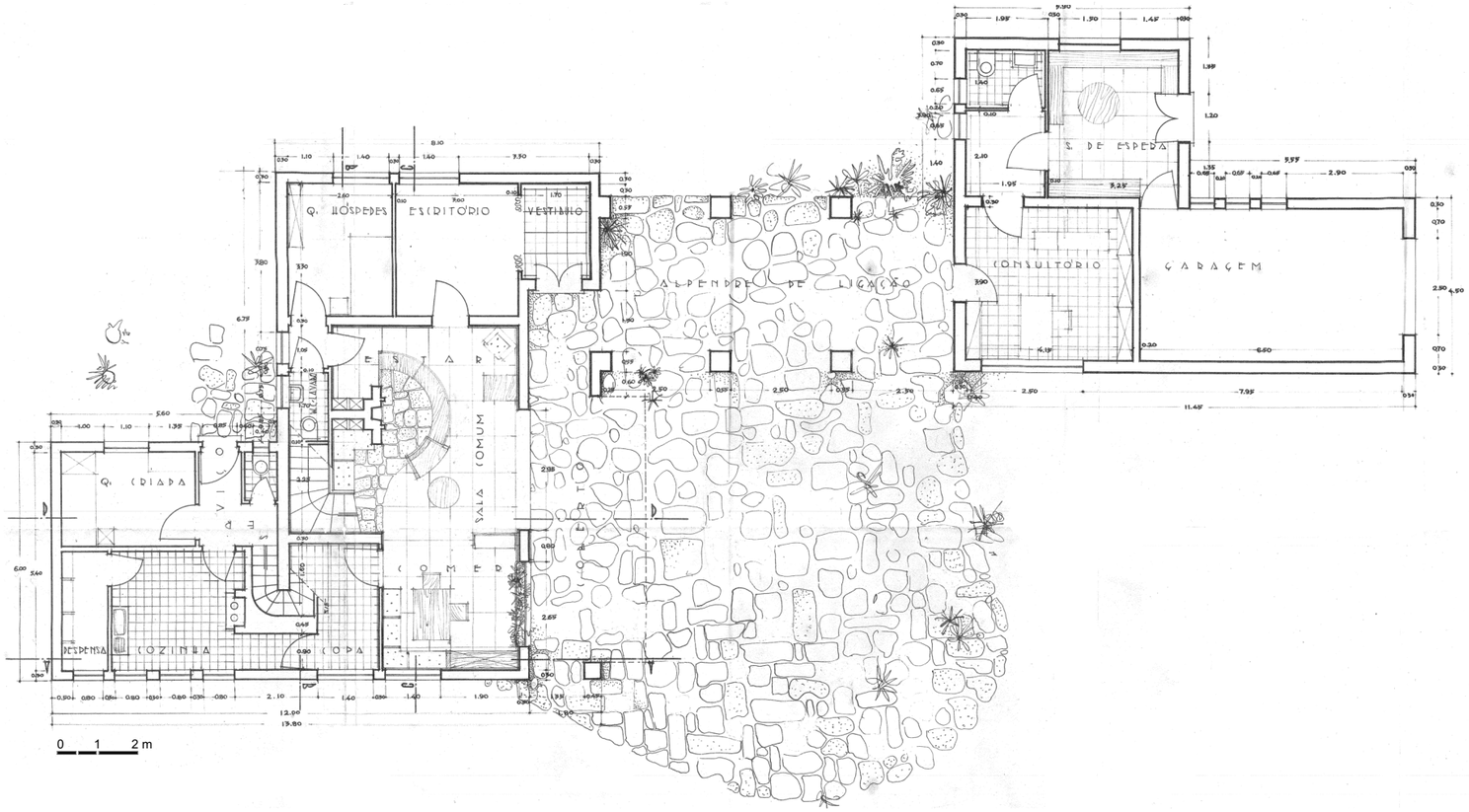
© Arquivo Municipal de Vila do Conde

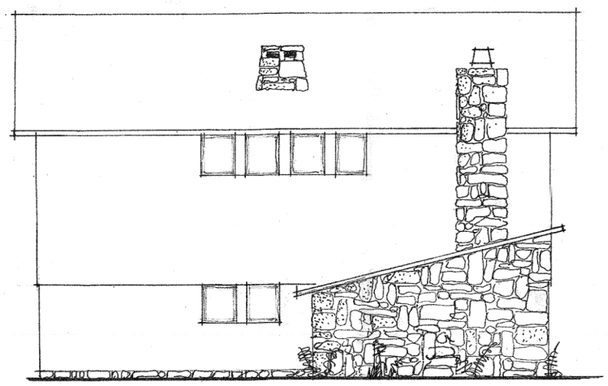
01. Planta de rés-do-chão
02. Alçado norte
03. Alçado poente
04. Alçado sul
05. Planta do 1º piso
06. Alçado nascente
07. Corte transversal D

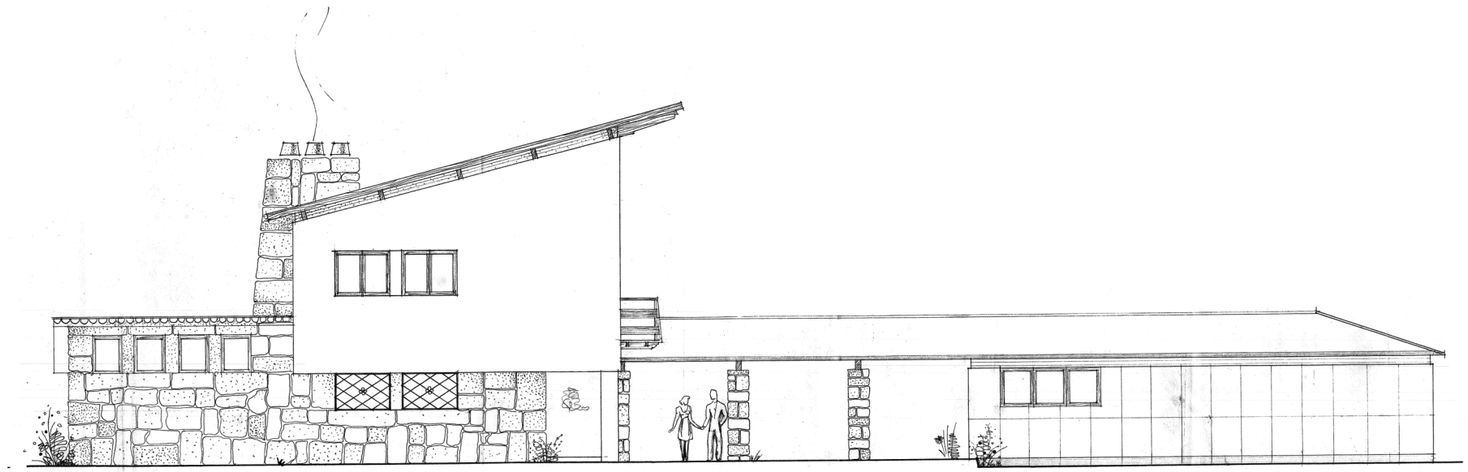
Fotografias

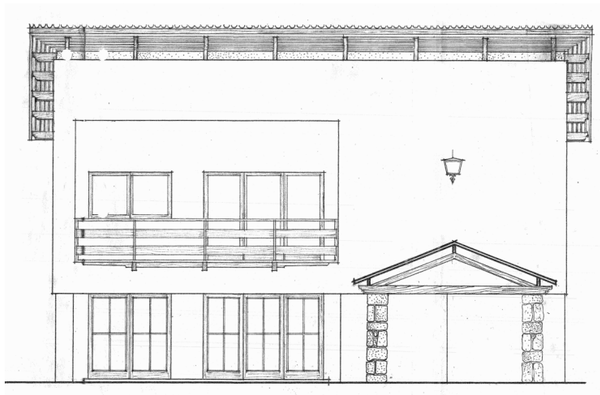
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

01. Fachada nascente
02. Vista a partir do alpendre de ligação entre os dois volumes
03. Fachada nascente
04. Fachada poente

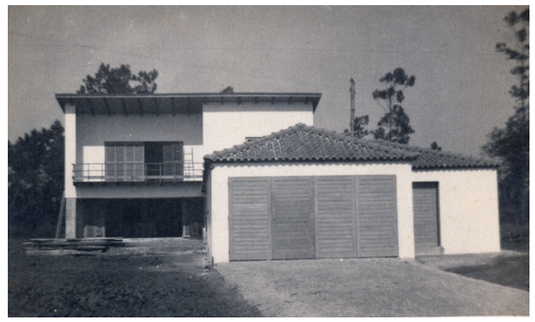

Q. HÓSPEDES
ESCRITÓRIO
VESTÍBULO
ALPENDRE DE LIGAÇÃO
CONSULTÓRIO
S. DE ESPERA
GARAGEM
Q. CRIADA
ESTAR
SALA COMUM
COMED
DESPENSA
COZINHA
COPA
0 1 2 m







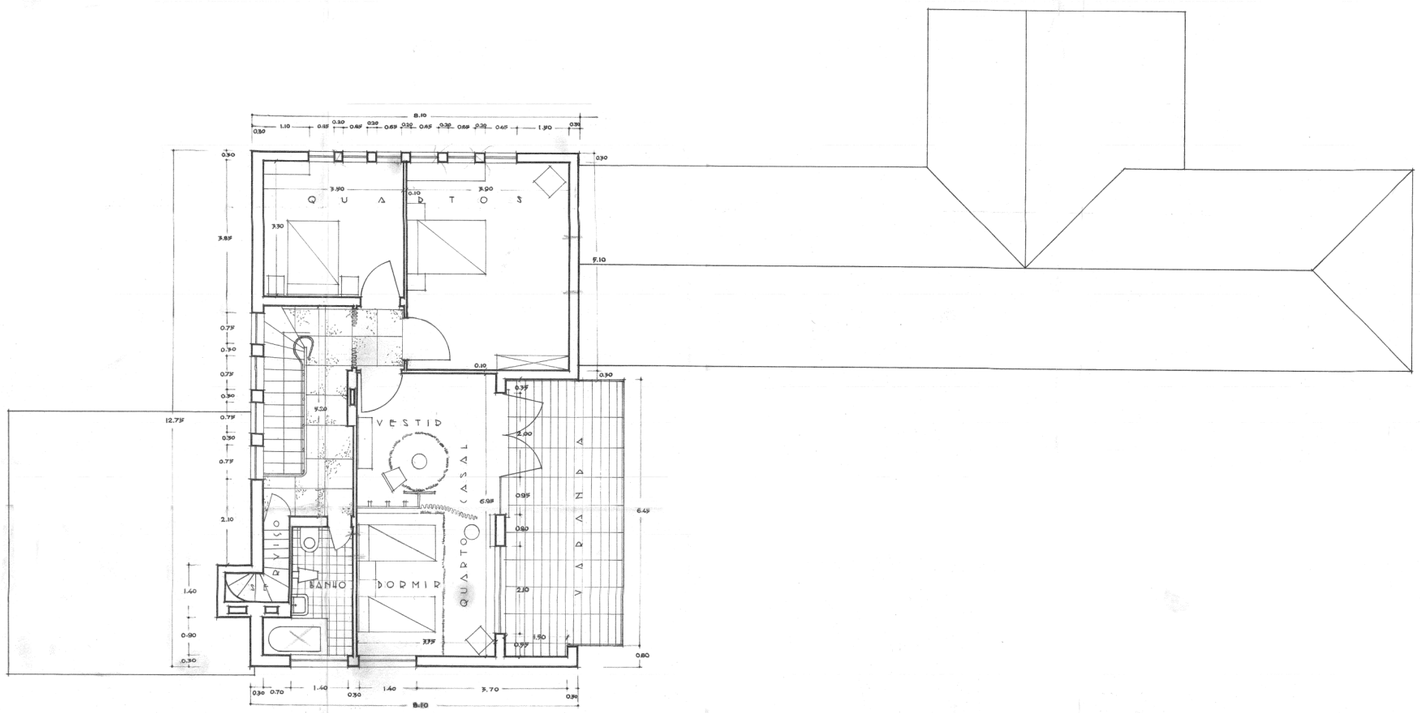
ft01
ft02 ft03
ft04 ft05

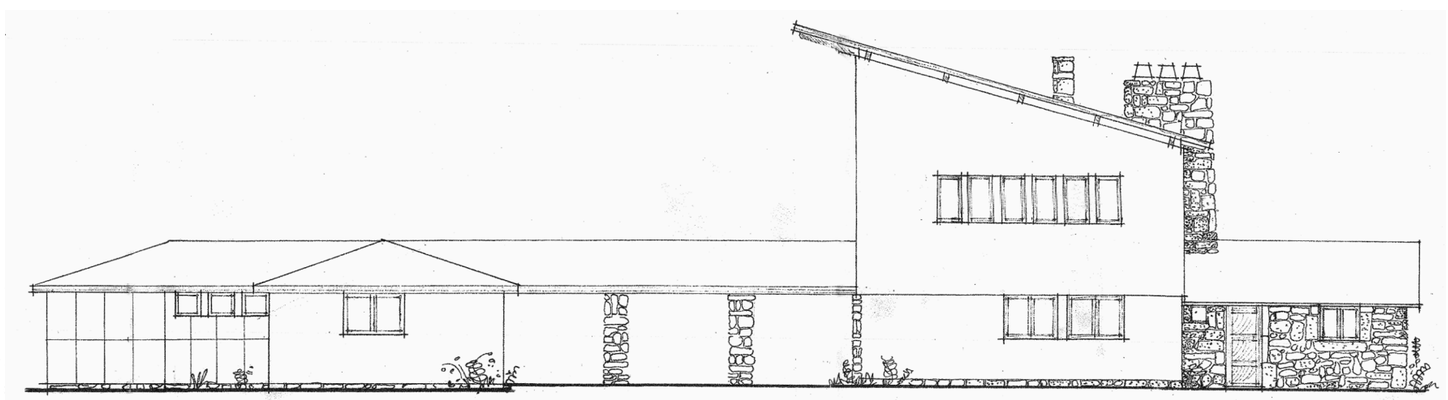









Q U A D R O 3
VESTIB
QUARTO CASAL
BANHO
DORMIR
VARANDA
0 1 2 m





PVZ.21

Casa Albino Patrício com Oliveira Martins

1948

construído [alterado]

Rua Padre José Leites Morais, 48
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

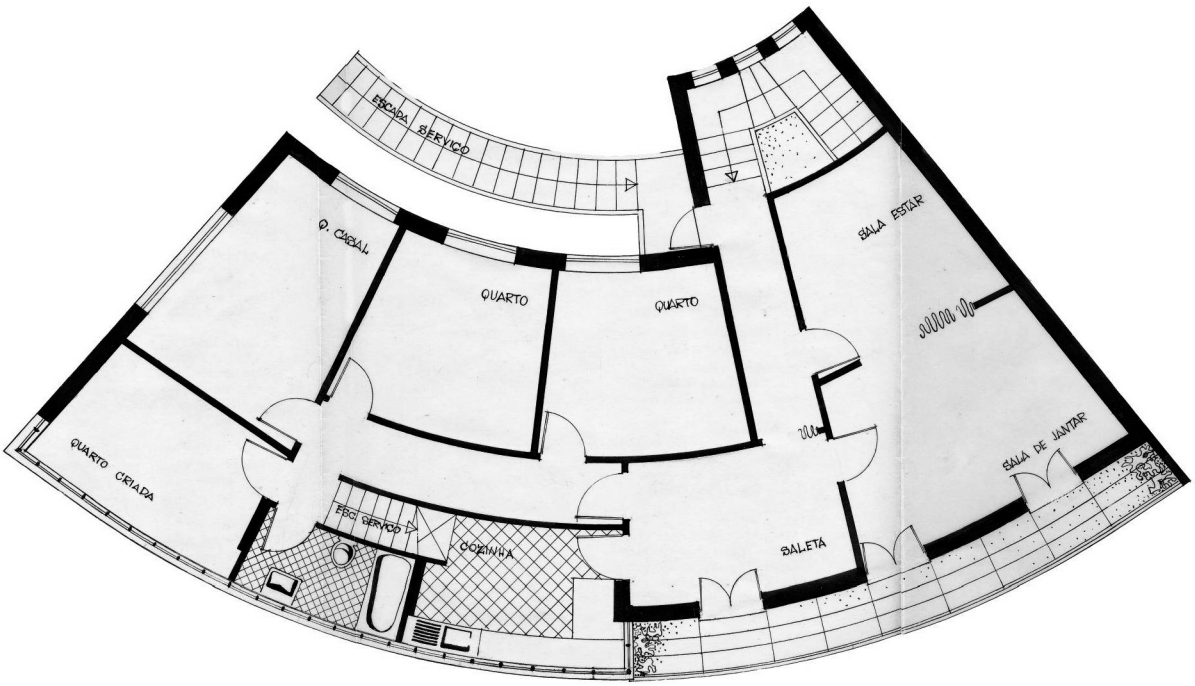
01. Planta do 1º piso
02. Planta de rés-do-chão
03. Corte transversal
04. Alçado frontal

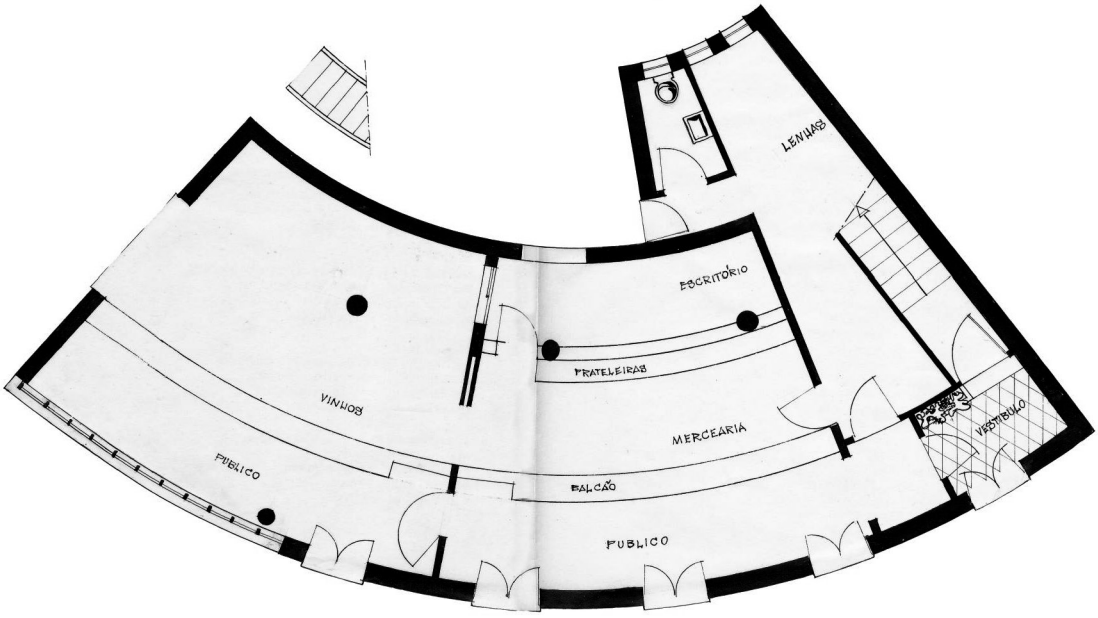
Fotografias

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

ft01. Vista a partir da rua, durante a construção

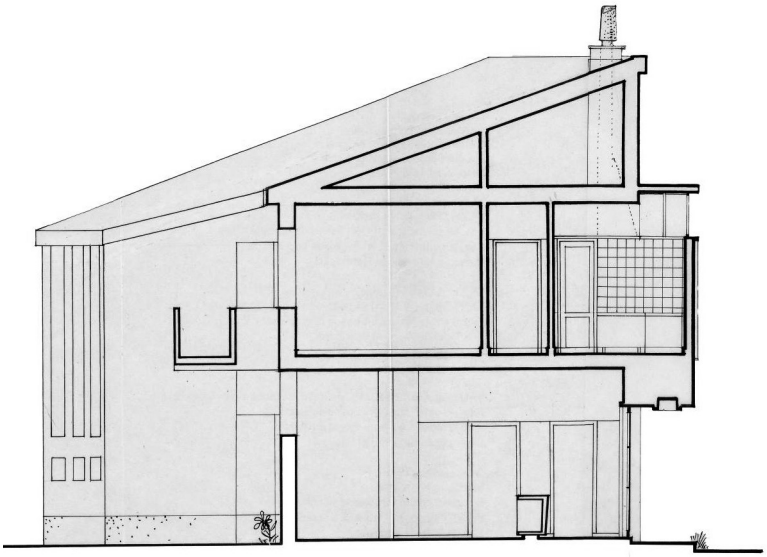
01
02

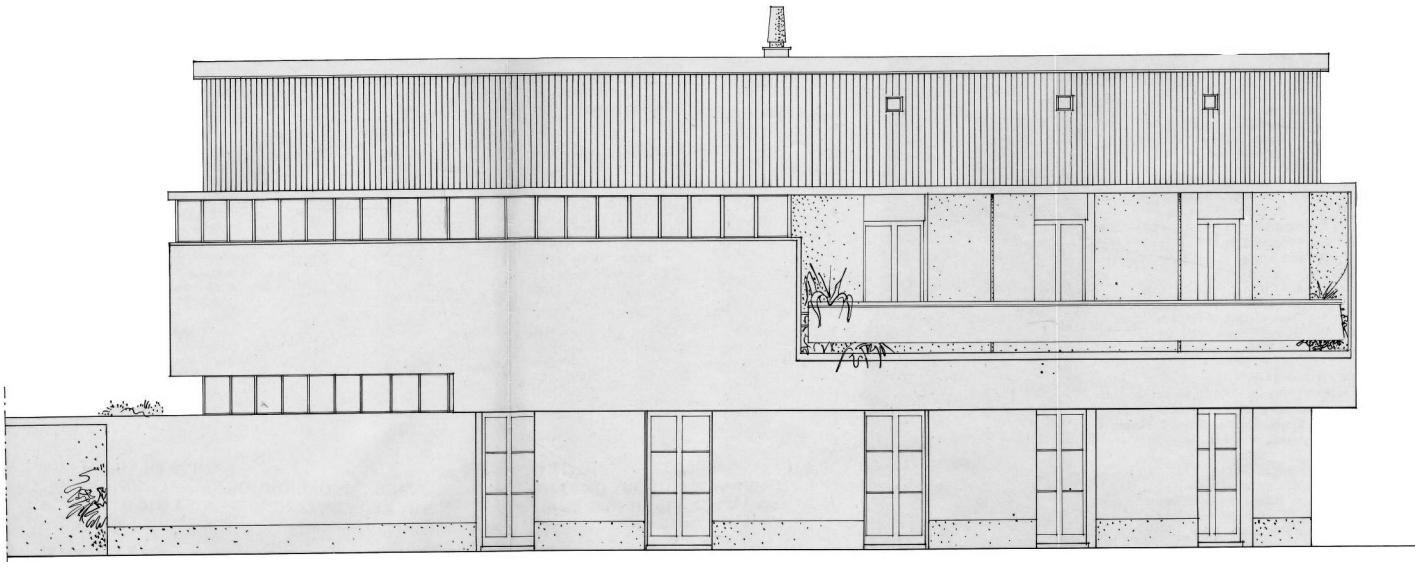

ESCADA SERVIÇO
Q. CASAL
QUARTO
QUARTO
SALA ESTAR
QUARTO CRIADA
ESC. SERVIÇO
COZINHA
SALETA
SALA DE JANTAR


LENHAS
ESCRITÓRIO
PRATELEIRAS
VINHOS
MERCEARIA
VESTÍBULO
PÚBLICO
BALCÃO
PÚBLICO

0 1 2 m

03
04





0 1 2 m



PT.04

Moradias *O lar familiar* com Oliveira Martins

1949

construído [com alterações]

Rua do Quanza, 171/191
Porto

Desenhos

© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 5008/14 de abril de 1949

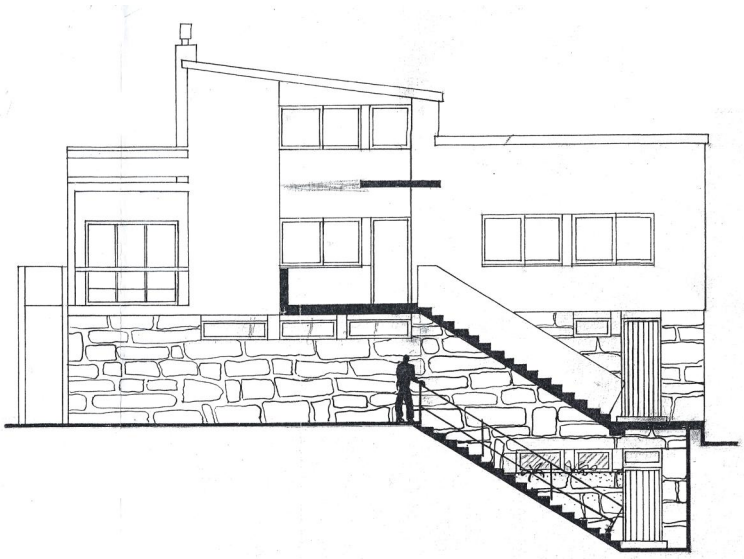
01. Alçado lateral
02. Alçado frontal
03. Planta do 1º piso
04. Planta de 2º piso

Fotografias

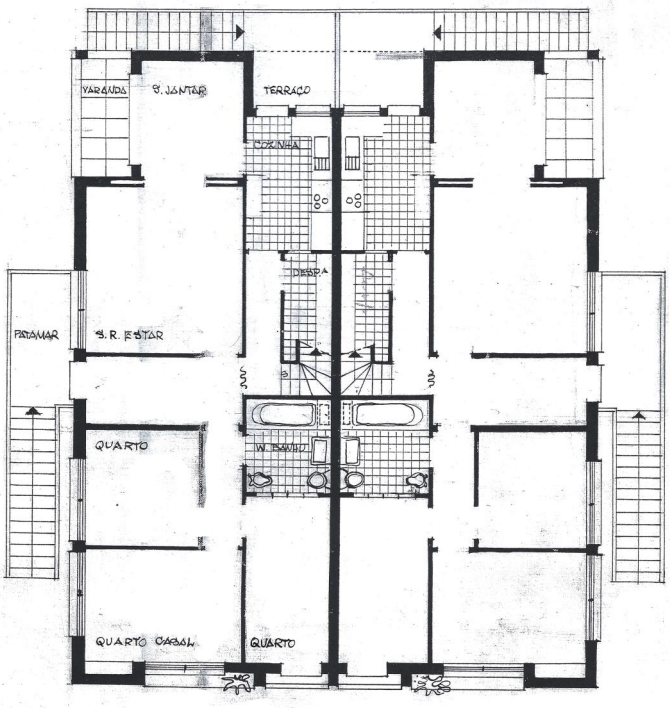
© Autor. 16 de julho de 2023

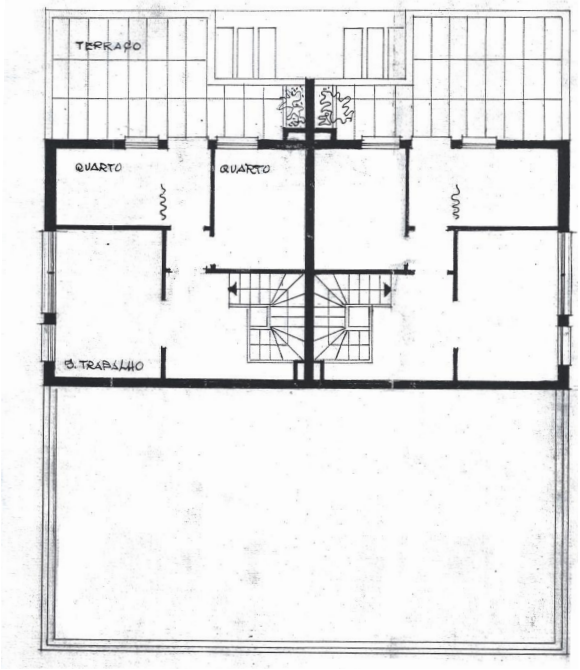
01. Contexto da rua

01
02
03 04









0 1 2 m

ft01



PT.05

Garagem José Alves Vieira

1949

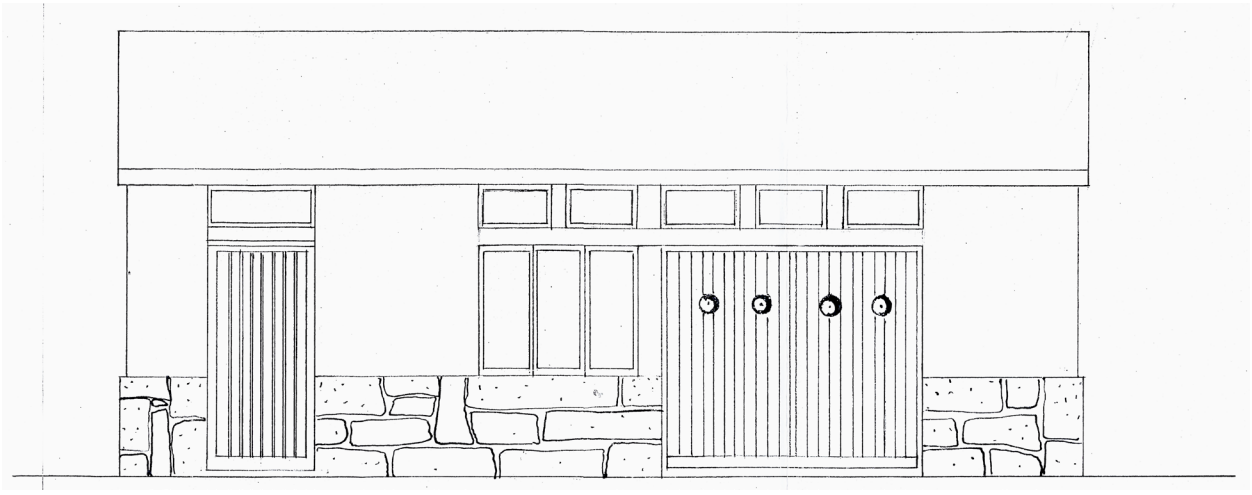
sem certeza

Rua do Lidador, 214
Porto

Desenhos

© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 5701/29 de abril de 1949

01. Alçado principal s/ escala



PT.06

Oficina *Irmãos Sá, Lda* com Oliveira Martins

1949

sem certeza

Rua Maria Pia, 66
Porto

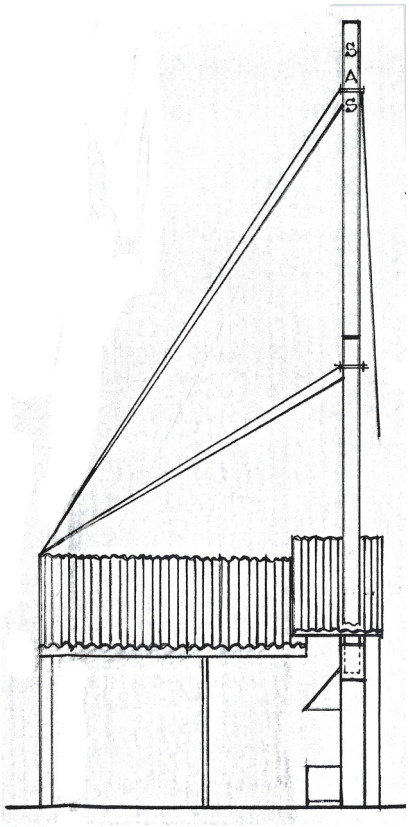
Desenhos

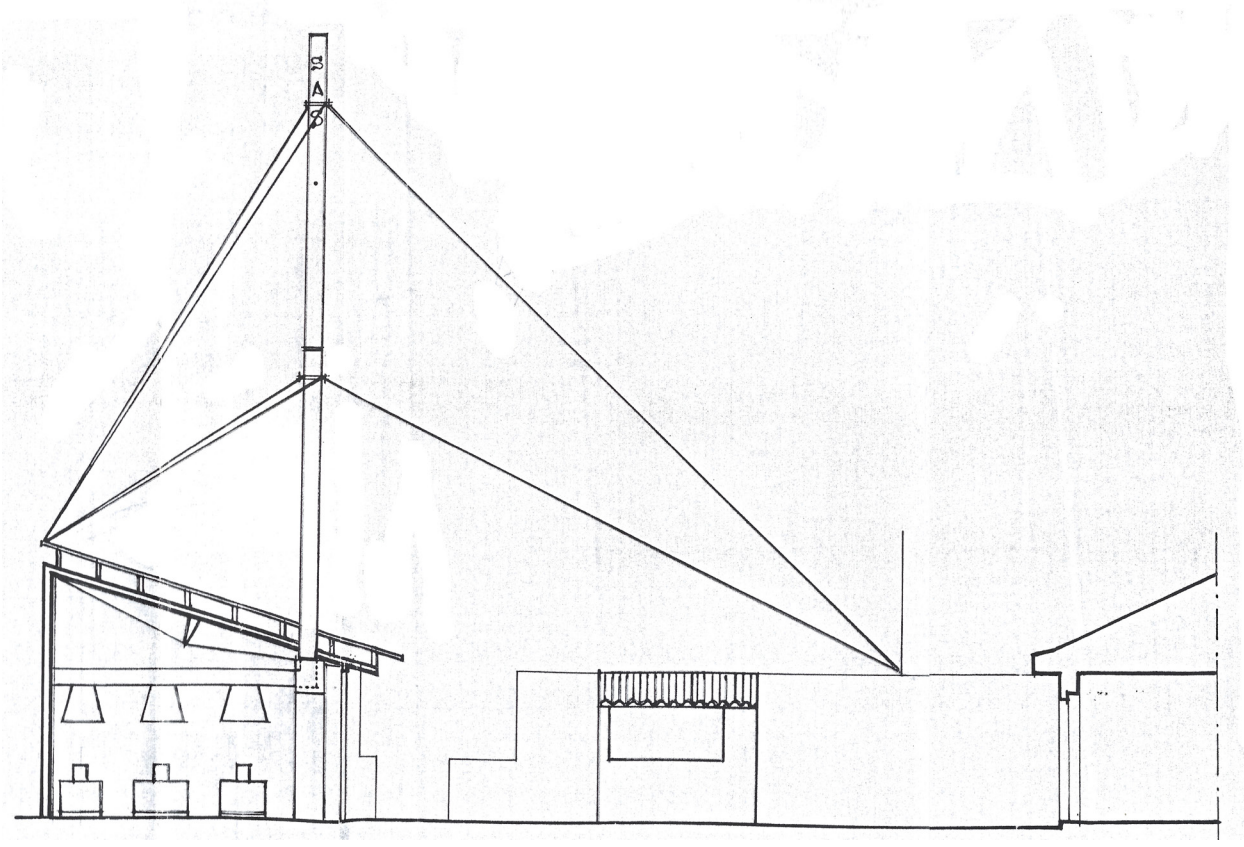
© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 6967/24 de maio de 1949

01. Corte transversal s/ escala

02. Corte longitudinal s/ escala

01
02





PVZ. 22

Casa Patrocínio Gomes Casanova com Oliveira Martins

1949

sem certeza

Lugar de Mauverde – Beiriz
Póvoa de Varzim

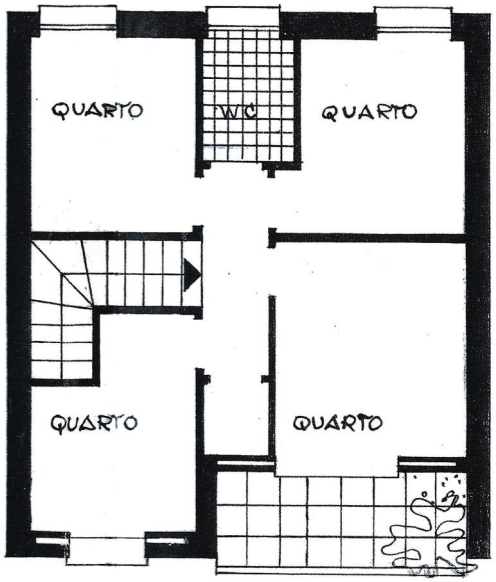
Desenhos

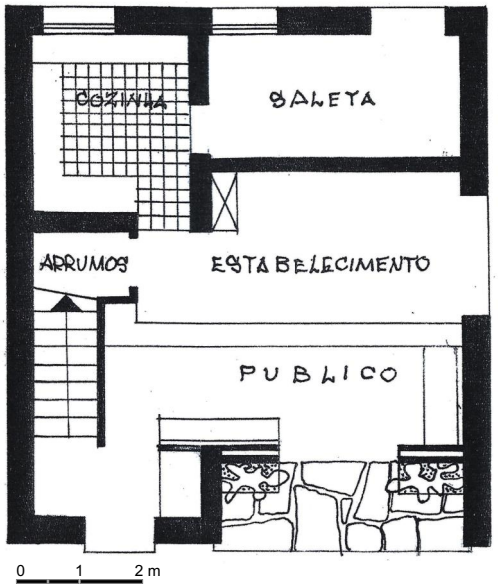
© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 15(50)

01. Alçado principal
02. Planta do 1º piso
03. Planta do rés-do-chão

01
02
03




QUARTO
WC
QUARTO
QUARTO
QUARTO


COZINHA
SALETA
ARRUMOS
ESTABELECIMENTO
PUBLICO
0 1 2 m

PVZ. 23

Casa e Padaria Vicente Manuel Vieira com Oliveira Martins

1949

demolido

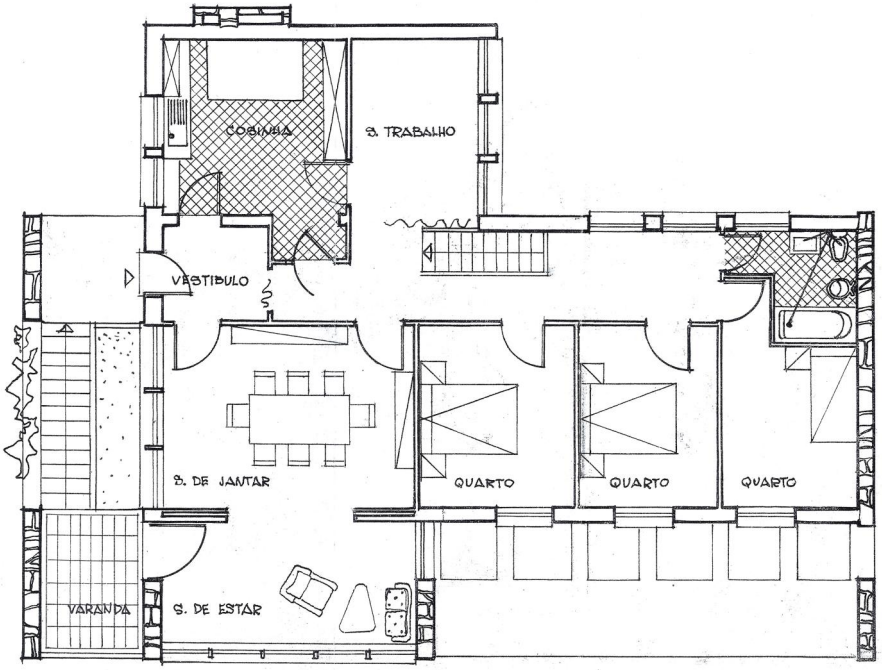
Rua Nossa Sra. da Boa Viagem, 767 – Beiriz
Póvoa de Varzim

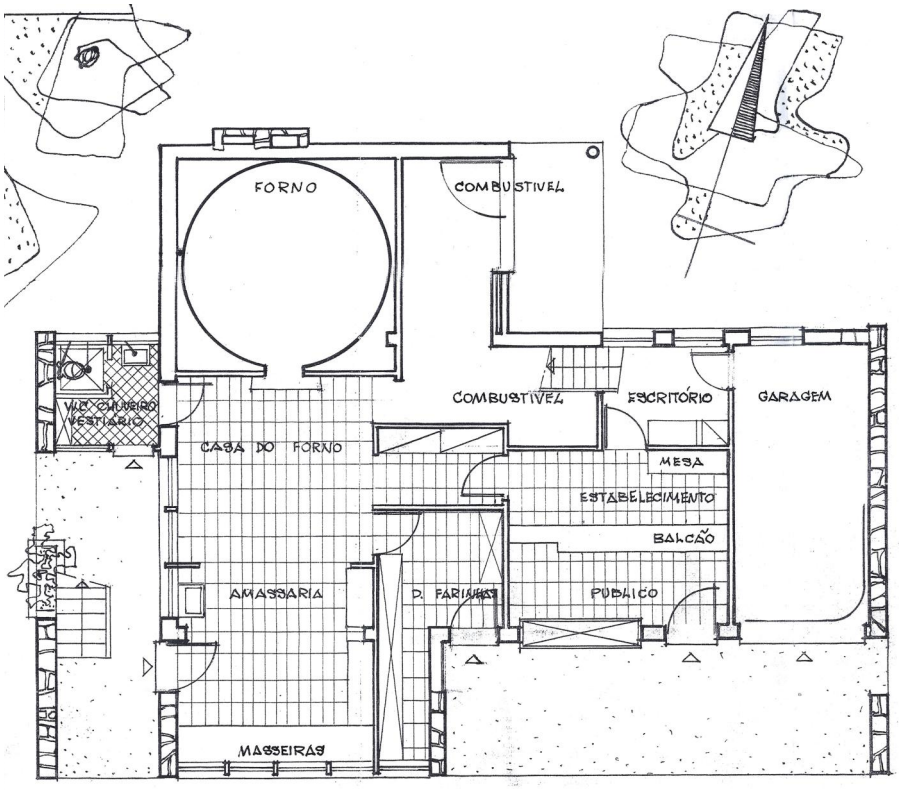
Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 16(19)

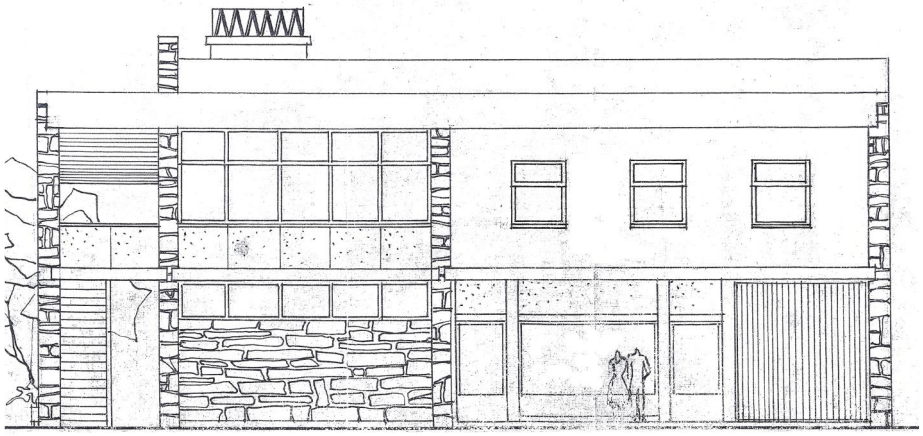
01. Planta do 1º piso
02. Planta do rés-do-chão
03. Alçado principal
04. Planta de implantação s/ escala

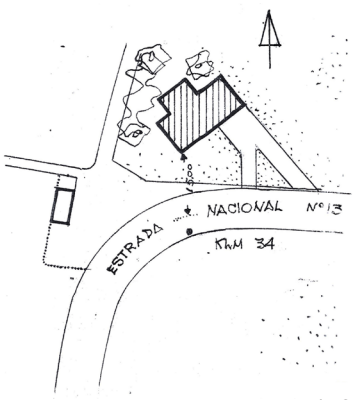
01
02
03 **04**





0 0.5 1 m





PT.07

Casa Emílio Campos com Oliveira Martins

1949

construído

Rua da Malaca, 58
Porto

Desenhos

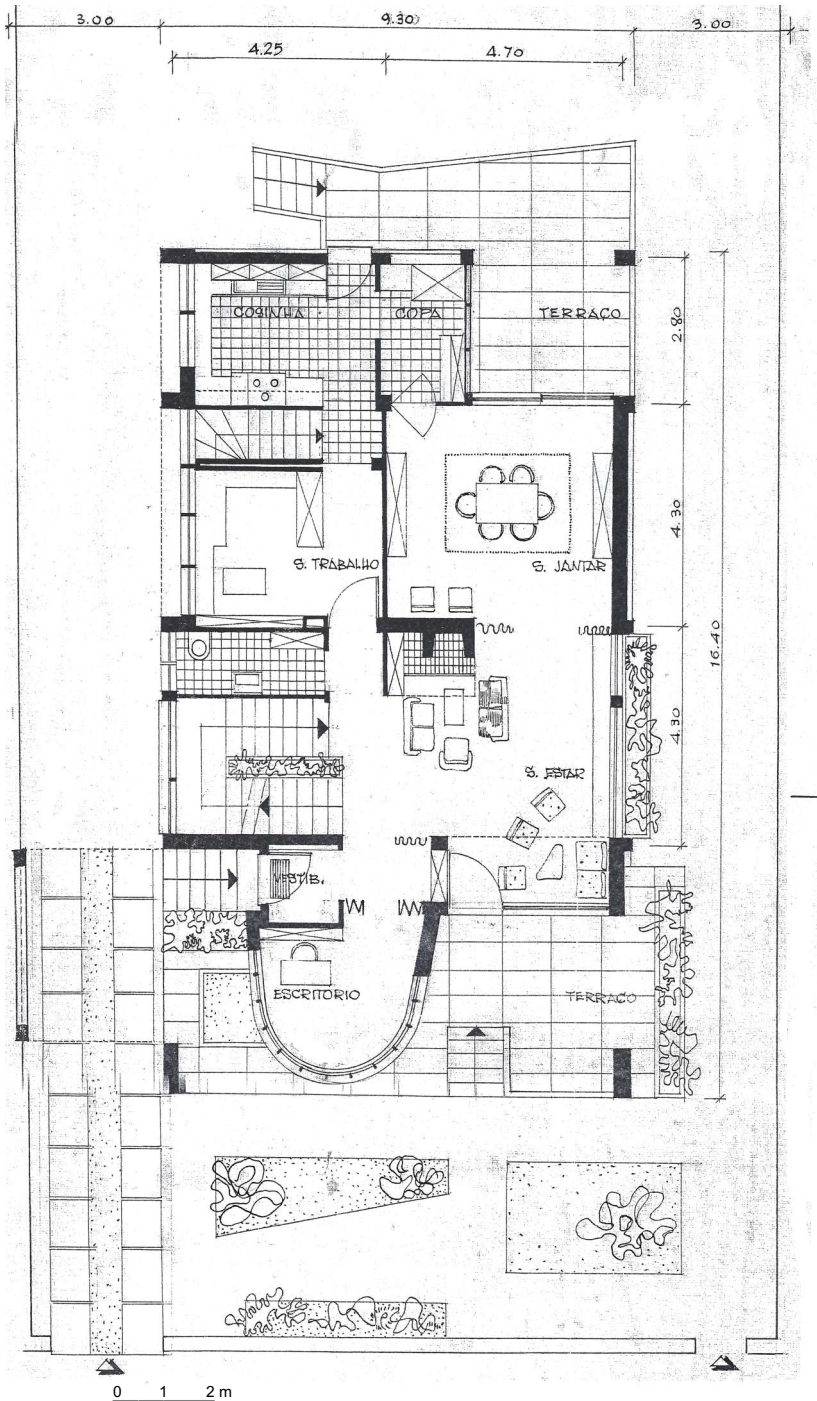
© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 17207/19 de dezembro de 1949

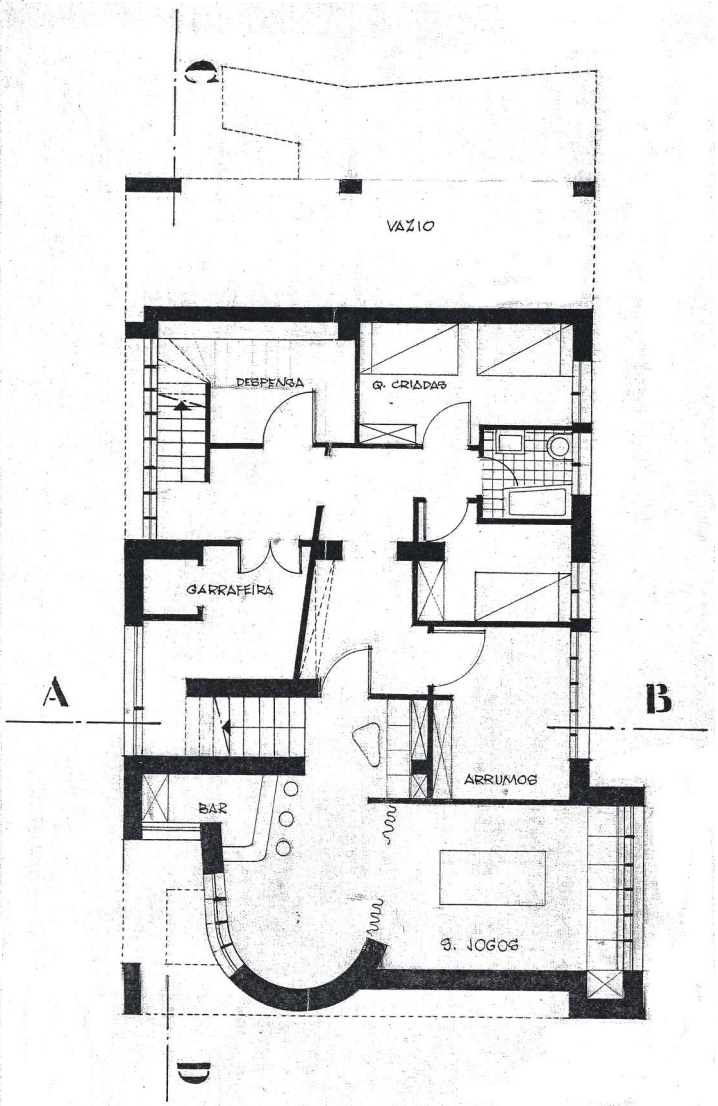
01. Planta de rés-do-chão
02. Planta da cave
03. Planta do 1º piso
04. Alçado frontal

Fotografias

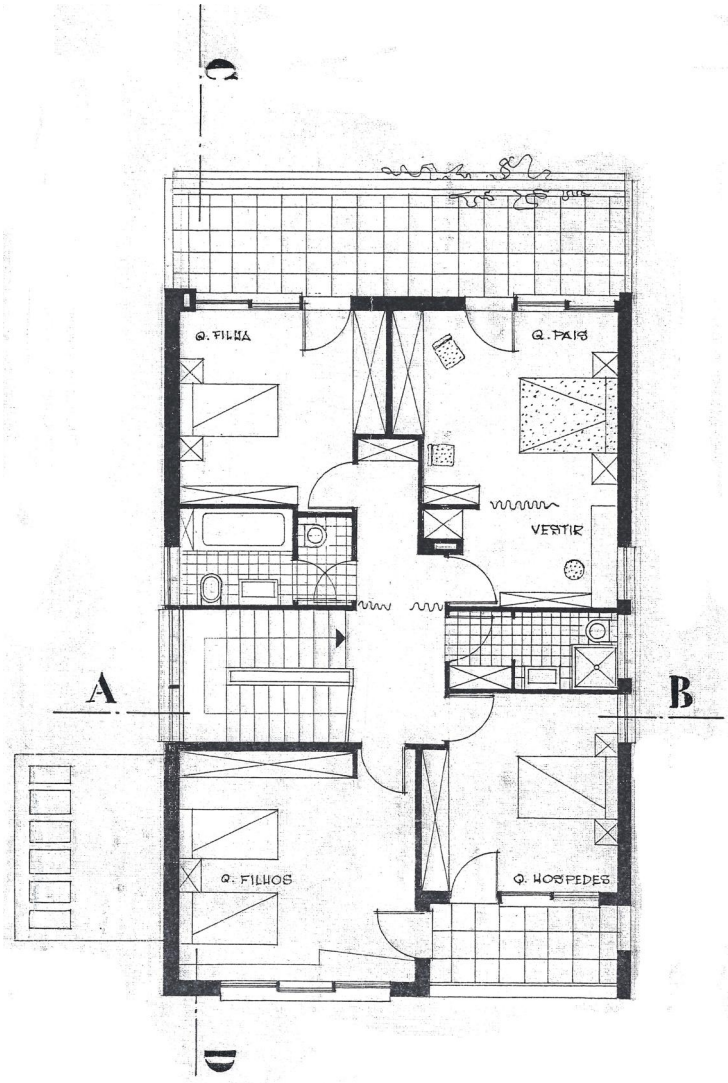
© Autor. 16 de julho de 2023

01. Fachada principal


3.00
9.30
3.00
4.25
4.70
COZINHA
COPA
TERRAÇO
S. TRABALHO
S. JANTAR
S. ESTAR
VESTIB.
ESCRITORIO
TERRAÇO
2.80
4.30
4.30
16.40
0 1 2 m


VAZIO
DEPENSA
Q. CRIADAS
GARRAFEIRA
A
B
ARRUMOS
BAR
S. JOGOS

03
04







PVZ.24

Casa Emeliano José de Faria

1949

construído

Rua de Carlos Alberto, 31
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 16(77)

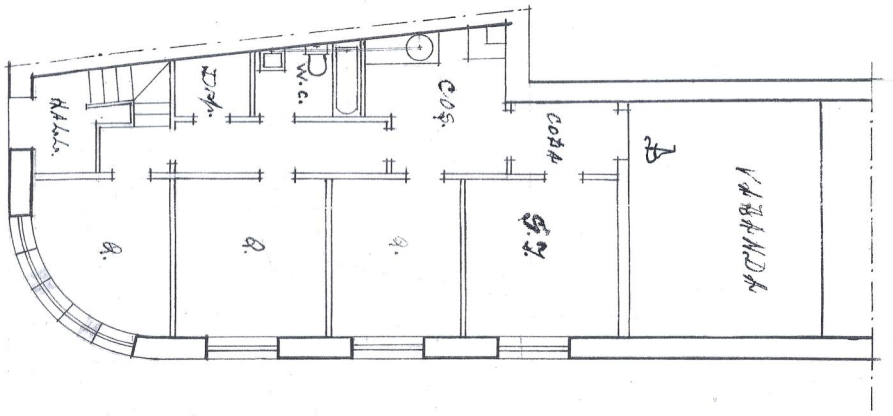
01. Planta do 1º piso
02. Alçado principal
03. Alçado lateral

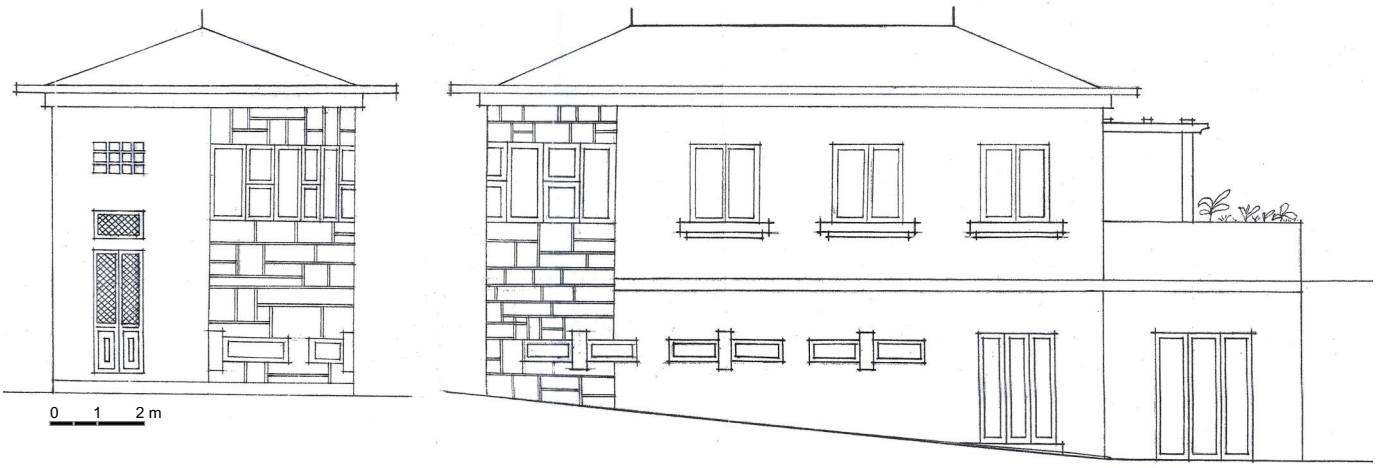
Fotografias

© Autor. 04 de setembro de 2023

01. Vista da rua

01
02 03





ft01



160

PVZ.25

Monumento a Eça de Queiroz com O. Martins e A. Rocha - escultor

1950

não construído [2º classificado]

Praça do Almada
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

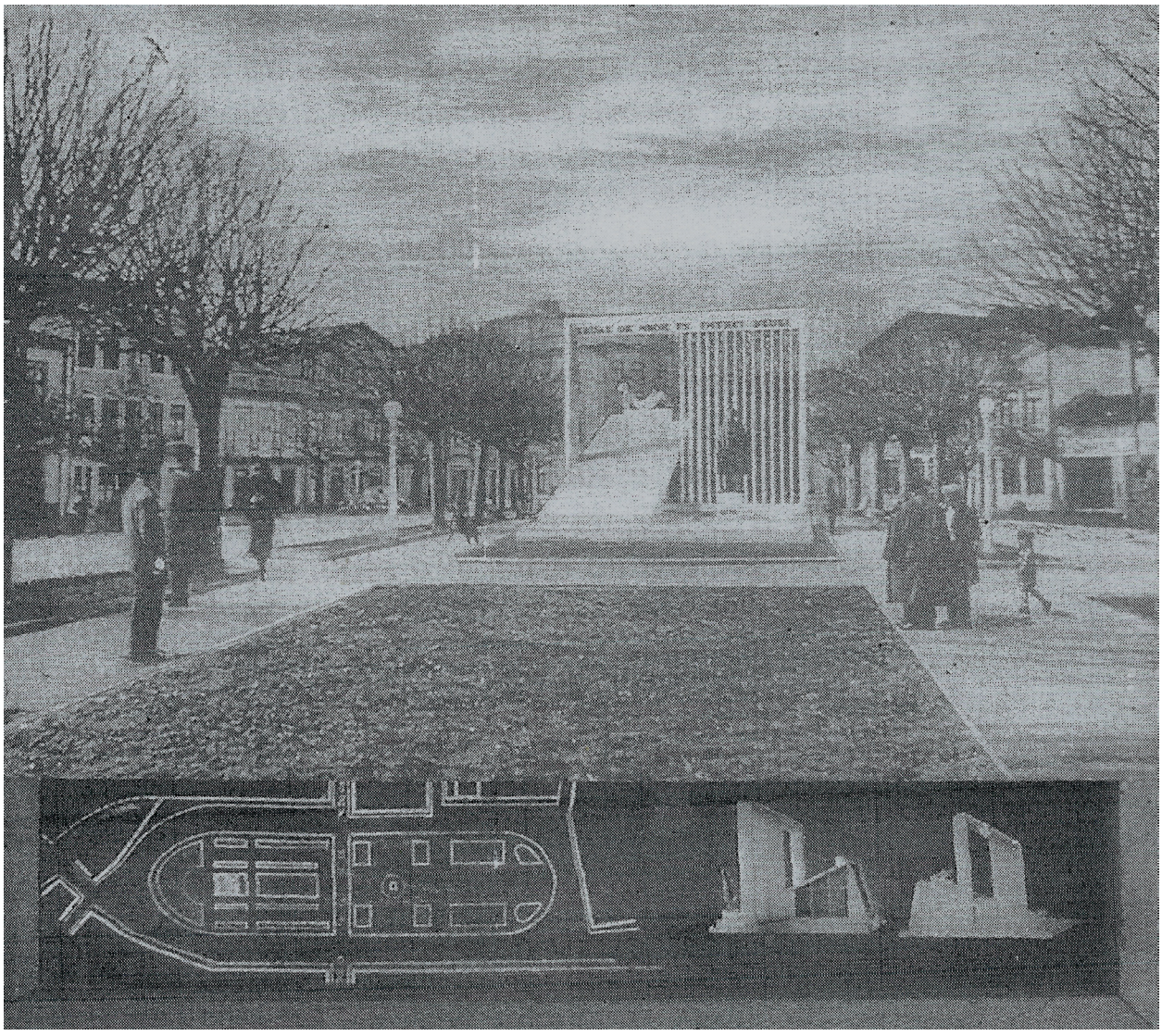
01. Fotomontagem, implantação e fotografias da maquete s/escala

Fotografias

© Autor. 04 de setembro de 2023

01. Proposta vencedora, de Victor Palla, Bento d'Almeida e Leopoldo de Almeida


A EÇA DE
QVEIROZ



PT.08

Edifício Albano Ramos com Oliveira Martins

1950

construído

Rua de Sousa Pinto, 228
Porto

Desenhos

© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 690/12 de janeiro de 1950

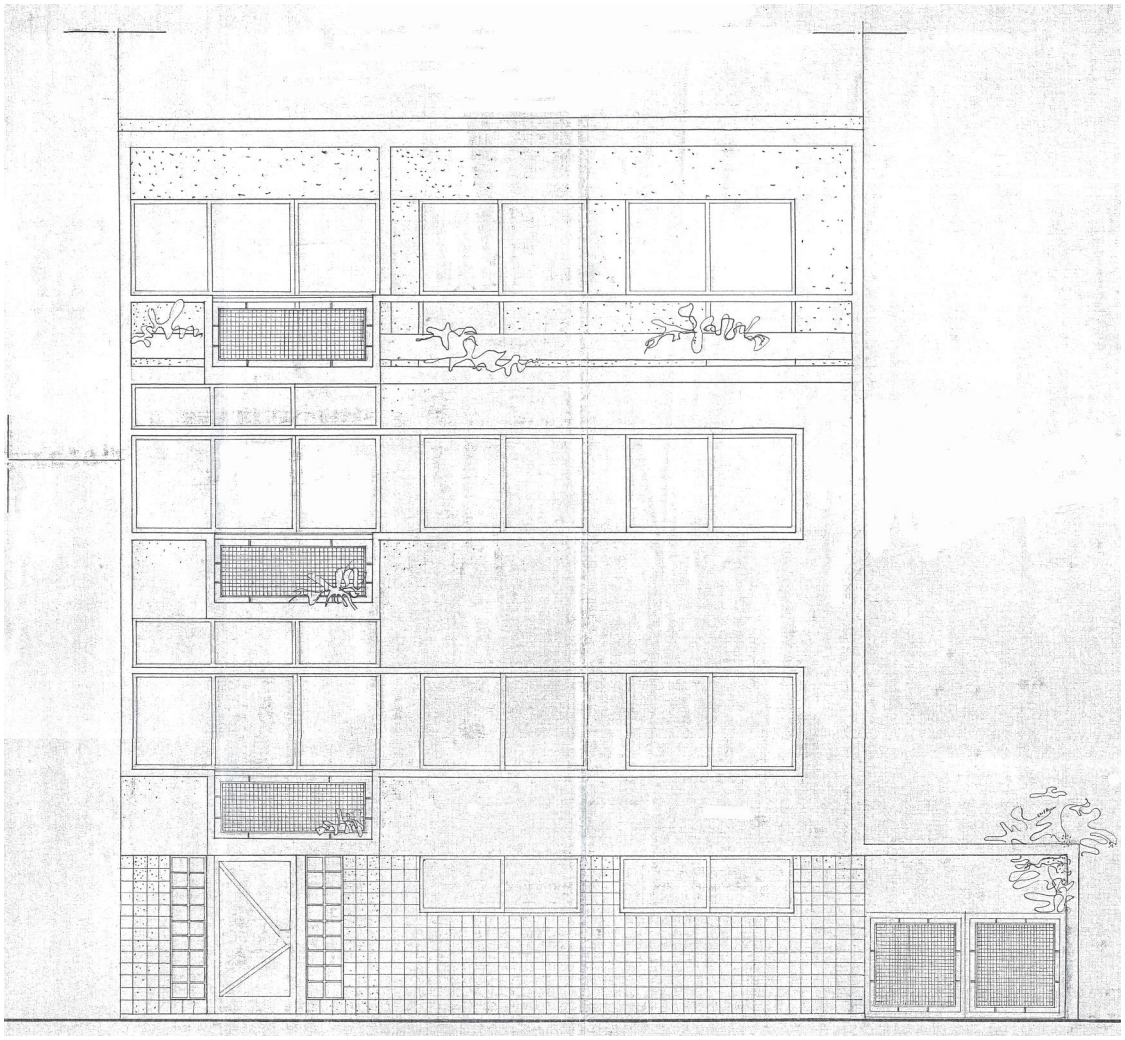
01. Alçado principal
02. Planta de rés-do-chão
03. Planta do 1º e 2º pisos
04. Planta do 3º piso

Fotografias

© Autor. 15 de julho de 2023

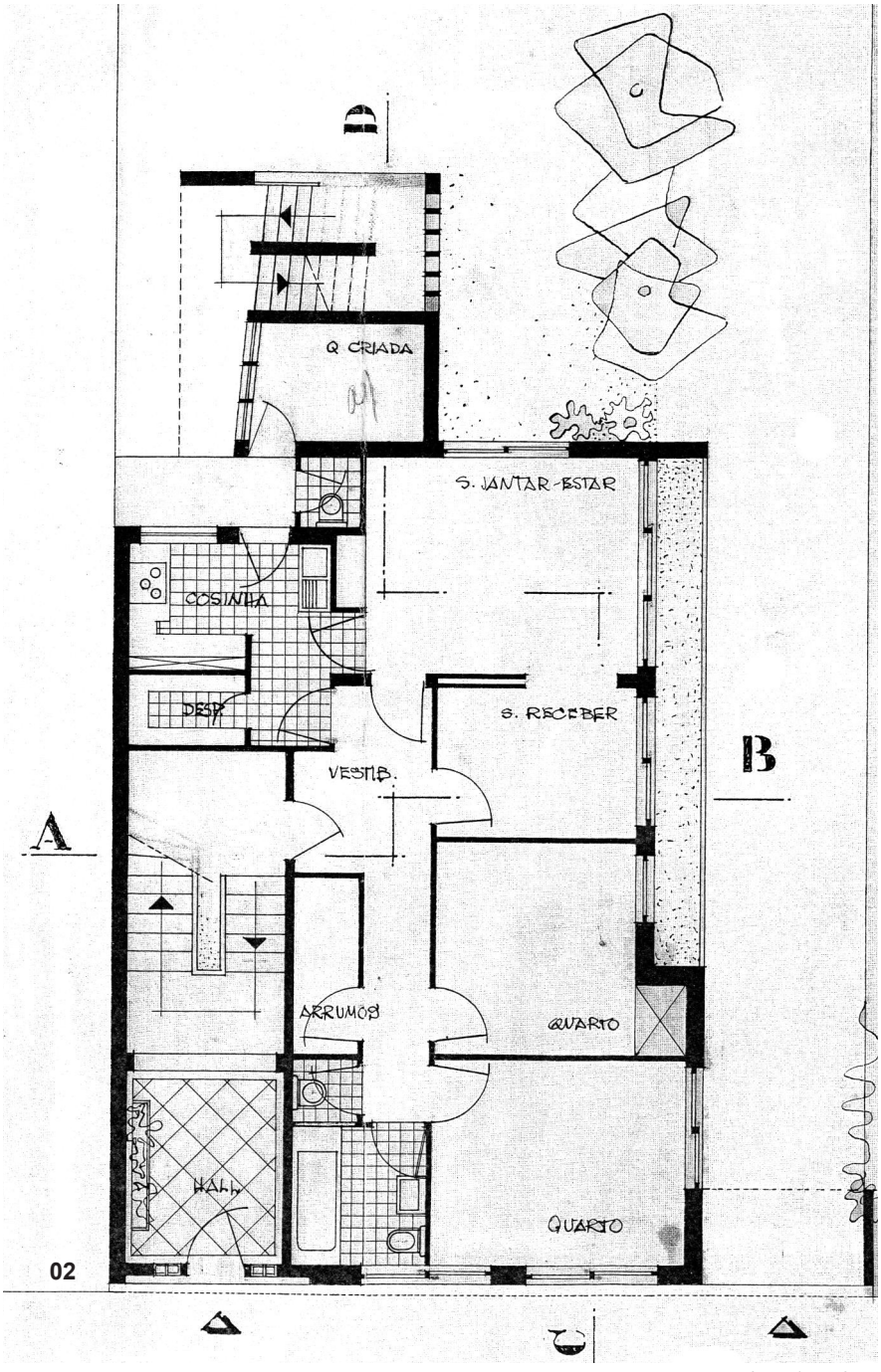
01. Vista a partir da rua
02. Pormenor da fachada principal

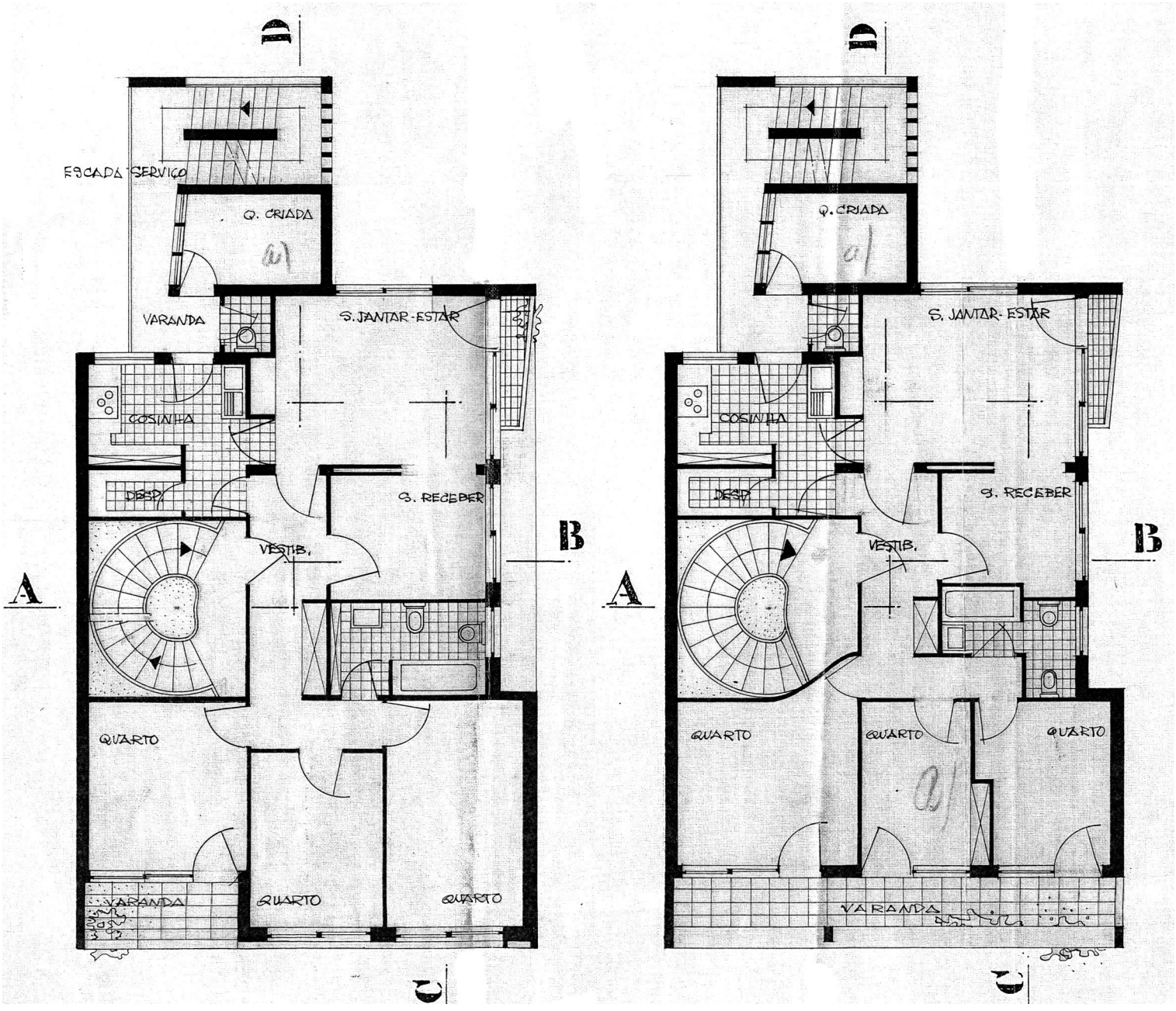
01



0 1 2 m

02


Q. CRIADA
S. JANTAR-ESTAR
COSINHA
DESP.
S. RECEBER
VESTIB.
A
B
ARRUMOS
QUARTO
HALL
QUARTO
02
0 1 2 m


D
ESCADA SERVIÇO
Q. CRIADA
VARANDA
S. JANTAR-ESTAR
COSINHA
DESP.
S. RECEBER
VESTIB.
A
B
QUARTO
VARANDA
QUARTO
QUARTO
C
D
Q. CRIADA
S. JANTAR-ESTAR
COSINHA
DESP.
S. RECEBER
VESTIB.
A
B
QUARTO
QUARTO
QUARTO
VARANDA
C

ft01





PT.09

Ampliação do Armazém Alves Quelhas com O. Martins

1950

sem certeza

Rua Miguel de Bombarda, 410
Porto

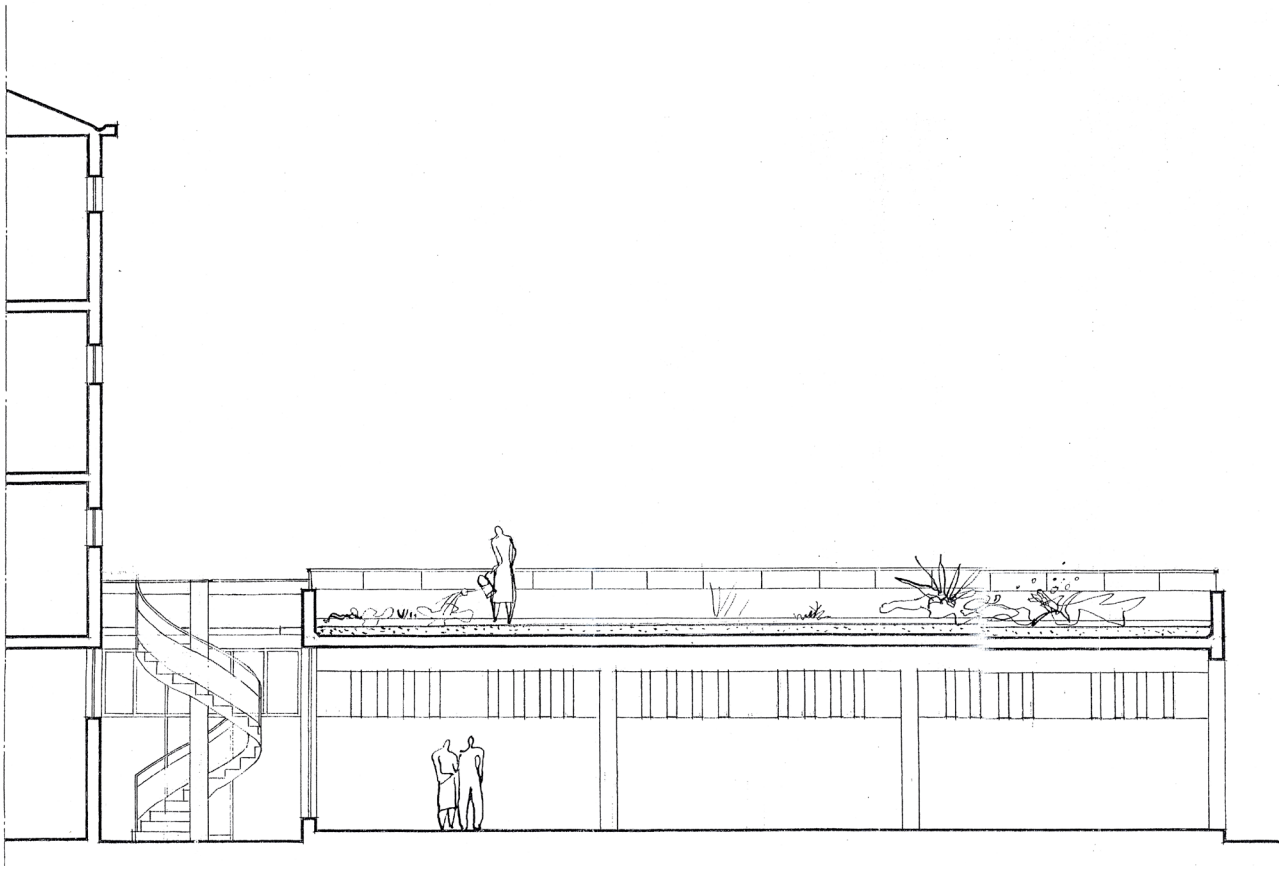
Desenhos

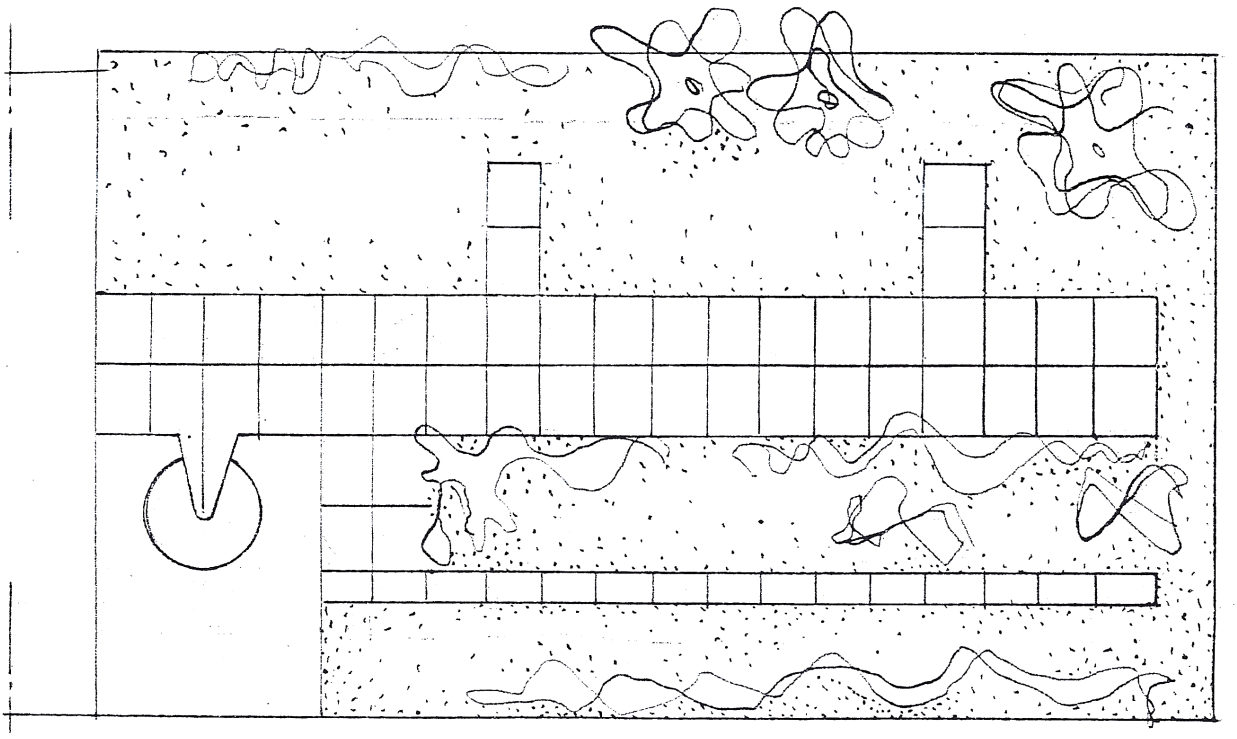
© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 8336/19 de maio de 1950

01. Corte longitudinal s/ escala

02. Planta de cobertura s/ escala

01
02





PT.10

Edifício Francisco Alves Peixoto com Oliveira Martins

1950

não construído

Rua do Amparo / Praça das Flores
Porto

Desenhos

© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 9306/1950

01. Planta de rés-do-chão

A. acessos **E.** estabelecimentos 1. arrumos **G.** garagem H. porteiro 1. hall 2. cozinha 3. sala comum 4. quarto **AR.** armazém 1. escritório 2. arrumos

02. Planta dos 1º, 2º, 3º e 4º pisos

H. habitação tipo 1. hall 2. sala de estar 3. jantar 4. quartos 5. costura

03. Alçado norte

04. Alçado poente

05. Planta do 5º pisos

AP. apartamentos 1. sala comum 2. quarto **H.** habitação 1. hall 2. escritório 3. sala 4. jantar 5. quartos 6. quarto de empregada

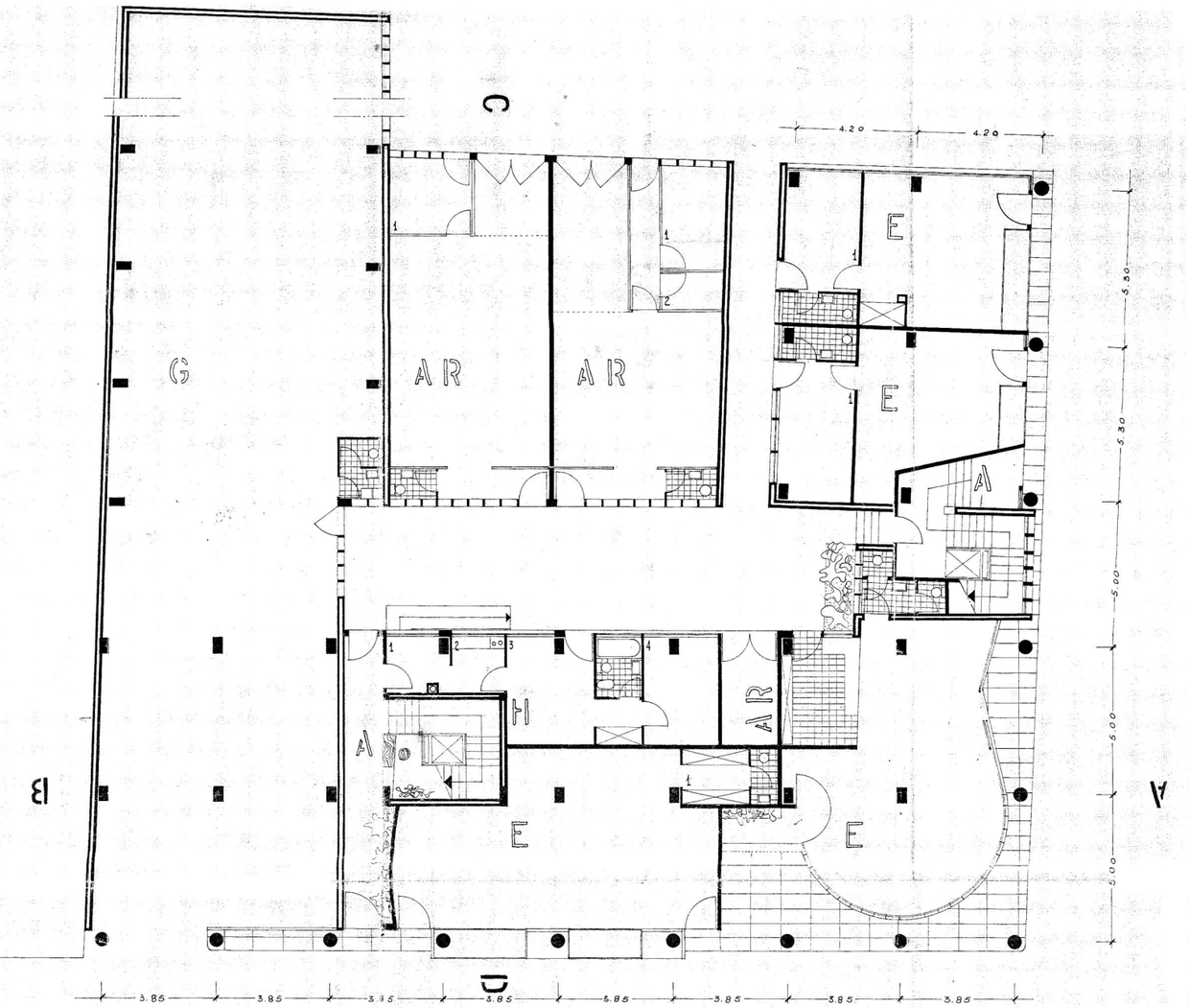
06. Planta de cobertura

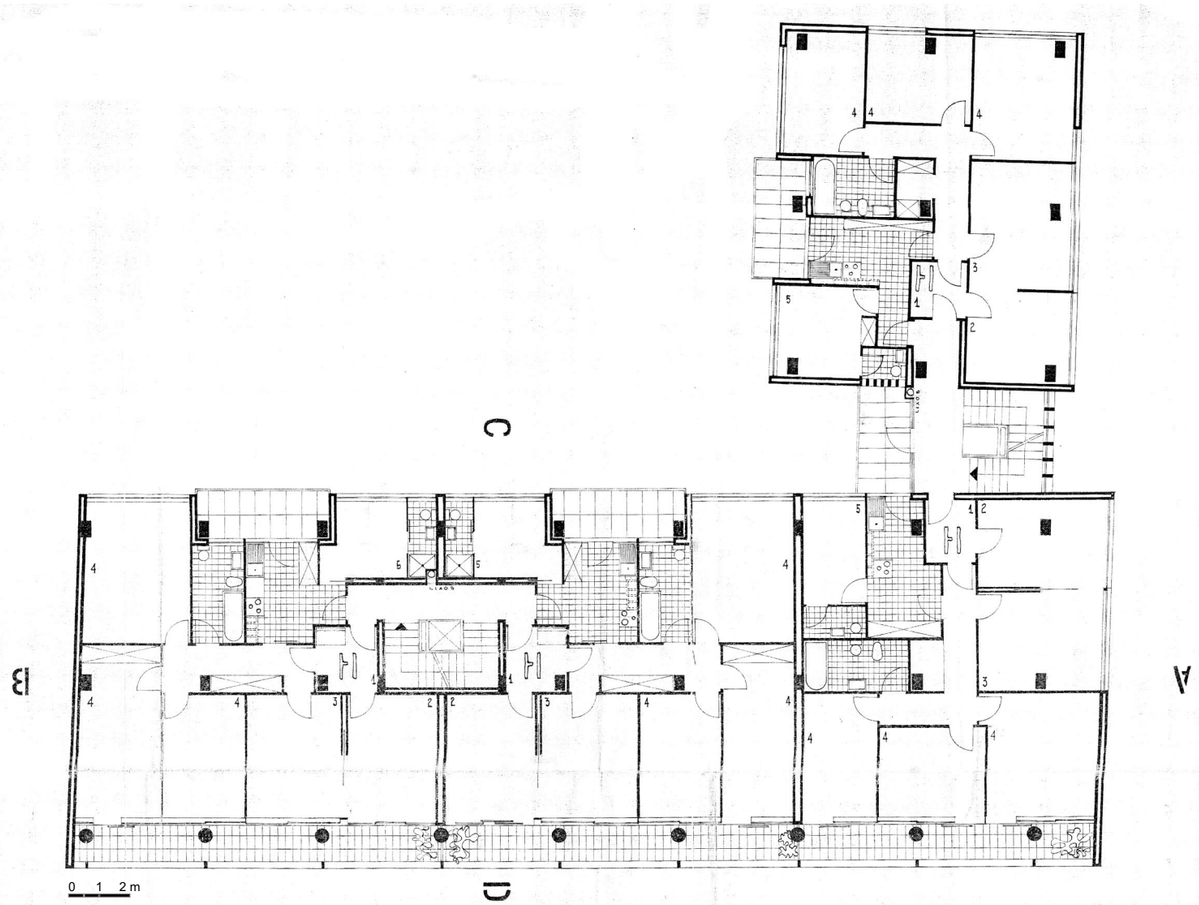
Anexos 1. arrumos 2. roupas 3. costura

07. Corte CD

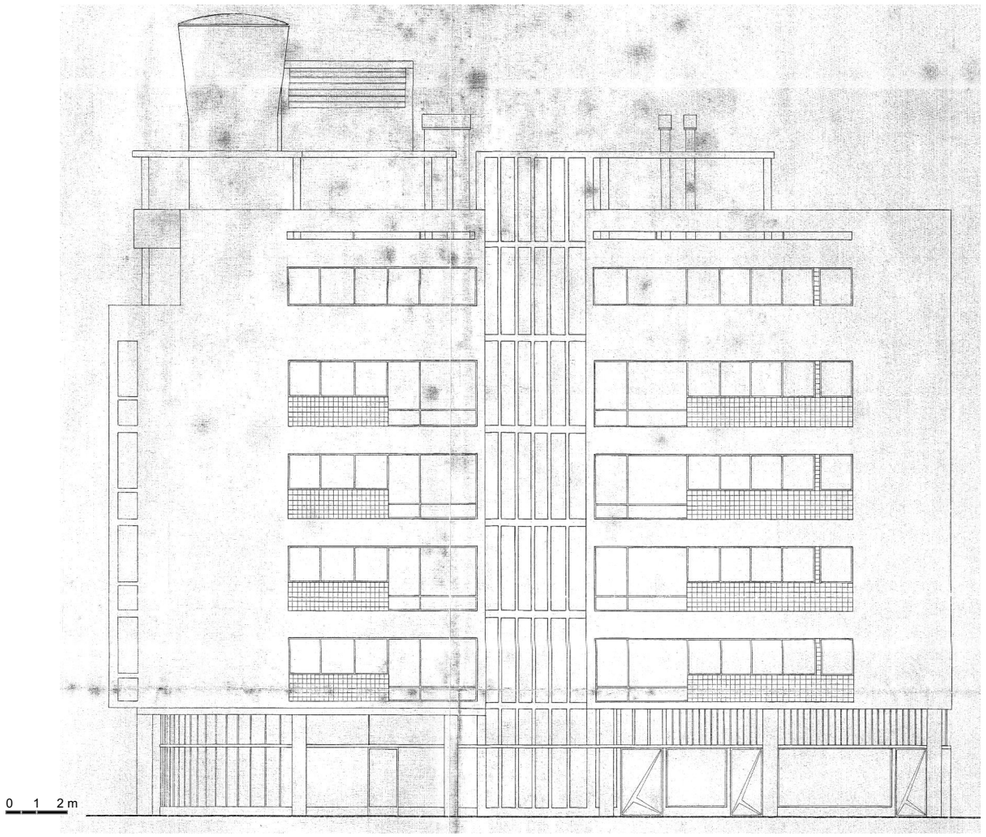
08. Corte AB

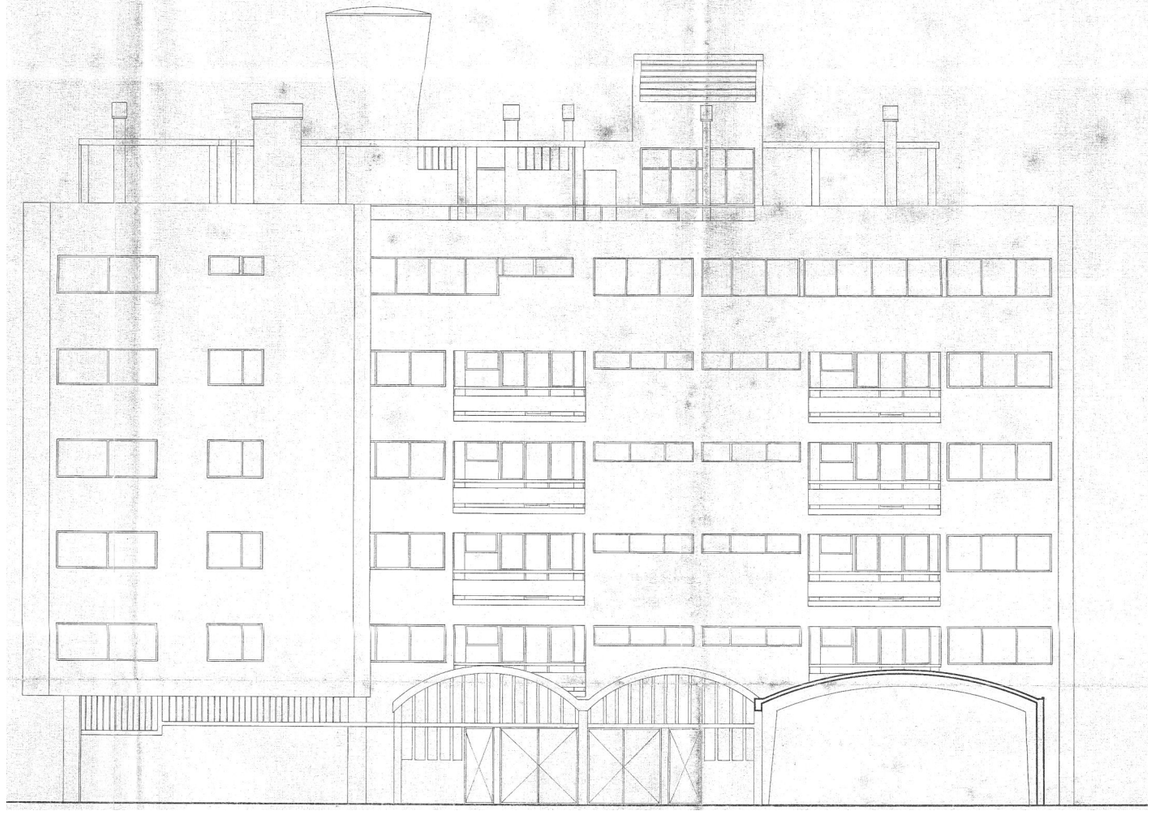
09. Alçado nascente

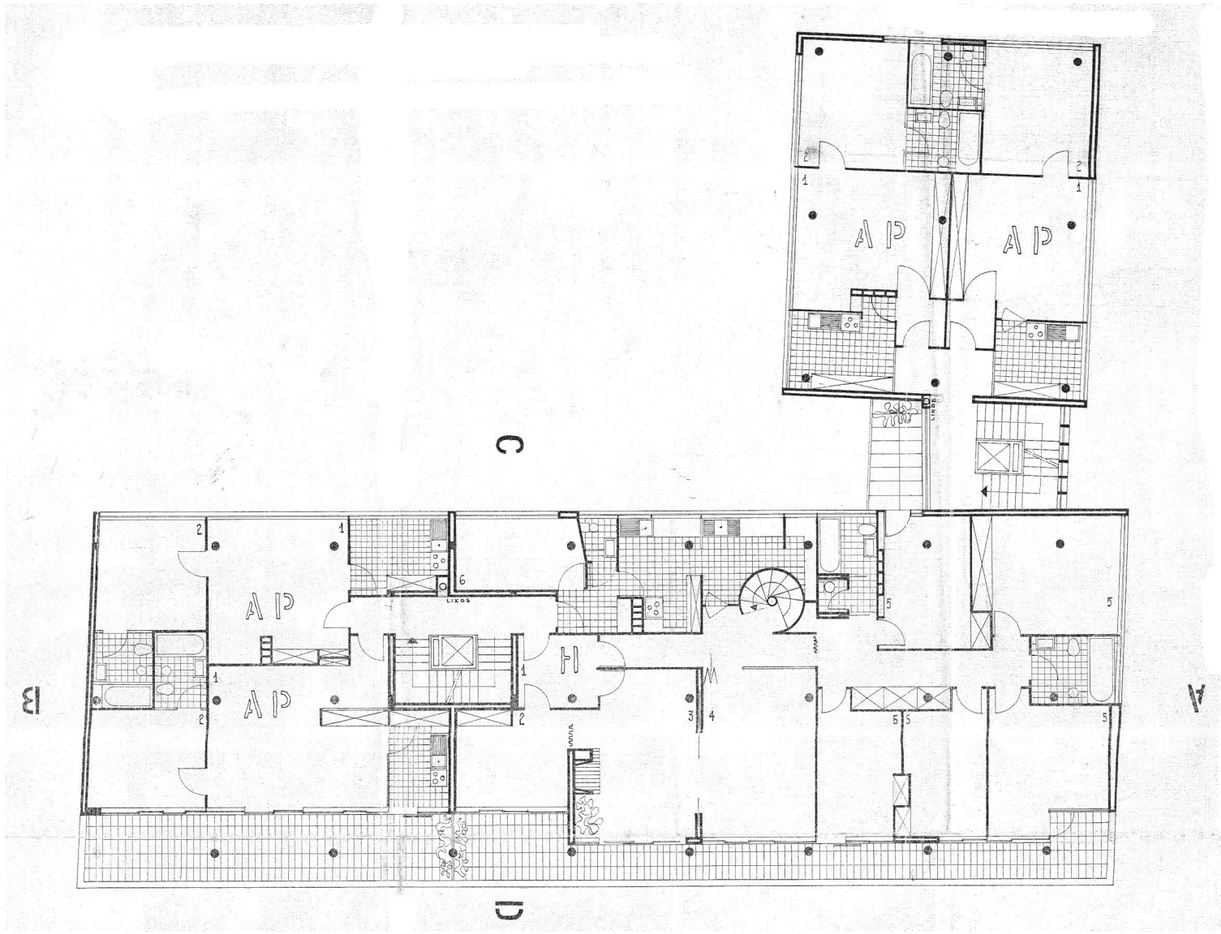

C
G
AR
AR
E
E
A
H
AR
A
E
E
B
A
D
4.20
4.20
5.30
5.30
5.00
5.00
5.00
3.85
3.85
3.85
3.85
3.85
3.85
3.85
3.85

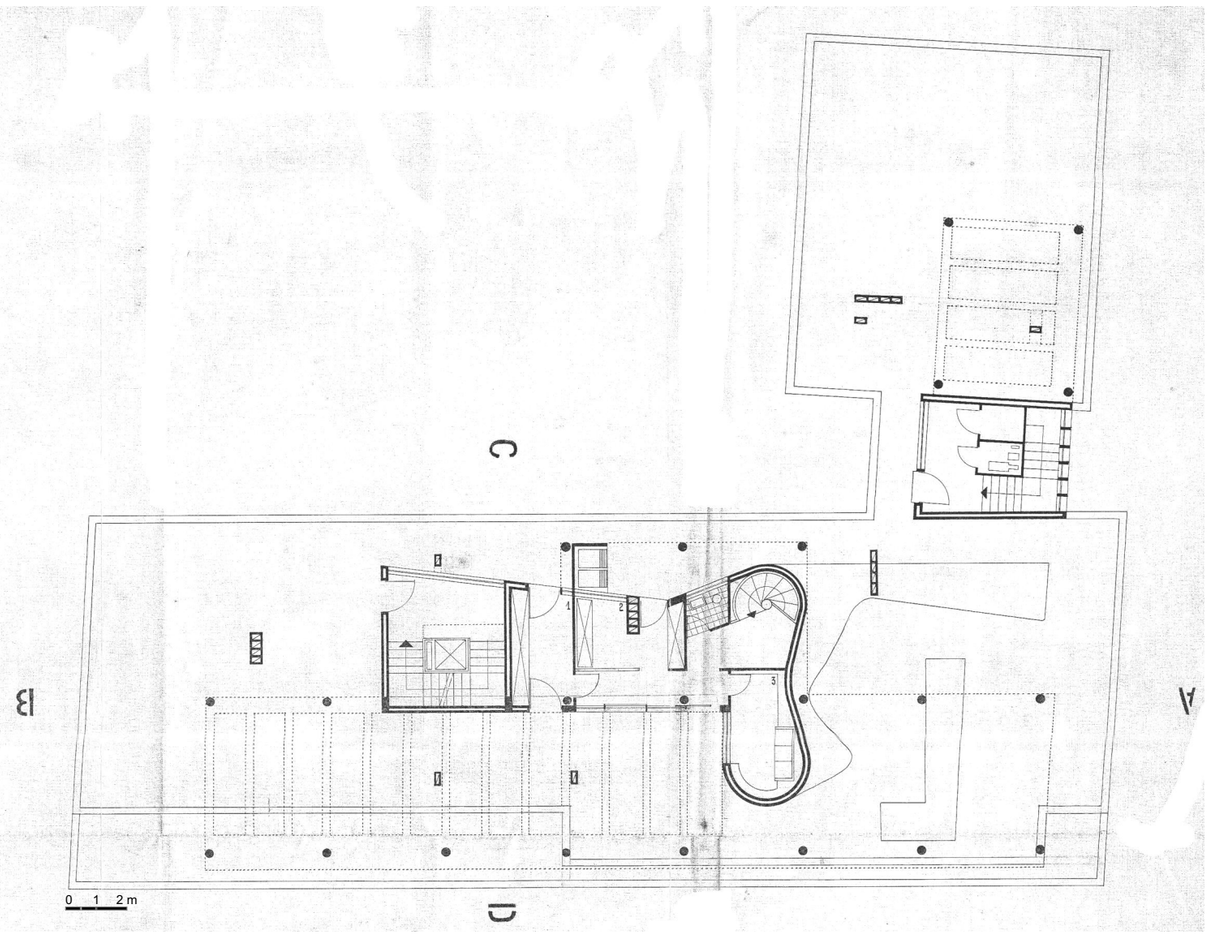

C
H
H
H
B
A
D
0 1 2m

03
04

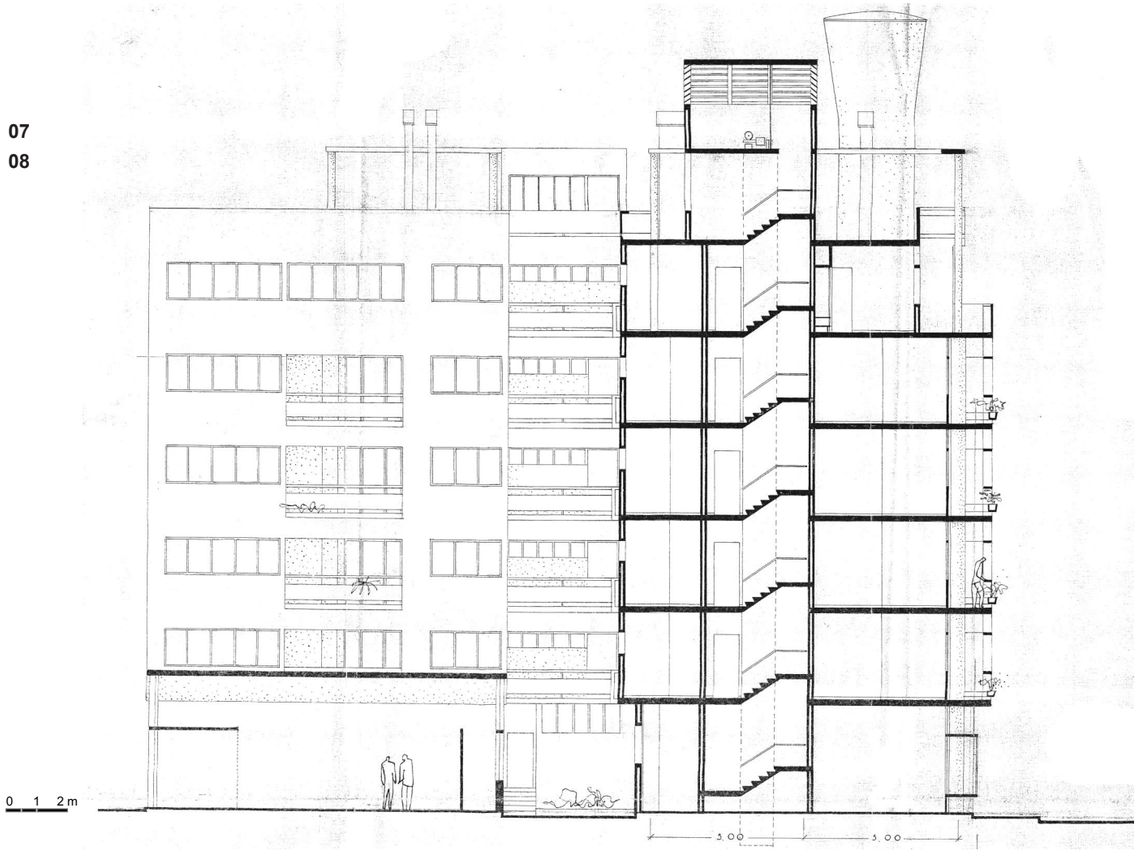


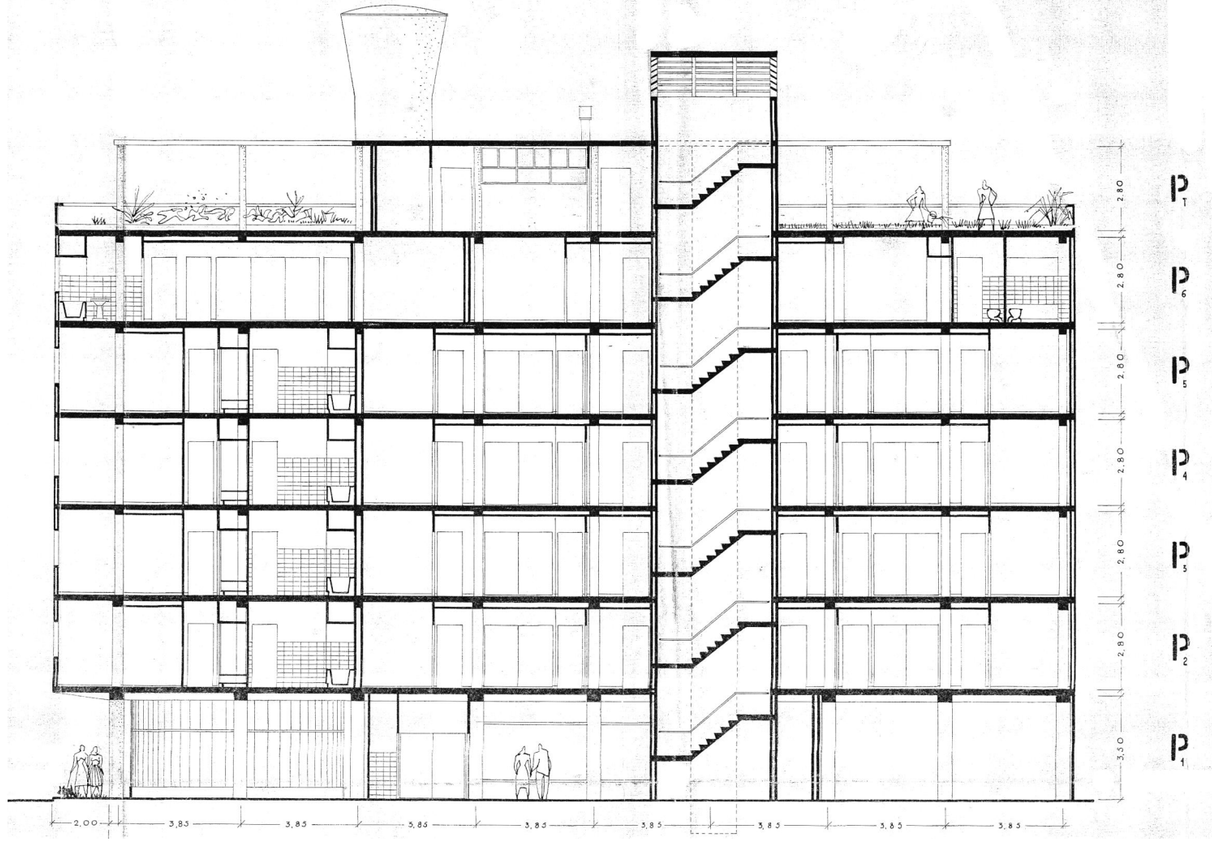


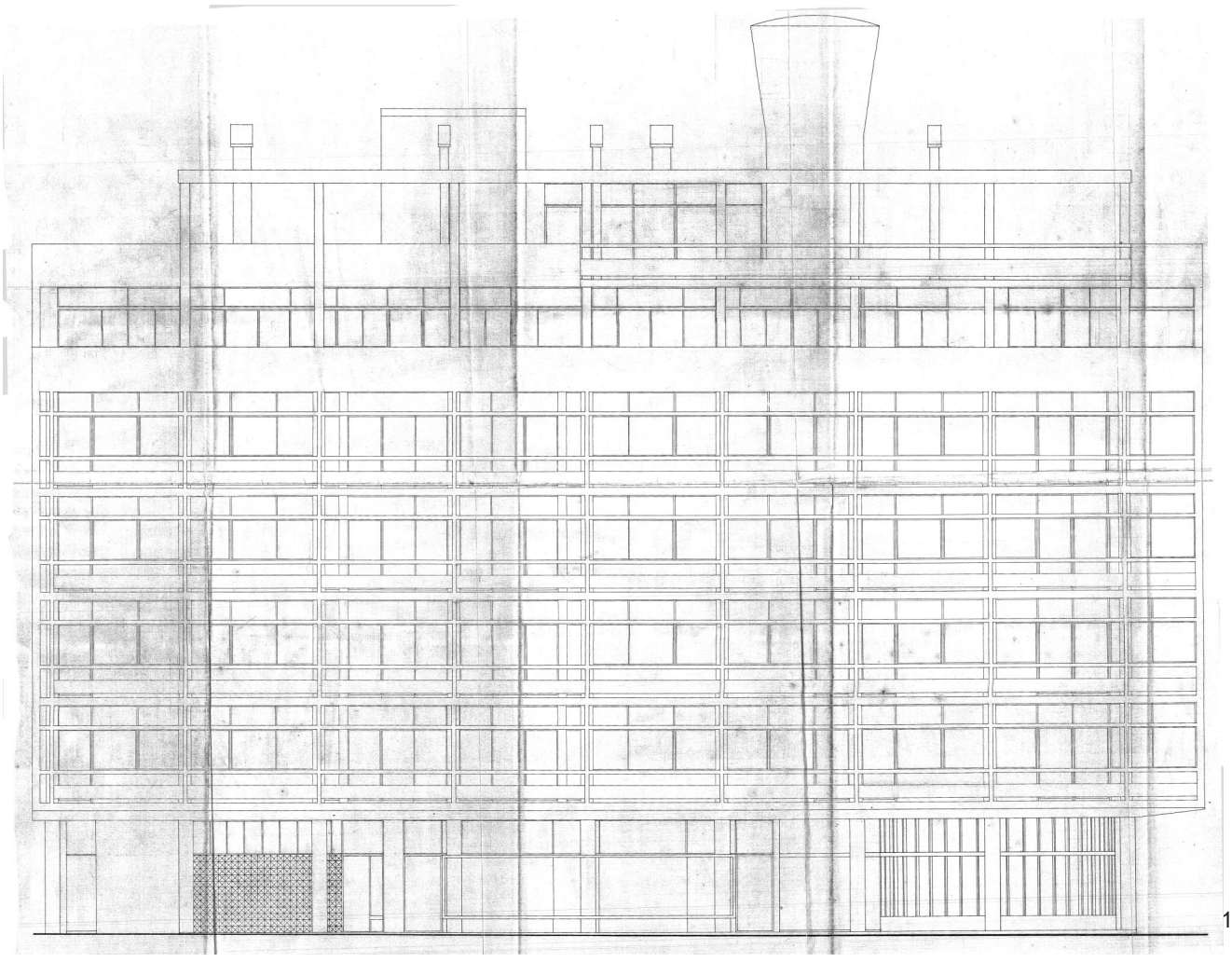

A
B
C
D
AP
AP
AP
AP
H
LIXOS


A
B
C
D
0 1 2 m

07
08


0 1 2m
5.00
5.00


2.00
3.85
3.85
5.85
3.85
3.85
3.85
3.85
3.85
2.80
2.80
2.80
2.80
2.80
3.30
P7
P6
P5
P4
P3
P2
P1



PT.11

Fachada de estabelecimento

1950

sem certeza

Rua da Assunção, 09
Porto

Desenhos

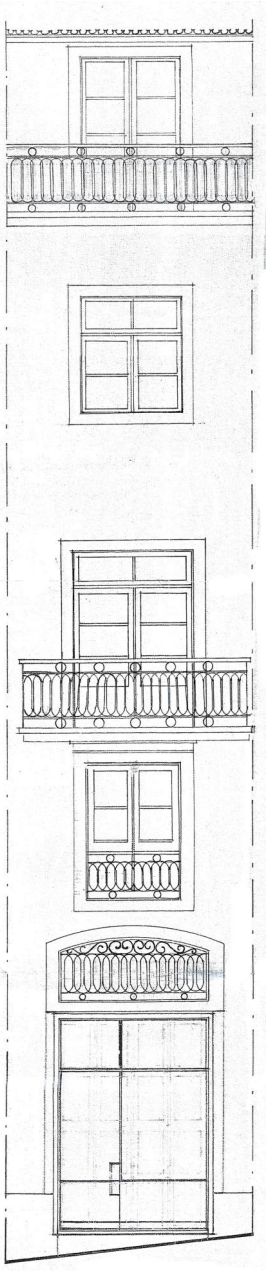
© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto, registo nº 9774/15 de junho de 1950

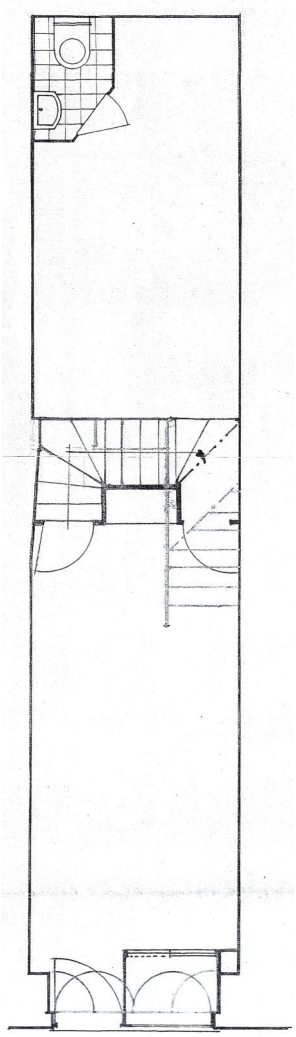
01. Alçado principal

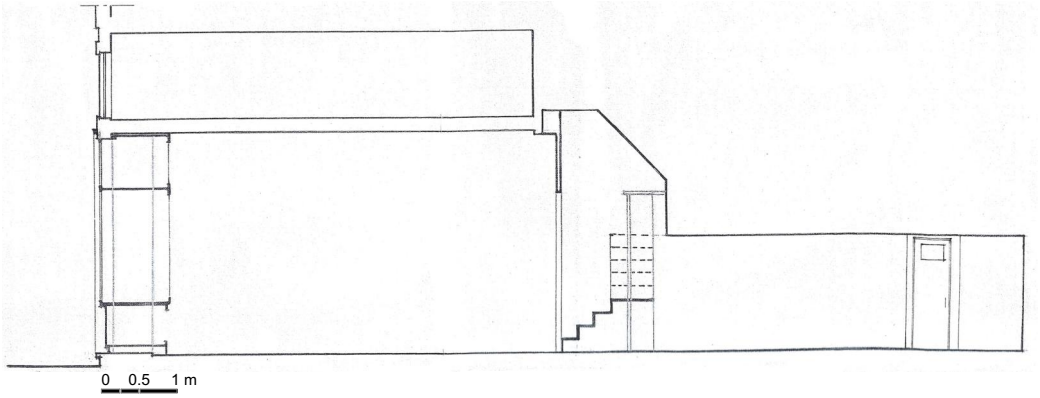
02. Planta de rés-do-chão

03. Corte longitudinal

01 02
03







PVZ.26

Edifício Eugénio de Sá com Oliveira Martins

1950

construído

Rua da Junqueira, 26
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

01. Planta de rés-do-chão
02. Planta de 1º piso

Fotografias

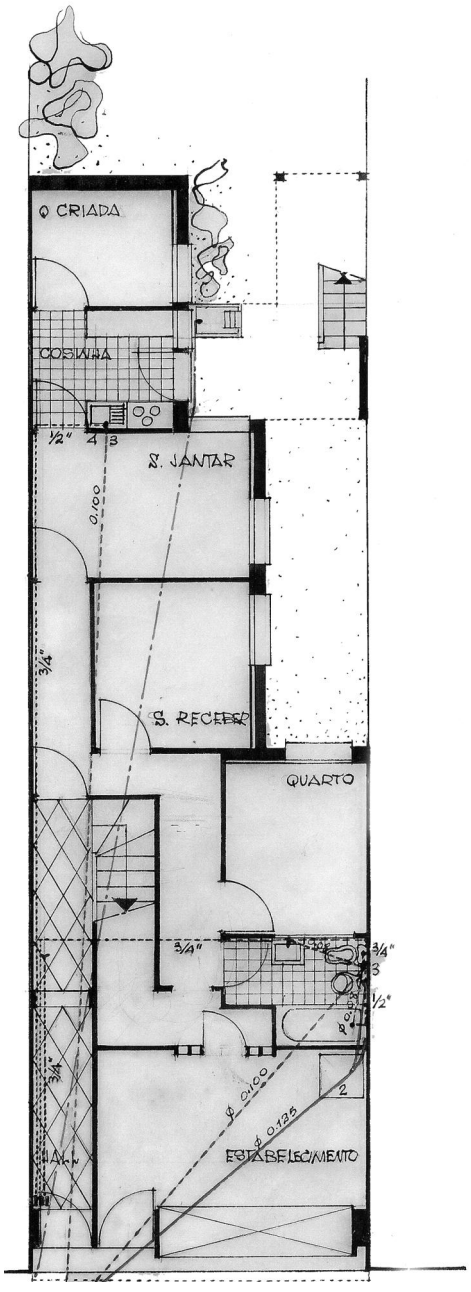
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

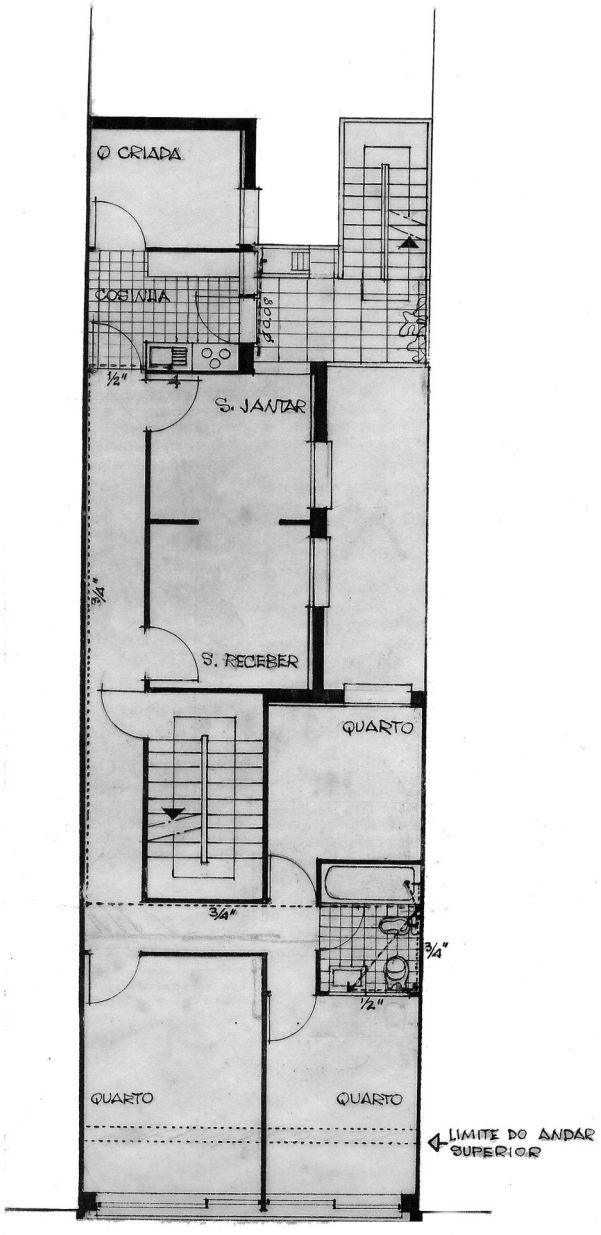
ft01. Fachada principal, à data da construção

© Autor. 20 de maio de 2023

ft02. Pormenor da fachada
ft03. Vista desde a Rua da Junqueira
ft04. Escada

01 02


Q CRIADA
COSINHA
½"
4
3
S. JANTAR
0,100
¾"
S. RECEBER
QUARTO
¾"
¾"
3
½"
2
ESTABELECIMENTO
0 1 2 m


Q CRIADA
COSINHA
½"
4
S. JANTAR
¾"
S. RECEBER
QUARTO
¾"
¾"
½"
QUARTO
QUARTO
LIMITE DO ANDAR SUPERIOR

ft01



ft02
ft03 ft04







PT.12

Edifício Alves Quelhas com Oliveira Martins

1950

construído

Rua do Breiner, 373-377-381
Porto

Desenhos

© Arquivo Geral - Câmara Municipal do Porto

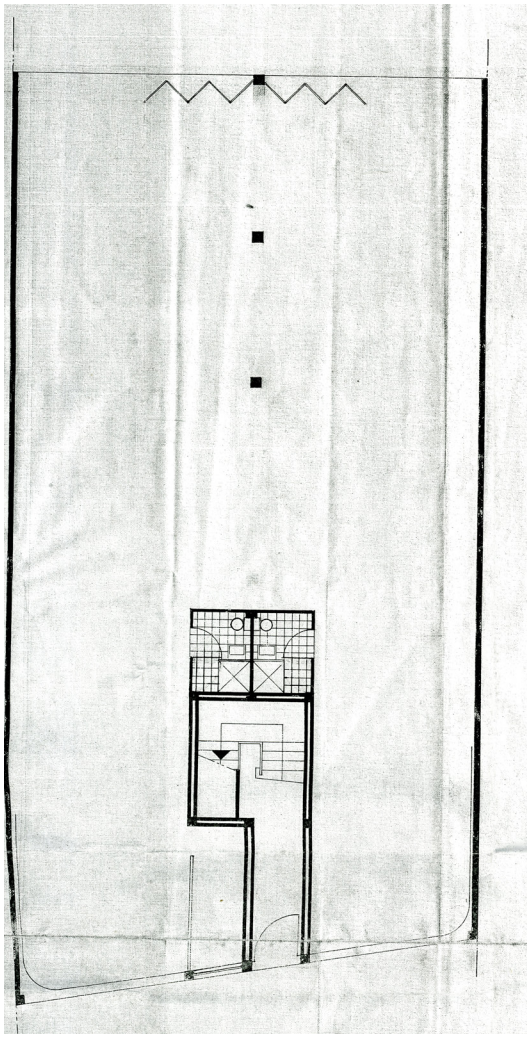
01. Planta de rés-do-chão s/ escala

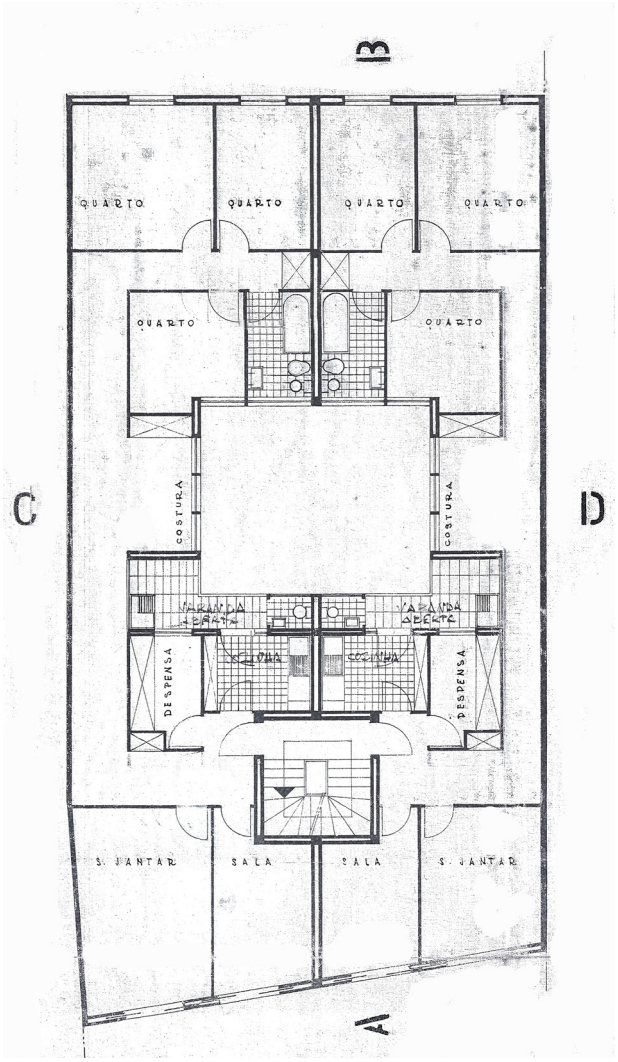
02. Planta de piso-tipo s/ escala

Fotografias

© Autor. 01 de agosto de 2023

ft01. Vista da rua




B
C
D
A
QUARTO
QUARTO
QUARTO
QUARTO
QUARTO
QUARTO
COSTURA
COSTURA
DESPENSA
DESPENSA
S. JANTAR
SALA
SALA
S. JANTAR

ft01



PVZ.27

Casa Dimas com Oliveira Martins

1950

demolido [publicado na *Arquitectura*, 2ª série, nº 47, junho 1953]

Paranho da Areia – Aver-o-Mar
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep.17(44)

01. Planta do rés-do-chão
02. Alçado principal
03. Alçado sul
04. Corte AB

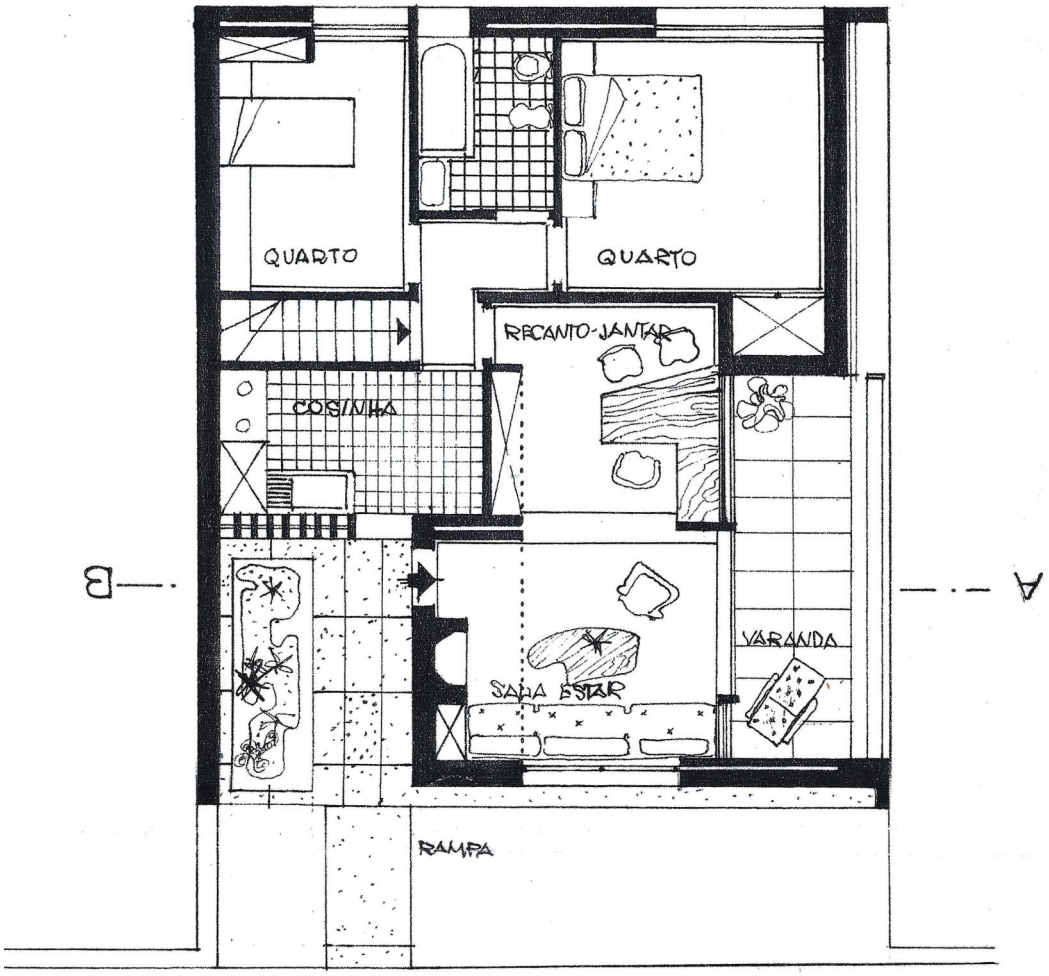
Fotografias

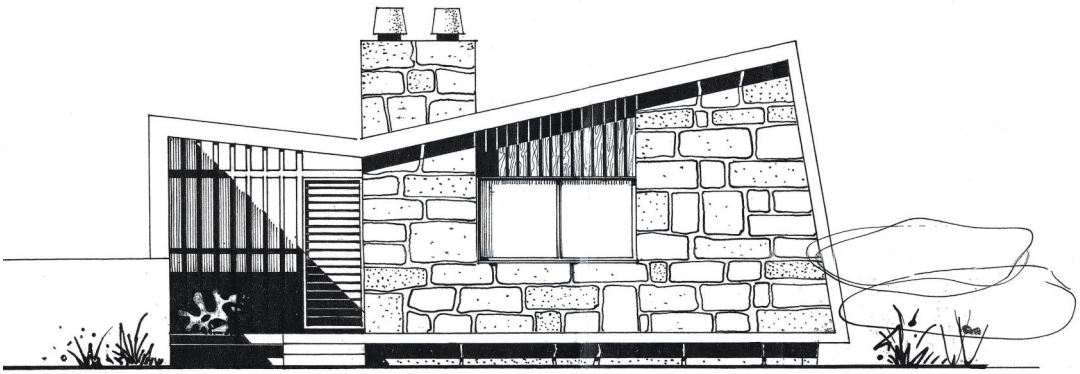
© *Arquitectura*, 2ª série, nº 47, junho 1953

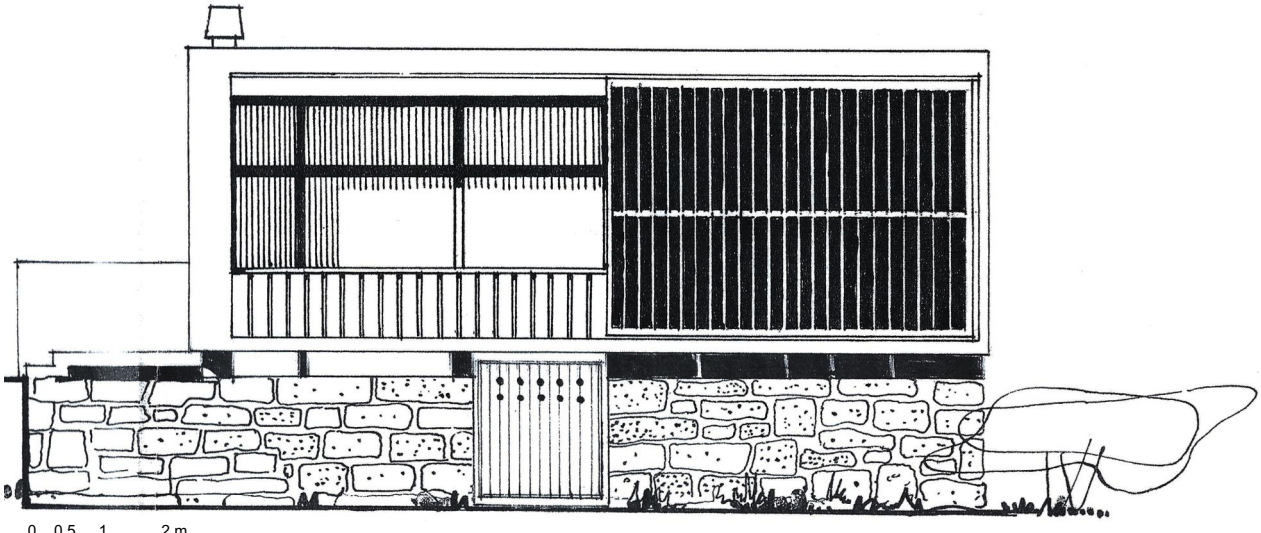
ft01. Páginas 12 e 13

© Acervo José Ribeiro

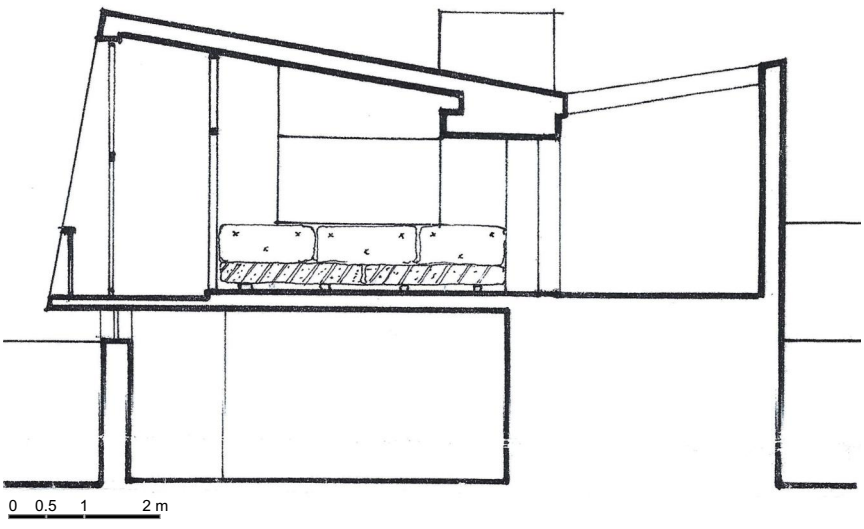
ft02. Vista a partir da praia
ft03 . Vista geral
ft04. Fachada sudoeste com quebra-luz
ft05. Fachada sudoeste com quebra luz recolhido
ft06. Sala de estar com estante
ft07. Fachada sul em construção
ft08. Vista geral


QUARTO
QUARTO
RECANTO-JANTAR
COZINHA
VARANDA
SALA ESTAR
RAMPA
B
A

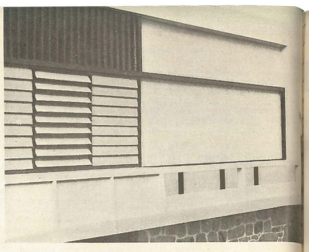


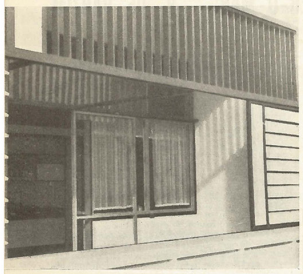

0 0.5 1 2 m

04



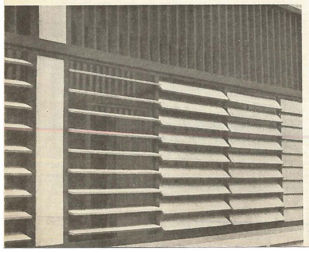
pormenor da fachada SO ▶



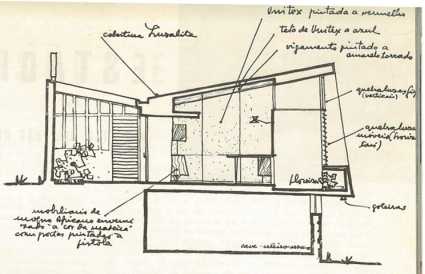


vista do conjunto da varanda ▶

◀ vista da varanda mostrando o efeito dos quebra-sol



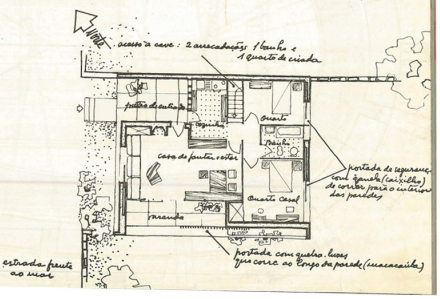
◀ pormenor do painel de correr de quebra-luz móvel



CORTE, ESC. 1/100



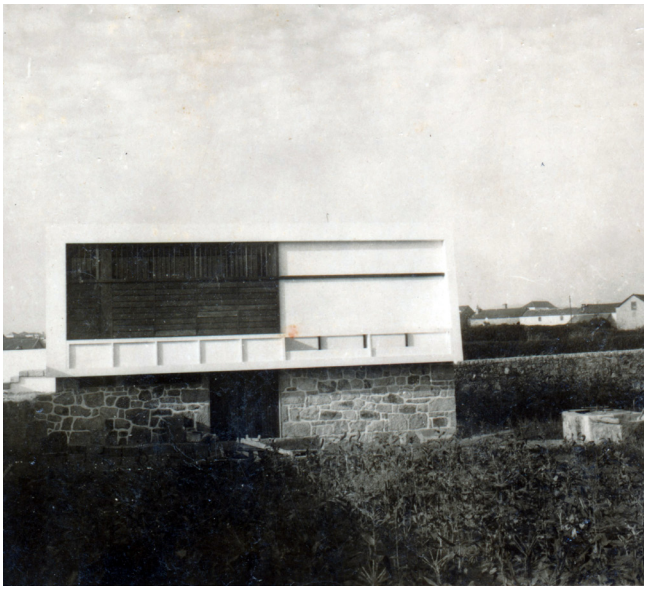
PLANTA, ESC. 1/200

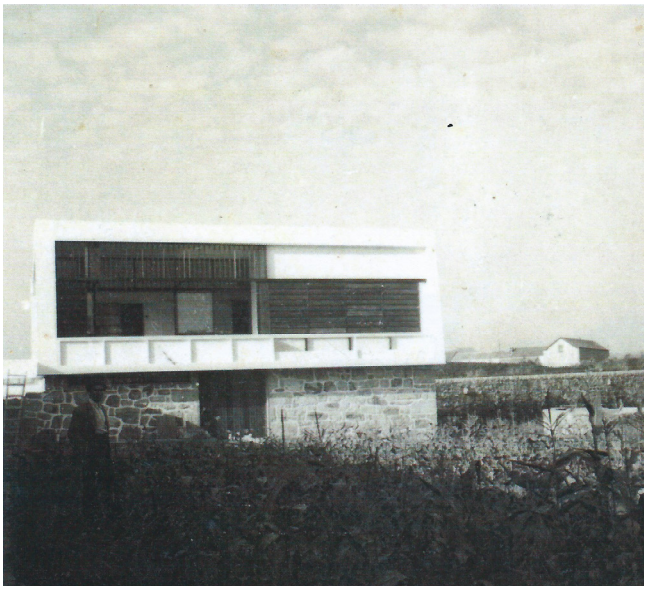




ft03
ft04
ft05







ft06
ft07
ft08







PVZ.28

Casa *Luso-Poveira* com Oliveira Martins

1950

construído

Rua dos Favais, 19B
Póvoa de Varzim

Desenhos

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

01. Alçado principal
02. Plantas do rés-do-chão, 1º piso e cobertura
03. Versão anterior do projeto (variação na cobertura) s/ escala

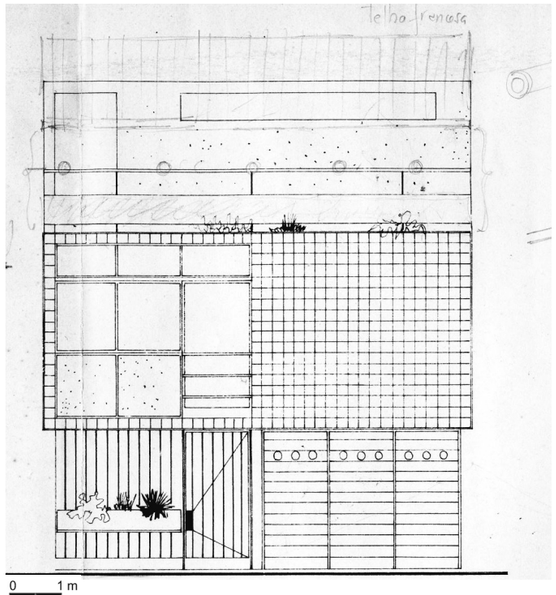
Fotografias

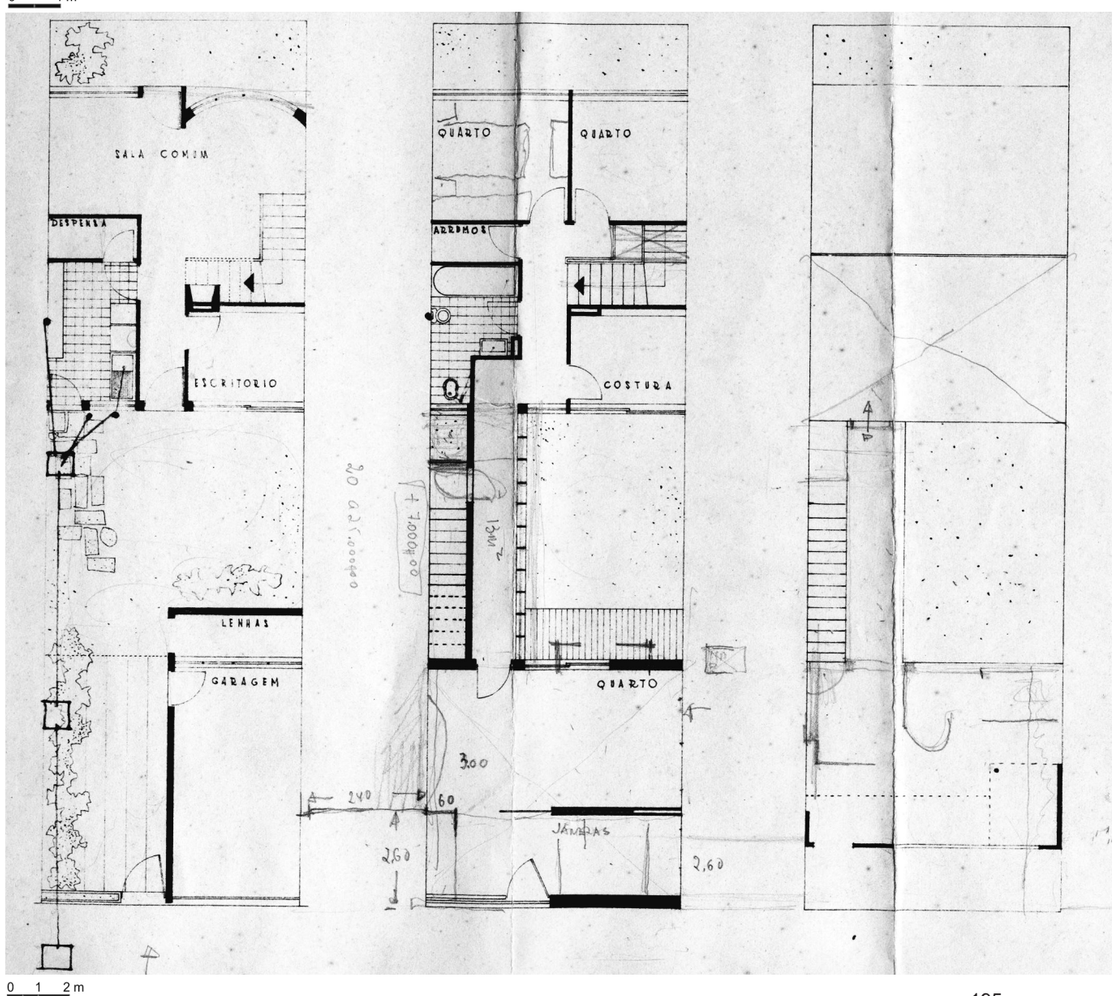
© Acervo José Ribeiro

ft01. Fachada principal
ft02. Portão da entrada
ft03. Passagem para o jardim central
ft04. Jardim central e entrada principal
ft05. Pátio central
ft06. Sala de estar
ft07. Fogão de Sala

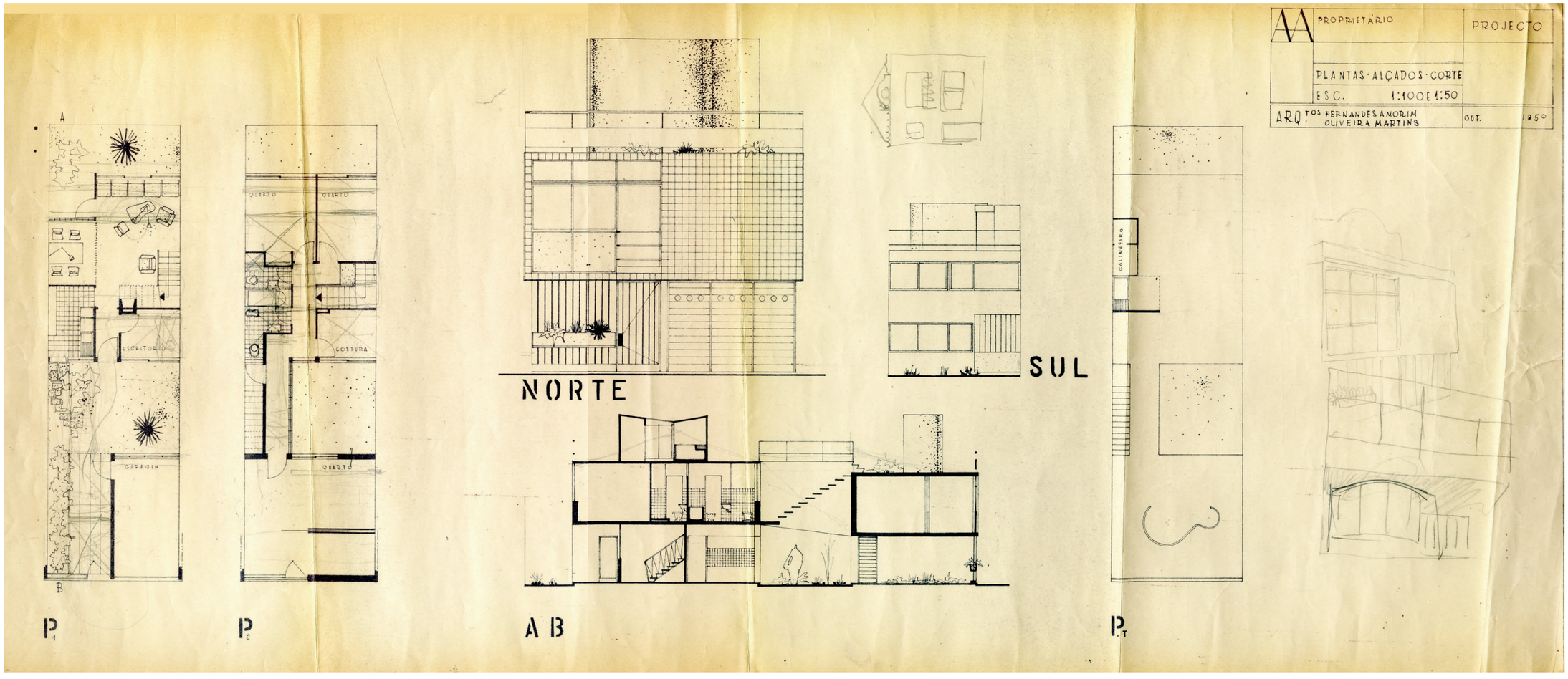
© Autor. 21 denovembro de 2022

ft08. Varanda
ft09. Entrada
ft10. Sala de estar
ft11. Escada
ft12. Cama de casal e mesa de cabeceira, desenhadas por DFA
ft13. Bengaleiro, originalmente na entrada da casa, desenhado por DFA
ft14. Padrão azulejar da fachada principal, possivelmente desenhado por DFA
ft15. Mesa de apoio, desenhada por DFA
ft16. Toucador e banco, desenhados por DFA

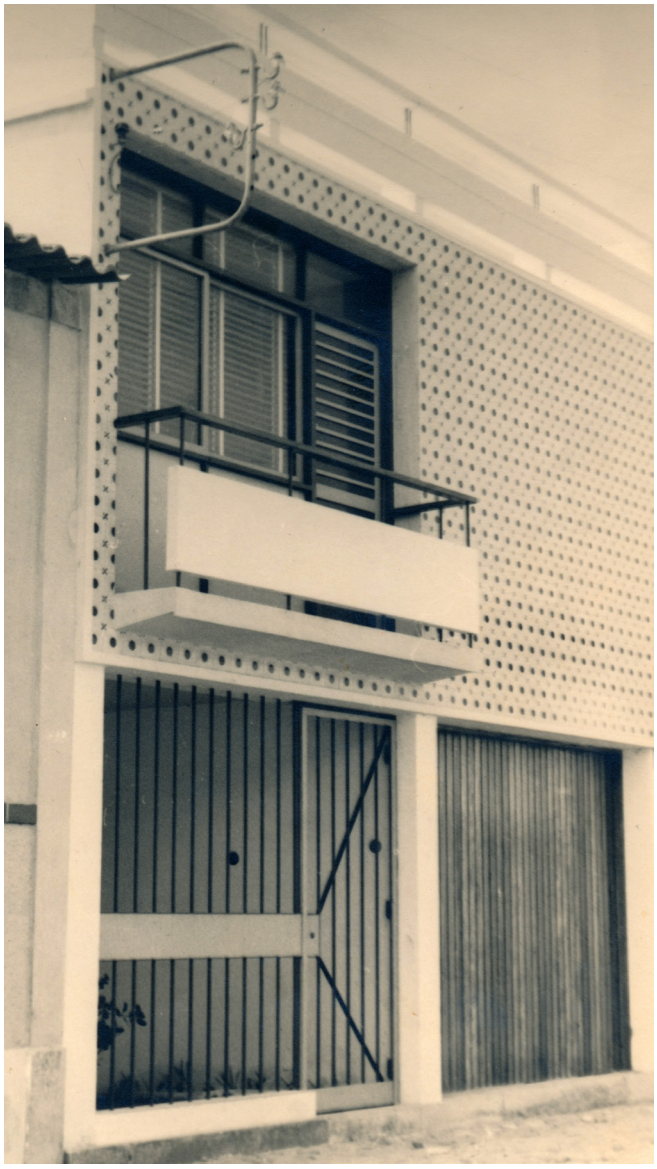

telha francesa
0 1 m


SALA COMUM
DESPENSA
ESCRITORIO
LENHAS
GARAGEM
QUARTO
QUARTO
ARRUMOS
COSTURA
QUARTO
JANELAS
3,00
2,40
,60
2,60
2,60
0 1 2 m

01
02


AA
PROPRIETÁRIO
PROJECTO
PLANTAS · ALÇADOS · CORTE
ESC. 1:100 E 1:50
ARQ TOS FERNANDES AMORIM
OLIVEIRA MARTINS
OUT. 1950
A
B
ESCRITÓRIO
GARAGEM
QUARTO
QUARTO
COSTURA
QUARTO
CALORÍFERO
NORTE
SUL
P1
P2
AB
PT

ft01















pág. ant.
ft02 ft03
ft04 ft05
ft06 ft07

ft08 ft09
ft10 ft11









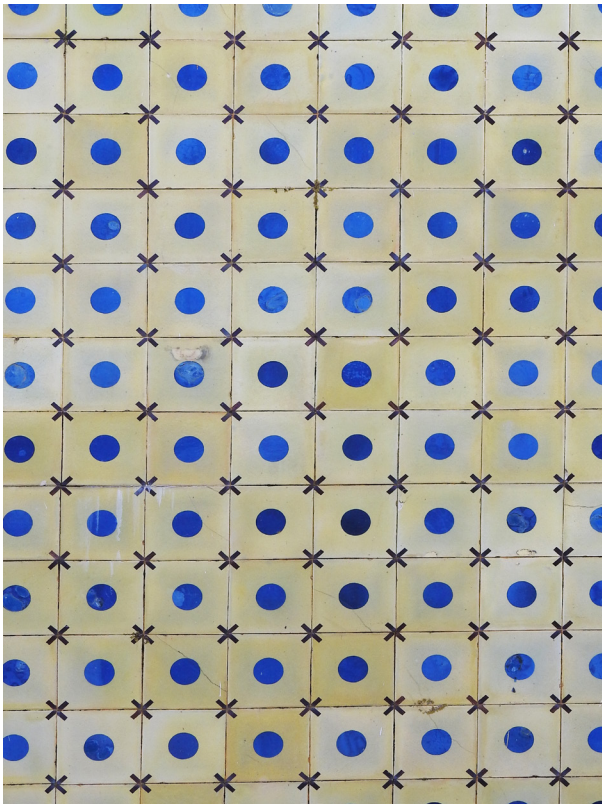
ft12



200

ft13 ft14
ft15 ft16









PVZ.29

Edifício Américo Graça com Oliveira Martins

1950

demolido

Rua da Alegria, 25
Póvoa de Varzim

Desenhos

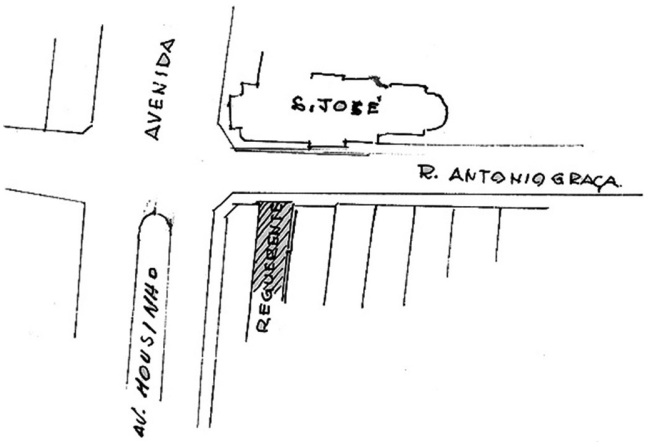
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

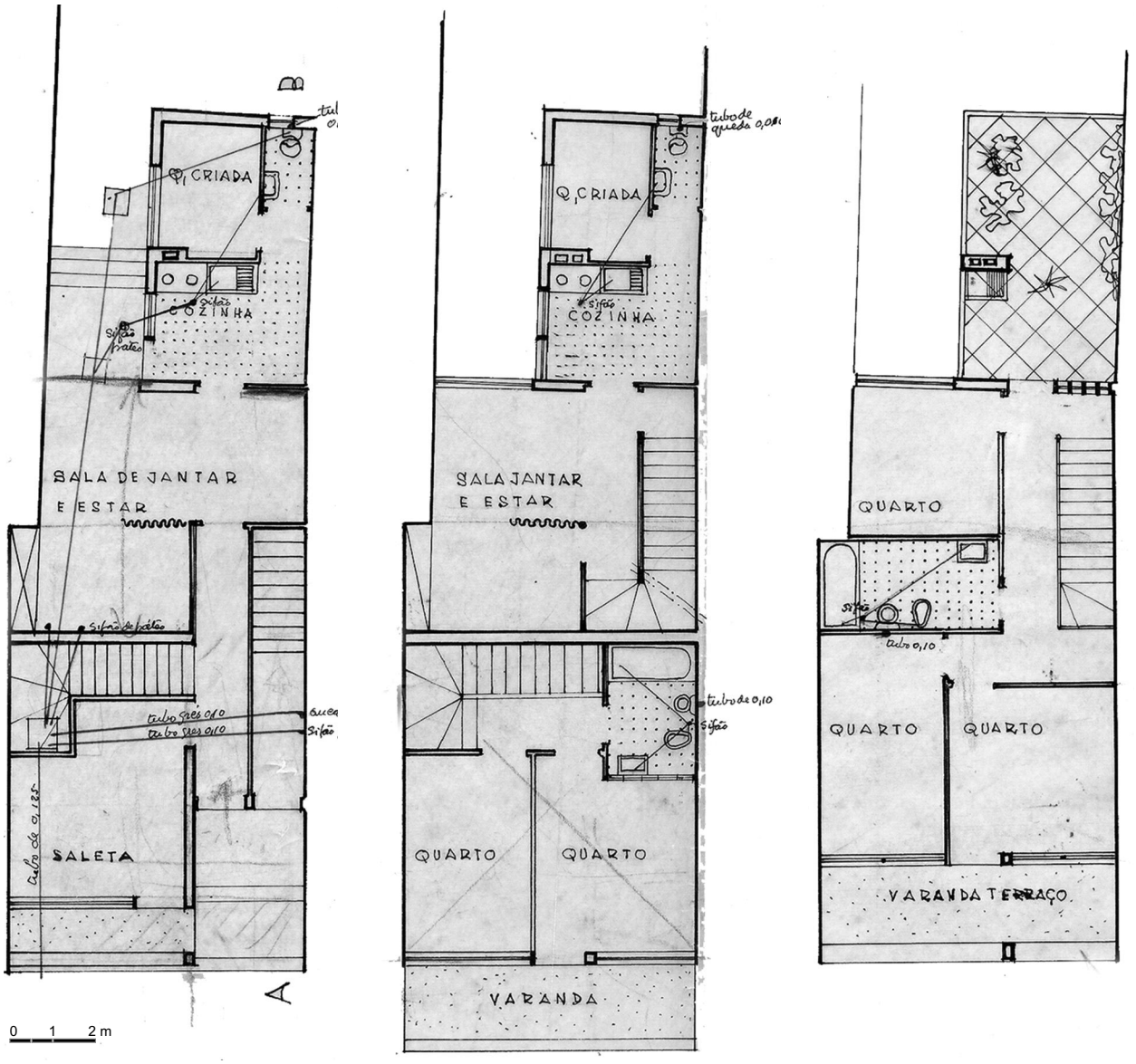
01. Planta de implantação s/ escala
02. Plantas do rés-do-chão, 1º piso e 2º piso
03. Perspetiva da proposta
04. Corte AB

Fotografias

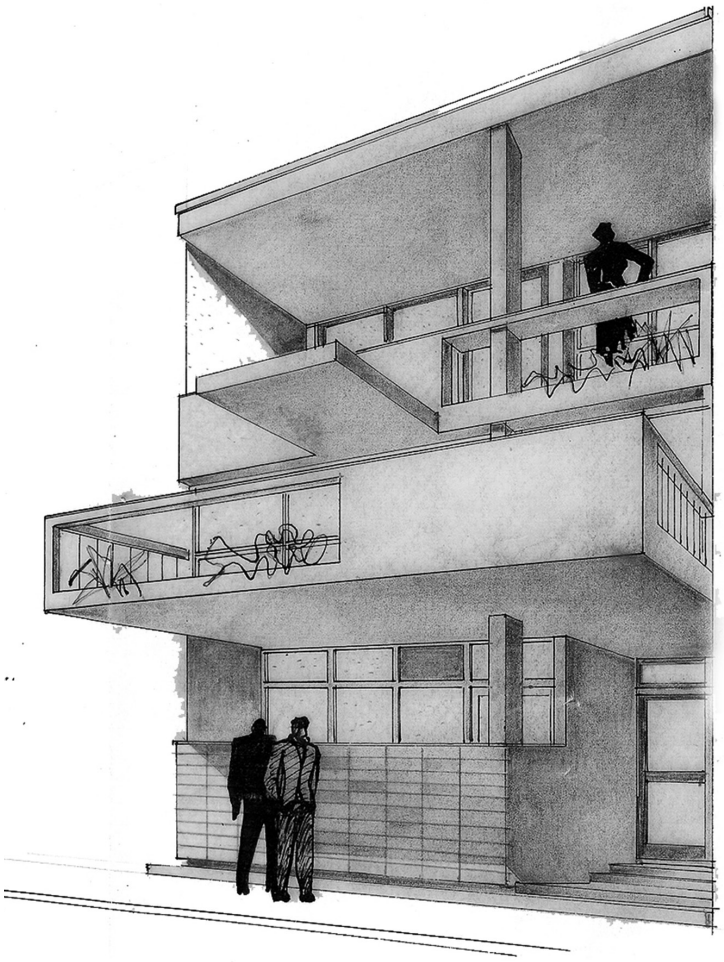
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

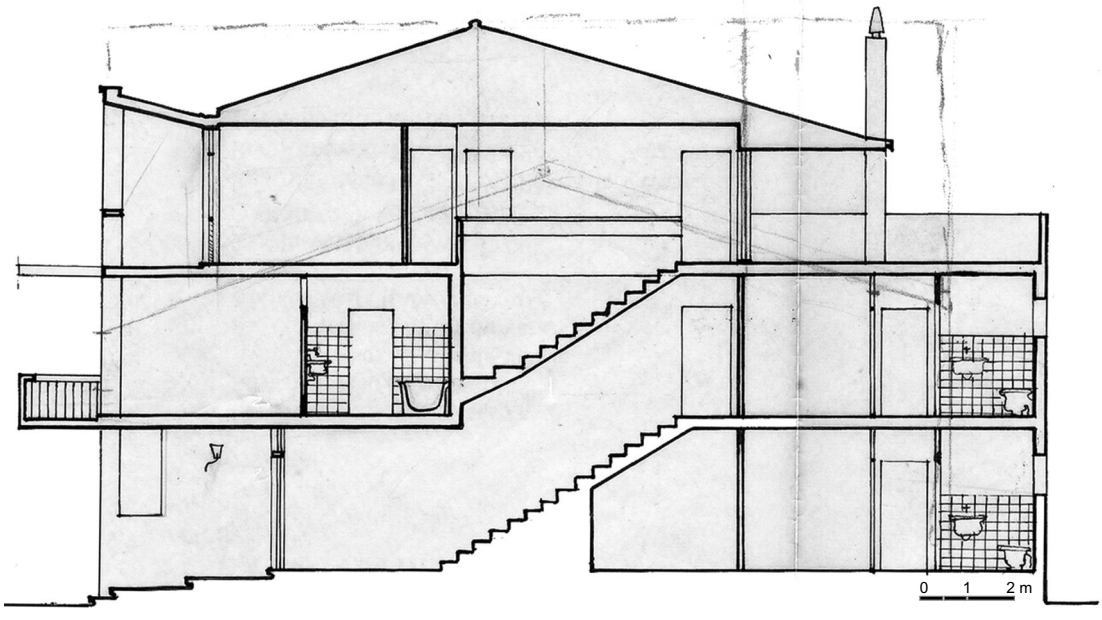
ft01. Vista da fachada a partir da Rua da Alegria (antiga Rua António Graça)
ft02. Vista da fachada a partir da Av. Mouzinho de Albuquerque
ft03. Fachada principal


AVENIDA
S. JOSÉ
R. ANTONIO GRAÇA
AV. HOUSINHO
REGUEIRÃO


Q. CRIADA
COZINHA
SALA DE JANTAR
E ESTAR
SALETA
A
Q. CRIADA
COZINHA
SALA JANTAR
E ESTAR
QUARTO
QUARTO
VARANDA
QUARTO
QUARTO
QUARTO
VARANDA TERRAÇO
0 1 2 m

05
06





ft01
ft02 ft03







PVZ.30

Jazigo de Virgínia Conceição

1950

sem certeza

Cemitério
Póvoa de Varzim

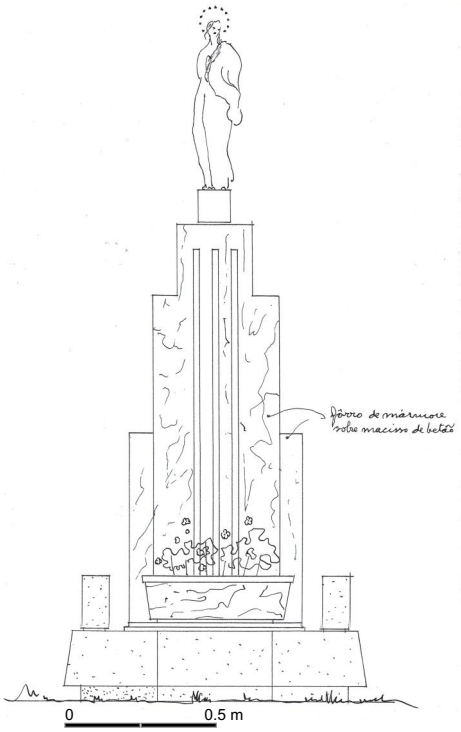
Desenhos

© Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, dep. 17(17)

01. Planta
02. Alçado frontal
03. Alçado lateral

01
02 03


FLOREIRA
VIRGINIA
CONCEIÇÃO
1889 - 1948
MARMORE BRANCO
GRANITO (lavrado)


Jarro de mármore
sobre macisso de betão
0
0.5 m

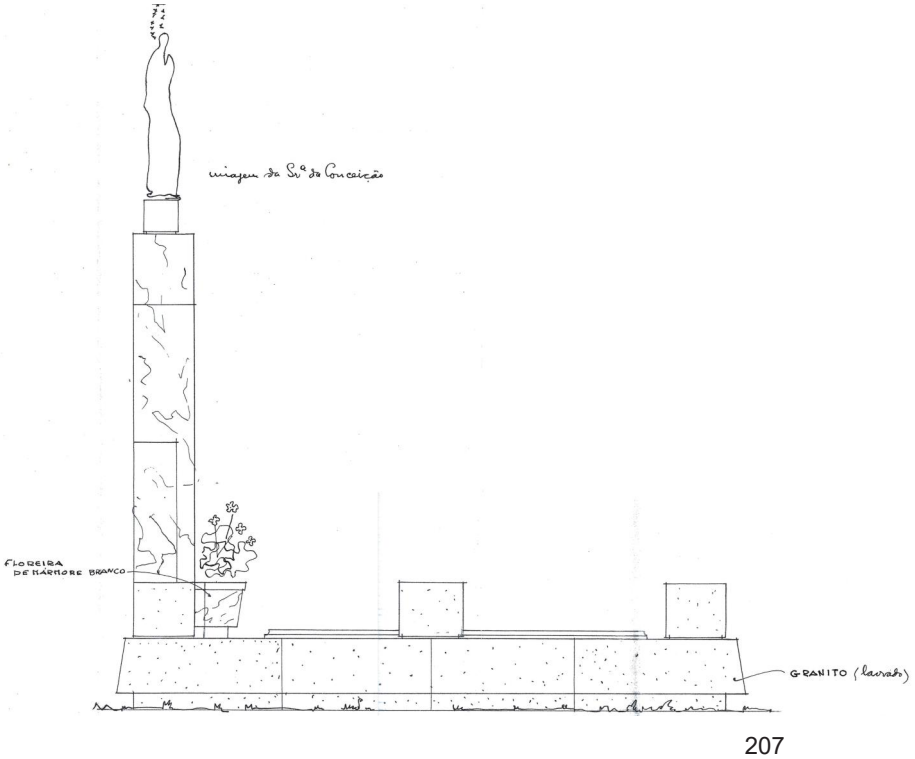


imagem de Sr.ª da Conceição
FLOREIRA
DE MARMORE BRANCO
GRANITO (lavrado)

PVZ.31

Casa Serafim Amorim

1968

construído [com alterações - Delfim Amorim estava no Brasil]

Rua da Estrada Nova – Amorim
Póvoa de Varzim

Desenhos

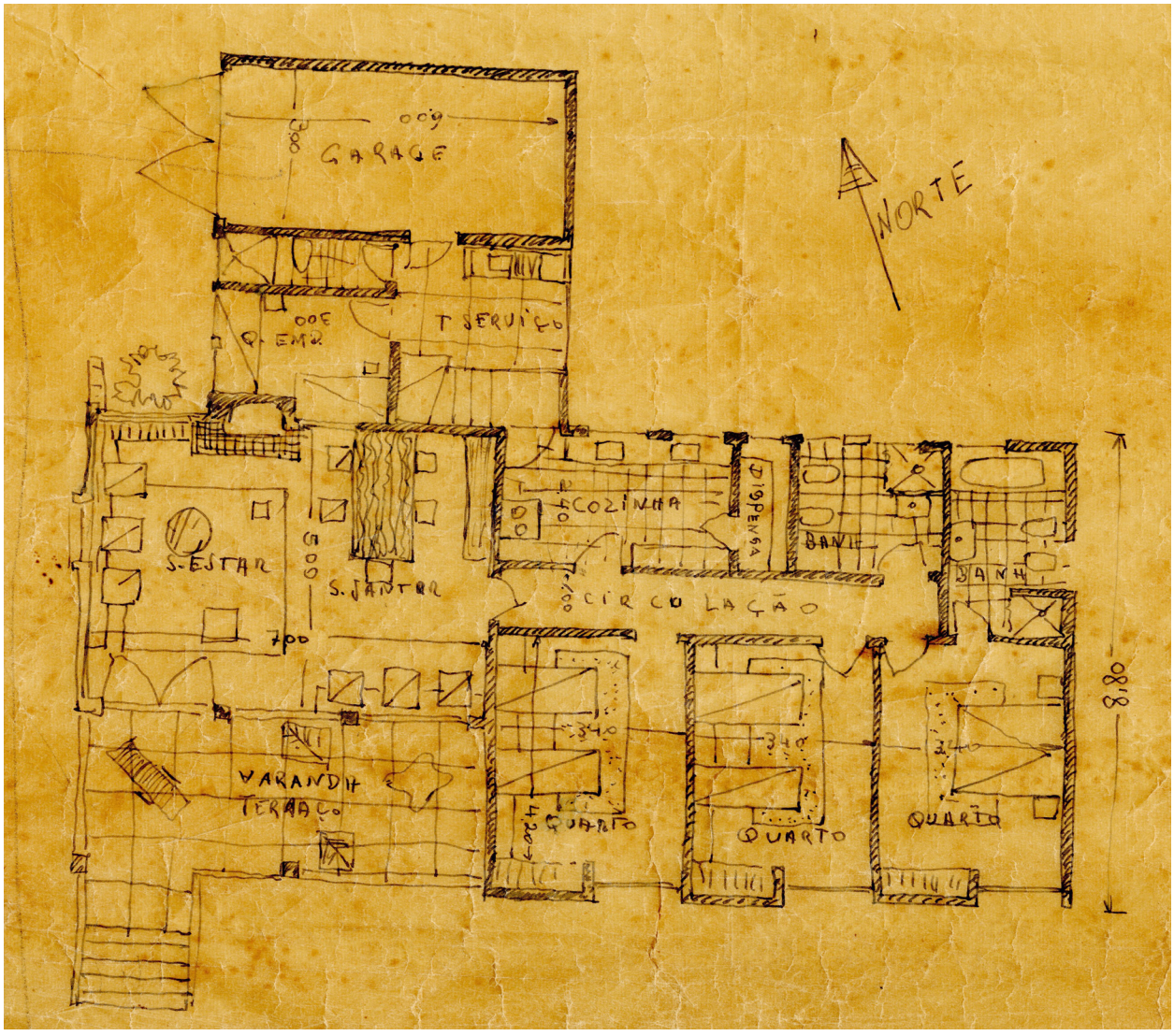
© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

01. Planta do rés-do-chão s/ escala
02. Alçado sul e alçado poente s/ escala
03. Perspetiva da proposta

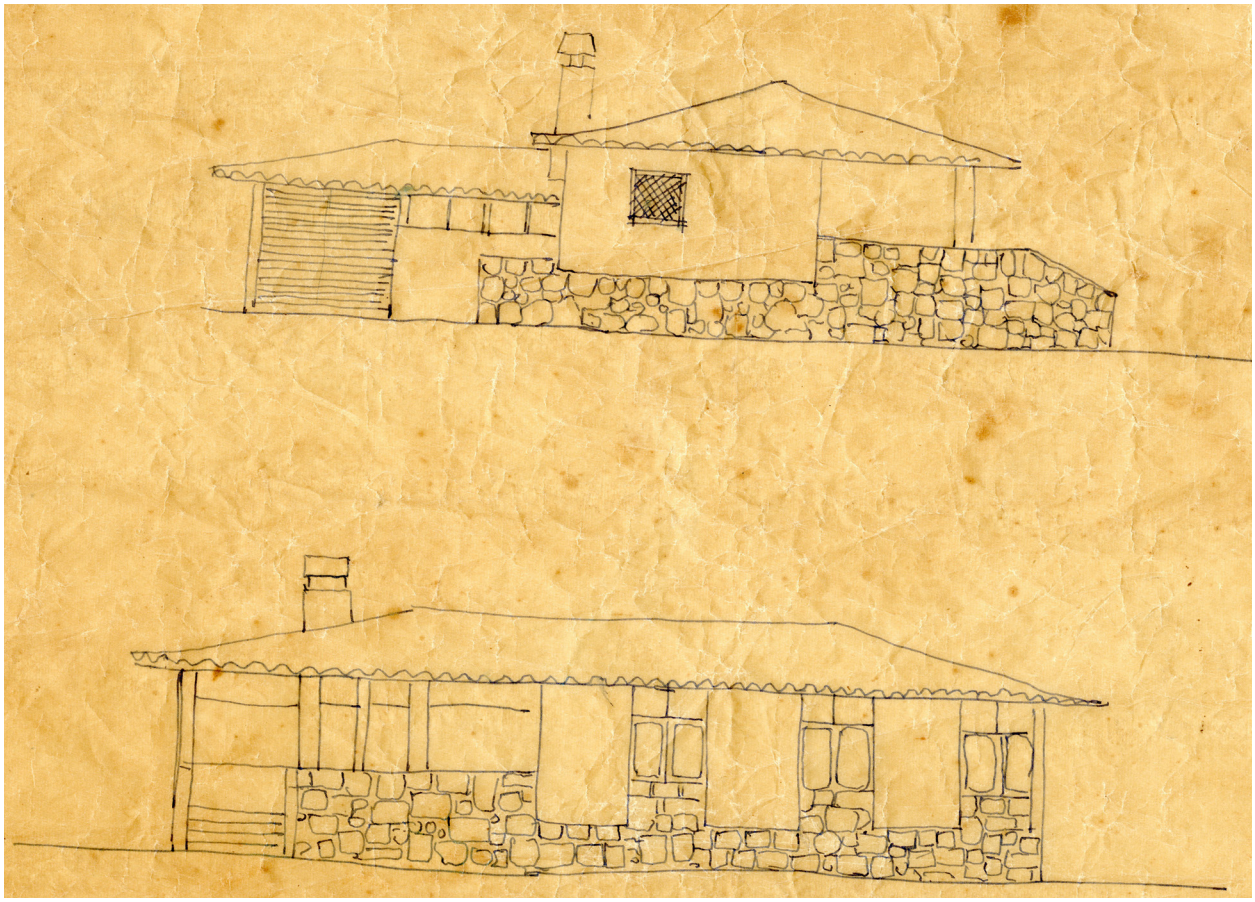
Fotografias

© Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

ft01. Fachada sul, durante a construção


GARAGE
NORTE
T SERVIÇO
COZINHA
DISPENSA
BANH
BANH
S-ESTAR
S.JANTAR
CIRCULAÇÃO
VARANDA
TERRAÇO
QUARTO
QUARTO
QUARTO

02
03







03 Seleção de obras no Brasil



1954

Casa Alfredo Lages
Bairro de Casa Amarela
Recife
© BMRP



1958

Casa Miguel Vita
Recife

© BMRP



1959

Edifício Brão do Rio Branco com Heitor Maia Neto
Recife
© Luiz Amorim



1959

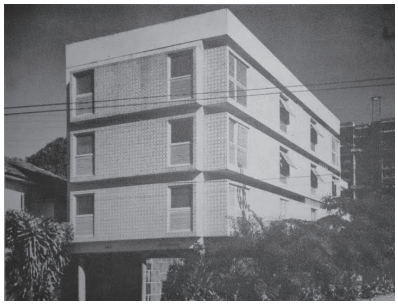
Edifício Luciano Costa
Recife

© Luiz Amorim



1960

Casa Serafim Amorim
Bairro da Torre
Recife
© BMRP



1961

Edifício Araguaia

Bairro do Derby
Recife

© Luiz Amorim



1962

Seminário Regional do Nordeste com Marcos da Silva, Florismundo Lins e Carlos Lima

Camaragibe
Recife

© Luiz Amorim



1966

Casa Leão Mansur com Heitor Maia Neto

Bairro da Madalena
Recife

© BMRP



1969

Casa Miguel Doherty com Heitor Maia Neto

Bairro da Casa Forte
Recife

© BMRP



1970-71

Casa Luis Villar com Heitor Maia Neto

Bairro dos Dois Irmãos
Recife

© BMRP

04 A Arquitetura de Hoje

Palestra proferida no Ateneu Comercial do Porto, em 1951, mais tarde publicada na *Revista Vértice*[1].

À designação de "Arquitetura Moderna" prefiro a de "Arquitetura de Hoje" para me referir às realizações arquitetónicas dos últimos trinta anos. Toda a arquitetura foi moderna – a egípcia, de há 5000 anos, a helénica de há 2500, a medieval de há mil, a da renascença, etc. Até foi moderna a arquitetura embrionária da pré-história, a dos Dólmens, dos Cromeleques e Menires, monumentos megalíticos dos longínquos alvores das sociedades primitivas.

Ao conceito de moderno quero dar um sentido de aquisição e contribuição, de ultrapassagem. A Arquitetura de hoje, isto é, a arquitetura moderna dos últimos anos, é animada por um movimento irreprimível, - não há força do espirito ou da matéria capaz de o deter, como não há força capaz de alterar o natural evoluir da história.

Porque se trata de uma atividade que se carateriza por dois fundamentais aspetos – o científico e o artístico, o utilitário e o emotivo – porque se trata de um assunto que envolve, em condições particulares, o que é objetivo e o que é subjetivo, numa contradição coerente, numa dualidade antagónica, surgem daí a pluralização de conceitos, a diversidade das correntes. Porque a arte anda ligada à vida, porque a arte e a vida são, diríamos, uma mesma coisa. Não será possível, sem cairmos numa especulação vazia – abstrata – compreender a arte separada da vida, pois ela é a manifestação mais elevada das nossas ansiedades e das nossas inquietações. Ela é uma das formas mais importantes da atividade humana, quer referindo-nos ao indivíduo como elemento – como unidade psicobiológica – quer à coletividade como organização necessária de interesses. Ela é, enfim, um reflexo das sociedades: uma determinada forma de arte correspondente a um determinado tipo de sociedade, a um determinado tipo de civilização.

As grandes manifestações artísticas são o produto de uma seleção de valores positivos de cada época. Os períodos negativos da história não poderão legar à posteridade obras de arte representativas, no sentido mais lato do termo, porque esses períodos negam a humanização – o enriquecimento material e espiritual do homem e da coletividade.

Melhor talvez do que em qualquer outra manifestação de arte, a arquitetura define determinado momento porque ela abrange e congraça na obra todas as conquistas do homem; daí a sua complexidade.

1. Texto transcrito pelo autor a partir da *Revista Vértice*, nº 105 de maio de 1952, e do livro *Delfim Amorim – Arquiteto.*

A arquitetura é uma ciência e é uma arte. Apropria-se de uma técnica, de um processo de construir, e utiliza valores de ordem psicológica, que associados em condições particulares, traduzindo-se num jogo especial de superfícies e volumes, despertam em nós ideias, sentimentos e emoções, reflexos conscientes ou inconscientes da vida, nas suas múltiplas facetas. Ampara-se de uma técnica que contém implícitos o progresso e a aquisição, e desenvolvimento do património cientifico e artístico das gerações. A arquitetura incumbe delinear e construir a casa, a fabrica, o estádio, a escola, etc., abrigos para as diferentes atividades do ser humano: habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito.

A importância da técnica na obra de arquitetura manifesta-se com tal evidencia que nos é possível identificar uma realização arquitetónica pela sua expressão plástica. A descoberta de uma técnica e a sua exploração andam ligadas intimamente à formação de um estilo.

Não é o material utilizado na obra de arquitetura que determina o estilo e o define, mas sim o domínio do material, a capacidade de o submeter às necessidades do homem. O processo de edificar carateriza automaticamente um dos aspetos da obra arquitetónica, e digo um dos aspetos, porque não bastam as técnicas para definir a obra de arte.

Com os mesmos materiais – a pedra, o tijolo e a madeira, floresceram os grandes estilos da história: o egípcio, o grego, o romano, o gótico, a renascença, para não falar senão dos mais familiares.

Na antiguidade oriental e clássica, na Idade Média e no renascimento neste fluir de civilizações, o estilo não é estático; cada nova aquisição neste domínio tem por base, não os processos imitativos das aquisições anteriores, mas sim a luta persistente que a lição dos antepassados legou à geração posterior.

A arquitetura é uma arte-ciência intimamente ligada à organização social que modelou o artista no seu temperamento e na sua ação e criou também, dentro de coordenadas definidas de tempo e espaço, o génese ou a espécie de edificação caraterística.

O dólmen, o templo, a catedral, a fábrica ou o imóvel aderem a épocas distintas, a padrões definidos de vida. É logicamente inconcebível alterar a relação entre determinada época e o tipo de construção que nela teve um desenvolvimento específico.

Para a apreensão da obra de arte não devem ser indiferentes ao observador o conhecimento das obras do passado, a sua verdadeira situação no meio e lugar, no tempo e no espaço; esta apreensão é tanto mais completa quanto maior

for o conhecimento das determinantes que estão na base da sua criação.

A técnica, a arte, a matéria conduzida pela inteligência e dominada pelo espírito, tudo identificado com o homem, manifestando-se através de uma unidade, que é o denominador comum da variedade, isto é, a harmonia das partes num todo indissolúvel, são em termos esquemáticos os "elementos" da obra de arte arquitetónica. Depois desta visão panorâmica geral, poderemos situar na nossa frente o objeto para distinguir-lhe algumas particularidades. É o que resta para melhor compreensão do problema.

Em todos os tempos, desde as épocas longínquas da pré-história, passando pelas civilizações florescentes do Egito ou da Mesopotâmia, da China ou da Índia, da Grécia ou de Roma, da Época Medieval ou Moderna, a obra de arquitetura surge-nos sempre com uma finalidade, - a função; materializa-se num sistema rígido – a estrutura, a que o temperamento do artista, sob a influência do meio (geofísico e social) dá a forma: Função, Estrutura e Forma. Função – variável no tempo e no espaço, em consequência das necessidades do homem no evoluir histórico. Estrutura – variável no tempo e no espaço, em consequência do progresso da técnica (emprego do arco, da abóbada, da cúpula), da experiência e do conhecimento das leis da natureza. Forma – variável no tempo e no espaço em consequência da vida, das tendências, dos desejos, dos ideais humanos. A íntima ligação destes valores num conjunto harmónico constitui a obra de arquitetura. Já há dois mil anos distinguia Vitrúvio em toda a obra construída aquelas condições de utilidade, solidez e beleza, correspondendo ao fim, ao meio, e ao efeito.

E Le Corbusier, nos nossos dias, afirma que o volume e a superfície são os elementos pelos quais se manifesta a arquitetura – jogo sábio, correto e magnífico dos volumes sob a luz.

Quando se rompe a harmonia do conjunto – Função, Estrutura, Forma – pelo predomínio excessivo dum dos elementos, o estilo entra em decadência, na asfixia… na morte, dando lugar a outro, caraterizado por uma nova forma de equilíbrio, apoiada numa vida nova e em nova sociedade. Todos os movimentos da história são provocados pela existência de forças procurando o equilíbrio, a estabilidade. Em arquitetura, o móvel do progresso é o desejo de satisfazer as necessidades do homem, buscando novas formas de equilíbrio sempre que a técnica faz novas conquistas.

Não se concebe a existência da humanidade sem a ânsia de criar as necessidades, e sem a necessidade de as satisfazer. É a grande virtude do homem e a razão de ser do

progresso.

Ao lado das forças negativas há o impulso criador, o sangue novo que destrói para edificar.

O período que atravessamos é a tal respeito um dos mais graves porque, possuindo as condições essências para a realização da felicidade, o homem debate-se naquilo a que poderíamos chamar o “paradoxo do século”.

Um horizonte largo, com indefinidas possibilidades no domínio da técnica e da ciência, em todos os campos do saber se estende na nossa frente, mas a perfeita integração do homem no seu meio não se verifica. Este facto importante vem esclarecer a posição dos arquitetos contemporâneos.

Analisemos o nosso século ou melhor, as condições atuais para a existência de uma arquitetura de hoje.

Existe uma arquitetura representativa dos nosso dias, inconfundível alicerçada numa doutrina. Nem os gritos dos saudosistas, nem as violências nem os rancores poderão deter ou inverter o curso das coisas.

A Era que atravessamos é assinalada pelo desenvolvimento no século passado, de um fator importante – a máquina. Este instrumento extraordinário, alterou profundamente os nosso hábitos e as relações humanas. A máquina a vapor, o motor de explosão e a eletricidade, por meio das suas múltiplas aplicações – os caminhos de ferro, o automóvel, o avião, o telefone, o telégrafo, o rádio, o cinema – agigantaram a vida moderna. Os povos aproximaram-se, criou-se uma interdependência jamais sonhada. A nossa época é caraterizada por esta realidade – o poder da máquina, trazendo a abundância de bens e os meios d sua distribuição.

É neste clima, que o arquiteto levanta os edifícios do seu tempo. A arquitetura de hoje respira esta atmosfera, vive este ambiente, expressando as duas faces do século. Ou traduz a humanização, a integração do homem no seu meio, ou se compromete no decalque do que já não é vivo.

A arquitetura de hoje expressa as duas faces do nosso século, aliás como refletiu através das idades as duas faces contraditórias inerentes às civilizações passadas.

Ou utiliza os materiais que a máquina fornece, as conquistas positivas do esforço comum, as aquisições no domínio das técnicas, das ciências aplicadas, da engenharia, da medicina, ou se obstina no sentido de permanência, de horror ao novo, servindo-se de processos de construção anacrónicos e utilizando o arqueológico na expressão plástica. Teremos nós uma arquitetura de hoje, uma Arquitetura Moderna, à altura das realizações do passado? Um estilo novo à altura de um helénico, de um gótico, de uma renascença? Antes de responder a uma tal interrogação, vou transcrever uma passagem de Horacios

Camilus, de uma conferência há anos proferida na Universidade Tucumano sobre o tema “O Pensamento do século XX na Arquitetura e no Urbanismo”.

“Não pode haver arquitetura de hierarquia sem a contribuição criadora de todos os que intervêm na obra, desde os que o concebem até ao mais humilde operário. Esta admirável conjunção foi possível nos monumentos góticos – liberdade dentro de uma unidade.

A construção erguia-se pelos séculos fora e uma harmonia e variedade se refletia – harmonia dada pela unidade de pensamento ou crença, variedade dada pelo esforço criador do mais obscuro aprendiz, que, expressando-se com a maior liberdade, contribuía com o máximo esforço da sua dedicação e capacidade criadora.

Dentro de uma ordem, o artista do vitral, o escultor, ou o que simplesmente desbastava a pedra, trabalhavam com o empenho e o amor de estarem a criar uma obra-prima ou simplesmente uma obra.”

E mais adiante:

“Na atualidade o esforço da criação, bom ou mau, e com mais frequência, sem esforço, está limitado àquele que concebe a obra no plano. Daí para baixo: construtores, operários, ignoram em absoluto o que fazem e até mais: fazem-no, não pela obra em si, mas para ganharem o seu sustento.

É bastante explicativa uma fábula que nos contaram: Se vemos hoje um operário picando pedra e lhe perguntarmos o que faz, responder-nos-á seguramente: estou a ganhar a vida. Há uns anos o mesmo operário teria respondido: estou picando pedra. E no tempo das catedrais a sua resposta teria sido seguramente esta: Estou a construir a catedral.”

A arte e a arquitetura têm de ser uma expressão de conjunto. Nela se sublima a cultura de um povo; e por isso reconhece um fundo popular. A arquitetura egípcia, a mesopotâmica, a grega ou a gótica são amostras mais colossais de esforços coletivos. A arte e a arquitetura não foram propriedade exclusiva de eleitos, o artista não fez mais do que captar, exaltar, expressar o sentido dos que o rodeavam.

Ao analisarmos o nosso tempo, é com profunda mágoa que verificamos um divórcio nítido entre o artista e o público. A maioria não compreende a obra dos artistas, é-lhe indiferente, se bem que não possa negar a sua existência. Os problemas da cultura atravessam uma grave crive. Não existe por isso no nosso tempo uma arquitetura à altura dos estilos do passado; existem, todavia, possibilidades técnicas, conhecimentos, sensibilidade para abrir-lhe o caminho. Todas as conquistas reais do homem, na matéria e no pensamento, continuam conjugando-se para a efetivação de uma nova sociedade e

consequentemente uma nova arte.

Quais, pois, as caraterísticas da arquitetura de hoje?

Quais as caraterísticas na habitação, nos locais de trabalho, nos centros de saúde e de recreio?

- Uma técnica ao serviço do homem – o urbanismo como ciência e arte da organização dos centros urbanos e dos centros rurais – planificação dos pequenos e grandes aglomerados.

O emprego de novos materiais, como o cimento, o aço, o vidro, os metais, as ligas, que originam as novas estruturas por meio das quais a moderna arquitetura encontra a linguagem da sua forma.

Da profunda alteração da vida do homem, resulta a necessidade de preencher solicitações, analisar novas necessidades e daí o novo sentido de função. Nos estudos sobre habitação e vistas as realidades presentes, Arquitetura e Urbanismo são inseparáveis.

Os nosso edifícios são pois diferentes dos edifícios do passado porque vivemos num mundo diferente. O arquiteto de hoje, o autêntico arquiteto, tem de estudar os problemas de hoje com espírito analítico, não pode sujeitar-se a velhas fórmulas, a repetir as formas ou técnicas antigas.

A arquitetura de hoje como arte, tem de apoiar-se na ciência e na técnica, se bem que não deva subordinar-se-lhes inteiramente. Todavia, a maioria dos Arquitetos contemporâneos não são modernos, porque, contrariando o espírito científico, não contribuem para a melhoria da construção, e não colocam o problema no seu próprio tempo. Apesar disso, nos últimos 20 ou 30 anos surgiu uma autêntica arquitetura contendo em si o gérmen das grandes satisfações de amanhã, trilhando um caminho seguro, patenteando um novo e são espírito, opondo-se àquilo que a arquitetura de ontem esgotou. A arquitetura moderna é qualquer coisa que pressupõe a ideia de uma negação, não do passado, mas das impossibilidades que esse passado enfrentava para satisfazer algumas necessidades do homem.

Como poderemos nós persistir, dizia eu numa palestra, há meses proferida na Escola de Belas Artes, na reprodução das coisas que serviram outras épocas e que só por uma ausência de espírito crítico ou de saudosismo doentio, se defendem ou se aceitam?

E por que esta confusão nos conceitos de Regionalismo e Tradição em arquitetura, quando Regionalismo deve ser tomado no sentido de integração no conjunto económico e mesológico de um determinado espaço em que as afinidades de clima, distribuição de valores, etc., estabelecem a unidade, a tradição, como interpretação à escala dos nossos dias de todo o processo evolutivo da sua essência, da criação das grandes

manifestações humanas?

Como não aceitar as imensas possibilidades de hoje, quando a nossa casa pode servir melhor, possuir nova utensilagem, ter nova expressão plástica, uma racional disposição de dependências, uma compartimentação lógica de acordo com a vida que já não é a mesma da há 50 ou 100 anos?

Lembremo-nos de que hoje, poderemos, se em nossa frente se estende uma bela paisagem ou a linha límpida do mar, abrir uma janela sem obstáculos intermédios, com 5, 10 ou 15 metros, onde toda a paisagem e todo o mar participam na nossa vida. Poderão ser admirados, como num quadro enorme, todo o mar e toda a paisagem com um simples rodar de cabeça, no maple da nossa sala de estar.

Poderemos ocupar os terraços de jardins suspensos, solários, recuperando o terreno da implantação, poderemos levantar a casa, suspendê-la, para apoiá-la serenamente numa estrutura rígida de apoios, e a casa desafiará as leia da gravidade, e a casa, a nossa casa, expor-se-nos-á com a clareza e a sinceridade da sua construção, sem emolduramentos falsos, sem telhadinhos sobre janelas minúsculas que mais parecem furos equipados de uma exótica caixilharia, de paus e pauzinhos, pinázios, travessas, vidros e vidrinhos, dando-nos a sensação enervante de que estamos prisioneiros e de que a paisagem ou o mar foram abusivamente reticulados.

As possibilidades construtivas de hoje, a aplicação de novos materiais com fins práticos, duma forma que até agora não tinha sido possível, o emprego de novos métodos de construção que alteram as condições dos materiais antigos, tais como as madeiras prensadas, os contraplacados, as baquelines, os plásticos, os aços, emprestam sem dúvida à nossa casa e aos restantes edifícios de hoje um aspeto diferentes, mas nem por isso destituído de arte, de beleza, de ordem estética e de harmonia. Hoje não se submete a edificação a sistemas rígidos de simetria, mas antes ela assume uma forma livre, assimétrica e equilibrada, porque responde clara e honestamente às diversas solicitações. O cimento armado é uma nova pedra; como esta, realizará pela força criadora do homem verdadeiras obras de arte.

"É preciso repudiar o estado de espírito timorato destes últimos anos. Deixemos de duvidar para termos a fé dos construtores das catedrais" – diz-nos o arquiteto Marcel Lods.

"Meditemos que no tempo em que eles lançavam as suas abóbadas não dispunham mais do que a pedra e dos vigamentos de madeira." "O que teriam eles empreendidos se dispusessem dos meios de hoje!..."

Para não lhes ficarmos inferiores, termos de ser homens

da época em que vivemos e aproveitar adequadamente tudo o que o progresso pôs à nossa disposição. Será porventura um espírito diabólico, satânico que levantou os novos grandes imóveis? Ou será justo, humano, o critério daquele senhor, símbolo de tantos outros, que em certa altura afirmou que mandaria expropriar todas essas obras se porventura viesse a ocupar um lugar de comando? Por que, em vez de o fazer, ou antes de o fazer, não analisaria as condições de 90% das habitações existentes?

A tarefa do arquiteto será edificar construções de linhas sóbrias e harmoniosas, funcionalmente bem estudadas, simplificando o trabalho da mulher no lar, criando um ambiente agradável, salubre, higiénico ao operário da fábrica, ao empregado em escritório, ao estudante, e delinear os planos dos aglomerados populacionais em que a humanidade de amanhã sinta intensamente a alegria de viver.

E se cumprir esta tarefa, não terá vivido em vão.

Abreviaturas

Av.	Avenida
EN	Estrada Nacional
Lug.	Lugar
N. Sa.	Nossa Senhora
Pe.	Padre
Pr.	Praça
R.	Rua
CODA	Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto
GUI.	Guimarães
PT.	Porto
PVZ.	Póvoa de Varzim
ant.	anterior
dep.	depósito
ft	fotografia
nº	número
pág.	página
s/	sem